



ARCHIVOS

DO

exc. 4

BIBLIOTECA
DO
M.N.

MUSEU NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit.

J. 14 .321.

In silvis academi quaerere rum,

Quamquam Socraticis madet sermonibus

H

VOLUME XIV



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL

1907

ARCHIVOS
DO
MUSEU NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

QUADRO DO PESSOAL
DO
MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

ADMINISTRAÇÃO

Director geral — Dr. João Baptista de Lacerda.
Secretario — Alipio de Miranda Ribeiro.
Bibliothecario — Manoel Soares de Carvalho Peixoto.

PRIMEIRA SECÇÃO

Zoologia

Professor — Dr. Hermillo Bourguay Macedo de Mendonça.
Assistente — Carlos Moreira.
Assistente (Interino) — Eduardo Teixeira de Siqueira.
Preparadores :
Taxidermia — Octavio da Silva Jorge (Interino).
Osteologia — Antero Martins Ferreira.

TERCEIRA SECÇÃO

Mineralogia, geologia e paleontologia

Professor — Francisco de Paula Oliveira (engenheiro de minas).
Assistente — Hildebrando Teixeira Mendes (engenheiro de minas).
Assistente (Interino) — Dr. Oscar Publio de Mello.
Preparador — Raymundo de Souza Teixeira Mendes (Interino).

SEGUNDA SECÇÃO

Botanica

Professor — Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond.
Assistente — Alberto José de Sampaio.
Preparador — Alexandre Magno de Mello Mattos.

QUARTA SECÇÃO

Anthropologia, ethnologia e archeologia

Professor — Domingos Sergio de Carvalho (engenheiro).
Assistente — Dr. Edgard Roquette Pinto.
Preparador — Santos Lahera y Castillo.

Porteiro — Antonio Alves Ribeiro Catalão.
Continuo — Amando Goulart Alvim.
Jardineiro-chefe — Fred. Carlos Hehne.

SUMMARIO



- Dr. J. B. de Lacerda — O Microbio da Febre Amarella, pags. 1 a 24, 2 ests.
- Alipio de Miranda Ribeiro — Fauna Brasiliense — Peixes — tomo I. pags. 25 a 128, 42 figs. e 1 est.
- Alipio de Miranda Ribeiro — Fauna Brasiliense — Peixes — tomo II — Desmobranchios — pags. 129 a 212, 19 ests.
- Alipio de Miranda Ribeiro — O Porquinho da India e a Theoria Genealogica, pags. 219 a 227, 2 ests.
- Alipio de Miranda Ribeiro — Alguns dipteros interessantes, pags. 229 á 239, 13 ests.
-

O MICROBIO DA FEBRE AMARELLA

CONTESTAÇÃO

À

Conclusão negativa da Comissão Americana em Havana e da Comissão Franceza
no Rio de Janeiro

PELO

Dr. J. B. de Lacerda

Director do Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Laboratorio de Biologia ;
ex-Presidente da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro ; Professor honorario
da Faculdade de Medicina de Santiago do Chile ;
Membro Correspondente da Sociedade de Anthropologia de Berlim ; da Sociedade de Anthropologia de Paris ;
da Sociedade de Anthropologia, Ethnologia de Florença ; da Sociedade de Hygiene de Paris ;
da Sociedade de Geographia de Lisboa ; da Sociedade Medica Argentina ;
Vice-Presidente do Congresso Medico Pan-Americano de Washington (1893) e Presidente da Secção de Physiologia
do mesmo Congresso ; Presidente honorario do Congresso Medico Latino-Americano de Buenos Aires ;
Membro da Comissão nomeada por este Congresso para formular as bases
de umCodigo Medico Internacional ; Premiado com a Medalha de bronze na Exposição Anthropologica do Trocadero (1878)
e na Exposição de Chicago. Auctor de numerosas publicações scientificas, umas formando livros,
outras insertas em Revistas nacionaes e estrangeiras.

Acompanhado de duas estampas lithographadas

O MICROBIO DA FEBRE AMARELLA

Contestação á conclusão negativa da Commissão americana de Havana e da Commissão franceza
no Rio de Janeiro

PELO

DR. J. B. DE LACERDA

Srs. Academicos.

Venho hoje desempenhar-me de uma obrigação, que sobre mim tomei ha dous annos passados, quando publiquei o meu trabalho — *Recherches sur la cause et la prophylaxie de la Fièvre jaune*, isto é, venho apresentar-vos os documentos e as peças de convicção que serviram de base ás conclusões daquelle trabalho.

Depois de atravessar uma phase de controversias e de luctas scientificas ardentes, o problema da febre amarella entrou agora em um periodo de calma e de silencio, tal como frequentemente succede ás forças extenuadas dos combatentes após os grandes combates. Um facto de alta importancia practica, de grande alcance prophylactico, surgiu durante a phase de agitação: esse facto foi o conhecimento da transmissão da febre amarella pelo *stegomyia*. Sobre este alicerce construiu-se a moderna prophylaxia desta molestia, e della brotou a esperanza de se vêr em breve tempo extincto esse flagello dos paizes americanos.

Quem dentre nós deixaria de se regosijar intimamente com essa conquista, que importava em uma promessa de fazer passar para o mundo das cousas inteiramente acabadas essas assoladoras epidemias, que tantas vidas preciosas consumiram no nosso e em outros paizes?

No ponto de vista do interesse da vida humana, o problema não podia ter achado solução mais util nem mais conveniente; no ponto de vista scientifico, porém, a solução foi incompleta e falha.

A transmissão da febre amarella pelo mosquito é um facto que não soffrerá mais contestação; e dos corollarios desse facto estamos tirando todo o proveito que é possivel na applicação dos meios prophylacticos. A sciencia, porém, tem exigencias inflexiveis que carecem ser attendidas e satisfeitas em beneficio da razão humana: ella não dorme o somno do descanso emquanto não vê em compridas vigílias coroadas as suas obras,

O problema da febre amarella teve inquestionavelmente uma solução practica, mas não teve uma solução scientifica, pois que continúa-se ainda a considerar a febre amarella molestia de causa desconhecida.

Eu me proponho, a demonstrar que a solução scientifica, isto é, a especificidade da causa, está achada e definida, sem embargo das opiniões contrarias, que attestam a invisibilidade do microbio da febre amarella.

Não visa este trabalho outro fim sinão esse; e nelle conto accumular uma tão grande somma de argumentos e de provas em favor da minha affirmacão, que espero ficareis della inteiramente convencidos. A minha demonstracão será feita não só com provas e argumentos de razão, mas ainda com factos visiveis que ferem os sentidos e incutem no espirito plena convicção.

Estão cheios os annaes da sciencia de documentos que mostram quanto se tem abusado conscientemente da auctoridade para consolidar opiniões e theorias mal fundadas; e ninguem poderá bem avaliar os damnos e os embarços que até hoje tem causado aos progressos da sciencia o supersticioso respeito á auctoridade, nem quantos erros passaram pelo mundo como verdades á sombra desse manto protector.

Foi para nos precaver contra semelhante servidão do espirito que Claude Bernard enunciou numa das suas obras doutrinaes os seguintes apophthegmas:

« Devemos ser ousados e livres na manifestacão das nossas idéas, seguir o nosso sentimento, não nos deter pelo receio pueril de contradicção das theorias. Quando se encontra um facto em opposição com uma theoria reinante deve-se acceitar o facto e abandonar a theoria, ainda mesmo que esta, sustentada por grandes nomes, esteja geralmente adoptada. » — *Méd. expérimentelle*, pp. 70, 288.

Pesquisando a causa da febre amarella, obedeci aos conselhos do mestre—não me preocupei com as opiniões alheias, busquei estudar e conhecer os factos por mim mesmo, não os sujeitando a outro criterio sinão o da minha razão. E por que não me hei de eu agora pôr em guarda contra os golpes de surpresa da contradicção, quando está radiando no meu espirito a luz da evidencia?

A invisibilidade do microbio da febre amarella é uma these tão discutivel no ponto de vista especulativo, quão facil de ser destruida pela contraposição de factos experimentaes. Não tivesse ella para sustental-a o prégão repercutidor das duas commissões e a voz concertante dos summos pontifices d'alem mar e estaria já desde muito tempo reduzida a uma sombra impalpavel. Ella foi gerada sob o influxo de idéas preconcebidas e ao que parece tambem, pela necessidade imperiosa e incoercivel de encobrir os lados fracos de um triumpho.

Pretenderam decalcar a theoria da febre amarella sobre a theoria da malária; proposito suggerido pela identidade da transmissão pelo mosquito, provada nas duas molestias. E como a theoria da malária estava fundada sobre a evolução de um protozoario, entendeu-se que a causa da febre amarella devera estar figurada em um microorganismo daquelle grupo, isto é, devera ser tambem um protozoario.

Dominados por estas idéas preconcebidas, as duas commissões não chegaram, antever siquer, que poderiam ser arrastadas inconscientemente, pela appareição dos factos contradictorios, a negar a visibilidade do microbio da febre amarella. Entretanto,

não com argumentos validos, incontestaveis, mas por effeito somente da sua auctoridade, ellas conseguiram impôr essa idéa á razão scientifica universal.

Não percamos tempo, porém, com estas impertinentes divagações, e encaremos já de frente, sem preambulos, os pontos culminantes da questão.

A invisibilidade do microbio da febre amarella é uma these que pôde ser discutida não só pelas leis geraes da microscopia, como tambem pelos principios já assentados da bacteriologia.

Na accepção vulgar « invisivel » quer dizer cousa que se não vê, cuja imagem real não pôde ser apprehendida pelos orgãos da visão. A invisibilidade dest'arte concebida tem uma relatividade incontestavel, pois ella depende ao mesmo tempo das dimensões do objecto que se procura vêr e da potencia visual empregada neste mister. Assim como as dimensões naturaes dos objectos variam em uma longa escala, a potencia visual do olho humano varia tambem segundo os individuos e as condições do meio em que se realiza a visão. O myope não distingue o objecto na mesma distancia em que o presbita o vê; assim tambem a maior ou menor diaphaneidade do meio atmosferico facilita ou difficulta a boa visão.

Quando se trata de ver objectos mui pequenos, cujas dimensões em diametro ficam abaixo de 1 milim. o orgão visual humano é obrigado a socorrer-se das lentes augmentativas. Neste caso prevalece ainda a relatividade entre as dimensões do objecto e a potencia visual das lentes. O *bacillo anthracis*, por exemplo, cujas dimensões podem attingir a 8 e 10 microns., é perfeitamente visivel por uma lente que augmenta 500 diam. enquanto com esta mesma lente não se pôde vêr distinctamente o pequenissimo *bacillo de Pfeiffer*, cujas dimensões são de 2 microns. E, visto que tratando-se de objectos cada vez mais pequenos, a visibilidade só viria a ser real usando-se de lentes cuja força augmentativa fosse cada vez maior, chegaria um momento em que as dimensões do objecto seriam tão excessivamente pequenas, que nenhuma lente poderia alcançal-o. Neste caso, diz-se, deve-se considerar o objecto invisivel. Mas quem não comprehende que neste caso, quer o objecto, quer a invisibilidade são duas cousas hypotheticas?

Quem ousaria affirmar que, usando-se de lentes mais perfeitas e de maior alcance do que as que possuímos actualmente, a visibilidade hypothetica do objecto viria a ser uma realidade? Nesse estado permanente de duvida, ficar-nos-hia até o direito de attribuir-lhe a *invisibilidade absoluta*, que só pertence ás moleculas e aos atomos, ultimas particulas ideaes da divisão da materia.

As duas commissões appellaram para os futuros progressos da optica como meio de descobrir-se o microbio da febre amarella. Mas esse appello seria ainda infructifero.

A potencia optica das lentes microscopicas não se mede pelo grão de augmento das imagens, mas sim pelo que se chama seu poder *analytico* e *definidor*. Ora, os aperfeçoamentos da optica, que garantem a superioridade das lentes microscopicas neste particular pôde-se dizer que já attingiram os seus ultimos limites; elles conseguiram eliminar toda a aberração de côr e de esphericidade das lentes, e evitar a refração e a dispersão dos raios luminosos, que prejudicavam o poder analytico e definidor. As futuras lentes poderão nos dar um augmento maior das imagens, não

contesto, mas certamente não conseguirão analysal-as nem definil-as melhor do que as boas lentes actuaes. De que serviria apprehender no campo do microscopio uma imagem maior, desde que ella não pudesse ser bem analysada e definida? Quem seria capaz de dizer que essa imagem representaria a fórma de um microbio ou seria outra cousa qualquer differente?

As duas commissões, portanto, por mais que invoquem em seu favor a sanção que não é irrefragavel dos primazes do Instituto Pasteur, não chegarão nunca a nos convencer que o microbio da febre amarella é invisivel. E tanto é assim, que já a commissão franceza julgou provavel ser esse microbio um spirillo!

Si, pelos motivos que acabamos de expender, não é scientificamente admissivel que o microbio da febre amarella seja invisivel, corre-nos o dever de explicar porque as duas commissões foram levadas a pensar de modo diverso. Deve-se buscar a explicação dessa idéa inadmissivel nos processos inconvenientes, que ellas empregaram nas pesquisas e na ignorancia de *certas condições de determinismo*, que deveram ter sido realizadas durante a execução das mesmas pesquisas. Ellas sahiram á procura do objecto por caminhos onde elle não podia ser encontrado, e abandonaram as veredas que podiam com mais certeza e segurança conduzir ao fim desejado. Houve pouca insistencia, para não dizer muita precipitação, no modo de colher os factos, que parecendo a principio contraproducentes, com mais detido exame tornar-se-hiam talvez comprobatorios.

Inversamente do que succede com muitas outras especies de infecção, a febre amarella é molestia que obedece a um certo determinismo relativo, não só quanto á manifestação dos symptomas, como, principalmente, quanto á presença e á acção da causa. Ha uma certa ordem de symptomas que nos *casos typicos* é invariavel; assim como tambem em relação á causa ha certas condições bem determinadas fóra das quaes ella não póde ser reconhecida e isolada. Quaesquer que sejam os processos de pesquisa empregados, elles darão sempre resultados nulos, si aquellas condições não forem realizadas.

Ora, para a mór parte dos investigadores esses condições ficaram *desconhecidas e indeterminadas*, creio eu, razão por que taes investigadores nunca conseguiram isolar o microbio da febre amarella.

Destas condições determinativas, umas referem-se ao doente, outras ao methodo de investigação. Vamos em seguida indical-as e analysal-as.

Em regra, o microbio só póde ser observado no sangue do doente no 2º e 3º dias da molestia; por excepção, no 5º dia, *quando o doente não é uremico*. A accumulção da uréa no sangue obsta á proliferação do microbio nesse meio. Este facto foi por mim comprovado em culturas contendo uréa na proporção de 4 ‰ e elle explica por que depois, do 3º dia da molestia não se encontra mais o microbio no sangue.

Accresce que, dadas essas condições de visibilidade, o exame do sangue extrahido ao mesmo tempo de pontos varios da superficie cutanea não revela sinão em *raros pontos* a presença do microbio. Com a differença apenas de algumas horas, os pontos de eleição mudam; aquelles em que elle antes se revelou tornam-se negativos e vice-versa. Destas observações mui racionalmente deduz-se não só que a quantidade do germen existente no sangue é *relativamente pequena*, como mais ainda, que

elle não se acha *regularmente espalhado* na torrente circulatoria. Elle não se accumula no sangue e a sua presença em muitas zonas da rêde capillar peripherica é temporaria e de mui curta duração.

Comprende-se como a ignorancia destas condições de determinismo pôde ter induzido a investigações perdidas, e afinal á negação da visibilidade do microbio da febre amarella.

A parte technica das preparações tem no caso vertente grande valor. A fixação na lamina pelo calor o destróe. As lavagens em jacto das laminas de preparação desaggregam-no facilmente do sangue. As preparações em camada mui fina não são demonstrativas. No sangue o microbio se tinge difficilmente pelas côres da anilina, até mesmo pela fuchsina, que é a sua côr predilecta. As fôrmas unitarias evolutivas, na primeira phase do desenvolvimento, são refractarias á coloração, estejam ellas misturadas com o sangue ou fóra delle. De todas as côres da anilina a que se fixa melhor é a fuchsina; entretanto ha fôrmas embryonarias que não se tingem com esta materia corante, nem com nenhuma outra.

Nas culturas, a sementeira de gottas de sangue fica muitas vezes esteril; facto este perfeitamente explicavel pela disseminação irregular do microbio no sangue e pela sua ausencia neste meio organico, depois do 3º dia de molestia. Os meios de cultura que podem favorecer o desenvolvimento e a proliferação do microbio são aquelles que contêm peptona e glycose, e reacção neutra. Nos meios solidos, sujeitos ao contacto do ar em tubos fechados com rôlha de algodão esterilizado, elle offerece uma fôrma de evolução differente daquella que apresenta nos meios liquidos. Nestes elle tem a *fôrma de torula*, com reproducção gemmulada, enquanto naquelles tem a *fôrma mycelial* de um holor. Este dimorphismo nada tem de extranho, nem de singular; elle obedece ás mesmas leis que regem a evolução de grande numero de microorganismos da classe dos Blastomycetes. As seguras observações de Flügge, Joergensen, Laurent, etc., tornaram certo este facto: que as torulas ora se reproduzem por gemmação, ora, em determinadas condições de meio, por um mycelio, como o dos bolores.

No sangue, dentro dos vasos capillares, fóra do contacto do ar, a fôrma é torulada. Ahi as condições do meio não permitem a evolução mycelial. Não obstante, existe archivada na sciencia uma curiosa observação do Dr. Schmidt, de Nova Orleans, que reconheceu a presença de um mycelio na trama cellular do figado de um doente de febre amarella. Esta interessante observação está minuciosamente consignada na obra de Carmona y Valle—*Etiologie et Prophylaxie de la Fièvre Jaune*.

Observação analogia vem consignada no Relatorio que Sternberg publicou da sua missão á Havana, em 1879. Numa série de preparações, feitas com o sangue extrahido dos dedos de varios doentes, em algumas dellas elle encontrou, dias depois, um fino mycelio desenvolvendo-se sobre a camada de sangue, fechada entre as duas laminas. Tão rigorosos foram os cuidados de asepsia empregados nessas preparações, que esse facto impressionou vivamente o espirito do observador. Elle não quiz, porém, render-se á evidencia, appellando para o facto de não ser encontrado o mycelio em *todas* as preparações. Causa inteiramente identica observámos em 1885, eu e o Dr. Araujo Góes.

No fígado recentemente extrahido do cadaver, e mesmo conservado no alcohol a 40° durante alguns dias, o microbio é facilmente visivel sob a fórma de cellulas redondas, com o aspecto de plasmodios, de brilho opalino, de dimensões variaveis, que podem attingir a 15 e 20 microns. Para vê-lo basta usar de um processo mui simples — depositar uma gotta de agua distillada sobre a lamina e passar depois em cima da gotta, por leve fricção, um pequenino fragmento do fígado, extrahido das camadas mais profundas do orgão. Com as objectivas de imersão *Zeiss* produzindo augmentos de 1200 a 1500 diam., e iluminação fraca, observa-se atravez da laminula, que cobre a preparação, grande numero dessas cellulas em evolução, algumas refringentes, algumas animadas de um movimento oscillatorio muito activo e de locomoção. Ellas crescem augmentando gradualmente de diametro e quando teem attingido as dimensões de 8 a 10 microns, perdem o movimento e apresentam então interiormente vacuolos e granulações, outras vezes corpusculos redondos ou ellipticos, que parecem representar o papel de espóros endogenos. Pela ruptura da membrana envolvente os espóros e as granulações são despejadas fóra das cellulas. Algumas vezes veem-se as granulações movimentadas dentro da propria cellula.

Não posso inteiramente conceber e ainda menos explicar por que alguns observadores que viram estas cellulas no fígado as confundiram com glóbulos de gordura. O só aspecto da cellula, o seu movimento de oscillação e de locomoção, o seu lento crescimento, a presença de espóros endogenos, a possibilidade de ellas se colorirem pela fuchsina quando teem attingido certas dimensões, e finalmente a faculdade de ellas serem cultivadas fóra do fígado em meios liquidos contendo glycose ou lactose, provam exuberantemente o erro daquelles que formularam semelhante opinião.

Não se póde absolutamente duvidar que sejam cellulas de um microorganismo — essas que se encontram em abundancia no fígado, e que estas cellulas sejam identicas ás que se encontram no sangue do doente de febre amarella, nos 2° e 3° dias da molestia. Para conserval-as na preparação com as fórmas caracteristicas que ellas teem no fígado, usamos do seguinte processo — friccionamos levemente a superficie da lamina com um pequenino fragmento de tecido do fígado, juntamos uma gotta de agua distillada, deixamos ficar a lamina exposta ao ar sob

* Não foram sómente as duas commissões de Havana e do Rio de Janeiro, que viram o microbio da febre amarella, inscientes de que tinham sob os olhos aquillo, que andavam procurando.

Tambem o Sr. W. Councilman, anatomo-pathologista americano, que collaborou na parte histologica do relatório do Sr. Sternberg, em 1879, descreveu minuciosamente as cellulas hyalinas no fígado, sem poder determinar-lhes a natureza nem a origem. Chegou a consideral-as um microorganismo da classe das *amibas*, mas nenhum esforço fez para reconhecer a relação que porventura existisse entre esse microorganismo e a molestia. Deixou-o exprimir-se com as proprias palavras do seu relatório:

«Nos espaços que existem entre as cellulas do fígado, ou occupando a sede vasia destas cellulas, nota-se a presença de grande numero de corpos (bodies) intensamente coloridos pela eosina, os quaes só se veem perfeitamente mediante o emprego de grandes augmentos. Elles teem uma orla circular bem limitada, são mui refringentes, e formados de uma massa hyalina, na qual existem numerosos vacuolos. Ellas variam muito de grandeza; ás vezes não exceedem o diametro de um leucocyto; outras vezes teem um tamanho igual ao de duas cellulas do fígado. Estes corpos são geralmente redondos, ou mais ou menos irregulares na forma.

Em algumas cellulas do fígado existiam massas hyalinas pequenas, de contornos menos bem limitados. Em geral estes corpos não tinham nucleos; havia alguns, porém, nucleados.» Sternberg. *Etiology and prevention of yellow fever*, p. 152.

A estampa gravada, que illustra esta descripção e acompanha o livro, não me deixa hesitar um momento sobre a natureza dos corpos hyalinos descriptos por Councilman: são as cellulas hyalinas do microbio da febre amarella.

uma redoma de vidro durante meia hora; juntamos depois uma gotta de formol, cobrimos a preparação com a laminula e fechamol-a com parafina ou com balsamo do Canadá. Estas preparações se teem conservado inalteradas por espaço de muitos dias. Mais adiante mostraremos que cellulas microbianas tendo todos os caracteres das que são encontradas no figado do doente de febre amarella foram observadas pela commissão franceza nos órgãos de stegomyias infectados, e por ella erradamente classificadas como sporozoarios.

Para reconhecer qual seria a acção pathogenica deste microbio teriamos, conforme as regras experimentaes adoptadas, de inoculal-o no homem ou nos animaes. A inoculação do sangue do doente prestava-se a dar resultados incertos e contradictorios: o microbio poderia, na occasião, não se achar presente no sangue, e este por sua vez, poderia estar carregado de principios toxicos differentes daquelles, que são produzidos pelo microbio; e nesta conjunctura os symptomas caracteristicos da molestia não se revelariam, sendo substituidos por phenomenos extranhos, de outra procedencia. Em vista destas razões pareceu-me mais seguro meio de comparação, em vez de inocular o sangue dos doentes nos animaes, inocular os liquidos de cultura em varias phases de desenvolvimento. Os animaes escolhidos para essas experiencias foram o coelho e o cão.

Verificada a pureza da cultura injectava-se o liquido no pavilhão da orelha umas vezes, outras vezes no tecido cellular subcutaneo do dorso ou do abdomen. Os phenomenos observados nos coelhos foram: augmento de 1 a 2 grãos de temperatura, no fim de 24 horas; abatimento, tristeza, diminuição rapida do peso, morte no fim de 4 a 5 dias, precedida algumas vezes de crises convulsivas. Em alguns casos foi reconhecida a presença da albumina na urina, em outros a bexiga foi encontrada vasia na occasião da morte, induzindo a pensar em casos de anuria. O exame anatomico revelou invariavelmente lesões mui accentuadas no figado e nos rins. O aspecto daquelle órgão era exactamente o mesmo do figado da febre amarella humana. Os rins estavam congestos, com infarctos hemorrhagicos. No sangue e no figado o exame microscopico denunciou a presença do microbio injectado.

No cão houve crises de vomitos, augmento de temperatura, grande prostração, tremor e morte algumas vezes no fim de 20 horas, quando a injectação era praticada nas veias.

O succo do figado, mesmo depois de esterilizado na temperatura de 120°, tem uma virulencia extrema. Dez gottas injectadas de uma vez em coelhos causaram-lhes a morte no fim de dous a tres dias. Por estes resultados já se pôde julgar do papel importante que representa a toxina na febre amarella.

Comprehende-se bem que a febre amarella experimental provocada em animaes não pôde reproduzir o quadro perfeito da febre amarella humana: os phenomenos subjectivos, em taes experiencias, escapam inteiramente á nossa apreciação; ficamos adstrictos á observação dos phenomenos objectivos, e ao reconhecimento das lesões visceraes. Ainda neste campo restricto os symptomas e as lesões que observei nos animaes teem a mesma feição caracteristica dos symptomas e das lesões observadas no homem: estado febril, albuminuria, anuria, crises de vomitos, degeneração amarella do figado, congestão intensa dos rins.

Mas, senhores, por que não me hei de aproveitar da occasião para vos demonstrar que o microbio que eu isolei do figado dos doentes de febre amarella esteve debaixo dos olhos e foi objecto de cogitações da commissão americana no Mexico e da commissão franceza no Rio de Janeiro?

Essas duas commissões, nada tendo encontrado, segundo affirmaram, no doente e no cadaver, foram explorar os órgãos dos mosquitos infectados, contando serem mais felizes nesta nova ordem de pesquisas.

A commissão americana no Mexico descobriu nos órgãos do *stegomyia* infectado um microorganismo com a fórma de cellulas ou corpos refringentes, que ella denominou *cellulas hyalinas*, e que julgou pertencer á classe dos sporozoarios; razão por que as classificou de *myxococcidium stegomyiae*. Este achado suscitou no espirito da commissão a suspeita de ser esse o germen especifico da febre amarella. Nenhuma pesquisa ulterior, porém, fez ella para a verificação experimental dessa hypothese. Contentou-se com a idéa de uma probabilidade, que nunca foi provada, nem se buscou provar. Depois disso, a 2ª commissão americana, que foi ao Mexico, estudando mais scientificamente o *myxococcidium stegomyiae* acabou convencendo-se de que as cellulas hyalinas assim denominadas pela 1ª commissão eram cellulas de um blastomycetes, talvez o *sacharomyces apiculatus*. Esta approximou-se muito da verdade na classificação generica, mas segundo me parece, errou na classificação especifica. * Em todo o caso, devemos registrar como facto de valor demonstrativo, que as *cellulas hyalinas do mosquito infectado foram, afinal, reconhecidas no Mexico como cellulas de um Blastomycetes*.

A commissão franceza no Rio de Janeiro descobriu em *stegomyias* infectados um microorganismo, que a seu juizo, deve ser o mesmo encontrado pela commissão americana no Mexico. Ella o descreveo como plasmodios, discoides ou piri-formes, cujo diametro attingia ás vezes 15 e 20 microns. Em um certo periodo de evolução esses corpos redondos refringentes revestem-se de um involucro, constituindo dest'arte uma verdadeira cellula. Depois, o protoplasma segmenta-se, divide-se e dentro da cellula formam-se varios esporos. Estes não offerecem todos igual aspecto; uns são brancos, outros escuros.

Por uma dissolução da membrana cellular os esporos ficam livres. Os de cor escura germinam emittindo um tubo mycelial com ramificações, semelhante ao dos bolores, chegando o mycelio, em uma das observações, a ter o comprimento de 100 microns. O tubo mycelial apresentava constricções de espaço a espaço, de modo a assemelhar-se a um rosario de cellulas. A commissão classificou este microorganismo entre as *Nosemas*, e declarou que nenhuma relação elle tinha com a causa da febre amarella.

Não tenho hoje a menor duvida de que a commissão franceza deu uma classificação errada a esse microorganismo. O genero *Nosema* foi creado por Naegeli, de Munich, expressamente para nelle incluir os *corpusculos brilhantes*, que Pasteur

* O *sacharomyces apiculatus* é um cogumelo de cellulas alongadas, citronadas, que não esporula (Hansen). Tem sido encontrado sobre a pellicula de certos fructos succulentos já maduros. Reproduz-se por gemmulação; não tem fórmas plasmodiaes. Nenhuma paridade póde, portanto, existir entre este cogumelo e as cellulas hyallinas, conforme pretendeu a 2ª commissão do Mexico.

encontrou nos bichos de seda atacados de *pebrina*. Estes corpusculos, considerados a principio como estylosporos de um cogumelo, foram depois melhor estudados por Leydig e Balbiani e incluídos na classe dos *microsporídios*. Com referencia a elles assim se exprime Balbiani nas suas notaveis lições sobre os Sporozoários, p. 132 :

« Estes corpusculos nunca apresentaram germinação, e esta observação negativa eu posso confirmal-a, porque tive occasião de fazel-a : nunca estes corpusculos germinam como succederia si elles fossem espóros de um cogumelo. »

Ora, os esporos do microorganismo encontrado pela commissão franceza no *stegomyia* infectado *germinaram*, dando origem a um longo tubo mycelial ramificado como o dos bolores, consequentemente este microorganismo não pôde ser incluído na classe das *Nosemas*, ou para expressar-me mais genericamente — *elle não é um microsporidio*.

A commissão franceza perdeu uma excellente occasião de verificar o valor causal que tinha o microorganismo encontrado por ella no *stegomyia* infectado, e que erradamente classificou como *Nosema*. A coincidência da sua observação com a da commissão americana no Mexico, mostrando que lá, como aqui, identico microorganismo encontrava-se no *stegomyia* infectado não devera ter feito presumir, si não com certeza, ao menos com algumas probabilidades, uma relação causal entre esse microorganismo e a febre amarella?

Entretanto, ella não buscou isolal-o nem cultivar-o para inoculal-o depois em um individuo da especie humana. Si houvesse assim procedido, teria tido uma base solida para affirmar ou negar a relação desse microorganismo com a causa da febre amarella. Em vez de seguir, porém, esse caminho, que se apresentava como o mais curto e o mais seguro, a commissão limitou-se a concluir per comparação, isto é, ella escolheu justamente a forma de raciocínio experimental que menos solidas garantias offerece contra o erro. Querendo basear o seu juizo na comparação, ella procurou o microorganismo em *stegomyias*, que se devia presumir não estivessem infectados, e, como em alguns destes descobrisse um microorganismo identico áquelle que havia sido encontrado nos mosquitos infectados, concluiu dahi que esse microorganismo nenhuma relação tinha com a causa da febre amarella.

Que actualmente o valor desta conclusão pôde ser contestado, dil-o implicitamente a propria commissão no seu mais recente trabalho. Assim, ella reconheceu este facto, extraordinariamente importante—que a infecção do *stegomyia* transmite-se aos ovos, á larva e ao novo mosquito oriundo dessa larva. Quer isto dizer que existem mosquitos infectados, cuja infecção elles não adquiriram sugando o sangue de um doente. Sendo assim, quem poderia affirmar que os mosquitos não infectados *experimentalmente*, nos quaes a commissão descobrio o microorganismo, que ella classificou como *Nosema*, não eram mosquitos infectados *hereditariamente*?

Vejamos agora o que dizem os factos da nossa observação neste particular. O exame dos órgãos de um *stegomyia*, que havia sugado o sangue de um doente de febre amarella, no 3º dia de molestia, nos mostrou um microorganismo de formas identicas ás daquelle que se encontra no figado do doente. O corpo deste *stegomyia*,

depois de esmagado e triturado em uma capsula de platina esterilizada, ficou em maceração na agua distillada, durante uma hora. Esta agua foi injectada nas veias de um cão. No dia seguinte o animal tinha a apparencia de doente; recusava o alimento, conservava-se deitado e tinha a temperatura augmentada de 1 gráo. Este estado prolongou-se por espaço de dous dias. As preparações do sangue, feitas no segundo dia, deixaram vêr nitidamente as fôrmas toruladas que se veem no sangue do doente. No corpo do mosquito existia, portanto, um microorganismo, cuja identidade com o microorganismo do sangue do doente nos pareceu de todo o ponto incontestavel. As fôrmas delle no sangue do cão eram identicas ás fôrmas que elle tem no sangue do doente. Pergunto agora, não terá esta experiencia o valor de uma contraprova?

Si as relações que entre si guardam estes factos não teem toda a clareza da evidencia, ninguém, entretanto, poderá contestar que elles deixam perceber, como através de um véo semi-transparente, os pontos de identidade que existem entre o microorganismo do mosquito infectado e o microorganismo do sangue do doente.

Nos problemas que se tem de resolver pela experiencia, diz Cl. Bernard, os factos nada valem sem o raciocinio: o supremo criterio experimental é a razão. Os processos intellectuaes do investigador não são, porém, os do mathematico: a mobilidade e a complexidade dos phenômenos biologicos difficultam e embaraçam a demonstração.

Sem embargo disso, não se pôde negar, que no caso vertente os factos colligam-se coordenam-se e harmonisam-se de tal modo, que não se lhes pôde contestar um real valor demonstrativo. Embora as duas commissões, a de Cuba e a do Rio de Janeiro tivessem declarado que o microbio da febre amarella é invisivel, eu não hesito em affirmar o contrario. O hiato que ellas deixaram ficar entre a observação do doente e a do mosquito, impedio que ellas sorprehendessem a verdade na ligação que existe entre os factos homologos das duas partes complementares do problema. A 2ª commissão americana do Mexico foi um pouco adiante no caminho certo quando reconheceu que o microorganismo suspeito encontrado por ella no mosquito infectado não era um sporozoarío, mas um blastomycetes. E como eu por minha parte, estou convencido de que o microorganismo, que se encontra no sangue e no figado do doente de febre amarella é um blastomycetes, e que este microorganismo apresenta todos os caracteres de identidade com o microorganismo do mosquito, observado no Mexico e no Rio de Janeiro pelas duas commissões, julgo-me auctorizado a dizer que os dous termos do problema estão agora conhecidos e que o microbio da febre amarella é um blastomycetes, que tanto pôde ser encontrado nos órgãos do mosquito infectado, como no sangue e no figado do doente acommettido desta molestia.

Ao reverso do que succede na malaria, na febre amarella o cyclo fecha-se com identidade de fôrmas, sem haver uma evolução morphologica no mosquito e outra no homem com formas differentes.

E' certo que pela vez primeira se attribue a causa de uma molestia infectuosa a um microorganismo da classe dos Blastomycetes, isto, é a um fermento figurado. Será esta a razão pela qual alguns espiritos teem duvidas ainda em aceitar esta causalidade

para a febre amarella? Mas se assim é, cumpre attender a que a novidade de um facto comprovado jámais serviu para tirar o valor das provas que o demonstram.

Negai, no caso presente, o valor das provas, si isso é possível; e si a razão imparcial, sem compromissos com opiniões prestabelecidas, achar que essa negação é bem fundada, eu me confessarei confundido, e começarei desse momento em diante a duvidar do valor dos processos demonstrativos da sciencia.

Podeis dizer-me: falta uma prova final, ultima, decisiva, aquella sem a qual estaríamos duvidando ainda hoje da transmissão da febre amarella pelo mosquito, a prova experimental humana. Sim, estou de accordo: quando o germen extrahido do figado, cultivado em meio appropriado, fôr inoculado em um ou mais individuos, que não tenham immunnidade, e nelles venha desenhar-se em seguida o quadro da febre amarella com os seus traços característicos, não poderá haver mais sombra de duvida: a prova será irrefragavel.

Esta prova, que por escrúpulos de consciencia deixei até hoje de adduzir, virá a seu tempo, e muito breve: ella será o complemento final de todo o meu trabalho, o ultimo elo de uma longa cadeia, que levei quinze annos a construir.

Para corroborar com argumentos de outra especie a opinião inabalavel, que tenho, de que o microbio da febre amarella é um blastomycetes, examinemos alguns pontos interessantes do processo morbido desta molestia.

Haverá quem conteste que o figado é o órgão de eleição da febre amarella, aquelle em que se encontram as lesões características e constantes dessa molestia? Quando em uma molestia infectuosa as lesões características se localisam em certo e determinado órgão, é porque o parasita que causa essa molestia encontra nesse órgão condições mais favoraveis de vida do que em outros. Essas condições são, por via de regra, princípios organicos que convém á alimentação do parasita. Pois bem, que princípio organico alimentar existe no figado, em quantidade muito superior

* Não sei bem até que ponto pôde a sciencia arrogar-se o direito de fazer experiencias em uma creatura humana para o fim de resolver um problema biológico, que de outro modo não seria nunca resolvido.

Para nós outros que obedecemos ás regras e aos dictames da moral christã, a vida humana é tão sagrada e inviolavel que nenhuma razão suprema e interesse de especie alguma poderiam justificar o violento sacrificio della.

A moral, porém, não é um código de princípios certos e immutaveis: ella varia com os tempos e as épocas, com o sentimento religioso de cada povo, até com as circumstancias de occasião e de momento.

Muitas nações, que se dizem civilisadas, mantem ainda hoje nos seus códigos de leis criminaes a pena de morte, apesar dos vivos protestos que, contra a applicação dessa pena barbara, tem levantado criminalistas notaveis e escriptores de genio.

O direito de tirar a vida a um nosso semelhante para desaffrontar a sociedade offendida e obstar pelo exemplo que não incorram outros na mesma pena, commettendo igual delicto, uma vez que esteja consagrado na legislação de alguns povos civilisados, facilitará á sciencia, governando-se pelas leis destes povos, o arrojado intento de realizar experiencias arriscadas em condemnados á morte. Nos paizes, porém, em que a pena capital foi já abolida, não subsiste mais esse recurso *in extremis*; e então qualquer experiencia humana tentada com risco de vida em condemnados á prisão nas penitenciarias ou nos calabouços, não seria justificada nem admissivel.

Entretanto, visando a experiencia um fim util e humanitario, ninguém pôde impedir que, por declaração expressa e vontade propria, alguém queira á ella sujeitar-se. É uma questão essa unicamente de liberdade de consciencia e de acção na qual ninguém tem o direito de intervir.

Demais, expor a propria vida a muitos riscos para resolver um problema de sciencia, da qual vão decorrer muitos beneficios para a humanidade, é, sem contestação, praticar um acto de coragem e de benemerencia; e como tal elle merece ser louvado.

De accordo com esta regra da moral, que aceito, e outros já tem practicado, foram feitas nestes ultimos tempos experiencias humanas tendentes a verificar o modo de transmissão da febre amarella, e é sabido que, por virtude dessas experiencias, algumas vidas foram sacrificadas. (Caso Lazear e outros em Havana e no Rio de Janeiro). Não ha aqui, a meu vêr, sinão motivos para lamentar o infausto successo, que sem pezar sobre a consciencia dos que dirigiram na boa intenção essas experiencias, serviu de enobrecer a memoria dos sacrificados por amor da sciencia e da humanidade.

aquella em que o mesmo principio existe nos outros órgãos? Todos sabem que é a materia glycogenica.

Ora, nenhum microbiologista ignora que a glycose constitue o principal alimento dos blastomycetes; e as minhas experiencias provaram que o microbio extrahido do figado do doente de febre amarella só prolifera bem nos meios de cultura que conteem glycose. Esta relação harmonica de factos não constitue, por sua vez, um argumento em favor da causalidade que eu sustento?

Os blastomycetes são fermentos da glycose, substancia hydrocarbonada; em certas condições o são também das substancias proteicas albuminoides, e a fermentação que elles produzem nesses meios traz como consequencia a dissolução destas materias, com producção de grande quantidade de substancias acidas.

Ora, em nenhuma molestia infectuosa a dissolução do sangue e a formação abundante de acidos se dá com a profusão e a constancia, que se observa na febre amarella. A hyperacidez gastrica e as hemorragias capillares são dous symptomas constantes da febre amarella typica: elles são, quanto a mim, effeitos mais ou menos directos da acção fermentativa do blastomycete.

Por isso que o blastomycete, causa da febre amarella, age como um fermento, a quantidade deste necessaria para desenvolver o processo morbido não exige uma grande proliferação cellular do microorganismo. Quantidades pequenissimas do agente toxico, produzido por essas cellulas, durante o trabalho da fermentação, são sufficientes para promover as lesões e provocar os symptomas, que caracterizam a febre amarella. O desenvolvimento desta molestia torna-se, portanto, compativel com uma proliferação mui limitada das cellulas do fermento no sangue. Consequentemente não nos devemos admirar que a febre amarella possa coexistir com a ausencia quasi completa do microorganismo no sangue.

Os documentos, de que me fiz acompanhar, para tornar practica e convincente a minha desmonstração, consistem em preparações de cultura, preparações do sangue dos doentes, preparações do microbio extrahido do figado, preparações do sangue do cão inoculado nas veias com o succo de um *stegomyia* infectado; fragmentos de figados humano de cão e de coelho, conservados no alcool.

O microscopio, em que vou mostrar essas preparações, é o mais perfeito modelo de Zeiss, munido de excellentes objectivas apochromaticas de immersão homogenea. Ellas mostram as fôrmas do microbio na mais completa nitidez, com ampliações de 1.200 e 1.500 diam.

Commentarios a algumas questões de facto e a certos pontos de doutrina. Exame das peças pathologicas e das preparações microscopicas.

Do geral contexto deste trabalho destacam-se algumas questões de facto e certos pontos de doutrina, que por sua especial importancia, requerem commentarios. Por isso adittei-os aqui em série numerada.

1 — Como podem haver duvidas sobre a verdadeira significação do vocabulo *plasmódio*, mais de uma vez usado nesta contestação, cumpre que fiquem bem esclarecidas estas duvidas.

O vocabulo *plasmódio* foi applicado por De Bary a certos corpusculos refringentes, mais ou menos redondos, movediços, sem estrutura cellular, e que apparecem em certos periodos da evolução dos myxomycetes (Ch. Robin).

Actualmente, porém, elle não tem essa significação tão restricta e applica-se a quaesquer formas transitorias de um microorganismo, que se assemelham ao plasmódio dos myxomycetes. O seu character principal é a refringencia, e a ausencia de um involucro cellular.

2 — Não tenho hoje a menor duvida de que o movimento de que são animadas as pequeninas cellulas hyalinas, desde o corpusculo inicial (zoosporo) que lhes dá origem, até o momento em que a cellula attinge ás dimensões de 6 a 8 microns, é um *movimento ciliar*. Em algumas das minhas recentes preparações, consegui ver varias dessas pequeninas cellulas providas de dois cilios antipodas, como aquelles que se vêem nos zoosporos de algumas mucedineas e de algumas algas. Pude fazer essa observação, empregando, como materia corante, uma solução concentrada de fuchsina, as melhores lentes de immersão de Zeiss, e a illuminação obliqua. Os cilios ficaram coloridos de um roxo pallido, com uma apparencia finamente granulada, a extremidade quasi imperceptivel.

Quando as cellulas hyalinas attingem ás dimensões de 6 a 8 microns, ellas perdem o movimento proprio. Esse facto é consequencia da separação dos cilios. Algumas conservam apenas um cilio, outras ficam privadas de ambos. Muitas vezes no campo da preparação vêem-se esparsos inuitos fragmentos de cilios.

3 — Os corpusculos, dos quaes se originam as cellulas hyalinas resistem por muito tempo á immersão no alcool de 40 grãos na intimidade do tecido do figado.

Pedaços cubicos de figado de 10 centim. immersos em alcool de 40 grãos durante seis mezes, forneceram pela fricção sobre a lamina de vidro, grande quantidade do microorganismo, animado de movimento proprio, e susceptivel de desenvolução. O liquido de Pacini que contém sublimado corrosivo, o destrõe rapidamente, reduzindo-o a granações amorphas. O ammoniaco não altera a estrutura cellular, mas tira-lhe o movimento. Isto confirma a idéa de que o figado é o grande viveiro deste microorganismo, onde elle reproduz-se por milhões, continuando a sua evolução a fazer-se mesmo depois da morte á custa dos elementos de nutrição que elle encontra naquella viscera.

4 — A prova de que dadas certas condições do meio (humidade, calor e contacto do ar) o microbio da febre amarella reveste os caracteres de um hyphomycetes, está baseada nos seguintes factos :

a) um pequeno fragmento de figado, procedente de pessoa victimada pela febre amarella, foi tirado do alcool a 40 grãos, e immediatamente collocado dentro de uma capsula de platina, previamente esterilizada, coberta por pequena cupula de vidro. Conservou-se a atmosphera interna humida. No fim de oito dias começou a apparecer na superficie do fragmento do figado uma camada de bolor, cujos filamentos myceliaes, de cor branca quasi cinzenta, adheriam intimamente ao tecido hepatico (Lacerda) ;

b) preparações do sangue em laminas hermeticamente fechadas, feitas com esmerados cuidados de asepsia, conservados em lugar quente e humido, deixaram ver no fim de seis a sete dias, fino mycelio desenvolvendo-se sobre a camada de sangue, entre as duas laminas. (Sternberg, Miss. de Havana, 1879. Lacerda e Araujo Góes 1883.)

Sternberg hesitou sobre o modo de classificar esta observação somente porque facto identico não se reproduziu em todas as laminas de preparação, em que foram depositadas ao mesmo tempo, as gotas de sangue, extrahidas de doentes diversos. Por isso, embora certo de que todas as cautelas haviam sido tomadas para evitar qualquer contaminação accidental, elle acreditou não obstante em uma infecção pelo ar.

Por minha parte, não tenho a menor duvida em admittir que os esporos, dos quaes se originou nessas duas observações o mycelio, preexistiam no sangue e no figado ; e tanto mais razão tenho para assim pensar quanto é certo que pedaços de figado de animaes sadios sujeitos á influencia de identicas condições do meio, não apresentaram sequer o mais leve vestigio de mycelio.

5 — Firmado nessas duas observações, assim como em outras que fiz, em meios differentes de cultura, penso que o sangue do doente, o figado, as dejeções dos mosquitos podem desenvolver no *meio exterior* a forma mycelial do microbio da febre amarella.

Não me parece, porém, verosimil que os mosquitos (*stegomyia*) se vão infectar nesses pequenos focos adventicios, espalhados no meio exterior. Em regra, a fonte da infecção deve ser o doente, pela razão unica de que os *stegomyia*s femeas que sugam o sangue humano, não são *phytophagos* conforme attestam numerosos observadores, e, portanto, não vão buscar alimento na vegetação de bolorés, desenvolvidos nesses substratos.

6 — Não creio que o microbio da febre amarella seja um hospede obrigado do *stegomyia*, como o hematozoario da malaria é um hospede do *anopheles*. Essa hypothese, geralmente aceita, mas que considero sem fundamento, é invalidada pelos seguintes factos, já comprovados pela experiencia :

a) A necessidade de um lapso de tempo (12 dias) para que se dê no mosquito a infecção das glandulas salivares, das quaes o germen sae para ser inoculado na occasião da picada ;

b) a longa sobrevivencia do *stegomyia* depois da primeira postura comparada com a vida curta, que tem outras especies depois de expellidos os ovulos. Exemplifiquemos. Um *culex confirmatus* sugando o sangue de um doente de febre amarella

recebe de envolta com o sangue o germen, como recebe o *stegomyia*. Attenda-se, porém, a que este germen precisa de 12 dias para chegar ás glandulas salivares, e que o *Culex confirmatus*, succumbe fatalmente logo depois da primeira postura, isto é, quatro a seis dias depois da picada (Com. franceza). E', evidente que esta especie não pôde constituir-se um vehiculo da febre amarella, porque a morte do mosquito sobrevivendo logo após a primeira postura, não dá tempo para que em sua evolução interna o germen chegue ás glandulas salivares. Se o *Culex confirmatus* e outras especies, que sugam sangue humano, e que não são considerados transmissoras de febre amarella, gozassem do privilegio que tem o *stegomyia* de dar successivas posturas (Com. franceza) mantendo a vida por um lapso de tempo superior a 12 dias, essas especies transmitiriam o parasita da febre amarella da mesma maneira que o *stegomyia*.

D'ahi se infere logicamente que o argumento favoravel á hypothese de um protozoario como causa de febre amarella, firmado na paridade que diziam existir entre o modo de infecção do anopheles e uma infecção semelhante do *stegomyia* (parasitismo dioico), fica sem nenhum valor.

7 — Acompanhando o relatorio do Sr. Sternberg sobre a missão a Havana em 1879, vem uma estampa microphotographada, representando uma preparação do sangue de doente de febre amarella. O illustre micrographo americano apresenta essa estampa como documento comprobatorio de que na febre amarella o sangue não contém germens. Entretanto, em boas condições de luz, e com o auxilio de uma boa lente vê-se que a placa photographica revelou corpusculos numerosos, de extrema pequenez, espalhados no plasma e sobre os globulos do sangue, tendo apparencia identica á dos corpusculos ciliados (zoosporos), que se encontram no figado. Assim a impressão dos raios solares fazendo-se sobre uma chapa sensivel revelou aquillo que pela simples visão microscopica, mesmo empregando a grande ampliação de 1.500 diam., era invisivel.

8 — As experiencias que fiz inoculando em animaes (coelhos e cães) o succo do figado de doente de febre amarella induzem-me a pensar que a toxina da febre amarella é elaborada no figado, onde prolifera activamente o germen especifico e que a grande quantidade de glycose, que essa viscera contém, favorece sobremodo a producção da toxina. Incontestavelmente a virulencia do figado na febre amarella é maior que a do sangue; e as culturas que realisei *in vitro* mostraram sempre maior virulencia, quando na cultura entrava a glycose. Este hydrato de carbono representa, pois, importante papel na elaboração da toxina amarillica.

9 — A resistencia que offerece o veneno da febre amarella á temperatura de 100° centigrados induz a admittir que esse veneno pertence antes á classe das diastases do que á das toxinas.

Em presença de toda esta somma de factos confrontados, contrastados, e bem considerados pelo criterio de razão, isto é, a presença do um microorganismo abundantemente espalhado no figado, que é o órgão de predilecção da febre amarella; a caracterisação morphologica desse microorganismo, que não o permite confundir-se com qualquer outro até hoje encontrado em molestias de natureza infectuosa; a

transmissão da infecção amarillica pela inoculação deste microorganismo, cujo desenvolvimento nos animaes tem como séde principal o mesmo órgão, que no homem é considerado o centro da evolução pathologica da febre amarella, constituem a meu ver, uma demonstração tão clara e tão apodictica de causalidade, que ainda mesmo desacompanhada da experiencia humana, estes factos não podem deixar de inculcar no espirito plena convicção. Aquelles que se recusarem a aceitar esta demonstração, por julgal-a ainda insufficiente ou mal fundada, darão azo a que se pense delles que tem a propria razão obcecada; ou que systematicamente não querem encarar a luz da verdade.

Pouco perde, porém, a sciencia com isso, uma vez que ~~para~~ merecerem fé as suas demonstrações não estão subordinadas a um completo accordo de vistas e de opiniões.

Em toda questão biologica os factos tem o seu valor proprio, intrinseco; mas esse valor só apparece quando o raciocinio applicado aos factos, mostra ou as relações ou a disparidade que entre elles existe. Os factos constituem realmente a base fundamental da sciencia; mas a noção ou a idéa scientifica, precisa e determinativa, que dos factos resulta, quem a dá é o raciocinio e a logica. O problema etiologico da febre amarella pertence ao quadro das questões biologicas, elle deve ser, portanto, resolvido com os factos e com o raciocinio.

Nem foi de outro modo, nem usando de outros processos, que formulei e desenvolvi a presente contestação ás opiniões das commissões franceza e americana sobre a causa de febre amarella.

Para dar uma idéa exacta da evolução polymorpha do microorganismo da febre amarella, juntámos a este trabalho uma estampa, em que estão figuradas com explicações todas as formas evolutivas do microorganismo, que são observadas no sangue, no figado, nos rins e nas culturas. Esta cadeia de evolução está baseada em um numero consideravel de antigas observações minhas, verificadas por outras ainda mais recentes, que fizemos pouco antes de escrever este trabalho.

Conforme mostra claramente a successão das formas, o ponto inicial da cadeia evolutiva é um corpusculo biciliado (zoosporo) de excessiva pequenez. Evoluindo segundo as leis proprias da natureza, e segundo as condições do meio em que se acha, elle reproduz todas as formas que pôdem ser observadas no sangue, no figado e nos rins do doente de febre amarella (plasmodio, cellula hyalina, torula). O corpusculo biciliado (zoosporo) representa pois — o factor inicial da virulencia, que se accentua durante o processo da evolução, em que apparecem a cellula hyalina e a torula, desempenhando o papel de fermentos. A reproducção torulada, por isso que ella está subordinada ás condições do meio, nem sempre favoraveis a esse modo da reproducção, ora se dá escassamente, ora abundantemente, podendo haver nella longas intermittencias. A sua força reproductora exgota-se depressa, e as torulas desaparecem do sangue, durante um certo periodo, para reaparecerem depois, quando as condições de reproducção se tornam favoraveis. Essa evolução, por curta que seja, basta, não obstante, para contaminar o sangue com o veneno (diastase) que ellas elaboram. Do 4º dia em diante da molestia cessa toda a evolução do microorganismo no sangue, para concentrar-se no figado, órgão de

eleição. Milhões de corpusculos biciliados (zoosporos) invadem as cellulas do figado e alli evoluem sob a fórma de plasmodio e de cellulas hyalinas, que dão novos zoosporos, e novas cellulas hyalinas, fechando-se dest'arte o cyclo completo da evolução do microorganismo no figado.

Por isso que os reagentes chimicos e os processos technicos das preparações histologicas, geralmente empregadas nestas pesquisas, destroem por completo as cellulas hyalinas nos tecidos, o exame microscopico do figado, feito nestas condições, nada descobre extraordinario sinão grande numero de granulações, amontoadas sobre as cellulas hepaticas. Estas granulações pequenissimas, sem fórmas bem definidas, que podem ser facilmente confundidas com as granulações albuminoides, são os *zoosporos*. Nas preparações frescas, porém, feitas com o succo do figado, sem o emprego de reagentes chimicos, sem a fixação pelo calor, juntando-se apenas uma gotta de agua distillada, os zoosporos apparecem em quantidade na preparação com o seu movimento ciliar evoluindo sob os olhos do observador para formar as cellulas hyalinas esporuladas, das quaes resultam novos corpusculos biciliados (zoosporos).

Muitas occasiões haverá em que a unica fórma existente no sangue seja o zoosporo. Elle será então confundido pelo observador com granulações de natureza diversa, tanto mais facilmente quanto nesse liquido denso elle não pode ter movimento. A extrema pequenez dessas granulações, a falta de movimento e da coloração pelas substancias corantes excluem naturalmente qualquer idéa de um microorganismo. E ahi estão os motivos que induziram um certo numero de observadores a negar a presença de um microorganismo no sangue e nos órgãos dos doentes de febre amarella. *A invisibilidade do microbio da febre amarella é simplesmente o fructo de uma illusão, que se descanece á luz dos factos bem observados e bem interpretados.*

Como documentos valiosos e assaz instructivos na questão de que me tenho occupado, trouxe aqui para submeter á vossa apreciação algumas peças pathologicas, que são outros tantos elementos de demonstração.

Deixai que as especifique, notando a significação e o valor que cada uma dellas tem na demonstração causal da febre amarella.

Neste frasco estão contidos fragmentos de figado humano, extrahidos de um cadaver de febre amarella, e que, a meu pedido, me foram remettidos pela commissão franceza, quando ella trabalhava no hospital de S. Sebastião. A authenticidade desta peça pathologica está garantida pelos dizeres do rotulo escripto pela mão de um dos membros dessa commissão. Essa peça foi escolhida em um caso typo de febre amarella; ella revela de um modo frisante a degeneração hepatica, que se nota nessa molestia. A friabilidade e a côr amarella do tecido são caracteres physicos, que não escapam á attenção de ninguem.

Neste outro frasco está o figado de um coelho inoculado por via hypodermica com a cultura do figado humano a que acabo de me referir, cultura que, com exclusão total de qualquer outro microorganismo, deu as fórmas das cellulas hyalinas desde os corpusculos ciliados (zoosporos), até ás cellulas toruladas reproduzindo-se por gemmação.

O coelho inoculado com essa cultura, em que só haviam proliferado aquellas formas microbianas, succumbio por effeito da inoculação cinco dias depois.

Comparai sob o ponto de vista do aspecto geral do tecido e da côr, este figado com o figado humano que forneceu a semente pathogenica, e vereis que entre os dous ha perfeita similitude de côr e de aspecto. Fragmentos com as mesmas dimensões, tirados dos dous figados, se confundem à primeira vista.

No terceiro frasco está contido o figado de um cão injectado nas veias com a mesma cultura que serviu para inocular o coelho, tendo aquelle succumbido em menos de 24 horas por effeito da injectão. A morte tão rapida do cão explica-se pelo facto de ter sido praticada a injectão nas veias, e para ella devera ter muito contribuido tambem a grande quantidade de toxina, elaborada na cultura. Effectivamente esta era uma cultura adiantada, de mais de oito dias, quando foi injectada no cão, ao passo que ella tinha apenas a duração de quatro dias, quando foi inoculada no coelho. Havia, pois, todo o fundamento para presumir-se uma accumulacão de toxina na cultura, quando esta foi injectada no cão.

Examinando este figado, não deixareis de notar que a degeneração revelada pela côr amarella dos tecidos não abrange a totalidade do órgão, mas limita-se a pequenas zonas esparsas. Neste caso a degeneração hepatica começava apenas a produzir-se, sendo quasi certo que si não se tivesse dado a morte em tão curto lapso de tempo, o figado do cão teria apresentado a degeneração amarella generalizada, que se observa no figado humano e no figado do coelho.

Extrahi agora o succo desses tres figados, fazei com elle preparacões frescas por identico processo, e vereis em todos tres o mesmo microorganismo apparecer sob a fórma de cellulas hyalinas e corpusculos ciliados, não acompanhados de qualquer outro germen. A unica differença a assignalar é a maior abundancia de microorganismo no figado humano e do coelho, comparados com o figado do cão. E' que a morte rapida deste animal não deu tempo a que houvesse uma repullulação tão grande do microorganismo no tecido do figado, como se deu no figado humano e do coelho, em que o espaço de tempo decorrido entre a inoculação e a morte foi muito mais longo.

A presença do mesmo microbio que se encontra no figado e no sangue do doente de febre amarella, uma vez demonstrada nas glandulas salivares do mosquito, viria corroborar todos os argumentos que provam a funcção causal desse microbio.

Nesse sentido procedi, portanto, a numerosas pesquisas, as quaes, embora tivessem sido a principio mallogradas, me deram afinal resultado satisfactorio.

Os primeiros insuccessos que tive, procedendo a essas pesquisas, não devem ser attribuidos sinão a dissecções mal feitas do systema glandular do mosquito. Melhor orientado no processo practico da dissecção, depois daquelles insuccessos, consegui fazer uma preparacão, que deu a demonstracão cabal do facto, isto é, a presença do microbio da febre amarella nas glandulas salivares do *stegomyia*.

O mosquito que me forneceu esta preparacão foi colhido na occasião em que chupava o sangue de um doente de febre amarella no terceiro dia de molestia. Elle foi sacrificado 24 horas depois por meio dos vapores do ether. Em seguida

separei a extremidade cephalica conjunctamente com a parte anterior do thorax do resto do corpo do insecto; e esta parte foi dissecada com o emprego de agulhas mui finas. Terminada a dissecção, colori os tecidos sobre a lamina com uma solução concentrada de fuchsina. Foi retirada a materia corante em excesso, mergulhando-se a lamina na agua distillada, e depois de sêcca a preparação por evaporação ao ar livre, foi ella montada no balsamo do Canadá.

Empregando grandes ampliações (1500 diam.) e illuminando o campo do microscopio com uma lampada de petroleo, consegui ver claramente que o canaliculo de uma das glandulas lateraes estava completamente cheio em toda a extensão de cellulasinhas, umas redondas, outras oblongas, umas contendo uma só granulação interna, outras duas e tres.

No meio dessas pequeninas cellulas, via-se grande numero de granulações soltas, com os mesmos caracteres dos zoosporos do figado do doente. Fôra do canaliculo glandular descobriam-se cellulas um pouco maiores do que as precedentes, redondas e tambem granuladas. Estas tingiram-se mais intensamente pela fuchsina do que as que estavam agglomeradas no canaliculo.

Alguns zoosporos mostravam do modo mais nitido os dous cilios, partindo de pontos oppostos. Estes estavam coloridos com uma cor rôxa desmaiada.

Tendo decorrido apenas o espaço de 24 horas entre o momento em que o sangue foi sugado e a morte do insecto, sou forçado a admittir que este mosquito já estava infectado, quando sugou o sangue do doente; de outra sorte não se poderia explicar essa invasão precoce das glandulas salivares.

Na segunda estampa, que acompanha este trabalho e que foi desenhada com os olhos no microscopio, pelo habil desenhista do Museu Nacional, Sr. Lahera, está fielmente representada a parte mais importante da preparação. Por ella se vê que a fórma do microbio da febre amarella que o mosquito inacula, quando pica o individuo, é *principalmente o zoosporo*. Este evolue depois no sangue do individuo inoculado, dando as cellulas hyalinas e as cellulas toruladas, que agem á maneira de certos fermentos. Assim considerada a questão, o periodo de incubação da molestia ficará dependendo, quanto á sua duração, da evolução mais ou menos rapida da sementilha (zoosporo) e da quantidade maior ou menor em que ella foi inoculada no sangue.

Fica assim fechado o cyclo, que o germen percorre do doente ao insecto transmissor e vice-versa; e as provas da causalidade com este elemento subsidiario attingem ás raiz da evidencia.

Que falta neste cyclo assim delineado, cujo traço da partida foi o figado humano, isto é, o orgão de predilecção da febre amarella, para se ter a comprehensão clara e bem definida de que o microorganismo encontrado em grande abundancia no figado do doente é o germen especifico da febre amarella?

Poderia alguem, de boa fé scientifica, apreciando a correlação perfeita destes factos, negar essa designação pathogenica, que resalta até aos olhos menos penetrantes e se impõe á razão mais esclarecida? Não seria para mim, entretanto, motivo de extranheza e admiração, devo confessar, si algum espirito pyrrhonic, cívado de idéas systematicas, cegamente obediente ao culto supersticioso da aucto-

ridade, viesse oppôr formal contradicção á evidencia das provas. Devemos accordar que a função que exercem estes espiritos nos grandes debates, travados no terreno da sciencia, não é de todo malefica; elles servem para conter os impulsos exagerados dos descobridores e excitando a controversia, fazem convergir para o debate a attenção universal.

Referindo-me ao argumento da auctoridade que tantas vezes se costuma invocar, já vos fiz ver, no começo deste trabalho, que valor elle tem. Nos tempos, já longinquos da escolastica, tão grande prestigio tinha a palavra dos sophistas que ella impunha silencio a todas as duvidas e fazia cessar todas as contradicções quando nos Areopagos discutiam os mais intrincados problemas da vida, da moral ou da religião. Nos tempos modernos, porém, em que a sciencia experimental assumiu com o seu methodo seguro uma posição decisiva nas justas e controversias scientificas, a auctoridade pessoal foi substituida por outra auctoridade que tem maior valor e mais prestigio — a auctoridade dos factos bem verificados é do raciocinio inductivo.

Que importa, portanto, que duas commissões tivessem considerado invisivel o microbio da febre amarella, si essas commissões não podem avocar a si o dom da infallibilidade que se conferia outr'ora aos oraculos, esi os factos com a força irreductivel da evidencia contradizem o que ellas affirmaram?

Do exame das peças pathologicas passamos ao exame das preparações microscopicas.

Aqui está uma preparação de sangue do doente colorida por uma solução concentrada de fuchsina, na qual, com a ampliação de 1500 diam. vê-se nitidamente a forma torulada no plasma e sobre a massa conglutinada dos globulos. As torulas são muito mais pequenas no sangue do que nas culturas. Notam-se cadeiasinhas de duas e de tres cellulas, algumas gemmulando; e cellulas solitarias.

Convém notar que o doente com sangue do qual foi feita esta preparação, restabeleceu-se sem haver apresentado os symptomas premonitores da anuria. Esta nota vem aqui explicar porque depois do terceiro dia de molestia ainda foi encontrado o microorganismo no sangue.

Observai agora, em seguida, esta preparação do sangue procedente do cão, que foi injectado com a cultura. As mesmas fórmas do microorganismo que se veem no sangue do doente apparecem no sangue do cão.

Nesta outra lamina preparada com o succo do figado humano, fixada na lampada e corada pela hematoxylina só se veem corpusculos pequenissimos (zoosporos) como pontos escuros, ora esparsos, ora agrupados. As cellulas hyalinas que a preparação continha antes de ser fixada na lampada destruíram-se completamente pela acção do calor, deixando de si vestigios apagados, quasi irreconheciveis.

Aqui está uma bella e nitida preparação de cultura, corada pela fuchsina. Todas as phases da evolução das cellulas hyalinas, desde o corpusculo ciliado até a cellula esporulada, estão ahi representadas. Nas culturas estas cellulas fixam bem a côr da fuchsina; outro tanto não succede geralmente, quando ellas estão, quer no sangue, quer no figado.

Nas cellulas esporuladas, os esporos recentemente formados resistem á acção tincturial. Algumas preparações demonstram este facto de modo cabal.

Aqui está outra preparação em que se vê bem desenhada a tendencia para a forma mycelial.

Nesta outra lamina vêem-se grandes cellulas expellindo a substancia granulosa nella contida. Estas cellulas gigantes só temos encontrado até hoje nas culturas. Na massa granulosa expellida veem-se pequenas torulas e corpusculos com os caracteres dos corpusculos ciliados, observados em outras preparações.

Examinai, finalmente, estas tres preparações frescas, feitas não ha 48 horas, pela expressão na lamina do tecido hepatico do homem, do cão e do coelho.

A laminula, que cobre estas preparações, está collada nos bordos com o balsamo do Canadá.

Em todas as tres observa-se o mesmo microorganismo, isto é, as cellulas hyalinas, algumas pequenas, animadas de movimento proprio, outras maiores, em via de esporulação. Varios corpusculos ciliados pequenissimos revoluteam na superficie do liquido, apresentando-se intermittenemente á vista, ora como um ponto escuro, ora como um discosinho brilhante. São estes pequenissimos corpusculos, que apesar de revelados numa placa microphotographica de Sternberg, passaram alli despercebidos. Elles representam a sementilha infecciosa, o *germen invisivel* das duas commissões, que atravessa os filtros, e extingue a virulencia dos liquidos organicos quando estes são aquecidos a 60 grãos centigrados.

Que mais demonstrativos documentos podia eu apresentar á vossa apreciação para estabelecer uma relação de causalidade entre este microorganismo e a febre amarella? Com os olhos fitos no microscopio, bem focalizado para estas laminas, não se pode receiar enganos nem illusões. Ellas ferem a vista e a razão com a clareza e a firmeza das cousas patentes, não ambiguas, concertadas para fornecerem a cabal comprovação de uma idéa causal, que tenho hoje por verdadeira e incontestavel.

O unico movel, que sustentou os meus esforços nesta longa campanha da febre amarella, foi o desejo ardente de descobrir a verdade; e esta tanto interessava á nós brasileiros, quanto á sciencia e ao mundo inteiro.

Cada qual esforçou-se para ter o seu quinhão no triumpho; este, porém, não coube a um só homem, nem a uma só nacionalidade. A palma de louros foi repartida entre alguns esforçados campeões, que laborando em paizes extremos, chegaram a resolver, parcialmente, o mais difficil problema da pathologia tropical. Os americanos provaram os meios de transmissão e de propagação da molestia, e fundaram as bases da prophylaxia; os francezes resolveram muitas questões de detalhe e confirmaram as asserções dos seus predecessores. E nós brasileiros?...

Deixo a vós, de bom grado, o papel de juiz para julgar do que tenho feito e do que outros antes de mim fizeram.

Lá na fileira dos mortos descansando de uma vida penosa, cheia de luctas e trabalhos continuos, está um brasileiro illustre que votou boa parte de sua existencia á elucidação da causa da febre amarella. Elle teve uma intuição da verdade, mas infelizmente não conseguiu em tempo demonstral-a. Nem por isso, seria

justo desconhecer os seus meritos elevados e os seus importantes serviços á sciencia. A posteridade faz-lhe inteira justiça inscrevendo o seu nome na lista dos sabios benemeritos do Brazil.

Tambem seja-me licito dizer sem jactancia que tenho immensa satisfação em pensar que os meus esforços não foram improficuos; e que na quietude a que se recolheram os pesquisadores desalentados de descobrirem o microbio da febre amarella, o presente trabalho ha de despertar a curiosidade e o empenho de reconhecer a veracidade dos factos, que estão aqui assignalados e discutidos.

Afinal, aquelles que obedecem como eu, á lei do maior esforço, me perguntarão que compensação vos restará de tudo isso?

Unicamente aquella que se traduz no seguinte conceito de Cl. Bernard :

« Celui qui ne connait pas les tourments de l'inconnu doit ignorer les joies de la decouverte, qui sont certainement les plus vives que l'esprit de l'homme puisse jamais ressentir. »

CONCLUSÕES

Como fecho deste trabalho, e para synthetisar as idéas e os factos de valor demonstrativo que nelle se contêm, formúlo as seguintes conclusões, que não differem daquellas, que adoptei no meu precedente trabalho — *Recher. sur la cause et la prophyl. de la fièvre jaune* :

1.º A febre amarella é uma infecção produzida por um microorganismo inoculado no sangue peripherico.

2.º O instrumento inoculador é a tromba do *Stegomyia*.

3.º O microbio causador da infecção, proveniente da glandula salivar do mosquito, é um microorganismo polymorpho, que numa das phases de sua evolução, tem a apparencia de cellulas de fermento, e os caracteres morphologicos e genealogicos dos Blastomycetes.

4.º O principal centro de cultura desse microorganismo no corpo humano é o figado.

E porque estão baseadas estas conclusões em factos rigorosamente provados, incontestaveis, dellas infiro como logico corollario esta outra conclusão :

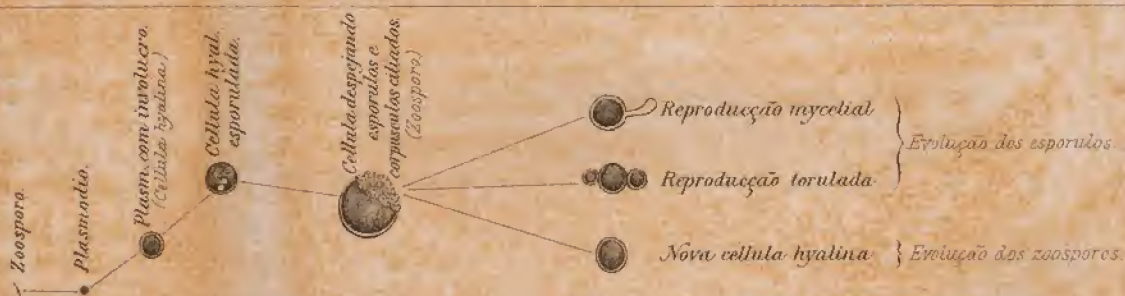
A invisibilidade do microbio da febre amarella, proclamada pela commissão americana e a commissão franceza, não passa de uma affirmacão gratuita, destituída de todo o fundamento scientifico, contra a qual se oppõem as provas de facto e os argumentos de razão, inseridos neste trabalho.

Evolução polymorpha do Microbio da Febre amarella no sangue, no figado e nas culturas em meios contendo peptona e glycose. (Segundo Lacerda)



(A evolução do zoospora até à cellula esporulada pôde fazer-se em 1/2 hora dadas condições favoráveis de calor e humidade.)

Cadeia da evolução.



- 1) Corpusculos pequenissimos, biciliados, moveidicos (movimento de oscillação e locomoção) com todos os caracteres de zoosporos. Dim. 0,1 micron a 0,2 microns (No figado e no sangue). Estes corpusculos são o ponto de partida das outras formas (plasmodio, cellula hyalina, torula), que se encontram no figado e no sangue. São elles que atravessam a vela F de Chamberland e mantem a virulencia do soro filtrado. Elles perdem a vitalidade na temperatura de 60° C., enquanto os esporulos resistem à temperatura de 100°, durante 1/2 hora. Elles devem ser o principal agente de transmissão da molestia, pela picada do stegomyia. Elles não chegam, porém, a produzir a molestia sinão por sua ulterior evolução em cellulas de fermento (torula). Essa evolução é mais tardia no sangue do que na agua distillada da preparação. No sangue comprimido entre duas laminas, elles apresentam-se como pequenissimos corpusculos sem refringencia e sem movimento. Nas preparações do sangue fixadas pelo calor elles parecem granulações albuminoides. O sangue do doente pôde não mostrar nenhuma das formas de evolução (plasmodio, cellula hyalina, torula) e conter grande quantidade de zoosporos. A virulencia do sangue está então ligada à presença destes quasi invisiveis corpusculos.
 - 2) Plasmodio (corpusculo refringente, sem involucre); cellula hyalina (plasmodio revestido de membrana com esporulos e granulações). Estas formas são evoluções do zoospora. Dim. 4 microns-10 microns (No figado e no sangue).
 - 3) Esporulos livres, sahidos das cellulas hyalinas. Dim. 2 a 3 microns (No sangue).
 - 4) Evolução dos esporulos para a forma torulada. Reprodução por gemmulação (No sangue e nos rins).
 - 5) Germinação do esporulo, produzindo um mycelio (Nas culturas em meio solido, ao contacto do ar).
- (A maior gravidade da molestia deve estar ligada à maior reprodução da forma torulada, que tem acção de fermento).

NO STEGOMYA:

CORPUSCULOS, PLASMODIO, CELLULAS HYALINAS EM CADEIA, ESPORULOS LIVRES.



Preparação da glandula salivar de um stegomyia, asphyxiado pelos vapores do ether 24 horas depois de haver sugado o sangue de um doente de febre amarella, no 3º dia da molestia. Coloração pela fuchsin.
Ampliação 1500 diam.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA

- a) uma das glandulas lateraes do stegomyia.
- b) pequenas cellulas toruladas.
- c) cellulas hyalinas.
- d) zoospora biciliado isolado.
- e) zoosporos dentro de um canaliculo.

Lacerda fecit.

IMP. NACIONAL

Labera des.

FAUNA BRAZILIENSE

PEIXES

POR

ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO

I

À MEMORIA

DE

THEOTONIO VICTOR SAYÃO DE MIRANDA RIBEIRO

que na Terra foi um Puro e um Bom

Homenagem de seu filho

ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO

PREFACIO

O presente trabalho representa o inicio de estudos encetados, de ha alguns annos, no cumprimento do programma a que me impuz, de conhecer a Natureza-Animada da minha terra natal ; publico-o porque penso que elle pôde ser de alguma utilidade aos meus concidadãos, visto não existir outro sobre o assumpto.

Para executal-o julgava encontrar o material necessario no Museu Nacional ; foi uma illusão ; as collecções do Museu deviam ser as primeiras do Mundo, sobre o que toca ao Brasil e comtudo, deixam muito a desejar... !

E se não fosse o material da commissão Geologica, colligido por Frederico Hartt, Rathbun, Branner, o colligido por mim durante as pescas do Annie, e uma pequena parte da collecção Jobert, eu só teria ao meu alcance aquelle de que já fallava Agassiz, na sua «Viagem ao Brasil».

Restringindo á Ichthyologia, o que ha de melhor está fóra do paiz, aproveitado em trabalhos bons, porém dispersos por innumeras revistas estrangeiras.

D'ahi se conclue que, grandes foram as lacunas encontradas ; procurei suppril-as, collocando por conta propria ; em certos casos, porém, não tive outro meio senão recorrer á outros autores.

Assim, o que se segue é a descripção enumerativa, scientifica e detalhada de todos os peixes conhecidos como habitantes das aguas brasileiras, acompanhados, tanto quanto possivel, de illustrações fieis e [repartidos por grupos scientificamente estabelecidos, de accordo com o que ha de mais logico e com as ultimas descobertas da Ichthyologia hodierna.

Comprehende o todo cinco tomos. O primeiro trata de generalidades, os demais das descrições citadas. Custa aos cofres publicos apenas a impressão, da qual não faz parte o serviço de desenho e photographia que ainda ficou a meu cargo.

Agradeço ao Dr. João Baptista de Lacerda, director do Museu, o interesse e apoio demonstrados para que a publicação fosse dada nestes Archivos ; ao Dr. Hermillo Bourguay Macedo de Mendonça, professor da secção de Zoologia, o ter-me permitido o estudo das collecções sob sua guarda ; aos Srs. Eduardo Teixeira de Siqueira e Antero Martins Ferreira, assistente e preparador da mesma secção, o auxilio que me dispensaram no preparo de peças da minha collecção ; aos Srs. José Xavier Pires, Alberto Smith, Rodrigues Pinheiro e Eduardo dos Reis, da Imprensa Nacional, o zêlo demonstrado na boa execução da parte graphica, assim como ao Sr. Jorge Schmidt, do *Kosmos*, o cuidado revelado na impressão das estampas.

Rio de Janeiro, dezembro de 1906.

Alipio de Miranda Ribeiro.

SUMMARIO DO TOMO I

- 1ª PARTE — Noções geraes de morphologia e physiologia.
- 2ª PARTE — Taxonomia.
- 3ª PARTE — Algumas indicações bibliographicas e Indice.

Primeira Parte

NOÇÕES GERAES DE MORPHOLOGIA E PHYSIOLOGIA

PRIMEIRA PARTE

Noções geraes de Morphologia e Physiologia

OS PEIXES

São animaes hydrobios, livres, cuja *forma* póde ser referida á de um fuso modificado symetrica ou assymetricamente e cujo *corpo*, dividido em *cabeça*, *tronco* e *cauda*, é, em maior ou menor extensão, percorrido por um *membro vertical*, continuo ou descontínuo e supporta *um* ou *dous* pares de *membros horisontaes*; o todo, teem-n'o envolvido por um *systema tegumentar externo*; possuem um *apparelho digestivo*, um *systema vascular* fechado, um *apparelho respiratorio*, um *apparelho excretor*, um *systema axial*, um *systema muscular*, um *systema nervoso* com *orgãos dos sentidos* diferenciados e um *apparelho reproductor*. São vivíparos, ovovivíparos ou ovíparos, variam no desenvolvimento e, não raro, passam por estados diversos, no crescimento que bem poderiam ser equiparados á certas metabolias de outros animaes. Na sua distribuição, teem por *limite maximo* os parallelos do 83° lat. norte e do 60° lat. sul; 4.950 metros é o limite maximo da altitude a que podem ascender, nas torrentes das montanhas, 5.029 a maior profundidade em que teem sido obtidos no mar.

No presente trabalho só nos occuparemos com os peixes brasileiros, isto é, com aquelles que *foram constatados* em *aguas brasileiras*, entre os parallelos do 5° lat. N. e 34° lat. S. do Atlantico occidental e rios, até o meridiano do 33° long. O do Rio de Janeiro.

A FORMA

Função de condições physicas externas, a forma dos peixes tem que attender principalmente áquellas que se prendem á estatica e á dynamica dos liquidos em equilibrio.

Ora, os corpos mergulhados em um liquido são submettidos a duas forças *eguaes e contrarias* — o *peso* desses corpos e o *impulso* do liquido; logo, fica fóra de duvida que, para manter o equilibrio proprio, elles tenham de se adaptar a esta primeira condição.

Como o *impulso* resulta das pressões exercidas pelas camadas liquidas superiores sobre as inferiores, quando um corpo ganhe o fundo e a elle se adapte, de modo a

interceptar o contacto da agua, as pressões exercer-se-hão sómente sobre um de seus lados, emquanto que o fundo interceptado, substituirá as pressões que se deveriam exercer sobre o lado opposto.

Assim, vemos que a *resultante das pressões exercidas sobre o lado livre*, é a *pressão vertical* de uma columna liquida, de *base igual ao contorno* que intercepta o fundo e de *altura igual á distancia* entre este e a superficie do liquido, adicionada á pressão atmospherica.

Sendo sabedores que a pressão atmospherica, sobre o nivel do mar, é igual a 1 kilo e 33 grammas por centimetro quadrado e que a pressão, em uma profundidade determinada, é igual ao producto da superficie da base pela altura da columna e pela densidade do liquido ($P = 1033 + sad$) (1), podemos formar um juizo sobre a importancia desta condição. A tranquillidade, a temperatura das aguas, a presença da luz, que diminue gradativamente da superficie até uma profundidade de cerca de 365 metros, são outras condições physicas externas que não podemos desprezar. E bem assim os alimentos postos ao alcance dos peixes; porém, ainda que estes ultimos ajam primeiro physicamente, pertencem mais á categoria dos agentes physico-chimicos e finalmente chimicos, que se vão prender á estrutura intima dos elementos do corpo e á constituição das côres.

Neste ultimo campo, é preciso considerar o meio tambem na sua constituição elementar, como sob o ponto de vista physico o consideramos em seus detalhes; e, da variedade das acções já presumimos a das reacções. Comtudo, procurando generalizar os aspectos variados da fôrma, podemos trazel-os a um *typo geral* — o do *fuso*, de que decorram outros *tipos derivados*, cujas modificações raramente apagam os vestigios do modelo.

Por assim dizer inadequado ao meio liquido e mais proprio para facilitar a penetração nas camadas superficiaes do sub-sólo, um destes *tipos* é muito mais commum entre os vermes e outras classes de animaes, do que entre aquelles que ora estudamos — o corpo affecta a *fôrma* de um cylindro, na sua maior extensão; sómente as extremidades desse cylindro são attenuadas. Essa fôrma *cylindro-conica*, póde ser considerada rara entre os peixes; ella é acompanhada do *emprego de todo o corpo na progressão*, de modo á produzir um deslocamento de articulações, á par de uma flagrante *falta de emprego dos membros* que, se atrophiam. O corpo os substitue e, por isto mesmo, se alonga desmesuradamente, em relação ao diametro (Fig. 1 — *Mossum do mar* — *Ophichthys gomesii* (Cast.); o *mossum d'agua doce* — (*Symbranchus marmoratus* Bl.)



FIG. 1 — Corte transversal de «*Ophichthys gomesii*» (Cast.)

Propriamente ichthyos são os dous outros derivados que se seguem:

Considerando os agentes externos e as resistencias que lhe são oppostas, vemos que, si o animal vive em pleno liquido, si o plano vertical mediano passa por um systema axial solido, perfeito, a resistencia opera-se nesse sentido e dahi

(1) P = pressão total, s = superficie, a = altura, d = densidade.

resulta a *compressão inferior* (Fig. 2). Inda no caso, a *propulsão pelo corpo* exigindo grande mobilidade vertebral, traz o *alongamento* (moreias, caramurus, etc.), ás vezes permittindo uma justa denominação de *cestoide* á fôrma — muito frisante no *Peixe-Espada* (*Trichiurus lepturus*, L.).

Si é a parte caudal que, principalmente, propelle o corpo, pelo emprego do membro que supporta, aquelle não tem necessidade de movimentos ondulatorios e não perde a fôrma do *fuso inferiormente comprimido*, característica em todos os peixes da família das cavallas e, a mais geralmente encontrada, entre os peixes de systema axial osseo. A's vezes, por um encurtamento brusco, ha uma verdadeira *truncatura do corpo*, onde mais difficilmente se reconhece a fôrma do *fuso* — *Ranzania truncata* (Retz.)

Tambem, a compressão pôde ser de modo que produza o desenvolvimento do plano mediano vertical—o corpo torna-se discoide, nesse sentido, como é o caso do Morerê (*Symphysodon discus*, (Heck.), ou *rhomboide*, como é o do Peixe de S. Pedro (*Zenopsis conchifer* (Lowe), do Peixe-Gallo (*Vomer setipinnis* (Mitch.) e do Gallo Bandeira (*Selene vomer* (L.).

Nas especies que passam a vida sobre o fundo, ora pousadas na areia, ora occultando-se á flôr do lôdo, a modificação opera-se nos tecidos lateraes, de cima para baixo produzindo o *fuso superiormente comprimido* (Fig. 3).

Esse caso é commum na generalidade dos bagres e cascudos, nas cabrinhas (*Prionotus tribulus* Cuv. & Val.), nos mangangás (*Scorpaena*), etc.

Quando ha um revestimento dermico resistente, esta fôrma é muito palpavel — Vacca-sem-Chifre, *Lactophrys trigonus* (L.).

Em certos casos, os ossos da cabeça cedem para os lados, arrastando-a á uma depressão que a torna *discoideal*, poucas vezes seguida da depressão da parte anterior do tronco — O Pacamão-do-Rio, *Pseudopimelodus zungaro* (Humb.), o *P. alexandri* (Steind.) e outros dos nossos rios; o *Diabo-Marinho* (*Lophius piscatorius* (L.) e o Pacamão-do-Mar (*Batrachoides surinamensis* (Bl. & Schin.) nos offerecem bons exemplos, entre os peixes de systema axial resistente.

Em caso contrario, o supporte mediano abate-se, nas especies de fundo, tornando-as deprimidas em alto grão, como é o caso do *Peixe-Anjo* (*Squatina squatina* (L.) ou extraordinariamente, como succede nas rayas (1).

A fôrma espherode é mais rara e encontra-se, transitoriamente, nos peixes de superficie dotados da propriedade de ingerir ar. Os peixes propriamente espheroides não frequentam as nossas aguas.

Si aos fusiformes inferiormente comprimidos, faltam meios de conservar a posição vertical, quando em repouso, vem-lhes o habito de repousar sobre o flanco.



FIG. 2 — Corte transversal de «Sardinella anchovia», Cuv. & Val.

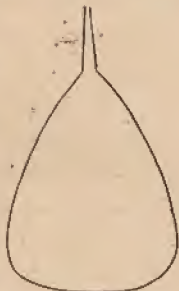


FIG. 3 — Corte transversal de «Scorpaena brasiliensis» Cuv. & Val.

(1) Aqui a pressão faz-se sentir experimentalmente. Todo o pescador conhece as difficuldades que uma raya offerece quando, no anzol, ella adhere ao fundo. O meio empregado para conseguir que o animal deixe o logar a que se apegou, consiste em fazer vibrar a linha distendida, friccionando-a com o cabo do remo ou qualquer outro pedaço de madeira ao alcance do pescador.

Branchiostoma caribæum Sund., *Gyton fasciatus* ⁽¹⁾ (Pall.). Esse habito, facilitando a pressão de flanco, augmenta a expansão do plano mediano *que se torna horizontal*.

E' curioso que essa mutação seja acompanhada pela symetria do craneo que soffre uma torsão, ficando com uma parte de seus ossos em uma posição perpendicular ao plano que deveram occupar e que, é conservado pelos outros ossos. — Todos os linguados.

Temos ahi o caso da assymetria, explicada por uma adaptação tanto menos refutavel, quanto podemos-a acompanhar no desenvolvimento do peixe, *post-ovum*. Com os linguados pôde-se observar as fórmas *lanceoladas* ou *horizontalmente discoides*, em relação ao contorno ⁽²⁾.

Temos nos referido ás principaes fórmas dos peixes ; evidentemente, porém, não só encontramos gradações, mas, uma extraordinaria variedade de detalhes.

O corpo do peixe é uma verdadeira pasta que esse esculptor modela de um modo surpreendente e, a sua malleabilidade permite a frequencia dos casos de mimetismo, de que, para exemplo, nos bastam os Mangangás aos Cavallos-Marinheiros, (*Hippocampus*), os Antennarios (*Antennarius*) e o Diabo-Marinho.

O CORPO

O corpo dos peixes pôde ser dividido em *tres partes* — *cabeça, tronco e cauda* ; e, si bem que ás vezes haja difficuldade em admittir a presença da primeira (*Branchiostoma*), o caso geral marca a *primeira abertura externa* do apparelho respiratorio, como seu *limite posterior*.

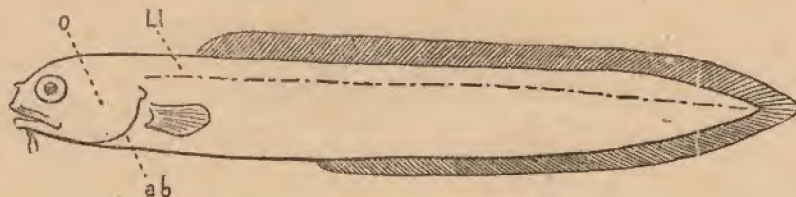
Aqui ella encerra a bocca com os órgãos de prehensão, movel, protractil ou não ; as narinas unicas (raro), simples ou duplas, nuas ou protegidas por expansões dermicas constituindo valvas protectoras ; os olhos exteriores, protegidos ou não por uma membrana movel (membrana nyctitante) ou sub-cutaneos, sem orla ocular livre, raramente rudimentares, podendo ser *apicaes* e *unicos* (*Branchiostoma*), *lateraes* — caso geral — ou *superiores* ; os órgãos da audição, desprovidos da orelha externa e média ou reduzidos a simples otolithos ; quando haja *uma* abertura externa em cada lado e differenciação de ossos postero inferiores da cabeça em *operculos* de uma camara branchial, o apparelho branchial é tambem contido na cabeça que, finalmente, é ainda a séde da parte principal do systema nervoso.

Raramente ella supporta modificações do membro vertical impar, de que adiante fallaremos.

(1) Possuimos diversos adultos cuja posição favorita, no aquario, era a citada.

(2) Com estes peixes egualmente se pôde verificar a *pressão d'agua*, como a do ar ; a experiencia é facil de realizar neste ultimo caso, logo que se os retira d'agua, collocando-os numa superficie lisa.

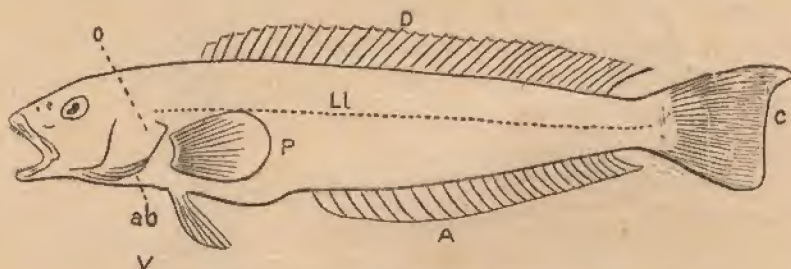
O tronco começa immediatamente após a cabeça ; não hesitamos, comtudo, em considerar *cervical*, a região occupada pelo aparelho respiratorio, nos esqualos. Geralmente, o anus marca o seu limite posterior. E' no tronco que devemos encontrar dous pares de membros lateraes e, commumente, a parte antero-superior do membro impar mediano, assim como o aparelho digestivo, os órgãos principaes do aparelho circulatorio, aparelhos excretor e reproductor. Menos frequentemente, as paredes abdominaes podem ser muito extensiveis, permittindo a mudança de volume e fôrma, pela ingestão de liquido ou de ar, ou mesmo, facultando ao animal

FIG. 4 — «*Lepophidion duminense*», Mir. Rib.

a deglutição de presas às vezes maiores do dôbro de seu corpo inteiro (exotico). Si ha aparelhos accessorios, estes vêm se aliojar no tronco, logo após a cabeça — órgãos electricos das rayas — *Narcine brasiliensis* (Olf.).

Estes ultimos, às vezes, tambem se distribuem ao longo do lado ventral da cauda — Poraquê — *Electrophorus electricus* (L.).

A cauda, propriamente dita, começa logo após a cavidade abdominal e a sua origem, é geralmente marcada pelo anus ou pelo início do membro vertical impar ; ella varia com a fôrma do corpo e, em geral, é apenas constituida pela parte posterior do systema axial, mais ou menos avolumada por massas musculares lateraes ; é

FIG. 5 — «*Pseudopercis numida*», Mir. Rib.

quasi sempre a séde principal do membro vertical impar. A's vezes, conjunctamente á uma atrophia de volume, é portadora de órgãos de defesa de effeito consideravel — rayas.

Tanto os membros pares horisontaes, supportados pelo tronco, como o vertical impar supportado por esse e pela cauda, destinados á natação, teem o nome de *nadadeiras*.

A mais frequente é a vertical ; no caso mais simples, é uma prega do tegumento externo è, nascendo no lado superior ou dorsal da parte caudal do corpo, passa pela parte posterior desta, dirigindo-se para diante, em uma unica lamina (*Branchiostoma*).

Um pouco mais complicada, origina-se por detraz da cabeça e, percorrendo toda a zona mediana dorsal do tronco, passa pelo apice da cauda e vai morrer por detraz do anus—Moreia, Mossum, Brotula, Genyptero e Lepophidion (fig. 4), Piramboia (*Lepidosiren*), etc.

Sendo este o caso da nadadeira vertical, para os primeiros estados post-ovulares, succede que, nos adultos, apparecem, com muita frequencia, divisões nessa nadadeira

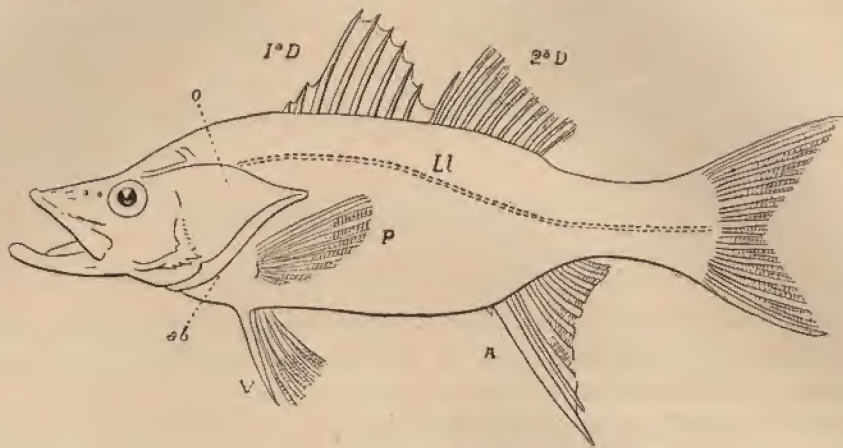


Fig. 6— «Centropomus ensifer», Poey

que se atrophía, nas proximidades da parte terminal da cauda. Resulta d'ahi, uma primeira divisão do membro vertical impar, em tres partes (fig. 5) que recebem os nomes de *nadadeiras* — *dorsal* (D), *anal* (A) e *caudal* (C), segundo a posição que occupam, ao longo *parte dorsal* do tronco e cauda, ou da *parte terminal* desta ou da *parte inferior* e *caudal* do corpo, após o anus.

A primeira dessas tres secções do membro vertical, póde se dividir ainda em duas, caso da maioria dos peixes, 3, com menos frequencia, ou mais partes;

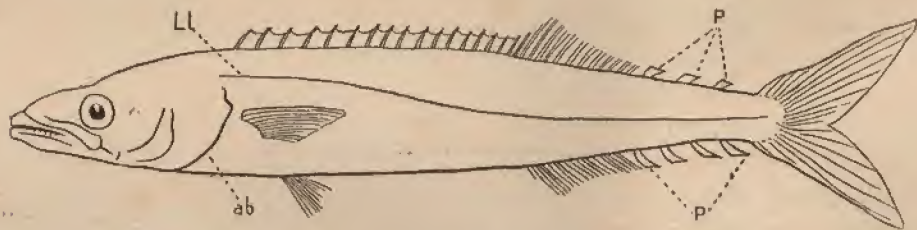


Fig. 7— «Thyrstlops lepidopoldes» (Cuv. & Val.)

o que tambem póde succeder á anal. A diferença dessas partes, é assignalada pela posição — de diante para traz — 1ª, 2ª dorsal (Fig. 6.).

Nos casos de mais de tres nadadeiras, devido á redução frequente do tamanho das posteriores, são estas chamadas *pinnulas* (dim. de *pinna*—nadadeira). (Fig. 7. P.)

Modificações importantes podem se dar no membro vertical, seja quanto á sua estrutura axial, seja quanto á sua forma e ás suas adaptações.

Da primeira, nos occuparemos adiante ; das segundas observamos que, quando tripla ou multipla, a nadadeira vertical offerece, sempre, um contorno que pôde ser referido a um desenvolvimen'to helicoidé, continuo, quando não haja mudança de função. Quando, ao contrario, esta se dá, vemol-a perder a sua fôrma característica para se apresentar, seja como tentaculos (*Ongocephalus vespertilio* (L.), *Lophius*

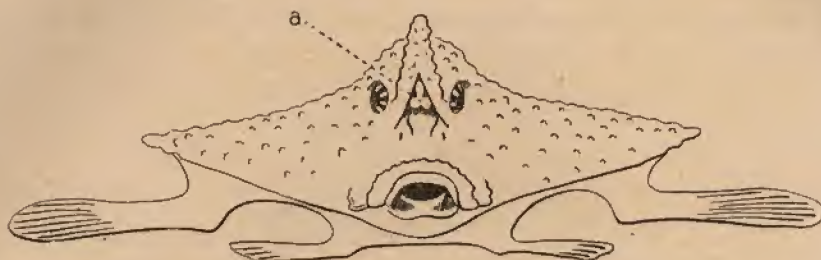


FIG. 8 — «*Ongocephalus vespertilio*» (L.) (Jord. & Everm.); a — antenna

piscatorius (L), *Antennarius tigris* Cuv. & Val.), seja ainda como verdadeiras ventosas como é o caso do disco prehensil do Pegador ou Peixe-Piolho (*Echeneis naucrates* L.).

Aqui, por uma deslocação gradual, a parte modificada da nadadeira foi projectada sobre a cabeça. E' esse um dos mais bellos exemplos de quanto pôde a adaptação na vida. Ninguém diria, ao contemplar o tentaculo de um Peixe-Morcego (Fig. 8),

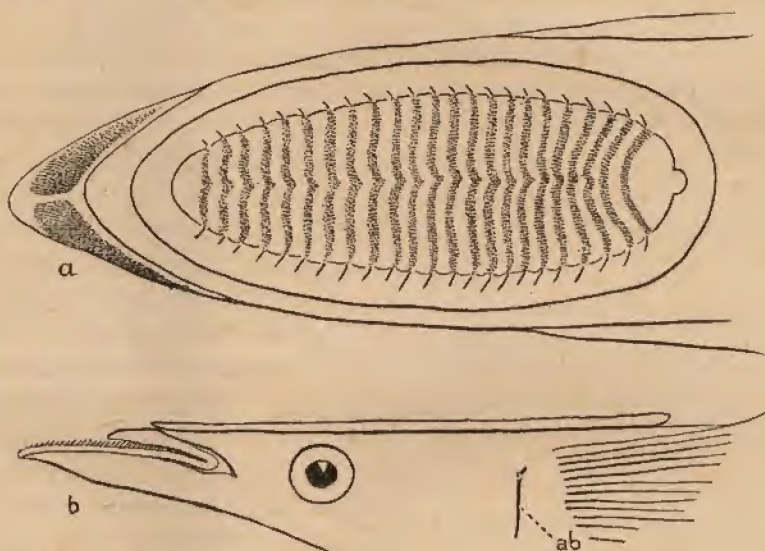


FIG. 9 — Disco prehensil de «*Echeneis naucrates*», L.; a — plano; b — perfil

que contemplava uma parte modificada da dorsal ; muito menos se supporia do disco cephalico do Pegador (Fig. 9).

A nadadeira anal apresenta modificações em *calha* (*Girardinus januarius*, Hensel) ou em *tubo copulador* (*Anableps anableps*. (L.) — Fig. 35) adaptando-se ás funções reproductoras.

Os dous pares horisontaes de membros acham-se situados: o primeiro, *sempre* logo depois das aberturas do aparelho respiratorio ou adiante destas (*Lophius*, *Ongecephalus*, etc.); o segundo, *sempre* na face *ventral* (inferior) do tronco; receberam respectivamente os nomes de *nadadeiras peitoraes* e *ventraes* (Figs. 5 e 6 P. e V.)

As primeiras, raras vezes se modificam em todo, adaptando-se ao vôo. (Peixe-voador. *Exocoetus evolans*, L. (Fig. 10). *Cephalacanthus volitans* (L.) etc., o que



Fig. 10 — «*Exocoetus evolans* L. (Jord. & Everm.)

pouco muda a sua feição característica. Geralmente, por um *accumulo de funções*, a nadadeira divide-se em duas partes, modificando-se sómente aquella que teve emprego diverso do original, como seja a marcha (*Prionotus*, *Peristedion*, Fig. 14); ás vezes, essa parte modificada se transforma exclusivamente em órgãos do tacto (*Polynemus*).

Quanto ás ventraes, cuja sede vem da parte anterior á posterior do tronco (anus), vemol-as reunidas em uma, para constituir *discos prehenses* (*Gobiidae* Maria-da-Toca, Peixe-Flor (Fig. 11) ás vezes (*Discoboli*) inteiramente analogos aos do Peixe-Piolho.

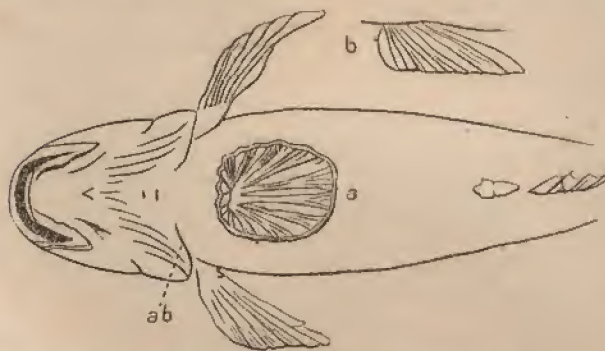


Fig. 11 — «*Awaous isjaelica*» (Flecht.) a — plano, b — perfil das ventraes

Sabendo nós que as nadadeiras se destinam á natação e quaes as suas modificações principaes, temos a estudar o papel que cada uma dellas goza no equilibrio do corpo e na progressão do peixe, no liquido.

Nos peixes anguiformes ellas podem faltar por completo (*Channomuraena*), nem por isso a progressão deixa de dar-se; sómente, aqui ella é imperfeita, obrigando o animal ao mesmo modo de natação sinuoso que observamos nas cobras d'agua.

O apparecimento da nadadeira vertical, ainda circumscripta á parte caudal (*Branchiostoma*), modifica pouco essa progressão, augmentando-lhe a rapidez; o mesmo não succede com o seu prolongamento para diante, o que assegura ao animal uma *direcção determinada*; si considerarmos as nadadeiras pares, vemos que si privarmos o animal de todas as verticaes, elle collocará as peitoraes perpendicularmente ao plano longitudinal do corpo e conservará por esse meio a vertical, até ganhar o fundo, onde permanecerá ropousando sobre as ventraes. Si, ao contrario, conservarmos as nadadeiras verticaes e cortarmos as peitoraes e ventraes, o peixe cahirá sobre um dos flancos ou mesmo, virar-se-ha de ventre para cima. E', portanto, claro que, a principal função das nadadeiras horisontaes, é manter a posição normal do peixe.

A' nadadeira caudal é que cabe o papel de motor por excellencia, na deslocação. Mas, ella tambem varia.

Os peixes assymetricos e os espheroides ou que gosam da propriedade de se tornar esphericos, teem a cauda fraca e, a nadadeira pouco age ou se atrophia; ahi, vemos a dorsal e a anal substituí-la ou auxilia-la, por um movimento ondulatorio ou gradativo de suas partes—Linguado, Baiacú-de-Espinho.

Isso sempre succede quando a dorsal e a anal occupam, respectivamente, os extremos superior e inferior da caudal (*Ranzania truncata*.)

A's vezes o papel de motor cabe á dorsal; nesse caso o eixo do corpo do peixe fica vertical, occupando a cabeça posição perpendicular á elle; a cauda é ahi orgão de prehensão (Cavallo-Marinho. *Hippocampus punctulatus*, Guich. Fig. 17.) Finalmente, ás vezes é ás peitoraes que cabe a propulsão do corpo; nesse caso, ellas descrevem com os bordos um movimento ondulatorio-vertical, analogo ao movimento ondulatorio horisontal do corpo dos peixes anguiformes. E' o caso da maior parte das rayas. (Fig. 12).

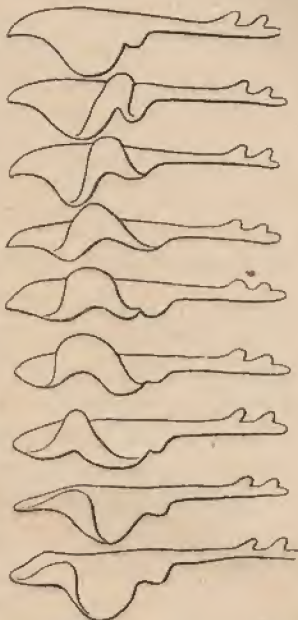


Fig. 12.—Diagrama do movimento das peitoraes de uma raya (Marey)

SYSTEMA TEGUMENTAR

Primeiramente nú (*Branchiostoma*), o systema tegumentar dos peixes é, em geral, composto de uma epiderma de cellulas mucosas, de tamanho consideravel, distribuidas em zonas, uma externa, de disposição irregular e outra interna, de cellulas cylindricas ás vezes carregadas de pigmento e de uma derma espessa. Esta, de muitas camadas de cellulas conjunctivas, teem a exterior composta de cellulas mais densamente dispostas, ás vezes pigmentadas, ora produzindo laminulas extremamente delgadas, com a propriedade da irisação e, provavelmente, da mesma natureza que outras differenciações papillares dessa camada, ora se incrustando de saes calcareos, dando em resultado papillas dermicas *ossificadas*, que passam para o exterior sem revestimento epidermico. O tamanho e a forma dessas papillas osseas,

variam consideravelmente; e, se encontramos maiores na pelle dos esqualos e das rayas, temos exemplo das menores na do Peixe-Porco (*Alutera*, *Cantherines*, *Mona-canthus*), onde o revestimento externo nos parece finamente ciliado ou velutino.

Da ossificação, mais ou menos geral da camada exterior da derma, depende a malleabilidade da pelle e podemos encontral-a transformada em uma verdadeira cou-raça exterior, inteiramente analoga ao revestimento tegu-mentar dos Arthropodes ou mesmo dos Echinodermos, de dentro do qual emergem, apenas, os labios, os olhos, as nada-deiras, o anus e a papilla genito-urinaria — Peixe-Vacca — *Lactophrys tricornis* (L.) — *Ranzania truncata* (Retz.)



FIG. 13 — «*Scoliodon terraenovae*» (Rich.) Escamas placoides

A's vezes, comtudo, por uma distribuição em placas regulares, em um embricamento especial, o peixe move-se com facilidade, não obstante a rijeza das partes do seu estojo — Cascudo, Viola, Acary (*Loricariidae*) e certas ca-brinhas — (*Peristediidae*, fig. 14.)

Essas papillas dermicas; modificadas, receberam o nome geral de *escamas*; e pela sua origem e apparencia no exterior, já se depreheende se a sua articulação é uma simples implantação na derma ou, se encerra uma fórmula de gynglima que permita uma limitadissima deslocação das escamas ou se, ao contrario, um em-bricamento especial que admitta ampla liberdade de movimentos.

São estas as escamas *placoides*.

Peixes actuaes ha, que teem escamas *osseas revestidas de uma camada de esmalte* e chamadas — *ganoides*, que pouco nos interessam, visto pertencerem a animaes exóticos.

No caso mais geral as papillas achatam-se e se desenvolvem em um plano, conservando uma consistência flexivel, por uma ossificação menos densa e uma estrutura transparente, estriada concentricamente em relação a um fóco e, offe-recendo plicamentos irradiaes,

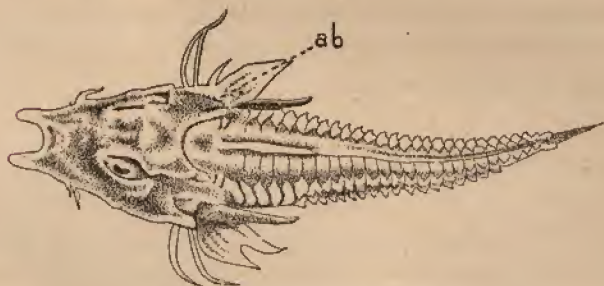


FIG. 14 — «*Peristedion roseum*» Mir. Rib.

desse fóco para o seu lado de implantação. Ellas ficam revestidas pela epiderma que, ou as occulta totalmente, quando sejam tão pequenas que pareçam não existir — Moreia — ou acompa-nha-as em suas expansões.

Ellas se embricam como as laminas de uma cota de malhas e

por isso teem livre, apenas, a parte mediana do lado opposto ao da implantação.

Quando essa parte, que nenhum attricto soffre das escamas collateraes, permanece com a finissima estriação concentrica, a escama é dita *cycloide*; mas, frequente-mente, ahi se encontram denticulações, quer sobre toda a zona citada, quer sómente sobre a margem da mesma, então teremos a escama *ctenoide*.

Os peixes possuem um órgão peculiar, de que trataremos opportunamente; quando em contacto com uma escama cycloide, ctenoide ou mesmo placoides, tem

nella uma parte que lhe é exclusivamente destinada. Em geral, é na linha mediana que se dá a modificação, necessaria ao órgão e que, ahi produz uma simples abertura (fig. 15 a), um tubo simples (*Centropomus*) ou ramificado (*Megalobrycon*) (1), na face externa e livre da escama; e como o órgão se distribue em maior parte e, geralmente, por uma linha sobre os lados do corpo e da cauda, entre a cabeça e a nadadeira caudal, é designado pelo nome de *linha lateral*. (Figs. 4 á 7, L. I.)

A's vezes, todas as escamas dessa linha são perfuradas ou canaliculadas, as vezes, ao contrario, ha escamas inteiras entre as outras perfuradas (*Crenicichla*). Frequentemente, póde haver entre ellas uma solução de continuidade com mudança de trajecto (*Cichlidae*, *Labridae*).

Não rara, tambem, é a *pluralidade* da linha lateral que se apresenta, ao longo dos perfis dorsal e abdominal, conjunctamente á *mediana lateral* (*Lepidosiren*.) Nos Tucunarés (*Cichla*), a linha lateral não só é interrompida, como, a sua segunda parte se trifurca, sobre a caudal.

Na Taxonomia, ella é empregada com vantagem e, serve para marcar o numero de escamas existentes entre a cabeça e a cauda. Por extensão, com intuito meramente tecnico, chama-se *linha transversal*, áquella linha de escamas que marque o maior diametro do corpo do peixe.

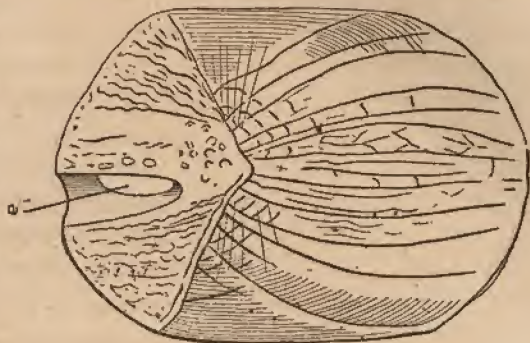


FIG. 15 — «Arapaima gigas» (Cuv.) — Escama cycloide



FIG. 16 — «Centropomus ensifer», Poey; escama elenoid

APPARELHO DIGESTIVO

No caso mais simples (*Branchiostoma*), póde ser considerado um tubo continuo, offerecendo uma abertura antero-inferior — a *bocca* e outra posterior — o *anus*. Quasi metade de sua extensão, após a primeira, constitue o aparelho respiratorio, enquanto que a parte que segue a este emite, de uma dilatação considerada estomago, um tubo para a frente e segue a terminar sobre a esquerda do plano mediano, na base da caudal.

Ahi, para mais simplicidade, ha ausencia de mesenterio.

Nos outros peixes, o aparelho se complica e se divide; é verdade que, ás vezes, essa divisão não tem um criterium differencial seguro; comtudo ella póde ser estabelecida em *cavidade oral*, *oesophago*, *estomago* e *intestino*, sendo em certos casos possivel, ainda, uma subdivisão desta ultima parte.

(1) Geralmente, a parede externa do tubo é formada pela epiderma.

A *bocca* occupa sempre a parte anterior da cabeça; fendida longitudinalmente em poucas formas (*Branchiostomidae*), ella o é, na maioria dos casos, transversalmente; ora anterior (*Diapterus*), ora superior (*Echeneis*, fig. 9, *Hyporhamphus*, *Hemirhamphus*), ora inferior (grande numero de peixes; a maioria dos tubarões e rayas), ora muito pequena (*Hippocampus*, *Syngnathus*), ora ampla como um sorvedouro, occupando o seu diametro mais de um terço da extensão do corpo (*Lophius piscatorius*, L.); ora curta (*Heliasis*), ora tubulosa (*Hippocampus*,

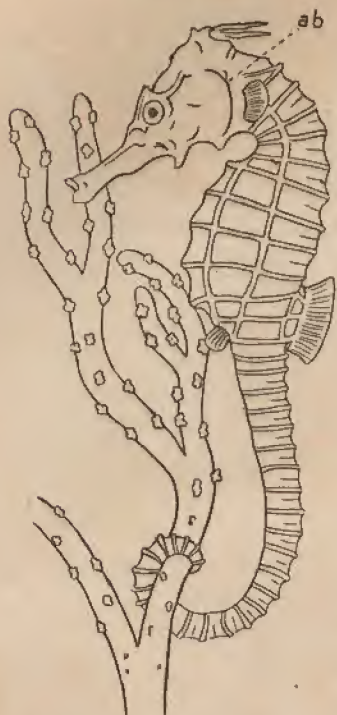


FIG. 17—«*Hippocampus punctulatus*»,
Guich.

fig. 17, *Fistularia*, *Macrorhamphosus*, raramente inermes (Cavalo-Marinho) offerece, ora tentaculos — *cirros oraes* (*Branchiostoma*), ora produções papilares da mucosa, *dentes*, inteiramente analogas ás do tegumento externo, das quaes muitas lembram a forma.

Raramente implantados, os dentes ora são fixos, ora moveis (*Epinephelus*, *Crenicichla*, *Lophius*).

Geralmente situados nas partes anteriores, sobre dous arcos do systema axial — dentes inter-maxillares, maxillares e mandibulares — elles se distribuem ahi em séries simples ou multiplas e bem assim, sobre a parte mediana anterior e lados do paladar — dentes vomerinos e palatinos — estes podem faltar; em contraposição, os que ficam ao fundo da cavidade oral, superior e inferiormente — dentes pharyngeanos e hyoides — acham-se quasi sempre presentes.

Assim, os dentes delimitam a cavidade oral, marcando-lhe o seu extremo anterior e o posterior (pharynx, dentes inter-maxillares e pharyngeanos).

E' bom que digamos que, no pharynx, ella accumula a função respiratoria, por ser ahi a séde do aparelho desse nome, o qual, nem por isso deixa de tambem

supportar dentes, pela sua face oral.

A's vezes, a parte inferior é occupada por uma lingua rudimentar ou bem desenvolvida (Tintureira, Mangonga ouaros tubarões); e, ahi mesmo podem existir os dentes (*Odontanthias roseum*, Mir. Rib., *Arapaima gigas*, Vand.) em maior ou menor numero, assim como em outras partes da bocca (dentes pterygoides e basisphenoides.)

Elles podem ser de forma diversa e, á primeira vista, nos parecem nem sempre offerecer um caracter seguro, para que se deduza o regimen do animal.

Com effeito, nós encontramos dentes cortantes como navalhas nos carnivoros *Tetrodontideos* (Baiaçús), e nos herbivoros *Scaros* (Batatas); dentes villiformes em facha nos *Pseudopimelodos* frugivoros ou nos carnivoros robalos (*Centropomus*). Já de outro lado, vemos que, na mesma familia, encontramos formas diversas — e, o que é mais, em peixes do mesmo regimen — *Hoplias* e *Serrasalmus* (Trahiras e Piranhas).

Entretanto, no meio dessa variedade, podemos descobrir a função dos dentes, partindo do principio de que, raros são os peixes que submettem o alimento a córtex ou triturações demoradas.

« Geralmente, diz Günther, são vorazes em demasia, com especialidade os carnívoros e a regra de «devorar ou ser devorado» applica-se-lhes com intensidade descommunal. Estão quasi sempre empenhados em perseguir ou capturar uma preza, dependendo o gráo do seu poder, neste particular, das dimensões da bocca e da força de suas maxillas ».

Dahi se deduz como devão ser empregados os dentes, de raspão, ás prêssas; na maioria dos casos, apenas o tempo necessario para passar a prêsa das maxillas ao cesophago, em um movimento em que o animal só trata de engulir.

Observámos um Méro (*Promicrops guttatus* (L.) nesse mister em uma piscina do Acquario do Rio de Janeiro. Era pela manhã e o guarda lançava camarões vivos na piscina e o Mero (de dous palmos, quando muito) revolia os olhos, deslocando-se aos poucos do seu escondrijo, como que á escolher o mais incauto e, de repente, dilatando os operculos e desdobrando as fauces, atirou-se ao mais proximo em um movimento brusco, tragando-o de uma vez.

E esse animal carnívoro, cujas dimensões avantajadas fazem delle um dos grandes peixes das nossas aguas, deve sempre agir assim, qualquer que seja o tamanho da prêsa que lhe convenha. E os seus dentes são como os do Robalo—cylindro-conicos, curtos e dispostos em faxa, cuja altura, nos maiores (dous metros), attingirá, quando muito, a um centimetro; poderiam ser considerados objecto de luxo si não vissemos que elles representam o papel dos entalhes das pontas dos alicates; por um acaso errado o bote, a prêsa poderia ficar entre as maxillas e si não fossem os seus cardos, escorregaria para fóra e escapar-se-hia.

São, portanto, órgãos de prehensão, postos accidentalmente em jogo, porque a capacidade da bocca não permite que uma presa visada, tenha muitas probabilidades de ficar em meio do caminho.

Encarados desse ponto de vista, comprehendemos por que os dentes desses animaes carnívoros, não tenham o aspecto de laminas cortantes, na generalidade dos casos; o que só se dá nos peixes cuja bocca seja *relativamente pequena*, para a prêsa que elles procuram e da qual tenham que cortar, aos pedaços, o alimento.

Deixemos os peixes de amplas fauces e examinemos, aquelles em que um forte estiramento das maxillas, concorrendo com a redução do diametro destas, faça com que a bocca se approxime da fôrma do bico das aves; já aos dentes cylindro-conicos, curtos vêm se juntar outros longos que, se distribuem regularmente pela orla das maxillas (Agulhão, fig. 18), as quaes, uma vez apertadas, vêm traspassar com as suas terriveis sovêlas osseas, o corpo da miseranda prêsa que jamais escapará.

Com uma forte compressão, e prolongamento do hiato para traz, vemos apparecerem grandes aculeos, ás vezes isolados no meio do paladar. (Peixe-Espada, *Trichiurus lepturus*, L., moreias *Lycodontis* e pescadinhas, *Otolithus*.)

Os dentes comprimidos são mais communs nos arcos maxillares anteriores; ali elles o são, geralmente, no sentido antero-posterior e, ora superiormente cortados como formões, verdadeiros incisivos, por de traz dos quaes encontramos dentes rhombos, molariformes que já nos predizem o regimen vegetalista do animal (Canhã-nha. *Archosargus unimaculatus* (Bl.) ou então largos, triangulares, lisos (Piranhas) ou serrilhados e mesmo denticulados, em uma (Piranhas) ou muitas series (Tubarões). se o animal é carnívoro.

Aqui, nos tubarões, também encontramol-os pyramidaes (Mangonga) ou completamente reduzidos, offerecendo, em conjunto, um aspecto pavimentoso (Sebastião).

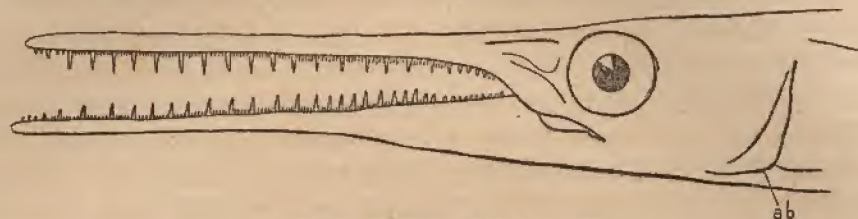


Fig. 18 — «Tylosurus raphidoma» (Ranz.)

Prehensores no primeiro caso, são trituradores no segundo e mostram-se perfeitamente polyedricos, em certas rayas, que se nutrem de crustaceos e mariscos, onde elles formam largas placas de mosaico, bem comparaveis ás mós de um moinho.

Muitas vezes elles nos apparecem formados por duas massas simples, oppostas, uma para cada maxilla, de conjuncto que faz lembrar uma bocca de tartaruga e agindo, justamente, como os ramos curtos de uma tenaz (*Ranzania*, *Diodon*, *Chilomycterus*), sendo que uma dessas massas ou ambas, podem ser divididas por uma sutura mediana, anterior (*Spheroides*, *Lagocephalus*).

Assim, por detrás do rebordo cortante, ha uma superficie trituradora que, aqui, substitue os dentes rhombos, molariformes que haviamos encontrado nos sargos pro-

vidos de *incisivos*; e essa superficie trituradora, tem grande utilidade na moagem do calcareo dos polypeiros e das grossas conchas dos molluscos, de se alimentam quasi todos os baiacús. (Fig. 19).



Fig. 19 — «Liosacus intermedius», Mir. Rib — Dentes

Em alguns peixes cujos dentes offerecem esta ultima apparencia, mas aos quaes falta a superficie trituradora citada, percebe-se claramente que elles foram constituídos pela juxta-posição e soldagem de muitos dentes longos, cylindricos, que se deixam ver nos bordos, por uma disposição terminal, em mosaico (dentes compostos). Mas, o mais curioso é que, dos grandes dentes assim formados, surgem ás vezes, dentes conicos e curtos, recurvos para fóra que fazem lembrar uma miniatura dos caninos superiores dos javalis (*Callyodon*, *Scarus*).

Será digno de nota, lembrar que taes dentes apparecem em uma familia que muitos ichthyologists dividem, por causa da diversidade de fôrma destes órgãos.

Com effeito, enquanto um certo numero tem os dentes compostos, outro conserva-os conicos, isolados, dispostos separadamente; os peixes do primeiro grupo são herbívoros os do segundo são carnívoros. Ora, os dentes compostos dos jovens

offerecem um mosaico muito mais fraco, ao passo que, nos adultos, a união dos componentes é mais perfeita, o que prova uma adaptação do regimen carnivoro ao herbivoro, seguida da necessaria adaptação dos dentes. Acresce que, nos peixes do grupo carnivoro, ha sempre um ou dous *caninos* salientes que, nos peixes do grupo herbivoro, não se deixam englobar pela massa geral e irrompem para fóra, de um modo bastante caracteristico.

São tambem considerados compostos os largos dentes dos Dipnoicos, cujas pontas e dobras exteriores fazem parecer a preexistencia de dentes isolados (*Lepidosiren*).

Do que acabamos de ver, percebemos uma dependencia muito mais intima, entre a fórma dos dentes e sua função, do que a principio julgavamos e, as mesmas variações vamos observar nos dentes pharyngeanos, onde elles podem ser, tanto villiformes e aciculares, como molariformes ou compostos (Pirá-tuna).

Os dentes dos peixes mudam-se constantemente, durante a vida do animal, alguns periodicamente (pharyngeanos do Peixe-Dourado, introduzido nos nossos tanques de jardim), originando-se geralmente na mucosa ou desenvolvendo-se continuamente, por um crescimento basilar (dentes permanentes dos baiacús, dos batatas e do *Lepidosiren*) ou (dentes alveolares) por uma substituição inferior ou lateral. Nos tubarões elles se formam sobre as maxillas, reclinados por dentro da pelle que, nesse caso, guarnece a bocca; e, á proporção que os das filas externas vão sendo quebrados ou vão cahindo, os que se seguem vão occupando o logar vazio, apenas mudando da posição parallelá ao plano da base, para outra [ou mais] ou menos perpendicular a esse mesmo plano.

A constituição intima dos dentes é fornecida pela dentina com os seus canaliculos caracteristicos; ás vezes, uma rede vascular, mais ou menos rica, irriga a sua base, enquanto que um recobrimento de esmalte póde, ás vezes, ser envolvido pelo cimento.

Os órgãos salivares propriamente ditos, faltam por completo; não obstante, foram attribuidas propriedades diastaticas, á secreção de certas cellulas glandulares de alguns peixes (Peixe-Dourado, *Carassius auratus* (L.)).

Ao pharynge segue-se um oesophago curto, assignalado por um forte plicamento da mucosa, o que lhe facilita uma descommunal elasticidade.

A porção do apparelho que se lhe segue, offerece as maiores variedades; desde um *tractus* linearmente igual, cujas partes apenas são marcadas pelos órgãos accessorios (Mossum), até complicados ziguezagues, mais ou menos carregados de cœcums.

Geralmente, ou o oesophago se abre numa espaçosa dilatação, cujo maior diametro é antero-posterior, a qual, depois de uma constrictão, dobra-se, estreita-se para

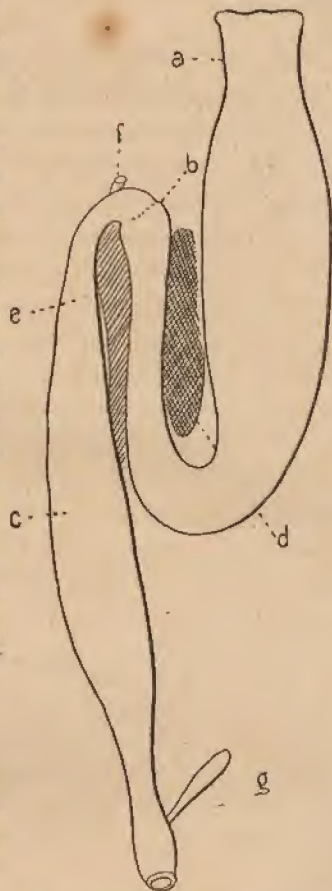


FIG. 20 — Estomago e tubo digestivo da «Rayo agassizi» Müll. e Sch. ; a — oesophago; b — pyloro; c — valvula capiral; d — bazo; e — pancreas; f — canal choledoco (cortado); g — cœcum.

diante, ligando-se ao intestino que se dirige, depois, para traz, ou é seguido de um tubo de pouco maior diametro que opera o mesmo zigue-zague. E' esse o *estomago-syphónico* (Fig. 20) que, como se vê, é dividido em duas porções, uma anterior, a *cardíaca*, e outra immediata a *pylorica*.

O espaço que separa os dous extremos, *cardíaco e pylorico*, póde gradativamente reduzir-se e, nesse caso, tornarem-se estes contiguos, ficando a parte cardíaca, extremamente desenvolvida, transformada num cœcum volumoso — *estomago cœcal*. (Fig. 21).

O estomago segrega tão bem a pepsina como, muitas vezes, a tripsina; e, para avaliar a sua força digestiva, basta dizer que os peixes que ingerem inteiras as suas prêças, tem de reduzir, não só o tegumento externo deste, as mas peças rijas do seu *systema axial*.

Abrimos, uma vez, um Sebastião (*Cynias canis* (Mitch.), em cujo estomago encontramos inteiros, dous grandes siris d'areia (*Neptunus cribrarius* (Lam.), um intacto, enquanto que o outro estava molle como se tivesse sahido da muda; os restos de um terceiro nadavam num chymo abundante e eram, apenas, assinalados por delgadas palhetas de tecido conjunctivo.

Do intestino, o duodenum é quasi sempre denunciado pela presença dos canaes *choledoco e pancreatico* e de *cæcums*, em maior ou menor numero (appendices pyloricos).

Um annel anterior, correspondendo á uma valvula interna, marca, geralmente, o limite para com o estomago; ás vezes, ha, antes, uma pequena camara, provida de valvulas circulares, entre esse limite e a extremidade pylorica do estomago. A's vezes elle é seguido de uma parte espessa, por onde a sua cavidade interna abre passagem, contorcendo-se numa espiral que augmenta de muito a superficie absorvente do intestino, occupando, ao mesmo tempo, um pequeno espaço; essa parte do intestino, é chamada a *valcula espiral* (tubarões, rayas, «*Ganoides*» (*Lepidosiren*).

Quando do intestino grosso se possa differenciar o *rectum*, geralmente curto, póde apparecer, concurrentemente, um appendice cœcal no seu inicio (tubarões e rayas; fig. 20).



FIG. 21 — Estomago cœcal de «*Otolithus leiarchus*», Cuv. & Val.; a — esophago; b — pyloro

O intestino termina numa cloaca (tubarões, raias e *Lepidosiren*) ou num anus, situado geralmente na linha mediana ventral, mais ou menos entre a anal e as ventraes; podemos, entretanto, encontral-os á direita ou á esquerda daquella linha (*Branchiostoma*, *Lepidosiren*) perto da caudal, ao mesmo tempo que, entre os *Gymnotidae* sobre o isthmo (Peixe Espada do Rio).

A estrutura do tubo digestivo varia á ponto de poder apresentar fibras musculares estriadas (*Cyprinidae*). O intestino delgado é caracteristicamente estriado, no sentido longitudinal, em toda a extensão.

A presença do figado é conhecida em todos os peixes ; e esse órgão é geralmente de dimensões consideráveis. Da mesma estrutura granulosa que nos outros vertebrados, elle tem o canal choledoco conduzindo, de uma vesícula biliar bastante desenvolvida, a bile ao duodenum.

O pancreas nem sempre está presente. Comquanto elle appareça na regra, junto ao baço, o canal pancreatico abre-se no duodenum, proximo ao canal choledoco, com o qual é, ás vezes, intimamente ligado.

Além do pancreas, o figado tambem secreta tripsina, conjuntamente á diastase ; e por isso é elle considerado, por alguns zoologos, como hepato-pancreas. Não devemos, comtudo, nos esquecer que a tripsina é tambem, ás vezes, secretada pelo tubo digestivo e os proprios appendices pyloricos, que podem ser mucosos, elaboram um principio que lhe é analogo.

SYSTEMA VASCULAR

Apresenta-se sempre perfeitamente dividido em tres categorias de vasos : *lymphaticos*, *venosos* e *arteriaes*.

Os vasos *lymphaticos* já apparecem no *Branchiostoma*, constituindo dous canaes lateraes que ficam entre a bocca e o póro pré-anal, seguidos de uma ramificação mais ou menos dividida e concorrendo, o conjuncto, para uma dilatação lymphatica (*coração lymphatico*) que desemboca na *arteria branchial*.

Nos demais peixes, não só o seu desenvolvimento é maior, como apparecem differenciações glandulares.

Assim, o baço sempre presente, fica annexo á parte *cardio-pylorica* do estomago, nos esqualos e occupa posições diversas, sobre o mesenterio, nos demais peixes, variando pouco de fórma, mas, conservando-se sempre nas immediações d'esse órgão.

Nestes ultimos, os vasos lymphaticos formam grandes rêdes, principalmente sobre o mesenterio ; e põem-se em communicação com os sanguineos (venosos) por terminações diversas, que se abrem no sinus de Cuvier, de que adiante fallaremos, ou em veias que a elle se dirigem.

Os *vasos venosos* são os que representam papel principal, no systema vascular dos peixes ; com effeito, desde o caso mais simples (*Branchiostoma*) em que podemos achar um aparelho circulatorio parecido com o dos *Annelidos*, até o mais complicado (*Lepidosiren*), encontramol-os encerrando as partes principaes desse aparelho.

No *Branchiostoma*, ramificações vasculares posteriores, convergem para um tronco que se ramifica sobre as paredes do coecum hepatico (*veia porta*), para onde convergem tambem as veias intestinaes, reunidas numa veia hepatica. Uma segunda convergencia dessas ramificações, dá origem a uma *veia cava* contractil que,

se dirige para a zona mediana inferior da cavidade respiratoria, ahi constituindo o tronco venoso sub-branchial, dito — *arteria branchial*; desta, partem os arcos vasculares, cujas bases possuem um bulbo contractil, que valeu a esses animaes o nome de *Leptocardii*.

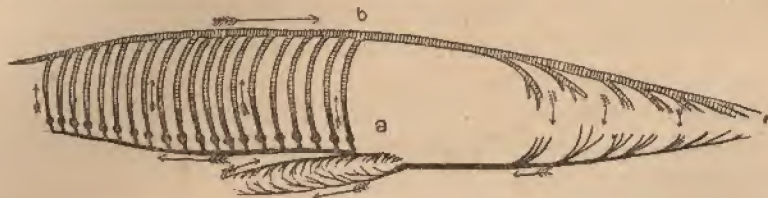


FIG. 22 — Circulação de «Branchiostoma»; a — vasos venozos; h — vasos arteriaes (schematico)

Assim, vemos esboçado um conjunto venoso, que se póde dividir em tres partes: veias do corpo, veias visceraes que se dirigem para uma veia cava e, veias do apparelho respiratorio; é isto o que se vê na generalidade dos casos, com o accrescimento de algumas partes accessorias (veia porta renal) e, com a substituição dos tubos da base dos arcos, por um órgão musculoso — «centralizado» — o coração.

As veias do corpo, na parte posterior deste, vêm reunir-se em dous troncos longitudinaes (*veias cardinaes* direita e esquerda) interessando-nos mais, saber que, nos esqualos e rayas, uma veia posterior (*veia caudal*), continúa-se directamente com as cardinaes; estas vão convergir num ponto, situado atraz e acima do oesophago, á curta distancia daquelle em que se anastomosa a *veia abdominal*; recebendo as duas *jugulares interna e externa* que vêm da cabeça, o tronco se bifurca, formando dous canaes lateraes — *ducti Cuvieri* — que atravessam o diametro anterior do corpo, de cima para baixo, para se reunir a outro, vindo do figado — o tronco terminal da *veia porta hepatica*, cuja origem está nas veias visceraes.

Os demais peixes, teem a veia caudal se ramificando sobre os órgãos excretores, para depois convergirem sobre as cardinaes, formando, assim, uma *veia porta renal*.

Os *ducti Cuvieri* conduzem a um grande seio (*sinus Cuvieri*), entre o pericardio e a parte anterior do peritoneo; em seguida encontramos o coração

Envolvido por um pericardio, elle é composto de duas partes — uma camara anterior de paredes flacidas e delgadas (*auricula*), onde desemboca o *sinus Cuvieri* e outra de paredes musculosas, infero-posterior — o *ventriculo*, communicando-se com a auricula por uma abertura superior ao ponto onde se inserem os vasos que conduzem ao apparelho respiratorio, por um tronco, cujo inicio no ventriculo, é bulbar e constitue o *bulbus arteriosus*.

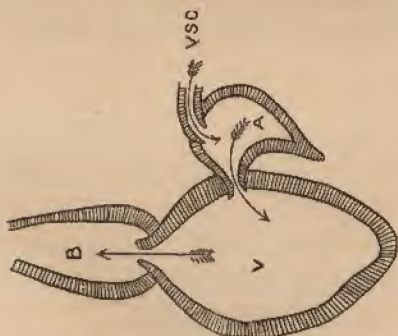


FIG. 23 — Coração de peixe (schematico). V. S. C. — Vaso do «Sinus Cuvieri». A — auricula; V — ventriculo; B — bulbo.

Em alguns peixes, entre os quaes estão os tubarões, as rayas e o *Lepidosiren*, o bulbo é contractil, o que secunda a acção do ventriculo, sendo por isso musculoso. Tambem as suas paredes internas são aqui providas de valvulas semi-lunares.

No caso geral ha apenas duas dessas valvulas.

No *Lepidosiren*, o coração deixa de ser tão simples, para se aproximar da forma do dos *Batrachios*.

O sinus venoso, abre-se directamente numa aurícula direita, cujas paredes delgadas teem um reforço interno, de facho musculares que se entrecruzam; dous vasos provenientes do *apparelho respiratorio* voltam ao coração, em um tronco commum, que penetra pelo sinus cuja parede percorre, atravessando a da aurícula direita, para, depois, abrir-se numa aurícula esquerda; estas duas aurículas desembocam por uma abertura interna commum, em um ventriculo unico, fortemente musculoso; este é provido de um musculo, obliquamente disposto, que o atravessa, dividindo-o em uma ametade anterior, direita e outra posterior, esquerda; pela posição da abertura dos vasos procedentes do *apparelho respiratorio*, o conteúdo destes é projectado na ametade posterior esquerda, enquanto que o conteúdo da aurícula direita, passa para ametade ventricular anterior direita.

Considerando que são chamados *arterias*, os vasos que conduzem o sangue do coração á periphéria do corpo, já vemos que, penetramos no dominio dos *vasos arteriaes*.

Do bulbo, segue-se um grosso vaso (*arteria branchial*) que se aloja sobre a região jugular inferior, e d'ahi emite os pares de vasos chamados (arcos aorticos; destes, decorrem os do *apparelho respiratorio*, branchiaes ou pulmonares; depois estes ultimos se subdividem em capillares tenues, que se reúnem aos *vasos arteriaes propriamente ditos*.

Nascem dos capillares branchiaes para formarem uma simples *aorta*, no *Branchiostoma*; no caso geral, as *veias branchiaes* se unem, em cada lado, n'uma *arteria epibranchial*; as duas arterias, assim formadas por cima do *apparelho respiratorio*, se reúnem, constituindo um *arco arterial, anterior*, d'onde partem dous pares de *arterias cephalicas* (*artérias carotidas externa e interna*).

Posteriormente, as arterias epibranchiaes se unem formando a *aorta*; esta emite, logo depois da reunião dos *ramos epibranchiaes*, uma *arteria abdominal*, ramificando-se, em seguida, para terminar, pelos capillares organicos, nos ramusculos venosos que conduzem aos vasos deste nome, já enumerados.

No *Lepidosiren*, o ultimo par de arterias que vae ao *apparelho respiratorio* (pulmonar), volta ao coração, como acima ficou dito, reunindo-se em um unico tronco, antes de atravessar o sinus venoso e a aurícula direita, para se abrir na aurícula esquerda.

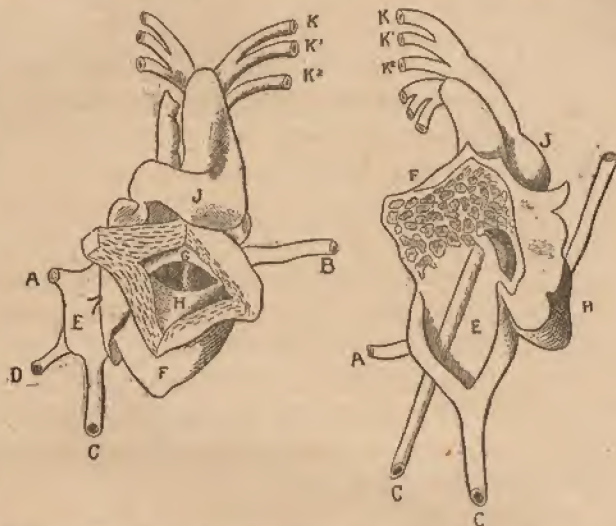


FIG. 24 — Coração de «*Lepidosiren paradoxa*», Fitz. (Bischoff); A — veia cava direita; B — v. c. esquerda; C — v. c. inferior; D — veia pulmonar; E — sinus; F — ventriculo aberto; G — valva muscular sobre a qual o sangue é conduzido ao «bulbus arteriosus»; H — sob a qual se vê a entrada commum para as duas aurículas; I — prega muscular inferior que divide o ventriculo em duas secções, uma anterior e outra posterior; J — «bulbus arteriosus»; K, K1, K2 — arcos aorticos.

Do percurso do aparelho respiratorio ao coração, esse vaso tem o nome de *veia pulmonar*, tal; como se chamam *veias branchiaes*, as que vão do mesmo aparelho as *arterias epibranchiaes*.

As glandulas thyroide e thymus, são bastante communs.

Uma prega aponevrotica, anterior, do peritoneo, ás vezes, separa o coração do resto das visceras, por meio de um *diaphragma* rudimentar que ella constitue. Na Fáuna Brasileira, fazem excepção a esta regra, os tubarões e as rayas.

Circulação—O liquido contido nos vasos venosos e arteriaes—o sangue—passa uma só vez pelo coração; deslocado por este, no caso geral e pela contractibilidade das *veias sub-branchiaes* e dos *bulbos da base dos arcos*, no *Branchiostoma* (*Leptocardii*), é impellido nos vasos que o levam ao aparelho respiratorio e á periphéria do corpo.

E como elle só passa uma vez pelo coração em todos os peixes — exceptuados os *Dipnoicos* — segue-se que, a circulação daquelles é simples e que o seu coração, corresponde, justamente, á metade direita (auricula e ventriculo), dos vertebrados superiores (aves e mammiferos).

Nos *Dipnoicos* (*Lipidosiren*) as veias pulmonares trazem sangue *que já passou pelo aparelho* respiratorio á *auricula esquerda*, donde temos uma notavel modificação no orgão que equivale á um coração de *Batrachio*, pela presença de mais uma auricula.

Como, entretanto, não é todo o sangue que volta e sómente a parte contida no *ultimo arco brachial* (*veias pulmonares*), segue-se que a circulação póde ser ao mesmo tempo comparavel a dos peixes, em geral, e ás dos *batachios* (*perenni-branchios*), o que quer dizer que ella continúa tão incompleta como neste caso.

APPARELHO RESPIRATORIO

Este aparelho acha-se situado, nos peixes, ao fundo da cavidade oral, occupando duas posições perfeitamente definidas:

- I. Por traz da cabeça, entre esta e as nadadeiras peitoraes (fig. 25).
- II. Na parte posterior da cabeça e protegido por differenciações de algumas das péças desta (figs. 4, á 7, 9, á 11, 17 e 18, ab).

Este aparelho, é nada menos que uma parte integrante do systema vascular — e tem por função collocar o sangue em contacto com o ar contido n'agua, permitindo a absorpção do oxygeno deste.

Como é sabido, o sangue dos peixes é composto de duas partes: uma inteiramente liquida — o *serum sanguineo*, contendo em dissolução substancias que não precisamos enunciar neste trabalho — e outra solida, constituída por *elementos cellulares* denominados *hematias* ou *globulos sanguineos* e *leucocyto*s ou *globulos brancos*.

Os *globulos sanguineos*, são também chamados globulos vermelhos, por possuírem uma bella cor — *vermelha* — um dos característicos da substancia contida por essas células.

Sendo de fôrma elliptica, deprimida (só se conhece uma excepção a essa regra, de um genero exótico que não nos interessa) e de dimensões muito pequenas, existem em grande numero e dão, por isso, a côr ao sangue que é rubro em todos os peixes, com excepção do *Branchiostoma* e das larvas das moreias.

Constituido pela variedade de protoplasma chamada *globulina*, o stroma da hematia encerra um *pigmento albuminoide*, em que se encontra traços de ferro e que, é *crystallisavel*, após o tratamento pelo éther, sob fôrmas geometricas variaveis.

E' este *pigmento* — a *hemoglobina* — que fixa o *oxygeneo*; a combinação resultante, instavel, é a *oxyhemoglobina*, rubra carminea (*sangue arterial*) que no seu percurso pelos capillares, através do corpo, se reduz pelo acido carbonico proveniente do trabalho daquelle, perdendo nessa reducção a sua bella côr, para se tornar obscuro (*sangue venoso*); outra vez em contacto com o *oxygeneo*, no aparelho respiratorio e de volta das veias, ella é utilizada por uma *nova oxydção*, em que adquire todas as suas propriedades, até que, finalmente, neste perambular, seja destruida no figado; e dahi sendo expellida como *pigmento biliar*, representa ainda um ultimo papel, quando no aparelho digestivo.

E' nesta *oxydção* que consiste, propriamente, a *respiração*.

Entretanto, o termo refere-se mais aos actos *inspiratorios* e *expiratorios* de órgãos annexos que, teem por fim trazer o fluido oxygenado e substituir aquelle, de que o aparelho já se utilisou.

O aparelho é geralmente *branchial*, quer dizer, é constituido por órgãos denominados *branchias* e estas, ou ficam unidas ás paredes do corpo (I caso, figs. 25 ab) ou são sustentadas por arcos dependentes do systema axial e *livres*, dentro da cavidade *branchial* (II caso, figs. 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 17 e 18 ab).

Quer em um, quer em outro caso, a branchia isolada é sempre uma lamina deprimida, triangular, simples ou bifida, appensa a um *arco branchial* e constituida por uma parte cartilaginosa de suporte, sobre que se repete um plicamento mucoso, em sentido transverso, de modo a augmentar muito a superficie de absorpção. O arco offerece um entalhe, externo, em o qual se alojam, por fóra, a *arteria branchial* e, entre esta e o arco, a *veia* do mesmo nome.

A arteria branchial emite, para cada lamina, um ramo que se póde bifurcar e que acompanha a orla branchial, diminuindo de diametro para o apice da lamina e

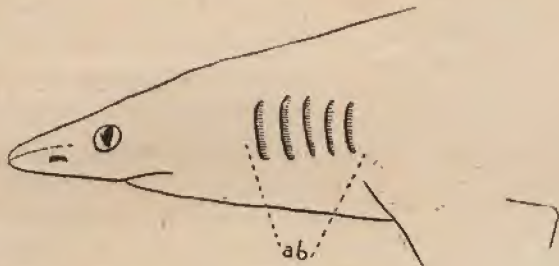


FIG. 25 — Aberturas branchias de um tubarão

dando origem, em todo o percurso, a uma porção de arteriolas que terminam em capillares; por sua vez, a veia *branchial* recebe dos bordos externos da lamina, um vaso que augmenta de diametro do apice desta para a *veia*, emittindo grande numero de *venulas*, em communicação com os capillares, em que terminam as arteriolas das laminas.

E'ahi, nessa passagem entre arteriolas e venulas que se dá a *oxydação*.

A's vezes, a fórma das laminas modifica-se, havendo uma constricção basilar e desenvolvimento terminal, emprestando-lhes aspecto globoso (branchias em cacho) — Cavallo-Marinho — *Lophobranchios*.

As laminas branchiaes são transversalmente dispostas sobre os arcos, em grande numero e umas sobre as outras, podendo se distribuir em tres ou sete arcos. No caso mais geral ellas occupam quatro arcos, sendo que, ás vezes, um destes, o ultimo, é provido de branchias simples.

No genero *Ongocephalus*, as laminas occupam dous arcos e meio; no *Branchiostoma*, ao contrario, o numero de arcos formados pelas *aberturas branchiaes*, eleva-se a cerca de quinze, sendo que, estas ultimas, conduzem á uma camara formada pelas paredes do tegumento externo (*camara peribranchial*), que se abre para o exterior por um póro anterior ao anus, chamado *póro pré-anal*.

Nos tubarões, o numero de aberturas branchiaes póde subir até sete, sendo cinco a constante para esses (fig. 25) e para as rayas; ellas são exteriores e reproduzem o numero de *branchias*; sómente num caso, ellas se abrem dentro de uma préga da pelle (*Isistius*).

Nos demais peixes, as branchias são contidas na *cavidade de branchial*, cujas paredes externas são formadas por duas peças moveis, chamadas *operculos* (figs. 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 17 e 18), e que nada mais são do que partes modificadas da cabeça; contracções musculares, auxiliadas pelos movimentos de cílios vibráteis, produzem a renovação da agua, nos *Branchiostomidae*; movimentos da bocca, concurrentes com a elevação e abaixamento das orlas das aberturas branchiaes ou dos operculos, fazem o mesmo effeito nos de mais peixes.

A's vezes, uma das branchias da larva se atrophia com o desenvolvimento, para ficar, no peixe, annexa, em estado rudimentar, ás paredes do operculo ou á aberturas espe-

ciaes (espiraculos) ligando o pharynx ao exterior, mais ou menos por detrás dos olhos.

Essas branchias rudimentares são chamadas *pseudo-branchias*.

O aparelho opercular póde faltar ou apresentar apenas rudimentos, soldando-se á *membrana branchiostega* ao corpo, para deixar duas pequenas aberturas para o exterior (*Bunocephalidae*). Esta tambem póde confluir para formar uma abertura, nesse caso inferior e mediana (*Symbranchidae*).

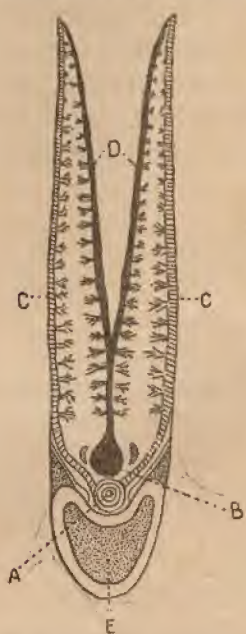


Fig. 26 — Branchia isolada (Cuv. & Val.); A — veia branchial; B — arteria branchial; C — ramos da veia branchial; D — ramos da arteria branchial; E — arco branchial.

A's vezes, o aparelho branchial é provido de modificações accessorias diversas, ou tem à sua acção secundada por outros órgãos, para o caso especial de uma exposição ao ar puro. Vemos, assim, empregado o tubo digestivo (*Callichthys asper*) ⁽¹⁾, havendo uma perfeita absorpção de oxygeno, por intermedio de papillas vasculares das paredes intestinaes, emquanto o animal atravessa por terra, de um a outro lago ou rio (Jobert).

Geralmente, nos peixes de *branchias livres*, parte do oesophago um tubo membranoso que conduz á uma vasta camara (*Physostomi*). Quasi sempre esta é constituida, de duas camadas superpostas: a interna, revestida de um epithelium pavimentoso delgado e possuindo palhetas crystallinas, pequenissimas que lhe emprestam um reflexo argenteo; a externa, fibrosa, mais ou menos espessa e, em certos casos, reforçada pela presença de fachos musculares constrictores. A's vezes o ducto communica-se com certas partes do systema axial (*Ostariophysi*), ás vezes, se oblitera com o desenvolvimento, deixando em seu lugar, apenas, um ligamento tendinoso. (*Physoclisti*).

Outras vezes, um dispositivo especial, vem se juntar á parte anterior da camara (*Lepophidion*) ou permittir uma compressão lateral sobre as paredes desta (*Siluridae*).

A camara, fechada ou aberta, varia enormemente de fórma, offerecendo ou não uma constricção mediana ou muitos diverticulos; e é ricamente irrigada pelo sangue arterial que provém da *aorta*, por arterias proprias e que, depois de ter percorrido a sua face interna, volta pelos vasos venosos para o sinus de Cuvier.

O que communmente se encontra no interior da camara, é o *bioxydo de carbono*, o *azoto* e o *oxygeno*; podendo servir de média a seguinte fórmula:

Bioxydo de carbono	1
Oxygeno.	48
Azoto	51
	<hr/>
	100

Parece, dahi, que o papel da camara é *encerrar os gases expellidos* pelo sangue, no percurso pelos vasos de suas paredes.

Neste caso, a sua *função* seria meramente *physica* e teria por fim permittir uma mudança de volume do corpo do peixe, pela *compressão* ou *dilatação* dos gases, *por meio dos musculos constrictores*.

E como todo o corpo immerso num liquido pesado em equilibrio, *soffre uma repulsão vertical*, de baixo para cima, egual ao peso do *volume do liquido deslocado*, segue-se que, sendo o *peso do corpo o mesmo*, este, *diminuindo de volume*, *soffre uma repulsão menor* e, portanto, *tende a mergulhar*; se, ao contrario,

(1) Alguns *Doras* e *Hypostomi*, segundo Jobert, tambem são dotados, em menor escala, dessa faculdade dos *Callichthys*.

elle *augmenta de volume*, maior será o volume *d'agua deslocada*, e como o seu peso é o mesmo e *maior a repulsão soffrida*, elle *tende á boiar*.

Assim, pois, a camara respiratoria, *contrahida* ou *dilatada*, permittirá ao peixe *descer* ou *subir* e á mudar, portanto, de *planos horisontaes* de deslocação, auxiliando á natação; o que lhe valeu o nome de *vesicula natatoria*.

Entretanto, a communição desta com o exterior, por meio de ductos que se abrem na linha mediana superior do oesophago e a grande extensão dos seus vasos circulatorios que, mutiplicando as anastomoses, se transformam em *rete-mirabile*, constituindo *ganglios vasculares*, póde, ao contrario, permittir o phenomeno da *hematose* (*Hoplias*, *Erithrinus*, *Arapaima*).

Uma estrutura mais complicada, póde apparecer com um desdobramento de folliculos e alveolos internos, communicando-se com o oesophago por uma verdadeira glotis, aberta na linha mediana inferior deste e, recebendo ramos da *arteria cœliaca* (Dipnoicos exóticos).

No caso mais perfeito, essa *vesicula* é dupla (*Lepidosiren*), numa secção longitudinal, havendo alveolos densamente connexos, cujos capillares recebem o sangue de uma verdadeira *arteria*, o transmittem a venulas que se anastomosam numa verdadeira veia. Já ahi, nesses dous ultimos casos, não se lhes póde mais negar o nome de *pulmões* e elles o confirmam, visto como, não sómente o animal serve-se delles quando quer, como, durante as seccas, dá-se á *respiração exclusivamente* por seu meio.

APPARELHO EXCRETOR

Nos *Leptocardios* (*Branchiostomidae*) este aparelho não evolue do estado de *pronéphros* e assim permanece, apparecendo como bolsas que se distribuem no aparelho branchial, uma para cada arco, abrindo-se directamente na cavidade peribranchial, por meio de um curto canaliculo que se bifurca em dous ramos; um anterior e outro posterior; e se communica com a cavidade geral por quatro ou cinco receptaculos.

Cerca de vinte pronephros (1) acham-se, assim, distribuidos em cada lado do aparelho branchial, cuja camara externa faz as vezes de canal segmentar.

Nos tubarões e rayas, a embryologia nos ensina a redução dos pronéphros á um unico, que se vai transformar em órgão do aparelho reproductor, emquanto que, em grande numero, novos receptaculos se desenvolvem para procurar o canal segmentar; este, por sua vez, se divide longitudinalmente em dous, ficando um com o pronéphros permanente, emquanto que o outro se transforma em efferente dos receptaculos novos que, se modificam em capsulas de Bowmann, encerrando um glomerulo de Malpighi ou enovelamento de um ramusculo arterial, procedente da aorta.

(1) Perfeitamente semelhantes, como o fez ver Boas, aos solenocytos dos órgãos excretores dos *Chaetopodes*.

E' este aparelho, chamado corpo de Wolf ou *mesonéphros* que constitue o rim dos peixes, mais ou menos volumoso, por uma multiplicação mais ou menos consideravel das capsulas de Bowmann, permittindo uma importante filtração de liquidos de refugo.

O rim, dessa fórma constituido, occupa grande porção da parte supero-posterior da cavidade abdominal, entre esta e o peritoneo que o separa das visceras intestinaes; duplo na maioria dos casos, estende-se nos lados do plano vertical mediano do corpo e offerece, ás vezes, uma ligação posterior com uretéros proprios que, geralmente, se reúnem em um, desembocando numa vesicula urinaria posterior.

Uma urethra curta estabelece communicação entre este e o meato urinario, nas paredes posteriores do *rectum*, em uma cloaca (tubarões, rayas, mossuns, *Pediculati* e *Plectognathi*).

No *Lepidosiren*, os uretéros abrem-se, separadamente, em papillas, na parte supero-anterior da cloaca.

Nos demais peixes, a regra é ser o meato encontrado *atras do anus*.

SYSTEMA AXIAL

Sustenta todo o corpo do peixe uma armação mais ou menos resistente, constituindo um *systema de supports* para todas as suas partes e que, chamamos *systema axial*.

Tem o seu ponto de partida numa columna cylindro-conica que se estende da extremidade cephalica á caudal, nos *Leptocardios*.

Da mesma natureza que um eixo analogo, da parte caudal do corpo das Ascidias (*Appendicularias*), nenhuma segmentação offerece e, a sua estrutura continua, é totalmente devida ao tecido conjunctivo cellular que o constitue.

Sob esse aspecto, elle é chamado *chorda dorsal* e apenas um *estojo da chorda*, do mesmo tecido, reveste a massa-cellular central, ficando em contacto directo com o tecido mesenchymatoso circumjacente que, se interpõe entre elle e as massas musculares do corpo (*myomeros*).

Deixando de parte os animaes superiores, em cujos estados embryonarios, essa mesma chorda se encontra com todos os seus caracteres, transitoriamente, citamos agora as exoticas Lampreias, para referir que, já ahi, o *systema axial* tem por *linha dos centros*, a chorda que persiste durante toda a existencia do peixe, como nos *Leptocardios*, com a differença de que, *uma segmentação transversa, externa*, se mostra sobre esta e uma *camada esqueletogenica, de tecido cartilaginoso*, exterior, apresenta os rudimentos de um *esqueleto interno*, já em relação mais intima com o *systema muscular*.

Tambem, em certos esqualos exoticos, ella perdura por inteiro — mas, uma *segmentação total, transversa*, apparece com septos membranosos (*Dispondylos*); nos outros esqualos, a segmentação é completa, modificando-se o tecido mesenchy-

matoso subjacente que, pôde variar da *cartilagem* (maioria dos tubarões e rayas) ao osso (algumas rayas).

E', portanto, por uma segmentação transversa que o eixo do systema se diferencia; e, com essa diferenciação, vem o apparecimento de partes annexas que se distribuem, symetricamente, em torno de cada segmento, ampliando a função do systema que adquire, tambem, o papel de protector de certos e determinados órgãos.

E assim, temos constituida a *base propriamente dita* do systema, pelo segmento do eixo, mais ou menos modificado e conhecido pelo nome de *vertebra*.

Esta, pôde ser representada por um centro *c* — Fig. 27 — (segmento da chorda), sobre o qual se desenvolvem dous arcos superiores — *a* — que se podem unir e, mesmo prolongar superiormente — *neurapophyses* — e dous outros — *b* — inferiores, abertos ou ligados, como os superiores, pela extremidade terminal (*hemapophyses*).

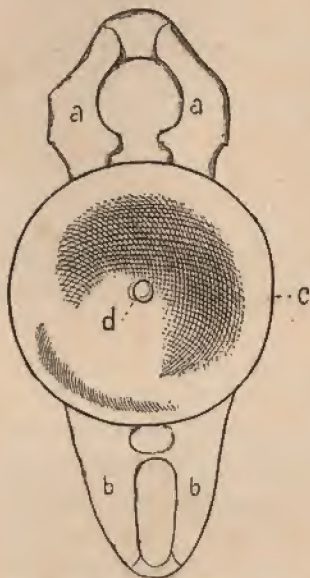


FIG. 27 — Vértebra caudal de esqualo (schematica); a — neurapophyses; b — hemapophyses; c — centrum; d — canal central.

Nos peixes de que agora tratamos, as vértebras são presas, umas ás outras, pelo *centrum*, por ligamentos tendinosos externos e, pelos *arcos neurales* e *hemales*, por meio da cartilagem intercrural e dos mesmos ligamentos.

Apoiadas umas sobre as outras pelo *centrum* e recebendo as terminações das fachas musculares, ellas constituem um systema de alavancas, de grande importancia como aparelho de deslocação.

Os arcos superiores e inferiores, se distribuem ao redor do corpo da vértebra, o qual fôrma um duplo cone, por ossificação da zona central (*Cyclospandyli—Squalus*). O *centrum*, sendo construido como nas vértebras precedentes (*amphicælas*), pôde ser perfeitamente separado do tecido intervertebral; raios osseos, da camada cartilaginosa, irradiam em torno desse centro (*Asterospandyli—Scylliorhinidae, Ginglymostomatidae, Lamnidae e Carchariidae*). As vezes, as camadas osseas dispõem-se concentricamente, sobre o centrum que é *amphicælo*, com separação perfeita dos corpos das vértebras (*Tectospondyli, Squatinidae, Batoides*).

Entretanto, nos logares onde os movimentos se manifestam menos activos, por um processo de adaptação, concorrente com o desenvolvimento organico do animal, as vértebras tendem a soldar-se, modificando-se no tempo e, não permittindo mesmo o seu reconhecimento.

Isto se observa, principalmente, nas regiões anteriores do corpo, onde ellas constituem o *craneo* e, as da região cervical, se unem intimamente.

Acabamos de ver que os *arcos neurales* se ligam por intermedio da *cartilagem intercrural*; pois bem, aqui tanto aquelles como esta, se desenvolvem numa ampla

camara de paredes continuas; o centrum, reduzido ao minimo, apenas se deixa reconhecer, nas ultimas vertebrae craneanas. (1)

A' primeira vista, temos a cartilagem que constitue o esqueleto cephalico, dividida em duas partes: uma, o *craneo* propriamente dito, formado de uma só peça superior e a outra, o *apparelho maxillar*, constituido por seis peças, ligadas ao craneo por uma cartilagem posterior.

Um estudo mais intimo e comparativo do craneo, permite a distincção de suas partes, que se distribuem, vistas de cima, em torno de duas depressões, situadas na linha mediana.

A seguinte (a, Fig. 28), é uma verdadeira lacuna (*fontanella*), obturada por uma membrana conjunctiva e, separada da posterior (b), por uma cintura mediana (c). As vezes, sobre a linha mediana desta, encontra-se uma segunda fontanella.

Na parte anterior, encontramos uma cartilagem antero-inferior que se dirige para diante e para cima (d), *cartilagem pré-nasal*; esta, é seguida posterior e lateralmente, por uma camara mais ou menos vasta, séde do *apparelho olfactivo*: a *capsula olfactiva* (e).

Sobre esta capsula, se desenvolve outra cartilagem, dirigindo-se para diante e para dentro que, se inclina para a sua homologa do lado opposto e para o apice da cartilagem pré-nasal; ellas constituem juntas o esqueleto interno do rostro: *cartilagens rostraes*.

Entre as rayas e, especialmente entre os peixes-serra (*Pristidae*), estas cartilagens teem um desenvolvimento excepcional.

Para traz da capsula olfactiva, pôde se desenvolver um processo: o *processo ant'orbital* (g).

(1) A theoria das *vertebras craneanas* de Oken (1808), admittia a cabeça como constituida de tres vertebrae diferenciadas; Geoffroy de S. Hilaire (1825), considerava, ao contrario, o craneo formado de sete vertebrae do seguinte modo:

	VERTEBRAS						
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
Arcada superior	Turbinaes e apophyses ascendentes dos intermaxillares.	Nasal e prefrontaes.	Frontaes . .	Allisphenoides e Orbitosphenoides.	Parietaes e post-frontaes.	Supra occipitales e mastoidees.	Para occipitales e exoccipitales.
Centro . . .	Cartilagem pre-vomerina.	Vomer. . .	Cart. post-nasal.	Ethmo-turbinal.	Basisphenoides.	Otosphenal (Parte anterior da basioccipital).	Basi-occipital
Arcada inferior	Intermaxillares e maxillares.	Pterygoide	Infra-orbitarios anteriores.	Infra orbitarios posteriores e entopterygoideos.	Epitympanicos, Pretympanicos e Hypotympanicos.	Pre- e interoperculos.	Operculos e suboperculos.

As opiniões ulteriores, teem variado a respeito do numero e das partes componentes das vertebrae; e, enquanto uns tendem a reduzi-lo ou negal-o (Huxley), outros o augmentam. Depois de Owen e Gegenbaur, baseado sobre os trabalhos de Parker, Kölliker e Decker, Hussay elevou a 10 o numero de secções transversaes « de que é preciso se servir, para reconhecer a constituição vertebral da cabeça.

Levantando o septum membranoso da fontanella anterior, temos uma parte mediana — *cornu trabeculae* — correspondente ao ethmoide, de outros vertebrados e, nos lados, dous foramens, tendo um septo membranoso — a *lamina cribri-forme* (h), para a passagem dos nervos olfactivos.

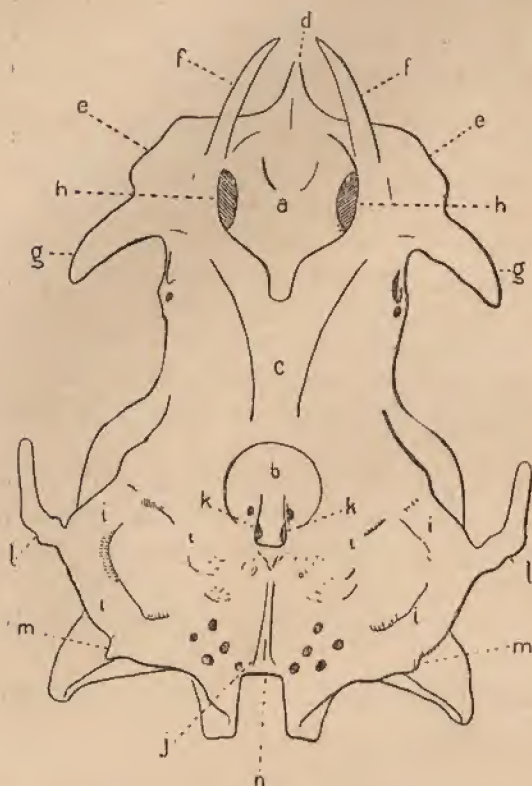


FIG. 58 — «Carcharias limbus», Mull & Henle, cráneo, visto de cima

Os dous ramos anteriores que convergem para a constrição mediana e depois, se dilatam posteriormente, constituem o tegumento craneano anterior e correspondem ao frontal de outros vertebrados — *fronto-parietal* (c).

A parte posterior do cráneo é constituída, pelo temporal, representado pelo rochedo onde se veem, claramente indicadas, as saliências correspondentes aos canaes semicirculares anterior, posterior e horizontal (i); e, pelo occipital (j). Entre estes, vê-se a depressão posterior, *crescentiforme* (b), que conduz ás aberturas do *acqueducto vestibular* (k).

Exteriormente e mais ou menos sobre o canal horizontal, vê-se um *processo otico*, seguido de uma *eminencia pterotica* (m), á cavalleiro do *hyomandibular* (não figurado); este articula ao cráneo o aparelho maxillar.

Posteriormente, o occipital liga-se ás primeiras vertebrae da columna vertebral, intimamente ou, a ellas se articula (rayas), por dous condylos latero-inferiores ao *foramen magnum* (n).

Uma inspecção inferior, nos mostra, anteriormente, a parte *ethmoidal*, com as *capsulas olfactivas*, seguida do *sphenoide* que se liga, por detraz dos foramens para as carotidas internas, com o *occipital*.

Lateralmente, apparecem os foramens para a passagem dos nervos craneanos anteriores.

A parte maxillar é constituída por dous arcos, um anterior, somma de quatro ossos dispostos dous a dous, da seguinte maneira: Anteriormente, dous *palatinos* unidos por um ligamento anterior; posteriormente os *quadrados* pelos quaes, a assim formada *maxilla superior* se articula com a inferior (*cartilagem de Meckel*); esta é o arco posterior e, por sua vez, se articula com o *hyomandibular* ou com este e o *metapterygoide* (Parker).

Em geral, duas cartilagens que se acham collocadas pelo lado de fóra das maxillas e que são conhecidas pelo nome de *cartilagens labiales*, correspondem aos maxillares de outros vertebrados.

Annexo ao esqueleto da cabeça, porém, inteiramente atraz deste, vem o esqueleto do *apparelho respiratorio*.

Este é composto de 7 a 9 arcos branchiaes correspondendo a 5 (ou 7) aberturas branchiaes, tendo o primeiro arco annexo ou articulado ao *hyomandibular* ou, ao *mandibular*, por um ligamento chamado *mandibulo-hyal*.

No primeiro caso, a parte superior daquelle arco, não se distingue do *hyo-mandibular*; geralmente, porém, elle se compõe de duas e os demais arcos (exceptuado o ultimo) de tres partes que, repousam sobre peças basilares, mais ou menos solidamente presas por ligamentos.

As secções do primeiro arco, ficam em relação com uma cartilagem que supporta a lingua e são chamadas, de cima para baixo, *epi-hyaes* e *cerato-hyaes*.

E' commum, em vez disso, serem ellas articuladas sobre uma pequena peça que se põe em contacto com a primeira das peças medianas, inferiores — *hypobranchial*.

As partes dos demais arcos, chamam-se, de cima para baixo: *pharyngo*, *epi* e *cerato-branchiaes* e todas se articulam sobre os *hypobranchiaes*; geralmente, o ultimo arco é um rudimento.

Não só o *hyomandibular*, mas o *cerato-hyal* e os *epi* e *cerato-branchiaes*, podem supportar *raios branchiaes* e, tambem os bordos das aberturas medianas, possuir um suporte auxiliar — as *cartilagens extra-visceraes*.

Estas são indivisas e ficam exteriores aos arcos *branchiaes*, inteiramente por fóra dos arcos *aorticos*.

A respeito destes, diz Parker, que «elles parecem ser os homologos das *cartilagens scapulo-coracoides*».

Estas, formam a *cintura escapular* que dá inserção ao membro anterior (nadadeira peitoral) da mesma maneira que uma *cintura* posterior, a *pelviana*, offerece base ao membro posterior (nadadeira ventral).

Tanto a respeito destas, como das nadadeiras verticaes, divergem as opiniões; pensando uns que ellas são decurrentes do esqueleto central (MacIise, G. de St. Hilaire, Goodsir e Humphrey) ou que são esqueletos independentes (Cuvier, Huxley).

No emtanto, Gegenbaur julga que, sómente as nadadeiras medianas fazem parte do esqueleto central, enquanto Owen pensa de modo inteiramente opposto, isto é, que as nadadeiras pares é que devem ser consideradas como tal.

Comtudo, os theoristas modernos, parecem acompanhar as idéas de Balfour que, pensa que os membros pares decorrem de uma prega epiblastica lateral, em um plano inferior á aorta dorsal, como as nadadeiras impares decorrem da prega epiblastica mediana.

Esta hypothese de Balfour, baseada na observação do desenvolvimento dos *Elassobranchios*, conduzem á *homologia phylogenetica* das nadadeiras e, fazem decorrer os membros pares, da prega lateral.

Tal maneira de ver, teve defensores em Tascher, que chegou ás mesmas conclusões de Balfour e, em Mivart e Dohrn. Mivart, abraça as idéas de Balfour e de Tascher, acceitando a explicação deste para as nadadeiras pares e para o arco pelviano; aquellas, desenvolvidas centripetamente e este «devido á extensão *interna*, *ulterior*, desse desenvolvimento centripeto».

Dohrn vai mais longe, fazendo-os provir, phylogeneticamente, dos parapodes dos *Annelidos* (Hussay).

Por outro lado, enquanto Balfour considera as nadadeiras dos Elasmobranchios como *primitivas*, Cope e Woodward as consideram como altamente diferenciadas. (Regan).

Seja como fôr, o certo é que, as nadadeiras pares repousam sobre arcos mais ou menos desenvolvidos.

O anterior (*coracoide*) é inteiramente simples, arqueado em S invertido e ligado, ao seu collateral, pela curvatura infero-anterior. A parte supero-posterior termina em ponta e, só se liga á columna vertebral, nas rayas.

A's vezes (*Scylliorhinus*, *Squatina*), apparece uma peça accessoria na parte postero-superior (*Scapula*).

O arco posterior (*pelviano*), é mais reduzido, porque é formado de um osso mediano, simples — o *pubico*; raramente, partem delle processos ensiformes, anteriores (*Ellipesus*).

Muito mais complicado, é o esqueleto das nadadeiras e, alterando a ordem seguida á pagina 8, para não modificar a nossa exposição, vemos que, se articulam ao *arco*

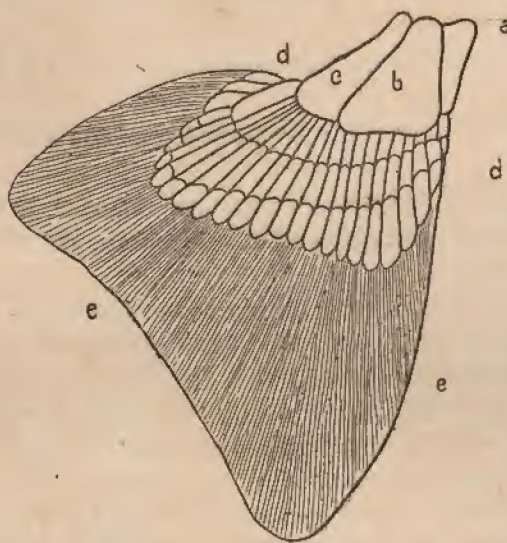


FIG. 29 — Nadadeira peitoral de «*Squalus blainvilliei*» (Risso) (Mivart): a — propterygium; b — mesopterygium; c — metapterygium; d — raios cartilagosos; e — filamentos terminaes.

escapular, tres cartilagens da nadadeira peitoral: *Pro* (a, Fig. 29), *meso* (b) e *metapterygium* (c), mais ou menos constantes, seguidos de raios cartilagosos (d), a que vem se appôr a parte marginal da nadadeira, constituída de filamentos corneos, densa e paralela ou irradialmente collocados (e).

Nas ventraes, a cartilagem basilar é o *meta-ptyrgium* que se articula ao *pubico*, geralmente seguida, nos machos, de uma outra que fica na parte terminal deste e que constitue o esqueleto dos *espermatothoros*.

A nadadeira dorsal, que é dupla nos tubarões e muitas rayas, só por excepção está em contacto com a columna vertebral, pelo esqueleto (*Squalus*, *Squatina* etc.); na regra o seu esqueleto e o da

anal são constituídos de pequenas peças cartilagosas, dispostas por series, da base para os extremos — *axosteos*, *basosteos* e *marginas*.

Nos *Squali*, a articulação das dorsaes é, propriamente, devida ao aculeo de que estas nadadeiras são providas.

A caudal tem o seu esqueleto na parte posterior da columna vertebral. Esta, é caracteristicamente curva para cima, num angulo mais ou menos accentuado; *neurapophyses* e *hemapophyses* mais ou menos diferenciadas, ou mesmo peças secundarias, concorrem para a armação do suporte da nadadeira.

Esta disposição característica é pouco pronunciada nos Squali e mesmo, ausente em Squatina e diversas rayas. O caso commum exemplifica a *heterocerquia* caudal (1).

No nosso *Dipnoico* (*Lipdosiren*), o craneo, visto de cima, apresenta, tambem, uma constricção mediana, com uma dilatação anterior e outra posterior, maior.

Aqui, porém, observa-se suturas e, é muito mais facil enumerar as partes craneanas, á simples inspecção, comquanto as mais ossificadas estejam em contacto, em alguns pontos, por zonas intermediarias de cartilagem.

O que chama primeiramente a attenção, á quem o contempla, é a presença de duas peças externas que, originando-se por detraz de uma placa internasal, externa, (*ethmoide dermico*, a, fig. 31) se dirige para traz e para cima, diminuindo de volume e quasi attingindo o extremo posterior do craneo.

Depois destes ossos (*ectethmoides*, b) sorprehende-nos a fórmula lanceolada do *fronto parietal* (c) que se dirige para traz e para cima, com uma forte carena mediana, superior, de que Brigde diz «similar, em apparencia, á crista lambdoide dos mamíferos carniceiros».

O *ethmoide dermico* (a) é o osso mais anterior; visto de cima, tem um contorno que faz lembrar um triangulo isosceles, cujo vertice fosse arredondado; sob o triangulo fica uma cartilagem provida de quatro fendas amplas, a qual se curva para os lados, depois, para baixo e para dentro (constituindo as capsulas nasaes, d) e se projecta por diante do vertice; posteriormente, este *ethmoide dermico* fica em communicação com os *ectethmoides*, com os fronto-parietaes e com os processos anteriores dos *palato-pterygoides* (e).

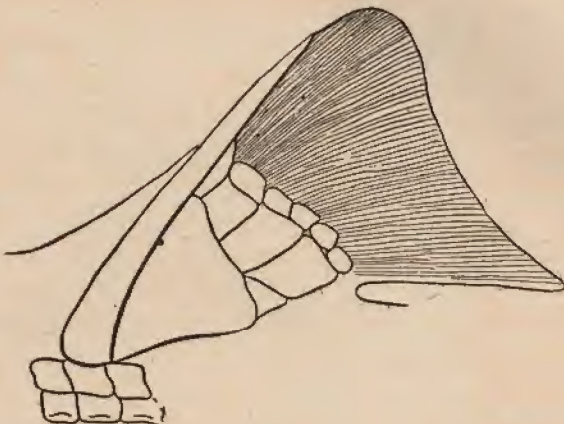


FIG. 30 — Nadadeira dorsal de «*Squalus blainvilliei*» (Risso) (Mivart)

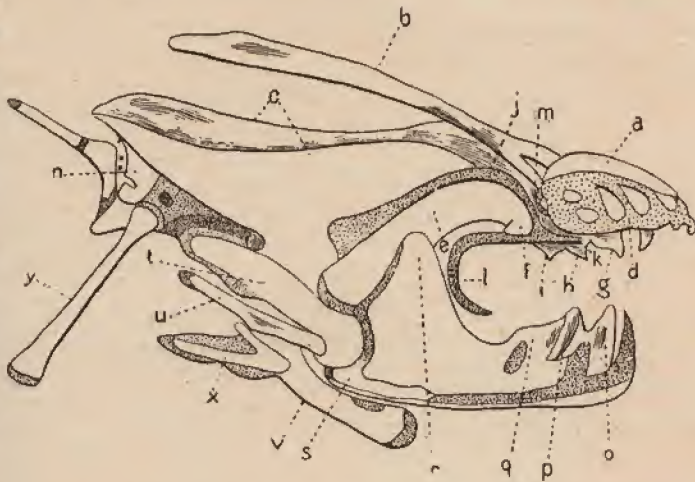


FIG. 31 — «*Lepidosiren paradoxa*», Fitz. Craneo (Bridge)

(1) Esta é a condição *preponderante* da cauda dos peixes fósseis, não actuaes.

Os *ectethmoides* (b) são dous ossos dermicos, ensiformes, um tanto contorcidos, apresentando um entalhe anterior na base, onde se articulam entre o *ethmoide dermico* as *capsulas nasaes*, o *processo ant'orbital* dos *palato-pterygoides* e *fronto parietal*, em dous *processos anteriores ascendentes*, dos penultimos.

Elles se dirigem, parallelamente, para traz e para cima, divergindo um pouco entre as extremidades livres, por causa da torsão interna e ligeira curvatura do seu plano; inferior e posteriormente ao *ethmoide dermico* e á *catilagem nasal* (d) o *palato pterigoide* (e) reforça-se consideravelmente, emittindo tres fortes dobras que emergem no céu da bocca, formando, logo depois dos *vomerinos*, os *dentes palatinos anteriores* (g), *medianos* (h) e *posteriores* (i); desta ultima prega decorre uma projecção exterior que vae formar o *processo ant'orbital* (f) do *palato pterigoide*.

Entre este e o *fronto parietal* apparece uma cartilagem (trabecular) (j) que, dirigindo-se para diante, curva-se para baixo, por diante do *processo ant'orbital* e, chegando á margem das *capsulas nasaes*, emite uma haste transversa que, anteriormente, se chama *cartilagem ant'orbital* (k) e posteriormente, *processo labial inferior* (l); adiante da intersecção da cartilagem trabecular com a haste transversa fica outra peça cartilaginosa—o *processo labial superior*. (m).

O *palato-pterygoide* occupa a parte mediana inferior do craneo e com uma cartilagem que lhe fica ao centro, o *fronto parietal* que o recebe e o caracteristico *parasphenoide*, constituem a maior parte da caixa craneana, deixando, posteriormente, dous amplos espaços que ficam occupados pelas desenvoltas *capsulas pteroticas* e pelos pequenos *exoccipitales* (n). Estes, articulam-se sobre o *processo posterior do parasphenoide* e se dirigem para diante e para fóra, delimitando, em parte, o *foramen magnum*; a parte inferior deste é tapetada pela extremidade anterior da chorda dorsal, que tambem persiste nos Ganoides.

A mandibula, ainda em grande parte constituida pela *cartilagem de Meckel*, tem uma parte ossificada. Tres dobras anteriores d'esta formam os chamados *incisivos* ou *dentes mandibulares anteriores* (o), *medianos* (p) e *posteriores* (q); para traz, essa camada ossea se eleva num *processo coronoide* (r), bastante desenvolvido; opposto a este e reforçando a *superficie articular* da mandibula fica o angular (s).

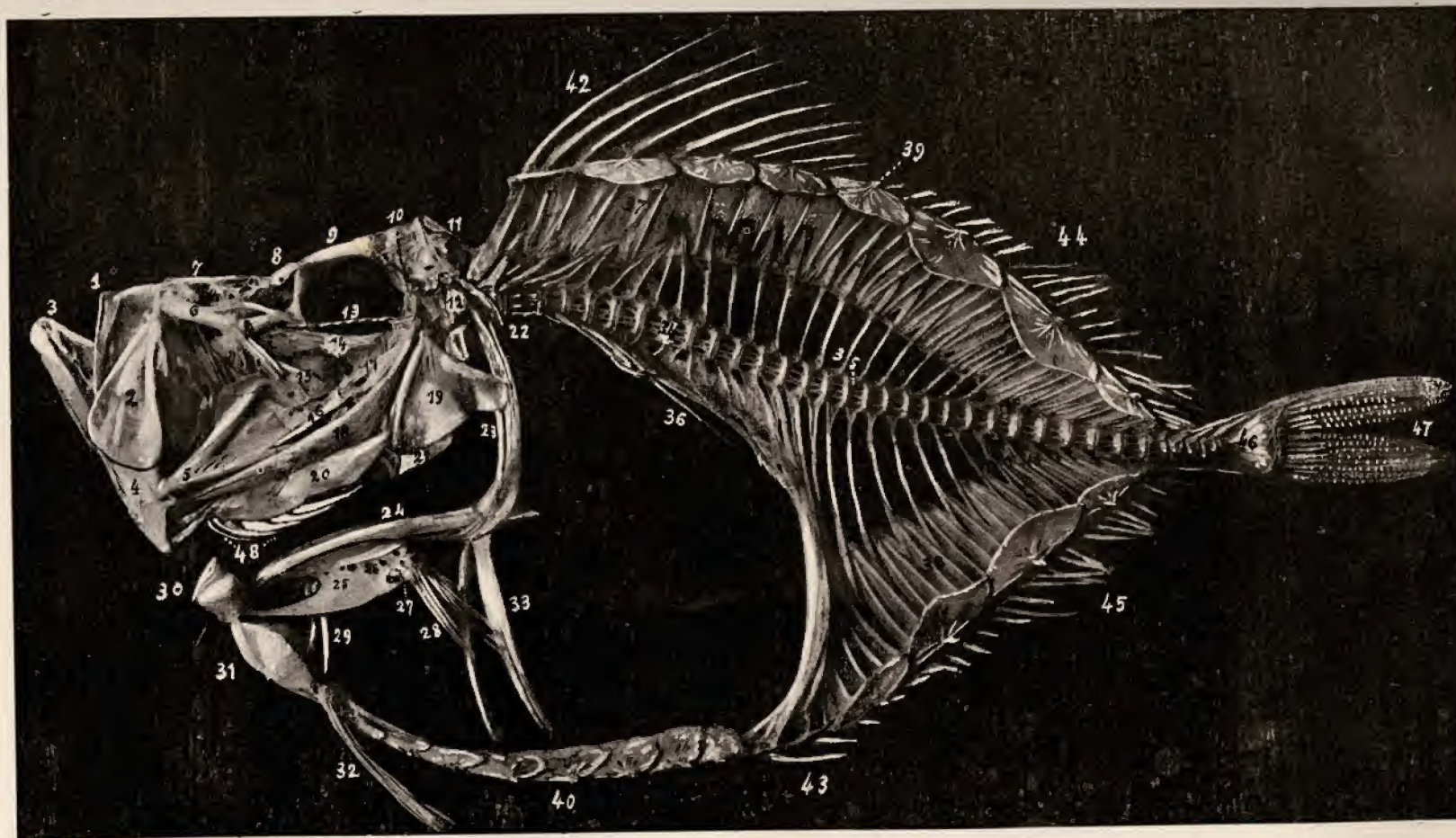
Sobre os lados, articulando-se com o *palato-pterygoide* e com o *fronto-parietal*, nota-se o *esquamosal* (t), dando articulação a um *operculo* (u).

Ao meio da face externa do *parasphenoide*, por um *ligamento hyo-suspensorio*, prende-se o *cerato-hyal* (v) que, tendo por ponto de apoio a cartilagem suspensoria, se dirige para baixo e para frente; é nesse osso que se articula um *inter-operculo* (x).

Finalmente, de junto e de baixo dos *exoccipitales* e de perto do ponto de união destes com a parte posterior do *parasphenoide*, partem duas *costellas craneanas* (y) que se dirigem para baixo e para traz, como que formando um arco protector, sobre o coração.

E' adiante da extremidade inferior dessas *costellas* que fica a cintura escapular.

O esqueleto branchial é composto de cinco peças cartilaginosas, isoladas entre si e collocadas nos lados do pharynx, ligadas por fibras, nas extremidades; a facha fibrosa dorsal prende-se á *base do craneo*, emquanto a inferior fica immersa no tecido pharyngeano, logo por baixo da mucosa, sem ossos basilares.



A. de Mir. Rib. phot.

Zenopsis conchifer (Lowe)

Garcia grav.

1—Intermaxillar. 2—Maxillar. 3—Dentario. 4—Articular. 5—Quadrado. 6—Preorbital. 7—Nasal. 8—Prefrontal. 9—Frontal. 10—Post-Frontal. 11—Supra-Occipital. 12—Para-Occipital. 13—Suborbitarios. 14—Basisphenoide. 15—Metapterygoides. 16—Symplectico. 17—Hyomandibular. 18—Preoperculo. 19—Operculo. 20—Interoperculo. 21—Suboperculo. 22—Posttemporal. 23—Supra-Clavícula. 24—Clavícula. 25—Coracoide. 26—Scapula. 27—Pterigyaes. 28—Raios da nadadeira pectoral. 29—Pubico. 30—Placa gular. 31—Placa thoracica. 32—Raios da nadadeira ventral. 33—Post clavícula. 34—Vertebrae abdominaes. 35—Vertebrae caudales. 36—Costellas. 37—Apophyses interneurales. 38—Apophyses interhemales. 39—Placas dorsales. 40—Placas ventraes. 41—Placas anales. 42—Acutos dorsales. 43—Acutos anales. 44—Raios dorsales. 45—Raios anales. 46—Hypural. 47—Raios caudales. 48—Branchiostegios.

O *pubico*, é de fôrma muito curiosa, tendo um eixo mediano com duas pontas anteriores, transversaes e, parallelamente á estas, mas, posteriores, duas saliências (*condylos*) para a articulação dos membros posteriores. Os membros tem por esqueleto um unico *eixo* mediano, segmentado (1).

O esqueleto dos demais peixes que se encontra no Brasil, além do que já ficou dito, é totalmente osseo; as vertebrae são mais diferenciadas, tendo as *neurapophyses* desenvolvidas numa *neurespina* elevada e, bem assim, as *hemapophyses* em *hemaspinas*; as *apophyses transversaes* são perfeitamente notaveis e bem assim as *articulares*; o *centrum* é *amphiccelo*.

Por sua vez, a cabeça é muito mais complicada, pela multiplicidade dos ossos; e as suturas offerecem accentuação exagerada.

O craneo, propriamente dito, occupa a região supero-posterior da cabeça, sendo limitado, anteriormente, pelos *frontaes* e *orbito-sphenoides*; superiormente, pelos *frontaes*, *parietaes*, *occipital superior* (*epitico*), *para* e *exoccipitales*; inferiormente, pelos ossos *sphenoides*, *alisphenoides*, *exoccipitales* e *basilar*.

O frontal é formado de tres pares de ossos, um *mediano-frontal* que recobre o craneo e se projecta para a frente, até se encontrar com uma peça anterior — *pré-frontal*, para constituir o angulo antero-superior da orbita; na parte postero-superior desta fica o ultimo par *post-frontal*. Os *parietaes* são constituídos por um par de ossos dispostos superiormente, logo por traz do *frontal*; entre elles eleva-se o *supra occipital*, impar. O *sphenoides* é, tambem, um osso multiplo, tendo uma parte mediana que vem do *basi-occipital*; emite duas azas lateraes — *alisphenoides* — e, depois de uma constricção, uma lamina vertical, na parte postero-inferior da orbita (*basisphenoides*) e duas novas azas que formam o fundo latero-interno da orbita (*orbito-sphenoides*) seguindo, depois, para frente, por sobre o meio da cavidade oral, até se encontrar com o *vomer* e com os *pre-frontaes*; entre o *alisphenoides* e o *exoccipital* (de cada lado) fica o *rochedo* e, por fôra do *alisphenoides* e do *rochedo*, o *mastoide*.

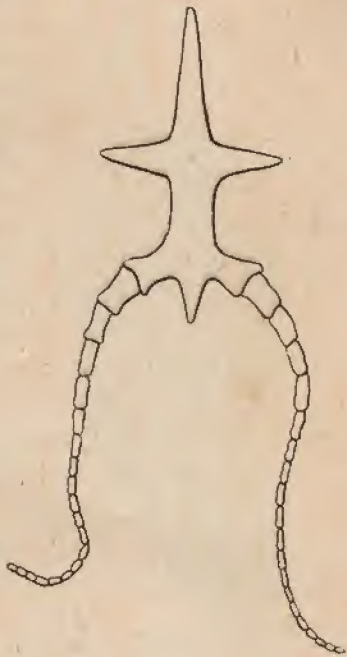


Fig. 32 — «*Lepidosiren paradoxa*», Fitz. Membros posteriores. (Ray Lankester)

(1) Correspondente ao eixo mediano da nadadeira do *Ceratodus* (um *Dipnoico* australiano). Efectivamente, neste, nota-se que o esqueleto do membro anterior, tem uma larga peça basilar que offerece base a quatro eixos articulados, irradiantes; o mediano (23 articulos) é o maior e supporta duas peças cartilaginosas, lateraes, no extremo posterior de cada um dos seus articulos. O eixo anterior é 4-articulado e simples, enquanto os dous outros, posteriores, são bifidos e tetra ou tri-articulados. Gegenbaur denominou essa fôrma de nadadeira *Archhypterygium*, para significar a sua condição primitiva; e della fez derivar as nadadeiras pares dos *Desmobranchios*.

Huxley pensa que do *Archhypterygium* se derivam os membros dos vertebrados superiores. No caso do *Protopterus* (*Dipnoico* africano, muito mais parecido com o nosso *Lepidosiren*), ha permanencia, apenas, do eixo mediano e das peças cartilaginosas que ficam no seu lado inferior, enquanto que no *Lepidosiren*, nem estas peças apparecem, notando-se somente o eixo mediano que, a julgar pelo que diz Ehlers, nem sempre é segmentado. Dar-se-hia aqui, portanto, uma regressão para um typo de nadadeira muito menos diferenciado, do que nos casos primeiro citados.

Se a todos esses juntarmos o *nasal*, temos enumerado 26 ossos do crâneo propriamente dito. Na parte anterior deste veem os ossos da bocca, compostos, geralmente, de um par mediano anterior, com um ramo ascendente e um transverso (*intermaxillares*), mais ou menos provido de dentes; approximadamente sobre o angulo formado pelos dous ramos de cada inter-maxillar ha uma articulação para

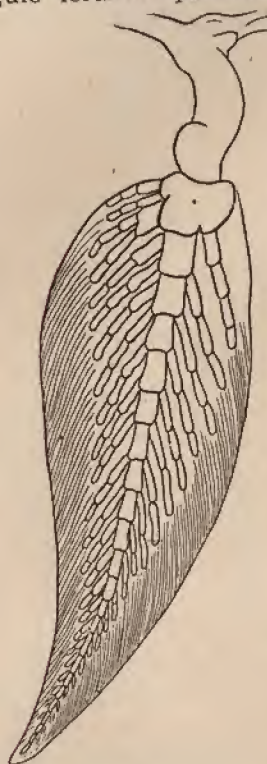


FIG. 33 — Nadadeira pectoral de «*Ceratodus*» (Günther)

um osso lateral, geralmente ensiforme e poucas vezes provido de dentes; este osso, que é o *maxillar*, nem sempre é simples, tendo um *supplemento*. São estes ossos que constituem a maxilla superior; elles não se articulam com a inferior e são ora fixos, ora — caso geral — moveis, fazendo ponto de apoio nos ramos ascendentes dos inter-maxillares e em ligamentos que, no angulo da bocca, os prendem á mandíbula. Esta é composta de tres ossos: o *dentario*, geralmente bifurcado, recebendo no angulo da bifurcação o apice de outro osso — o *articular*; este não raro tem um pequeno osso na extremidade postero-inferior — o *angular*.

Os *dentarios* ligam-se anteriormente por *ginglyma*, formando a symphyse da mandíbula e os *articulares* teem uma cavidade por meio da qual se articulam sobre o condylo articular do *quadrado*.

O tecto da bocca é constituído pelos palatinos, dous ossos quasi sempre providos de dentes e seguidos do *entopterygoide* e do *pterygoide*.

Este osso, tambem chamado transverso, fica em contacto, pela extremidade externa, com o *quadrado* e, posteriormente, com o *meta-pterygoide* que, por sua vez, é seguido do *hyomandibular*, tendo de permeio o *mesotympanico*.

Já são estes mais propriamente ossos da face e a elles podemos juntar o anel dos *pre* e *sub-orbitarios*, fazendo-os seguir dos que constituem a cobertura das guelras (*operculares*) (1).

Os ossos *hyoides* articulam-se por meio do *styloide* com o *symplectico* e são compostos de tres partes: *epi*, *cerato* e *base-hyoide* entre estes fica o *glossos-*

(1) Com Spix (*CEPHALOGENESIS*—1815), nasceu a idéa, hoje geralmente acceita, de que os ossículos da orelha média, dos vertebrados superiores, provém da redução dos ossos da cobertura branchial, pela modificação do aparelho branchial, que cedeu lugar ao pulmonar; assim, Spix diz que o *preoperculo* é o *martello*, o *operculo* a *bigorna* e o *sub-operculo* o *estribo*.

Godofredo St. Hilare pensa que o *operculo* é o *estribo*, o *sub-operculo* a *bigorna*, o *inter-operculo* o *martello*, o *pre-operculo* o *quadrato tympanico*, sendo o *lenticular* um osso frequentemente vestigiario.

As idéas de hoje estão um pouco modificadas: e são o *articular*, o *quadrato*, o *symplectico* (*mesotympanico*) e o *hyomandibular* e o *hyoide*—Huxley e Parker—que entram em jogo, nesta theoria; para estes ultimos autores, o *martello* seria o *quadrato*, a *bigorna*, o *hyomandibular* e o *lenticular* e o *estribo* os dous fragmentos superiores do *hyoide*.

Mas, como succede que os *Sauropsideos* teem o *quadrado* fóra da orelha média, Albrecht lembrou (1883) a constituição deste pelo *symplectico* e *hyomandibular*, sendo o primeiro o *martello* e o segundo, dividido em tres partes, o constituinte dos demais ossículos (*bigorna*, *lenticular* e *estribo*).

hyoide ou *lingual* que supporta a lingua. Os *cerato-hyoides* supportam um certo numero de ossiculos, os *branchiostegos*, ligados pela membrana desse nome.

O aparelho branchial tem por esqueleto uma armação analoga á que vimos nos *tubarões*, nas *raias* e no *Lepidosiren*; articula-se, porém, ao craneo, por intermedio dos *pharyngobranchiaes*. (1)

São geralmente cinco, o ultimo é modificado adiante da abertura do esophago e mais ou menos provido de dentes poderosos.

Esses *pharyngeanos*, na regra, são representados pelos *cerato-branchiaes* posteriores, na regra, também dentados (*pharyngeanos superiores*).

De sob a junção dos *basi-hyoides* nasce um osso [impar, posteriormente lamellar, o *urohyoide*, que vem se juntar, por ligamentos, á parte infero-anterior do arco escapular e ahí forma o *isthmo* ou porção infero-anterior do corpo, entre as margens inferiores da cobertura branchial e ramos da mandibula.

A *arcada escapular* é, nos *Eleutherobranchios* propriamente ditos, constituida por diversos ossos. Articulando-se ao craneo ficam os *post-temporales*, seguidos de uma *supra-clavicula* e de uma forte *clavicula*; na face infero mediana d'esta fica o *coracoide*, seguido posteriormente de uma *scapula*.

Da parte postero-superior da *clavicula* sahe um osso de base lamellar e vertice styliforme a *post-clavicula*, de direcção infero-posterior.

A *arcada pelviana* é representada, ainda, pelo *pubico*; este, porém, é duplo.

As nadadeiras anteriores teem uma serie de peças articulares, *pterygiaes*; finalmente, todas as nadadeiras teem por esqueleto peças osseas de duas naturezas:

I — *Inteiras*, simples, de fôrma mais ou menos subular, podendo ter barbas lateraes, formadas por pequenos espinhos, dispostos em fila sobre um plano longitudinal; e são chamadas, então, *aculeos*.

II — *Articuladas*, isto é, formadas de pequenas secções justapostas, podendo ser simples, como os *aculeos* ou ramificadas dichotomicamente, sendo denominadas *raios*.

Na regra, quando a dorsal é dupla, os *aculeos* occupam a sua primeira parte e *começam* a segunda; também, na anal, ha *aculeos* anteriores.

E' commum, também, ser um forte *aculeo*, quasi sempre empregado como *arma de defesa*, o primeiro osso das nadadeiras peitoraes; já não é tão forte o das ventraes.

A caudal só tem raios ou rudimentos destes.

Os ossos em que se articulam os *aculeos* e *raios* dorsaes são chamados *apophyses interneuraes*, enquanto que os que offerecem articulação á anal são ditos *interhemaes*.

O osso em que se articulam os raios caudaes é chamado *hypural*; este termina a columna rachidiana e, na regra, bifurca-se posteriormente em duas partes subeguaes, para dar inserção aos raios; por isso, distribuem-se estes, igualmente, sobre um plano vertical, acima e abaixo do eixo da columna. E' este o caso da *diphycerquia*.

(1) Consideramos como tal o « Stilet de première arceau branchial », de Cuvier.

SYSTEMA MUSCULAR

Acompanhando a constituição do corpo dos peixes, podemos admittir os seus musculos grupados do seguinte modo :

I — MUSCULOS DA CABEÇA

Aqui podem ser considerados os *maxillares*, o *palato-tympanico*, o *depressor* e o *elevador da arcada tympanica*, como musculos da bocca.

Os da *membrana nyctitante* (tubarões), os seis *oculares*, como musculos dos olhos.

O *elevador* e o *depressor* do operculo como musculos operculares.

Os *geni-hyoides*, que prendem a symphyse ao arco hyoide, os *branchios-tegos internos* e os *hyobranchiostegos*, como musculos do aparelho hyobran-chiostego.

Os multiplos musculos *branchio-pharyngeanos*, que prendem as branchias ao craneo, ao rachis, á clavicula e ao hyoide e, finalmente, os *branchiaes*, propriamente ditos, do aparelho desse nome.

II — MUSCULOS DO TRONCO

Em cujo numero podem ser considerados os *dous musculos lateraes* que veem do craneo á cauda, nos dous lados da columna rachidiana, separados superiormente pelas neurapophyses, neurespinas e apophyses interneuraes e antero-inferiormente, pela cavidade abdominal, postero-inferiormente, pelas hemapophyses, hemespinas e apophyses interhemaes.

Na linha mediana, superiormente, na dorsal e inferiormente na abdominal, ficam os *dous musculos medianos superiores e inferiores*.

III — MUSCULOS DAS NADADEIRAS

As nadadeiras impares são movidas por duas camadas de musculos que se inserem nos lados de sua base, sobre os aculeos e raios e se dirigem ao tegumento externo, ás interapophyses neuraes e hemaes ou á aponevrose mediana que, nos esqualos, divide as massas dos musculos lateraes.

A caudal possui, além dos musculos *superficiaes*, prendendo-se á aponevrose dos *lateraes* e dos *profundos* que se implantam sobre o *hypural*, os *musculos inter-radiales* que ligam os raios entre si, nos peixes osseos.

Nas peitoraes, além de um *musculo do diaphragma*, que póde mover a espadua e *nem sempre* está presente ; elles são de duas especies — *superficiaes anteriores* e *posteriores* — prendendo-se á clavicula e aos ossos basilares ou aos raios da nadadeira.

Nas ventraes, além dos musculos *claviculares-pubianos* e *pubio-anaes* que se inserem sobre os ossos, clavicula e pubico e apophyses interhemaes anteriores, temos a considerar os *elevadores* e *depressores* dessas nadadeiras, de que os *lateraes* podem gozar o papel de *distensores*.

Torna-se digna de nota a musculatura dos *Branchiostomidae*; ella corresponde aos musculos *lateraes* dos outros peixes, sem ter outra relação com o esqueleto (*noto-chorda*), além das fibras aponevroticas que a põem em contacto indirecto com a parte anterior dessa *chorda*. A sua divisão transversal, metamérica, como no embryão, por fachos aponevroticos, assignala um certo numero de segmentos (*myocommas*) aproveitados pela taxonomia.

Os musculos *oculares*, nos esqualos, podem adquirir proporções verdadeiramente phantasticas, indo da base do craneo aos olhos, em extensão de quasi um palmo (*Sphyrna zygaena* (L.))

Tambem adquirem tamanho colossal os musculos das peitoraes nas rayas, de modo que, só elles, constituem a maior parte da massa muscular.

No *Lepidosiren* encontra-se um verdadeiro *temporal* e um verdadeiro *mas-seter*; aquelle muito mais desenvolvido do que este e inserindo-se no fronto-parietal, por ligamentos que se prendem, tambem, á crista sagital, porção externa e postero-inferior do ectethmoide, dirigindo-se para diante e para baixo, até inserir-se no *processo coronoide* da mandibula.

Estes musculos emprestam um extraordinario poder ás maxillas do curioso *Dipnoico*, bastante respeitadas pelos indigenas.

Finalmente, enquanto nas rayas os maiores musculos são os peitoraes, constituindo a parte comestivel destes peixes, nos demais são os musculos *lateraes* os maiores; elles são divididos, longitudinalmente, em duas porções, uma dorsal e outra ventral, por uma estreita facha de tecido embryonario; e, transversalmente, apresentam muitos septums aponevroticos, correspondentes ás vertebraes, que os dividem em secções transversaes (*myocommas*) sinuosas, parallelamente dispostas entre si.

ORGÃOS ELECTRICOS

Dous peixes da nossa fauna apresentam órgãos electricos: O Trême-Trême (*Narcine brasiliensis* (Olf.)) e o Poraquê (*Electrophorus electricus* (L.)). O primeiro é uma raya da familia dos Narcobatideos; o segundo uma pseudo enguia da familia dos Gymnotideos. Eis o que diz Günther sobre os Narcobatideos:

«O órgão electrico com os quaes estes peixes são armados são grandes corpos chatos, uniformes, jazendo em cada lado da cabeça limitados posteriormente pelo arco escapular e lateralmente pelos extremos anteriores, crescentiformes, das nadadeiras peitoraes. Elles consistem em uma reunião de prismas hexagonaes, cujos extremos estão em contacto com os tegumentos, superior e inferiormente; e cada prisma é subdividido por delicados septos transversaes, formando cellas, cheias de um fluido gelatinoso, instavel e guarneccidos de um epithelium de corpusculos nucleados. Entre

este epithelium, os septos transversos e as paredes do prisma, ha um plano de tecido sobre o qual se ramificam as terminações dos nervos e dos vasos. Hunter contou 470 prismas em cada uma das baterias de *Torpedo marmorata* e demonstrou a enorme quantidade de materia nervosa que elles recebem. Cada órgão recebe um ramo do Trigemeo e quatro do Vago, o primeiro e os tres ramos anteriores do segundo sendo tão espessos como a chorda espinhal (lobos electricos). O peixe dá o choque voluntariamente, quando excitado á assim proceder na defesa propria ou quando queira entorpecer ou matar a sua prêsa; porém, para receber o choque, o objecto deve fechar o circuito galvanico, pondo-se em contacto com o peixe por dous pontos distinctos, quer directamente, quer por meio de algum corpo conductor. Se a perna isolada de uma rã toca o peixe sómente pela extremidade do nervo, nenhuma contracção muscular se segue á descarga da bateria, porém um segundo ponto de contacto immediatamente a produz.

E' corrente que se pôde produzir uma sensação dolorosa com uma descarga conduzida por meio de uma corrente d'agua. As correntes electricas destes peixes exercem todas as outras acções conhecidas da electricidade, tornam a agulha magnetica, decompõem associações chimicas e emittem a faísca electrica. Especimens de dous a tres pés podem, por uma simples descarga, produzir o desfallecimento de um homem adulto e por isso apresentar riscos ás pessoas, no banho de mar. A face dorsal do órgão electrico é positiva e a ventral negativa.»

Segundo Fritsch, os prismas emittem de cada angulo de cada disco uma tenue fibrilla nervosa; essas fibrillas se reúnem em facho, em espaços equidistantes, ao longo de cada aresta; e a fibra assim resultante une-se á uma sua immediata da mesma aresta e á outra da aresta contigua, para formar cerca de cinco cordões nervosos. Já vimos pela citação de Günther qual a origem desses cordões.

Ainda este autor, baseado na estrutura de órgãos musculares existentes nas rayas e em *Mormyrus* e *Gymnarchus* (africanos) e nos estudos de seu conhecimento sobre o desenvolvimento do órgão electrico nos Narcobatideos, admite que os órgãos electricos tenham se desenvolvido da substancia muscular. De resto, a semelhança entre os prismas do aparelho electrico (cujos septums conjunctivos—*discos electricos*—e a substancia gelatinosa se superpõem em altura de 4 centimetros) e o facho muscular, é patente; semelhança que, como muito bem diz Portier, não é fortuita. « Sob o ponto de vista embryologico, como sob o de seu funcionamento, diz elle, este órgão não é mais do que um musculo modificado que, perdeu a sua propriedade de contractilidade e augmentou consideravelmente o seu poder productor de electricidade.»

Outra semelhança notavel « é, diz ainda Portier, a que existe entre a pilha de *discos electricos* e a de discos metallicos de Volta » aquellas « laminas electricas que encerram as terminações nervosas, gozam o papel dos zínco da pilha e são negativas.» E « a simples inspecção das placas permite verificar o sentido da corrente.» « D'Arsonval mediu a força electro-motora do fluxo do *Torpedo*, e constatou que em circuito aberto esta força é superior a 300 volts e em curto circuito ella attinge de 8 á 17 com 1 a 7 ampères. O mesmo experimentador constatou que tres lampadas incandescentes, dispostas em tensão, podiam ser elevadas ao rubro-branco; e um tubo de Geissler brilhava sob a influencia das suas descargas.» « A sensação perce-

bida no momento da descarga, dá o sentimento nitido da natureza oscillatoria do phenomeno. Nos musculos submettidos á acção do fluxo produz-se um tétano analogo ao que é obtido pela faradisação. A primeira descarga produz um entorpecimento que persiste durante muito tempo; as descargas seguintes diminuem de intensidade. Taes são os effeitos produzidos sobre o homem pelo fluxo electrico do *Torpedo*. Os animaes de pequeno porte, os peixes em particular, sentem muito mais vivamente os effeitos do choque da raya electrica; esta póde, já á consideravel distancia, immobilisal-os por meio da sua descarga; elles fluctuam inertes e o animal delles se apodera facilmente, para devoral-os.»

Em *Electrophorus electricus* os prismas são longitudinaes (um pouco obliquamente dispostos) em relação ao eixo do corpo; elles formam duas grandes massas, de cerca de 80 centimetros de comprido, ao longo da parte inferior do corpo, desde um pouco antes do anus até a extremidade da cauda; a maior é superposta á menor; áquella deu-se o nome de *orgão electrico principal* e de *accessorio* a este; recobertos pelas camadas dermicas, elles ficam entre as massas musculares superiores do tronco e a nadadeira anal; entre o orgão principal e o accessorio ha uma camada muscular; aquelle, tem um septo mediano, longitudinal, membranoso; neste o septum é espessado por musculos. Os seus nervos partem da medulla rachidiana.

A marcha da corrente é de traz para diante e o seu effeito deve ser relativo ao grande desenvolvimento do aparelho.

Não podemos nos esquivar ao desejo de transcrever aqui alguns trechos da memoria de Humboldt que, ha cento e seis annos, «se lisongeava com a idéa de trabalhar sobre os Poraqués.» Apesar desse lapso de tempo, o valor dessa memoria, uma das mais celebres que escreveu esse grande philosopho e o facto de não ser ella commun e, ainda, o de não terem sido destruidas as suas affirmativas, pelas experiencias ultteriores, n'um assumpto tão delicado, me induzem a trazer para estas paginas as suas palavras, uma vez que o accrescimo da materia, em que isso importa, é contrabalançado pela belleza do estylo e merito dos conceitos scientificos por ellas revelados.

Humboldt e Bonpland se transportaram ao Caño de la Bera, proximo da aldeia de Rastro Abaixo e de Calabozo. ⁽¹⁾ Esse Caño de la Bera é uma lagôa lamacenta e morta «mas cercada de uma bella vegetação de *Clusia rosea* e *Hymenea courburil*, grandes figueiras e algumas mimosas de flores odoríferas. Ficámos sorprendidos, quando nos disseram que se ia apanhar uma trintena de cavallos semi-selvagens nos campos vizinhos, para nos servirmos delles na pesca das enguias electricas.

A idéa desta pesca, que se chama *embarbascar con cavallos* (embriagar por meio dos cavallos), é com effeito bem bizarra. A palavra *barbasco* designa as raizes de *Jacquinia* e de *Pisidia* e de todas as especies de outras plantas venenosas, pelo contacto das quaes uma grande massa d'agua recebe, em um instante, a propriedade de matar ou, ao menos, de embriagar os peixes. Estes ultimos veem á superficie da agua quando estão envenenados (*embarbascados*), por esse meio. Como os cavallos impellidos, aqui e acolá, para dentro de uma lagôa, causam o mesmo effeito sobre os peixes espantados, abrange-se, confundindo a causa e o effeito, as duas especies de pesca

(1) Venezuela.

sob a mesma denominação. Emquanto o nosso hospedeiro nos explicava esse modo estranho de apanhar o peixe neste paiz, a tropa de cavallos e mulas chegou.

Os índios haviam lhes feito uma especie de batida ; e apertando-os por todos os lados, forçaram-n'os a entrar no charco.

Só imperfeitamente pintarei o espectaculo interessante que nos offereceu a luta das enguias contra os cavallos. Os indios, munidos de varas muito longas e de harpões, collocam-se em redor da lagôa ; alguns sobem nas arvores, cujos ramos se estendem por cima da agua ; todos impedem, por gritos e pelas varas, que os animaes ganhem a praia. As enguias, aturdidas pelo barulho dos cavallos, se defendem com a descarga reiterada de suas baterias electricas. Durante muito tempo ellas parecem levar a melhor sobre os cavallos e mulas ; por toda a parte via-se que estes, aturdidos pela frequencia e a força dos choques electricos, dasappareciam debaixo da agua.

Alguns cavallos se reergueram e, apesar da activa vigilancia dos indios, ganharam a praia; exhaustos de fadiga e com os membros entorpecidos pela força das commoções electricas, elles se estendem no chão a fio comprido. Eu desejaria que um pintor habil tivesse podido apanhar o momento em que a scena estava mais animada. Estes grupos de indios cercando a lagôa ; estes cavallos que, com a crina eriçada, o panico e a dôr no olhar, querem fugir á tempestade que os surprehende ; estas enguias amarelladas e lividas que, semelhantes a grandes serpentes aquaticas, nadam á flor d'agua e perseguem o inimigo ; tudo isto offerecia, sem duvida, o conjuncto o mais pittoresco. Eu me recordava do soberbo quadro que representava um cavallo entrando n'uma caverna e aterrorisado pela vista do leão ! Não é ahi mais forte a expressão do terror que nós vimos nessa luta desigual. Em menos de 5 minutos dous cavallos estavam afogados. A enguia, tendo mais de cinco pés de comprido, se mette sob o ventre do cavallo ou da mula ; faz então uma descarga em toda a extensão de seu órgão electrico ; ella ataca conjunctamente o coração, as visceras e sobretudo o *plexus* dos nervos gastricos. Não é pois de admirar que o effeito que o peixe produza sobre um grande quadrupede exceda o que elle produz sobre o homem, ao qual sómente toca por uma das extremidades. Duvido, entretanto, que o Poraqué mate immediatamente os cavallos ; creio mais, que estes, entorpecidos pelos choques repetidos, cahiam numa lethargia profunda. Privados de toda a sensibilidade, elles desaparecem sob a agua ; os outros animaes lhes passam por cima e poucos minutos bastam para fazel-os morrer. Após tal inicio, eu receiava que esta caçada acabasse tragicamente. Não duvidava de ver afogada, gradativamente, a maior parte dos animaes ; se se vem á conhecer o dono não se paga, cada um, á menos de 8 francos. Mas os indios nos asseguraram que a pesca estaria terminada dentro em pouco ; e que só é de temer o primeiro embate do Poraqué. Com effeito, seja que a electricidade galvanica se accumule pelo repouso, seja que o órgão electrico cesse de funcionar quando fatigado por um longo emprego, as enguias, após certo tempo, assemelham-se á baterias descarregadas. Os seus movimentos musculares são ainda vivos, mas não teem a força de lançar choques bem energicos. Quando o combate chegou á um quarto de hora, os animaes pareceram menos aterrorisados ; não herissavam as crinas ; o olhar exprimia menos dôr e medo. Não se os vê mais cair

boleados; também as enguias, nadam a meio corpo fóra d'água e fogem dos cavallos; em vez de os atacar, procuram por si mesmo as praias. Os índios nos garantiram que lançando n'água os cavallos em dous dias consecutivos, num charco de Poraqués, do segundo nenhum morre afogado.»

«Quando se vio que as enguias aniquilavam um cavallo privando-o de toda a sensibilidade, deve-se receiar, sem duvida, tocá-las no primeiro momento, após a sua retirada d'água. Este receio é effectivamente tão forte nas pessoas do paiz, que nenhuma dellas quiz se resolver á desprender os Poraqués das cordas do harpão ou transportá-los, aos pócos cheios de agua fresca, que nós havíamos cavado, sobre as margens do Caño de Bera. Foi necessario que nos resolvessemos, nós mesmos, á receber os primeiros choques que, certamente, não eram muito doces.

Os mais energicos excedem em força aos choques electricos mais dolorosos que me lembre jámais ter recebido, fortuitamente, de uma grande botija de Leyde, completamente carregada. Concebemos desde logo que, sem duvida, não ha exagero na referencia dos índios, que asseveram que as pessoas que nadam se afogam, quando uma dessas enguias as ataca pela perna ou pelo braço.»

Depois dessas e outras bellas paginas, que somos obrigados a não transcrever por causa da extensão, começam as suas celebres experiencias :

«Se por acaso recebe-se um choque antes que o peixe esteja ferido ou fatigado, este choque é tão doloroso, que é impossivel de se pronunciar sobre a natureza do proprio sentimento. Não me lembro jámais de ter recebido, pela descarga de uma grande botija de Leyde, uma commoção mais formidavel que a que eu recebi, collocando os dous pés sobre um Poraqué que acabava de ser retirado da agua. Durante o resto do dia senti uma forte dôr nos joelhos e em quasi todas as articulações do corpo. Uma pancada no estomago, uma pedra atirada ao alto da cabeça, uma forte explosão electrica produzem instantaneamente o mesmo effeito. Nada se distingue quando todo o systema nervoso é conjunctamente affectado. Para experimentar a differença que julgamos existir nas sensações produzidas pela pilha e pelos peixes electricos, é preciso tocá-los, quando elles estão em um estado de fraqueza extrema. Então, observa-se que os Poraqués e os Torpedos causam um arripio (*subsultus tendinum*) que se propaga desde a parte que está apoiada sobre os órgãos electricos até o cotovello.»

«Depois de ter manejado os Poraqués durante quatro horas á fio, experimentámos, até o dia seguinte uma dôr nas articulações das extremidades, uma debilidade nos musculos e um mal-estar geral que era, sem duvida, o effeito da longa e forte irritação do nosso systema nervoso. Van der Lott, medico em Essequibo, publicou em Hollanda uma memoria sobre as propriedades medicas dos Poraqués. Bancroft assegura que em Demerara elle é empregado na cura da paralysis.»

«Pessoas acostumadas ás commoções electricas supportam com repugnancia as descargas de um Torpedo de quatro decimetros de comprimento.

A força do Poraqué é dez vezes maior, como nós o vimos pelo effeito sobre os cavallos. Succede frequentemente que, apanhando jovens crocodilos de 6 a 9 decimetros, pequenos peixes e Poraqués na mesma rêde, os peixes morrem todos e os crocodilos veem em agonia.

«Os indios contam que, então, os crocodilos não teem tempo de furar a rêde, porque os Poraquês os põem fóra de combate e em estado de paralyasia.» «Os peixes e os reptis que jámais sentiram as commoções do Poraqué não parecem advertidos do perigo por nenhum instincto particular. Ainda que a sua figura e tamanho sejam bastante imponentes, uma pequena tartaruga, que havíamos collocado no mesmo vaso que um delles, approximou-se confiadamente; quiz se occultar sob o ventre da enguia, mas, apenas a tocou com a ponta de uma das patas, recebeu um choque, muito fraco para matal-a, mas bastante forte para fazel-a fugir para o mais longe possivel. Desde então, ella não quiz mais ficar perto do Poraqué.

Tambem, nos tanques e reconcavos que elle habite, só se encontram muito poucos peixes de outra especie. O Poraqué, como nós o sabemos pelas bellas observações de Williamson, de Philadelphia, mata-os frequentemente sem os devorar. Elle considera como seu inimigo tudo quanto delle se aproxima. Qual uma nuvem sobrecarregada de electricidade, elle se dirige ao peixe que quer matar, fica a uma pequena distancia e, depois de alguns segundos de repouso, necessarios talvez para preparar a tempestade que deve agir de longe, atira o raio sobre o inimigo.» «Em Calabozo, observámol-o de noite e não descobrimos vestigio algum de fulguração electrica, no momento das mais fortes descargas. Bajon observou a mesma cousa e eu devo observar que Walsh, Ingenhouss e Fahlberg que viram a faisca electrica, obtiveram-n'a interrompendo o circuito, etc.»

A respeito da immundade dos peixes para com a propria descarga, a dos outros peixes electricos postos na circumvizinhança e para com outras fontes de electricidade physica, Portier é pela affirmativa. «Se se faz atravessar a agua de um aquario que contém um *Siluro* (africano) por uma forte corrente electrica, este não parece soffrer de modo algum, bem que a mão mergulhada no liquido seja dolorosamente impressionada. Chega, comtudo, um momento em que, augmentando a intensidade da corrente, vê-se o peixe collocar-se perpendicularmente ao eixo dessa corrente, de modo que o seu corpo seja atravessado no sentido da sua mais fraca espessura.» Portier está inclinado á admittir que essa immundade, que elle julga não ser absoluta, está ligada ao *isolamento perfeito dos tecidos e em particular dos nervos para com a electricidade*.

Ora, já Humboldt diz: «Escolhêmos tres Poraquês de força muito differente. Um só nos communicou fortes abalos, ao passo que os outros davam-n'os apenas sensiveis. A sua carga electrica parecia muito igual separadamente, dispuzêmol-os de modo que o peixe mais forte não nos communicasse o seu choque senão atravez dos muito exgotados. Jámais pudemos observar que o fluido produzisse o menor effeito sobre estes ultimos. Entretanto, a desigualdade de força vital desses tres peixes nos poz em estado de distinguir, perfeitamente, se a commoção que nós sentiamos partia do Poraqué tocado immediatamente ou do que estava mais afastado. Repetimos esta experiencia com o mesmo successo, collocando um peixe muito exgotado entre dous arcos metallicos conductores e irritando com uma das pontas do arco um Poraqué muito activo, ao passo que apoiavamos a mão sobre a outra ponta. O fluido electrico passou com violencia, mas o poraquê que servia de conductor permaneceu num perfeito repouso. Teria a corrente passado pela sua superficie, sem lhe irritar as

partes internas? A pelle destes peixes os defende contra os effeitos do fluido electrico? Estes animaes seriam incapazes de virar suas armas electricas contra a sua propria especie? Com effeito, amontoando Poraquês grandes e pequenos em um vaso, não se vio que esses animaes fugissem uns dos outros, como o fazem as rãs, que raramente se approximam delles sem participar do effeito de sua cólera. Não pudemos ensaiar, na America, em começo do anno de 1800, nem o effeito da pilha de Volta sobre os Poraquês, nem a decomposição da agua produzida pelos fios metallicos, postos em contacto com os órgãos electricos destes peixes. A pilha e esta decomposição não eram então conhecidas na propria Europa; mas fomos, sem duvida, os primeiros physicos que galvanisámos o Poraqué, com simples armação de zinco e de prata. Fazendo uma ligeira incisão na nadadeira peitoral e ahi collocando uma lamina de zinco, todo o animal mostrou um movimento convulsivo, desde que nós tocámos a parte da nadadeira com uma peça de prata. Esse movimento não se deu quando a prata foi substituida por um bastonete de cêra de Hespanha; a contracção muscular tornou-se, ao contrario, mais forte, quando se galvanisou a nadadeira pelo zinco e a prata, mas de modo que as duas armações metallicas se tocassem immediatamente. O peixe curvou-se então convulsivamente; elevou a cabeça fóra da agua e pareceu espantado por uma sensação tão nova quanto dolorosa.»

Procurando a *causa* dos phenomenos electricos do Poraqué, Humboldt, já antes desta parte de sua memoria, refere-se á grande extensão da vesicula natatoria cheia de gazes onde ha oxygeno em relação com a maior parte das suas baterias. «Carecemos absolutamente de experiencias e factos conhecidos para podermos nos pronunciar sobre assumptos tão delicados de physica animal; mas eu creio dever observar que, se de um lado a substancia medular do cerebro não offerece mais que uma fraca analogia com a materia albuminosa e gelatinosa dos órgãos electricos, do outro estas duas substancias teem de commum a grande quantidade de sangue arterial que recebem e que ahi se desoxyda. Seria, sem duvida, tão improprio dizer que o oxygeno entra na composição do fluido electrico (se comtudo se acredita na natureza material deste fluido) quanto seria pouco philosophico adiantar a absorpção do oxygeno pelo pensamento. Sabemos, entretanto, que uma grande actividade nas funcções do cerebro faz refluir mais abundantemente o sangue para a cabeça como a exaltação do movimento muscular accelera a desoxydação do sangue arterial. A multidão e as dimensões dos vasos sanguineos do Poraqué contrastam com o pequeno volume que occupa o seu systema muscular; lembram ao observador que tres funcções da vida animal, de resto bastante heterogeneas, as funcções do cerebro, as do órgão electrico e as dos musculos requerem, todas, a affluencia e o concurso do sangue oxygenado ou arterial.»

Já no capitulo proprio diz elle mais: «Como provámos acima, a descarga dos peixes electricos e sua carga dependiam inteiramente da vontade. O animal muda a seu bel-prazer, *pela influencia do cerebro e dos nervos*, o estado de equilibrio electrico no qual elle se encontra com os corpos ambientes; elle o faz cada vez que é irritado, que quer atacar o seu inimigo ou se defender. E' provavel que o Poraqué possa agir á distancia, isto é, que o seu choque electrico possa ferir atravez de uma camada de agua bastante espessa; Williamson em Philadelphia e recentemente ainda Fahlberg

em Stockolmo, viram-n'os matar de longe os peixes vivos que elle queria devorar.» «O Poraqué não é o conductor inanimado de uma machina electrica, conductor que se descarrega, delle approximando uma ponta metallica; é um ser cujo orgão animado não age senão quando o medo o excita, com a approximação inesperada de alguma substancia solida.» «O peixe descarrega os folhetos do orgão electrico, nos quaes elle se sente mais incommodado pela pressão exterior. E' por isso que duas pessoas isoladas que o seguram pela cabeça e pela cauda, raramente sentem commoções simultaneas. A idéa da *acção parcial do orgão electrico*, muito complexo nos Torpedos e no Poraqué, explica um grande numero de phenomenos que, sem esta hypothese, pareceriam ligar-se ao maravilhoso.» «A humidade e a circulação dos fluidos são condições indispensaveis da vida animal. Talvez que esta mesma acção que se julga produzida, nos orgãos electricos dos peixes, pelo contacto de laminas aponevroticas e da materia albuminoide, exista mais ou menos em todas as partes da materia organica e animada; talvez, emfim, e eu sou levado a crê-lo, a humidade ou a agua nas pilhas não aja sómente como conductor, mas por uma *acção chimica* que depende do contacto dos corpos heterogeneos e cuja electricidade não é mais que um effeito secundario.»

Finalmente, terminando a sua celebre memoria, elle conclue:

«E' na *acção do cerebro e da materia medullar dos nervos* que repousa o grande mysterio que envolve os phenomenos da electricidade galvanica dos peixes.

Não poderemos nos lisongear de ter aprofundado as suas verdadeiras causas, senão quando a physiologia experimental tiver feito progressos mais frisantes, no conhecimento do *systema nervoso* dos animaes.»

Hoje, cento e seis annos depois desse juizo do grande sabio, que de resto repetia a concepção de Schelling sobre a *acção chimica* originaria da electricidade, a sciencia ainda está no mesmo pé. Portier considera esta mesma causa, estribado em que a *energia chimica* é, no organismo, a fonte primaria de todas as outras fórmulas da energia. Elle repete os quadros de Grehant e Jolyet, dos quaes diz «pareceria bem, segundo essas pesquisas, se concluísse que a producção da electricidade está ligada á uma transformação de materias albuminoides e á formação concomitante de uréa.»

Para nós, este phenomeno é antes um effeito que uma causa. Já o proprio Humboldt mostra a producção de um *gosto acido* na bocca quando, armando dous metaes heterogeneos sobre incisões dorsaes, produzidas artificialmente, communica-se essas armações com um arame, collocando a extremidade livre, deste, sobre a lingua.

O proprio Portier diz que Rohmann e Marcuse constatarem, não a formação da uréa sob a influencia do trabalho do orgão electrico mas, antes, a producção de um acido, cuja natureza não determinaram.

O que se póde suppôr, depois das bellas experiencias de Portier provando a electricidade muscular, é que este facto, unido á identidade dos phenomenos electricos animaes e physicos e aos conhecimentos scientificos actuaes, parece provar que o ser vivo nada mais é que um delicado aparelho electrico, em funcção mediata da electricidade ou antes movimento universal e que este é a vida na sua appareição primeira — o *difficil problema de mechanica*, onde se foi chocar a consciencia conturbada de Du Bois-Raymond.

SYSTEMA NERVOSO

Muito primitivo nos *Leptocardios* (*Branchiostomidae*), o systema nervoso é um simples cordão (*medulla rachidiana*) de calibre sub-egual que se projecta em todo o comprimento do corpo, por cima da chorda dorsal, attenuando-se para as extremidades e emitindo fibras para a massa geral do corpo.

Não ha, portanto, concentração alguma anterior (*cerebrum*) das massas nervosas, nem das fibras dorsaes — sensitivas — parte differenciação alguma, formando dupla cadeia, aos lados da chorda (*systema sympathico*).

Nos tubarões e rayas distingue-se um *cerebro* anteriormente, contido na camara craneana, perfeitamente differenciado da *medulla* que percorre todo o comprimento do corpo, por dentro do tubo formado pelas neurapophyses e cartilagens inter-cruaes.

Tambem um *systema sympathico* apparece differenciado, desprovido, porém, da sua parte cephalica.

Aqui, o cerebro é muito desenvolvido; apresenta duas constricções que o dividem em tres partes: Na anterior (*proencephalo*) ficam os dous *hemispherios cerebraes*, donde parte, lateralmente, um entumecimento (*lobo olfactivo*) precedido de um pediculo que termina em uma agglomeração de ganglios nervosos, emissores de fibras (*nervos olfactivos*) para os folliculos nasaes.

Sobre a primeira constricção, entre *pro* e o *mesencephalo* distingue-se geralmente uma *epiphyse* (glandula pineal).

O *mesencephalo*, com duas dilatações indistinctamente separadas por um sulco longitudinal mediano, é constituido pelos *lobos opticos* ou do *terceiro ventriculo* com os *corpos quadrigemeos*; na sua parte inferior fica um par de *lobulos inferiores*, donde partem, anteriormente, os *nervos opticos*, e inferiormente a *hypophyse* (*corpo pituitario*) e o *saccus vasculosus*.

Finalmente, a terceira parte (*metaencephalo*) tem no lado superior o *cerebello*, muito desenvolvido, recobrando o *sinus rhomboidalis* (*quarto ventriculo*), tendo aos lados e inferiormente os *corpos restiformes* ou *lobos posteriores*, na origem dos nervos *trigemeos* e a *medulla oblongata*.

Os *hemispherios* apresentam-se, não poucas vezes, com vestigios de circumvoluções e, bem assim, o *cerebello* com os seus plicamentos transversaes; concomitantemente aos *ventriculos lateraes* apparecem os *corpos estriados*.

Do cerebro nascem 4 pares de nervos — os *olfactivos*, os *opticos*, os *motores oculares* e os *trochleares*.

Os nervos *opticos* cruzam-se num *chiasma*; os *motores oculares* nascem nos *pedunculos*, por detraz dos lobos inferiores e innervam os musculos rectos superior, interno, inferior e obliquo inferior.

Os *trochleares*, quando não pertencem aos troncos *oculo-motores*, nascem entre os lobos *opticos* e o *cerebello* e innervam o obliquo superior (ocular).

Da *medulla oblongata* partem seis pares: o *abductor*, o *trigemeo*, o *facialis*, o *acustico*, o *glosso-pharyngeano* e o *pneumogastrico*.

Os abductores, que nascem nas *pyramides anteriores*, innervam o recto externo e, nos tubarões, também o musculo da membrana nictitante.

O *trigemeo*, quadri-radiculado, emite um ramo anterior para os musculos suspensores e maxillares, um superior a este (*palatino*), um terceiro menor que se liga á diverticulos do *facial* e, finalmente, um quarto, que se divide, unindo-se ao *trigemeo* e ao *facial*.

Este origina-se logo depois do quarto ramo do *trigemeo*, emittindo ramos para as arcadas hyoide e mandibular.

O nervo *acustico*, immediato ao *facial*, é muito desenvolvido e ramifica-se sobre o vestibulo dos canaes semi-circulares.

Entre o *acustico* e o *pneumogastrico*, nasce o *glosso-pharyngeano*; além de innervar — como o seu nome indica — a lingua e o pharynx, envia um ramo posterior ao 1º par de branchias.

Dos *corpos restiformes* sahe, finalmente, o ultimo par craneano — o *pneumogastrico*, emittindo ramos para as branchias, o pharynx, o coração, o oesophago e o estomago. A sua primeira ramificação superior é o *nervo lateral* que innerva a linha desse nome.

Nas rayas electricas (Trème-Trème), o *trigemeo* e o *pneumogastrico* enviam ramos (o primeiro um e o ultimo quatro) aos órgãos electricos; o primeiro ramo do *trigemeo* e os tres anteriores do *pneumogastrico* espessam-se tanto que, ali, tem o nome de *lobulos electricos*, egualando, em diametro total, ao da *medulla rachidiana*.

Da *medulla* nasce um par de nervos, duplos, para cada vertebra; um dos ramos (o anterior) é motor e o outro (posterior, dorsal) ganglionar.

As modificações apresentadas pelo *Lepidosiren* referem-se á constancia dos ventriculos lateraes nos hemispherios, originando-se os *lobulos olfactivos* na parte antero-superior daquelles; os *lobos opticos* são bastante reduzidos, tendo uma depressão mediana, divisoria dos dous; o cerebello é reduzido.

A innervação dos musculos oculares fôra attribuida á um ramo do *trigemeo*, entretanto Wiedersheim e Bridge, descobriram o *motor oculi* no nosso *Dipnoico*, restando, apenas, a confirmação da existencia de seus decurrentes. ⁽¹⁾

Nos demais peixes das nossas aguas o volume do cerebro cresce de diante para traz, sendo a parte mais desenvolvida os *lobos opticos*; os *lobos olfactivos* derivam-se da parte anterior dos hemispherios e o *cerebellum* é bastante reduzido, exceptuando-se alguns *Scombrideos* e *Siluros*, em que elle se apresenta volumoso.

Os nervos craneanos communicam-se com o *sympathico* (excepto os *olfactivos*, *opticos*, e *acusticos*).

(1) Baseado na presença dos seis musculos oculares, no *Lepidosiren*, diz BRIDGE: «E', por isto, extremamente provavel que todos os *Dipnoicos* possuam uma serie completa de musculos dos olhos e, também, um nervo *motor oculi*, um *pathetico* e um *abductor* para a sua innervação, como na generalidade dos vertebrados. No *Lepidosiren* paraguayano não ha duvida sobre a existencia dos seis musculos oculares, porém, com excepção do *motor oculi*, eu não pude devisar qualquer indicio de seus nervos. A analogia de *Protopterus* suggere, contudo, que o meu mallogro em descobrir o *pathetico* e o *abductor* foi devido, mais depressa, á extrema tennidade e finura desses nervos, do que á sua ausencia.

No inicio da medulla rachidiana, das cabrinhas e Polynemos — lado dorsal — encontra-se cinco a seis pares de dilatações ganglionares, correspondentes aos pares de nervos anteriores, que se dirigem aos órgãos complementares das peitoraes desses peixes.

Os ramos motores dos *nervos rachidianos* que innervam os órgãos electricos do Poraquê são mais desenvolvidos do que os seus analogos communs.

Concurrentemente com a redução da medulla vem o alongamento das fibras nervosas para a parte posterior do corpo e consequente desenvolvimento da *cauda equina* (baiaçús, Diabo-Marinho).

Um dos traços característicos do cerebro dos peixes é não encher, elle, completamente a cavidade craneana. Segundo Wiedersheim, tanto o cerebro, como a medulla, são envolvidos por duas meninges :

A externa — *exomeninge*, — que é muito espessa e de consistencia gelatinosa no craneo, reveste as paredes deste e do canal rachidiano ; a interna *entomeninge* adapta-se ao cerebro e á medulla ; entre as duas ha um interspaço, occupado por um liquido lymphatico.

ORGÃOS DOS SENTIDOS

OLFACTO

Os órgãos do olfacto, no *Branchiostoma*, são representados por uma depressão anterior (*fossa olfactiva*) provida de um órgão rotatorio, tendo entre ella, o pharynx e o systema nervoso uma zona glandular (hypophyse ?)

No *Lepidosiren* elle tem por sêde duas camaras anteriores que se abrem para fóra, por dentro do labio superior, tendo a membrana pituitaria transversalmente plicada. Esses plicamentos (*folios*) são divididos ao meio por uma ruga que percorre o eixo longitudinal das camaras.

Nos tubarões e rayas as *fossas nasaes* ficam na face inferior do focinho, adiante da bocca e, ás vezes, communicam-se com esta.

Os folios nasaes occupam uma zona mais ou menos elliptica, cujo maior diametro é sempre obliquo ou perpendicular ao eixo do corpo. Uma valva anterior recobre-os mais ou menos completamente e, no caso da confluença com a bocca, póde attingir o bordo oral. Aqui tambem dá-se o caso de servir uma unica valva ás duas fossas, havendo, apenas, uma prega mediana inferior entre as narinas, prendendo o labio superior á valva.

Geralmente, nos peixes osseos, as narinas são duplas, providas ou não de valvas ou tubulares, occupando a parte supero-lateral do focinho.

Nas moreias, ellas podem perfurar o labio superior e, nos baiaçús, serem representadas por uma simples papilla.

Nos papagaios, batatas, querê-querês, acarás, joaninhas (guenzas ou jacundás) e tucunarês ellas são unicas.

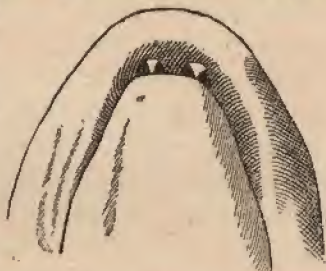


FIG. 31 — Narinas de « *Lepidosiren paradoxa* » Fitz (Gülden)

VISTA

No *Branchiostoma* as funcções visuaes são attribuidas á uma placa pigmentar, existente na extremidade anterior da medulla rachidiana. (1)

Nos tubarões e rayas, ao contrario, ellas teem por séde dous verdadeiros olhos, perfeitamente constituídos e situados nos lados da cabeça ou na parte superior desta (Cação-Anjo, a maior parte das rayas). Nestes peixes, elles são relativamente mediocres, tendo ás vezes palpebras rudimentares e uma membrana nyctitante, sendo supportados por um pedunculo cartilaginoso das paredes orbitarias.

Externamente, differencia-se nelles uma pupilla circular ou, algumas vezes, obliquamente fendida (*Scylliorhinidae*), geralmente preta; nos cações de grande profundidade ella é de um bello verde esmeralda.

No *Lepidosiren* os olhos são pequenos, lateraes, entre a ponta do focinho e o angulo da bocca.

Nos peixes osseos, a posição e as dimensões dos olhos variam muito: uns teem-n'os pequenos, lateraes ou superiores, moderados e ás vezes recobertos por um tegumento dermico (2) que póde encerrar um deposito hyalino que o distenda para fóra e forme uma especie de lente accessoria, exterior — *palpebras adiposas* — tainhas, paratys, cavallas do Reino, etc.; outros teem-n'os monstruosamente grandes — neste caso elles são quasi sempre lateraes.

Mas, apezar da apparencia commum, os olhos dos peixes são de estrutura caracteristica e merecem um exame mais detido:

A camara optica é constituida por cinco membranas que, do exterior para o interior, veem a ser:

A *esclerotica*, cartilaginosa (tubarões e rayas) ou fibrosa (peixes osseos), geralmente dividida em dous hemispherios, poucas vezes soldados, ella fórma a armação propria do globo ocular, como nos demais vertebrados, deixando um foramen posterior para passagem do nervo optico. E', anteriormente, continuada por uma *córnea* caracteristicamente plana.

Em vez da choroide unica, seguem-se, na regra, tres membranas; a externa — *argentea* — provida de palhetas crystallinas de brilho prateado ou dourado, a qual, ás vezes, se projecta sobre a iris, anteriormente. Esta membrana nem sempre está presente; a immediata é a de *Haller*, tambem chamada *vasculosa*; recebe vasos internos que se ramificam sobre toda a sua extensão e, nos *peixes osseos* providos de *pseudobranchias*; constituem uma *rete mirabile* em torno do ponto terminal do nervo optico. Finalmente, a terceira ou interna — *uvea* ou *Ruyscheana* — é puramente pigmentar; as suas cellulas hexagonaes só encerram pigmento.

(1) Ao que se oppõem diversos autores. Boas, assim se exprime: « Na extremidade anterior do cerebro jaz uma placa pigmentar que tem sido considerada como olho, o que, comtudo, não parece provavel. Em compensação, encontra-se sobre a medulla rachidiana numerosos pequenos olhos, de aspecto perfeitamente semelhante á fórma mais simples de olho dos Plathelminthos; Cada um consta de uma cellula sensitiva, de que uma das extremidades que supporta finas fibrillas termina em uma cupola de pigmento, unicellular. »

(2) Commum a todos os peixes, sômente mais ou menos espesso e invaginando-se ou não na cavidade ocular.

Anteriormente estas membranas dão origem á *iris* que, com o *crystallino*, demarca uma *camara anterior*, muito limitada, cheia de pequena quantidade de *humor aquoso*.

Por dentro da uvea estende-se a *retina*, com as suas dez camadas de cellulas, onde se distribuem as fibrillas do nervo optico.

Ella limita, por detraz da iris, amplo espaço cheio de *humor vitreo*, de consistencia gelatinosa bastante firme para manter o *crystallino*.

Este é geralmente esferoidal; nos *Aspirophori*, um processo oriundo das membranas da choroide (*processo falciforme*) atravessa o humor vitreo e vem se dilatar numa capsula terminal, a *campanula de Haller*, sobre o *crystallino*; a constituição deste, com as suas camadas concentricas, offerece de notavel a *adaptação* regularmente *sinuosa* das camadas centraes.

O tralhote (*Anableps*) offerece um exemplo curiosissimo que prova quanto póde a Natureza, nas suas modificações. Nos referiu C. Schréiner que, nos remansos tranquillos do Amazonas e seus tributarios vê-se, frequentemente, sobre o espelho

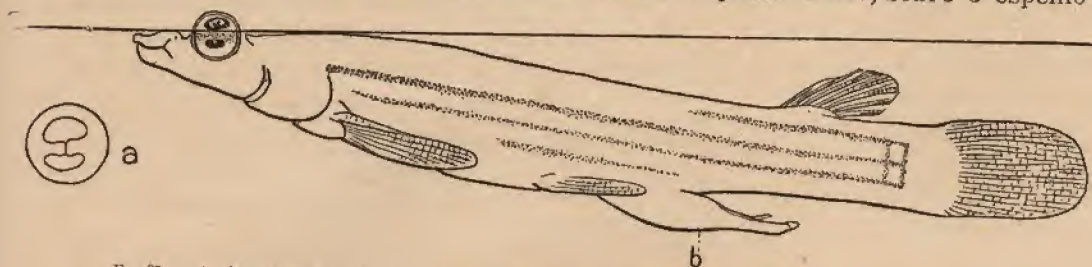


FIG. 35 — « *Anableps* » (L.) á tona d'água; a — iris isolada; b — nadadeira anal modificada em órgão intromissor

das aguas, uma serie innumeravel de pontos escuros, immoveis; lance-se uma pedra ao meio desses pontos e elles desaparecem subitamente, para reaparecerem de novo, após o restabelecimento da calma. São os tralhotes que bóiam á superficie, tendo apenas, de fóra, a parte superior dos olhos.

Estes são lateraes e muito salientes, de modo a se elevarem em metade de seu diametro sobre o plano do alto da cabeça; o tegumento dermico externo e a cornea offerecem um espessamento linear, paralelo ao eixo longitudinal do craneo; externamente, essa facha é obscurecida por pequeninas máculas escuras, de modo a dividir a cornea em duas zonas — uma superior (maior) e outra inferior.

Tambem o perfil total desta não é plano, offerecendo, antes, uma curvatura bastante apreciavel; por detraz della, a *iris* emite um prolongamento anterior, dirigido para traz e outro posterior dirigido para diante; estes prolongamentos encontram-se á meio olho e limitam, assim, duas aberturas, uma superior (maior), outra inferior e ambas de contorno parabolico.

Por sua vez o *crystallino*, muito grande, é ligeiramente ovoide, tendo a extremidade menor virada para baixo.

Estas modificações permittem a refração visual nos dous meios de indice diverso — o ar e a agua ⁽¹⁾—quando o peixe estacione á superficie, de modo que este veja, não só o que se passa acima, mas, tambem, o que se passa abaixo da tona.

(1) Em relação ao ar, a agua tem por indice 1,336 sobre os raios amarelos do espectro solar.

OUVIDO

Os peixes só possuem o ouvido interno e, exceptuando-se os *Branchiostomideos*, que nenhum vestígio mostram desse órgão, todos os outros o têm, na parte postero-lateral do crâneo ou região *ótica*.

Quando tratámos do systema axial, nos referimos á essa região; nos tubarões e rayas se distingue, externamente, o contorno dos *canaes semi-circulares anterior, posterior e horizontal*, communicando-se com um vestibulo por uma *ampôla* terminal, onde uma crista acustica recebe fibrillas nervosas.

Um *sacculo membranoso*, decurrente do vestibulo, com um rudimento de *caracol*, completam o aparelho.

Do vestibulo membranoso parte um canal para a superficie posterior do crâneo eahi se abre sob o tecido conjunctivo circumjacente—é o *aqueductus vestibuli* (fig. 28, k); e as concreções (*otolithos*) encontradas no interior do órgão são tenras.

Nos *Aspirophori* o vestibulo communica-se com os canaes semi-circulares por cinco aberturas, tendo um otolitho vestibular firme, em que se ramifica o nervo acustico e uma capsula, nos lados da base do crâneo, com dous otolithos (pedras de corvina, etc.) cada uma; estes recebem fibrillas do nervo acustico.

Muitos destes peixes, têm uma curiosa communicação do ouvido com a vesicula natatoria, por um ducto pneumatico (sardinhas, cumuripis, etc.) ás vezes complicado por uma serie de ossiculos (*de Weber*), bagres, cascudos, poraques, trahiras, piaus, etc.

GOSTO

E' um sentido que deve ser considerado rudimentar, nos peixes.

Effectivamente, só nos *Cyprinideos* (Peixe-Dourado, dos nossos jardins) se póde encontrar órgãos analogos ás papillas gustativas dos animaes superiores.

Talvez os herbivoros possuam, tambem, a faculdade de differenciar o gosto dos alimentos.

O resto — apenas engole—não se dando ao trabalho de mastigar e, de ordinario, as prêsas passam vivas para o estomago.

Quando cortam os bocados, como succede com os tubarões, vemos a maior indifferença; e tanto elles atacam um animal vivo, como despedaçam, com a mesma voracidade, o mais macerado cadaver.

TACTO

E' um sentido que tem por órgãos os barbillões labiaes, communs nos bagres, ou os raios differenciados das nadadeiras peitoraes das cabrinhas, dos pelynemos, além da superficie geral do corpo, em todos os peixes.

E' claro, entretanto, que, em tratando de comer, elles se esqueçam dessa sensibilidade para só cuidarem de attender ao estomago.

Pescadores dignos de fé citaram-nos factos de terem pescado rayas com toda uma serie de anzões de um espinhel cravada na bocca, o que prova que o animal pouco cuidara da dôr decurrente da apprehensão das iscas!

Nós mesmos, tivemos o ensejo de dissecar esqualos em cujas gengivas encontramos, enterrados, valentes aculeos da peitoral de *Tachisuri* e da dorsal de outros *Aspirophori*.

E' impossível que, engolindo siris inteiros, os sebastiões não tenham a mucosa cesophagiana dilacerada pelos fortes aculeos desses animaes; entretanto, já tivemos o ensejo de citar um, em cujo estomago havia dous grandes siris, tendo apenas as pinças quebradas.

LINHA LATERAL

Este órgão, a que já nos referimos, se distribue sobre a linha longitudinal mediana dos lados do corpo dos peixes e, mais raramente, sobre esta, sobre as do contorno lateral superior e inferior (*Lipidosiren*) e sobre a cabeça, ligando-se entre si por um ramo transversal (*Lagocephalus*); cada linha é constituida por uma serie de invaginações epidermicas, onde veem terminar as fibrillas do *nervus lateralis* (ramo do *pneumogastrico*), acompanhadas de cellulas sensoriaes; essas invaginações acham-se sempre cheias de mucosidade.

Emquanto alguns autores os consideram órgãos de uma sensibilidade peculiar aos peixes, (1) outros pensão que elles são, apenas, excretores de muco. Deste modo pensa Günther; e o facto de serem esses organitos innervados por um ramo do *pneumogastrico*, parece dar-lhe ganho de causa.

PHOTOPHOROS

Glandulares ou complicados pela existencia de um plexus nervoso, seguido de uma camada de pigmento, por sobre a qual existe um crystallino, estes órgãos cupuliformes, de cerca de 2 millimetros de diametro, distribuem-se sobre o corpo, geralmente em duas filas ventraes, sobre a cabeça e, mesmo, dentro da cavidade oral ou branchial de certos peixes marinhos que habitam grandes profundidades.

Destinados á percepção luminosa ou á producção de phosphorescencia, devem transformar os seus portadores, neste ultimo caso, em vagalumes marinhos de que, por emquanto, muito poucos foram assignalados em nossas aguas.

APPARELHO REPRODUCTOR

Assegurando a *vida da especie*, o aparelho reproductor torna-se, só por isso, de uma grande importancia no estudo do individuo; e por esse motivo o destacamos dos órgãos excretores, com os quaes elles se desenvolvem, desde as phases primævas do embrião.

Dividindo-se longitudinalmente, o *canal segmentario* daquelles órgãos, no momento em que os receptaculos o encontram, apresenta-se bifurcado, acima do *canal de Leydig* e emquanto o ramo interno constitue o *mesonephros*, o externo conserva, no seu apice, o *unico pronephros* que persiste nos vertebrados — o anterior.

(1) E ás larvas dos batrachios.

Já por esse tempo, da *eminencia germinativa*, nas paredes da cavidade geral, as cellulas se differenciam em elementos masculinos ou femininos, constituindo o testiculo ou o ovario, que, nos tubarões e rayas, teem por vector dos seus elementos, o ultimo canal citado—ou *de Müller*.

Nos demais peixes esse canal se atrophia, nos machos, deixando apenas vestigios de sua extremidade terminal (*hydatide de Morgani*) e basilar (*uterus masculino*); os testiculos põem-se em comunicação com os canaliculos anteriores do *mesonéphros* (*corpo de Hyghmore*), cujo canal de Wolf fica encarregado, tambem, do transporte dos zoospermas; nas femeas, o canal de Müller permanece, differenciando-se em *oviducto* e mesmo em *uterus*, emquanto que o *pronéphros*, que ficara na sua extremidade terminal, torna-se a *trompa de Fallope*.

A's vezes, esta modificação apparece de um lado do aparelho, emquanto que o outro, opposto, se desenvolve como orgão masculino; ou este se desenvolve, nas paredes do oviducto, de modo a apresentar o exemplo do *hermaphroditismo* (*Serranidae*, *Sparidae*, *Scombridae*, *Pleuronectidae*); ou, então, um dos lados se atrophia (óvario unico dos *Scylliorhinidae* e *Carchariidae*). Na regra, os sexos são separados; e quando se trate de animaes ovoviviparos ou viviparos, sempre apparecem os órgãos copuladores externos do macho, o que tambem se dá, quando, cercados por envolvero resistente, os ovos tenham de ser fecundados ainda nos órgãos femininos.

Aqui tambem se desenvolve, annexa ao ovario, uma *glandula coquiligera* (*Scylliorhinidae*, rayas oviparas) ou uma invaginação glandular, segregando um liquido destinado á nutrição dos embryões. (*Blenniidae*).

No *Branchiostoma*, esses órgãos occupam a cavidade peribranchial, e são de aspecto globular, identico para os dous sexos.

Nos demais peixes, elles veem occupar não pequena parte da cavidade abdominal; principalmente os ovarios, na época da maturação de seus productos, só por si, tomam-lhe quasi todo o espaço, sendo, então, vulgarmente conhecidos pela designação de *ovas*.

A sua comunicação para o exterior, dá-se por meio da bocca no *Branchiostoma*, por uma goteira abdominal que ahi termina (Kowalewski); ou os oviductos conduzem a uma cloaca ou se unem em um canal que se abre no *póro genital*, posterior ao anus e anterior ao meato urinario, na papilla *uro-genital*. (*Aspirophori*).

Entre estes peixes, ás vezes, ha uma verdadeira dehiscencia dos elementos femininos na cavidade abdominal; dahi, elles sahem para o exterior pelo póro genital (moreias).

Nos tubarões e rayas o aparelho genital, masculino, é provido de órgãos copuladores externos, annexos ás nadadeiras ventraes; de fôrma sub cylindrica, deprimida, esses órgãos, que chamamos *espermaphoros*, possuem uma raiura no lado interno, em toda a extensão, sendo communmente armados de fortes aculeos, terminaes e moveis.

Appostos um a outro, os dous *espermaphoros*, as raiuras formam um canal por onde passa livremente o producto genital masculino.

No *Lepidosiren* não ha órgão copulador externo; contudo, os machos são diferenciados pela presença, no lado superior externo dos membros posteriores, de uma facha de papillas vasculares, cuja função está ainda desconhecida. (1)

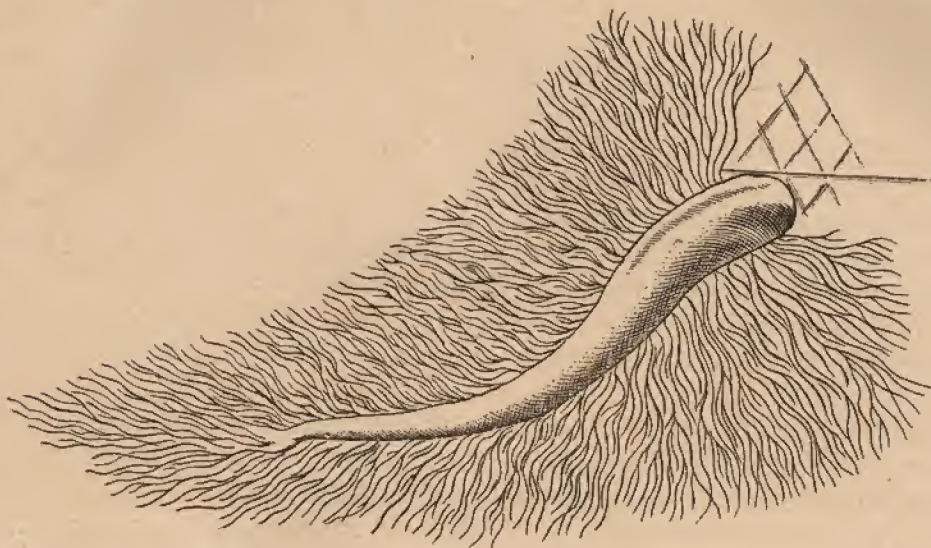


Fig. 36 — Membro posterior de « *Lepidosiren paradoxa* », Filtz., na epocha da reprodução.

Nos peixes osseos só em certos casos ha órgãos copuladores externos, podendo ser a nadadeira anal modificada para esse mister (*Cyprinodontideos* — *Anableps*, fig. 35; *Pœcilia*). Na regra elles faltam completamente.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a Embryologia comparada, com o desenvolvimento das *cellulas epitheliales* que, originando-se cedo, já na cavidade geral do embrião, multiplicam-se por laminas ou camadas, á par do tecido conjunctivo annexo, formando o *epithelio germinativo*, nascem os cordões, ou melhor, *rosarios* de cellulas conhecidos pelo nome de *tubos Pfluger*, que vão constituir a *camada cortical* do ovario, invadindo a periphéria deste. As cellulas maiores, isto é, as *contas do rosario* ou ovogemmas, conhecidas nos vertebrados superiores pelo nome de *vesiculas de Graaf* produzem, no seu interior, duas especies de cellulas: umas pequenas, mais ou menos polyedricas, e uma (raramente duas) espheroidal, provida de um nucleo e que adquire, por differenciação de seu proprio protoplasma, um espessamento mais ou menos consideravel, da sua membrana exterior ou *zona pellucida*. Adquirido o desenvolvimento completo desta ultima cellula ou *ovulo*, o que se fez á custa das pequenas

(1) Ray Lankester e Graham Kerr pensam que essas papillas, que se desenvolvem na época da reprodução, sejam órgãos accessorios de respiração. Hans Gadow, ao contrario, pensa que elles funcionam como « escovas fecundadoras », sendo a massa dos filamentos saturada de fluido seminal e, então, esfregada sobre os ovos.

cellulas que a cercavam, rompe-se a membrana da ovogemma e o ovulo, cahindo na cavidade geral ou passando pela trompa de Fallope, é expellido pelo *póro genital* ou percorre o oviducto (de que uma porção póde fazer o papel de uteros) e, após a fecundação, soffre os estados peculiares ao desenvolvimento do embrião.

Ora, o que caracteriza o ovulo, em geral, entre os outros elementos estruturales dos vertebrados, é a propriedade de reproduzir o organismo que lhe deu origem: *Omne vivunt ex ovo* é a maxima historica e classica de Harvey, ulteriormente parodiada por Virchow para: *omnis cellula e cellula*. ⁽¹⁾

Mas, um outro caracter se prende á sua fórma e natureza; já vimos que, em estado de completo desenvolvimento, um ovulo é formado por uma certa porção de protoplasma, tendo suspensa outra porção mais densa, a *vesicula de Purkinje* ou *nucleo* — encerrando muitas *máculas de Wagner* ou *maculas germinativas* — em torno da qual se desenvolve uma membrana nuclear; o todo é, por sua vez, envolvido por uma membrana que dissemos ser a *zona pellucida*, também chamada *membrana vitellina*.

O protoplasma do ovo ou *vitellus* tem de permeio outras substancias organicas, resultantes do trabalho cellullar, mais ou menos ricas em productos albuminoides azotados e comprehendidas sob o nome geral de *lecitho*.

No genero *Branchiostoma* o ovo é quasi desprovido do *lecitho*; e, por isso, constitue o typo (idéal) do ovo *alécitho*. E' bastante pequeno, attingindo de um á dous decimillímetros de diametro. Sendo as especies dioicas e a fecundação externa, o ovo, em plena liberdade no meio liquido, começa a segmentar-se, dividindo-se em dous hemispherios, como no processo commum da caryocinése. ⁽²⁾

Em seguida, cada um dos hemispherios se divide em dous quartos de esphera, os quaes, por sua vez, se dividem em dous oitavos e assim seguidamente, até formarem uma superficie espherica de 64 cellulas, limitando um espaço central vazio.

(1) 1840 — Este aphorismo do fundador da *Pathologia cellular* foi posterior aos estudos de Baer, Rusconi e Siebold, que provaram a generalidade do phenomeno da segmentação do ovulo, o que, após a descoberta de Bischoff, sobre as modificações das cellulas embryonarias em elementos cellulares do corpo, deu mão forte á acceção moderna da theoria de Schwann. Ora, Schwann julgava os organismos *os productores das cellulas pela divisão do seu todo*, por uma geração espontanea das cellulas, que eram formadas pela affluencia do protoplasma em redor de certos centros; estes se tornavam os nucleos dessas cellulas, cuja membrana se formava, ulteriormente, em meio da substancia circumdante (1839); e, pela concepção de Virchow, as cellulas eram as productoras dos organismos. Entretanto, uma difficuldade surgia contra ella — eram os grandes ovos de certos vertebrados — e só depois que Gegenbaur explicou a natureza desses e os homologos ás cellulas typicas (1861), foi que desapareceram as hesitações em contrario. Apesar disso, alguns embryogenistas pensam como Schwann relativamente á parte principal da sua these; nesse numero conta-se Y. Delage.

(2) A fecundação é um phenomeno nuclear que produz uma regeneração do protoplasma, em que se dão phenomenos da reproducção da cellula pelo processo commum, sendo, porém, as trocas effectuadas entre o nucleo do ovo e o do espermatozoide.

Segundo Wilson, tanto o nucleo do espermatozoide (pronucleo macho) como o nucleo do ovo (pronucleo femina), procuram ganhar um lugar, em que a sua tensão superficial permitta equilibrio estavel, no protoplasma do ovo, lugar que é o mesmo para os dous nucleos; ahi, a afinidade chimica os funde em uma unica massa, que entra logo nas phases da divisão citada.

O nucleo é considerado como constituido de tres substancias: a *linina*, a *chromatina* e a *lanthanina*, formando a primeira a sua reticulação, em que fica suspenso o enchylema conhecido por *lanthanina*; a *chromatina* nada mais é, segundo Rabl, do que a quantidade de filamentos nucleares, carregados ou compostos de uma substancia, cujo caracter differencial, technico, consiste na prompta absorpção das materias corantes.

Van Beneden attribue-lhe a *hereditariedade*, enquanto Bataillon attribue ás espherulas chromaticas, procedentes do nucleo, o ponto de origem do pigmento.

Antes deste ultimo estado, o ovo constitue uma agglomeração de cellulas (um tanto deseguaes), denominada *morula* por Haeckel ; (1) e quando as cellulas, occupando a periphéria, deixam o espaço central vazio (*blastocælo*), o todo tem, do mesmo autor, o nome de *planula* ou *blastula*. (2)

Depois, ficam as cellulas maiores reunidas em uma das faces da esphera que, se vai mais e mais deprimindo, para o interior e esta, por via de uma embolia final, termina em uma especie de cupola de paredes duplas, justapostas, á que Hæckel denominou *Gastrula* : «Assemelha-se á Planula ; mas della se distingue por differenças essenciaes ; circumscreve uma cavidade, communicando com o exterior por um orificio e sua parede é composta de duas camadas cellulares.» (3)

Sobre a camada cellular externa (*protoectoderma*) se desenvolvem cílios vibráteis, que já começavam a apparecer durante a phase de planula e, assim, o animal se desloca, livremente, na agua ; a cavidade limitada pela camada cellular interna (*protoendoderma*) é chamada *enteron* e o orificio que o põe em communição com o exterior, *enteropóro*.

Por esse tempo, já o protendoderma se acha apposto ao *protectoderma*, tendo reduzido a vestígios o *blastocælo*, que apparece, apenas, como um plano divisorio das duas paredes ; a gastrula se alonga e o *enteropóro* perde gradativamente a sua primitiva posição, para ganhar um ponto postero-dorsal. Então o *blastocælo* já não existe.

O protendoderma offerece duas invaginações (*enterocælos*) symetricas, uma em cada lado da extremidade opposta ao *enteropóro* ; ambas se desenvolvem desta extremidade para a outra, formando diverticulos lateraes, que se vão gradativamente destacando por divisões transversaes e constituem, assim, o *mesoderma*, segmentado em *mesosomitas*, transversalmente dispostos, estes se segmentam de novo, por um plano longitudinal ao eixo do corpo do embrião e, por conseguinte, perpendicular aos seus proprios planos de disposição. Já o *protectoderma*, que havia offerecido uma depressão longitudinal, isola-se dos bordos desta, para se soldar superiormente, constituindo o *ectoderma*, enquanto que o espaço superior, intermediario dos dous, egualmente se destacava.

Os dous segmentos, destacados, offerecem o aspecto de duas calhas e se acham oppostos, parallelamente, tendo um (a depressão longitudinal superior, *goteira*

(1) « Como este grupamento de cellulas assemelha-se a uma *amora*, eu o chamei *estado muriforme* (*Morula*). »

(2) Estado que na Natureza é definitivamente realizado pelos Mesozoarios (*Magosphaera planula*).

(3) « A. Kowalewski foi o primeiro que, pelas suas numerosas pesquisas sobre o desenvolvimento dos animaes inferiores, provou a existencia de formas embryonarias constituídas por duas camadas de cellulas, na evolução dos *Celenteros* e dos *Echinodermas*, dos *Vermes* e das *Ascideas* e, entre os *vertebrados*, do *Branchiostoma* ; fundando-se sobre a grande semelhança que apresentam as phases embryonarias ultiores das larvas de *Ascídias* e da do *Branchiostoma*, assim como sobre o modo de formação de órgãos similares do embrião dos *Vermes*, dos *Insectos* e dos *Vertebrados*, levantou-se contra a idéa reinante, sob a influencia dominadora da noção de Cuvier, sobre os planos de organização que os órgãos nos diversos ramos não podiam ser homologos. A conclusão que elle tirou de suas pesquisas, de que os folhetos blastodermicos e os envoltorios embryonarios são homologos nos *Insectos* e *Vertebrados*, de que os folhetos blastodermicos do *Branchiostoma* e, por conseguinte, dos *Vertebrados*, correspondem ao dos *Molluscos* *Tunicados* e, em parte, ao dos *Vermes*, referido ao facto, de ha muito notorio, de que ha formas de transição e *tipos intermediarios* entre os *diferentes ramos* e que estes não representam planos de organização absolutamente delimitados, mas ao contrario as *categorias mais elevadas do systema*, veio fornecer á theoria da descendencia o apoio da Embryologia. » (C. Claus.)

dorsal ou *medullar*) a concavidade voltada para cima, enquanto a outra (*goteira chordal*) tem-n'a voltada para baixo; a superior, une os seus bordos, formando um tubo que termina no *enteropóro*, e o põe em comunicação com a cavidade enterica; é o *canal neurenterico* que se fecha logo depois, nas duas extremidades, para, depois de se ter desenvolvido em extensão, abrir-se de novo na extremidade anterior, por algum tempo, determinando, finalmente, o eixo neural definitivo.

A calha inferior ou goteira dorsal, transformara-se igualmente em cylindro, pela união de seus bordos e formara a *notochorda*. A parte do protendoderma, que ficara abaixo da zona de isolamento dos *enterocælos*, destaca-se destes e curva-se para unir os bordos livres, formando um tubo sem comunicação com o exterior, depois que o canal neurenterico se obtura.

E' então que apparece, no extremo em que existe o enteroporo, o verdadeiro anus, mediano; e, no opposto, a *bocca*, assymetricamente disposta sobre o lado esquerdo. Por essa fôrma, fica estabelecido o tubo digestivo, com as suas aberturas terminaes. Ainda do enteron nascem dous diverticulos anteriores lateraes e um diverticulum glandular, a *glandula claviforme*, tendo origem num sulco transverso do endoderma; a sua extremidade esquerda se communica com o exterior, por perfuração do ectoderma, na região oral, após o isolamento do sulco, que se transforma num sacco de disposição transversa, inferior ao tubo digestivo. A zona intermediaria entre o ectoderma, o endoderma, o mesoderma, a corda dorsal e o eixo neural é occupada pelo elemento mensenchymatoso que, desenvolvendo-se, occupa esses interspaços e os dos mesosomitas, formando a bainha da chorda e as fachas conjunctivas que reúnem os myocommas.

O ovo dos tubarões e das rayas é um ovo *télolécitho*, o que quer dizer que o lécitho contido no interior da zona pellucida fica longe do nucleo; este, é cercado pela massa do protoplasma propriamente dito e, assim, isolado da massa lécithica. Mas, apesar desse character geral que o colloca de prompto sob o typo dos ovos dos Sauropsideos (Aves Saurios e Reptis), elles apresentam dous outros particulares, secundarios, que se prendem ao seu destino, isto é, á sua permanência ou expulsão do oviducto, após a fecundação. No primeiro caso, elles são revestidos de camadas de albumina e, finalmente, de um chorion ligeiramente mais denso, tendo aspecto um tanto corneo em certas regiões; no segundo, as ultimas camadas da albumina formam um revestimento corneo, correspondente á «*casca*» calcarea dos ovos daquelles animaes. Assim, a «*casca*» dos ovos dos esqualas e rayas tem a fôrma de uma bolsa quadrangular, deprimida, de cujos cantos sahem cordões que teem por fim prender o ovo ás anfractuosidades dos rechedos ou aos ramos dos coraes, na profundidade do oceano.

A segmentação de taes ovos é parcial, apenas o protoplasma, propriamente dito, se divide, enquanto que a massa lecithica permanece reunida.

E' ahi que as outras cellulas tiram as substancias que lhes são indispensaveis, para que possam continuar o seu desenvolvimento. Assim sendo, a parte occupada

pelo nucleo e pelo protoplasma, propriamente dito, perfaz uma área circular — *discoidé*, cuja posição sobre o ovo marca o hemispherio superior deste.

Este disco ou *cicatricula* é o unico á segmentar-se.

O estado de blastula é consequentemente discoide, e as cellulas que a formam occupam camadas superpostas, entre as quaes se produz um pequeno espaço, o *blastocælo*, que se resolve ulteriormente; a parede superior dessa discoblastula, isto é, o *protectoderma*, multiplica as suas cellulas, augmentando o diametro blastular; nisso ella é acompanhada pela parede inferior ou *protendoderma*. Num dos pontos do disco, o *protectoderma* se dilata e, depressimindo-se, produz uma cavidade, cujas paredes internas ficam formadas por cellulas das camadas profundas e separadas do lécitho de uma parte (superior), emquanto que este fórma, por si, a outra parte das mesmas paredes. Fica assim constituida uma *gastrula*, cuja cavidade tem a parede inferior gradativamente revestida de cellulas originadas da massa lécithica. Constituido o esbôço do tubo digestivo, apparece a depressão prenunciadora da *goteira neural*; esta se projecta sobre o blastopóro, que serve, por tal modo, de comunicação ao tubo resultante da soldagem dos bordos da goteira, com a cavidade enterica. Então, as cellulas *protendodermicas*, collocadas abaixo do eixo neural, produzem a *notochorda*; e as inferiores á aquelle, distribuem-se em redor da cavidade enterica, até onde se encontra a massa lécithica. E' desta camada que se origina o *endoderma dorso-lateral* propriamente dito; as cellulas que ficam entre este e a *notochorda* produzem o *mesoderma*, que se differencia, de prompto, em *mesosomitas* e dá origem ao *mesenchyma*. Pela divisão radial das cellulas periphericas da *cicatricula*, fórma-se o *endoderma ventral*, que, soldando-se ao *latero dorsal*, limita o *enteron* do lécitho. Deixa o *endoderma ventral*, comtudo, uma abertura que põe em communição aquella cavidade com a massa lécithica subjacente; é esse o rudimento do *cordão umbilical*, que se vai formando, com a differenciação *embryonaria*, emquanto que as cellulas que cercam a massa lécithica, progridem no seu desenvolvimento e concluem por envolvê-la, formando uma *vesicula lécithica* ou *vitellina*, cujo *mesoderma mesenchymatoso*, percorrido por vasos sanguineos, permite mais franca absorpção do lécitho.

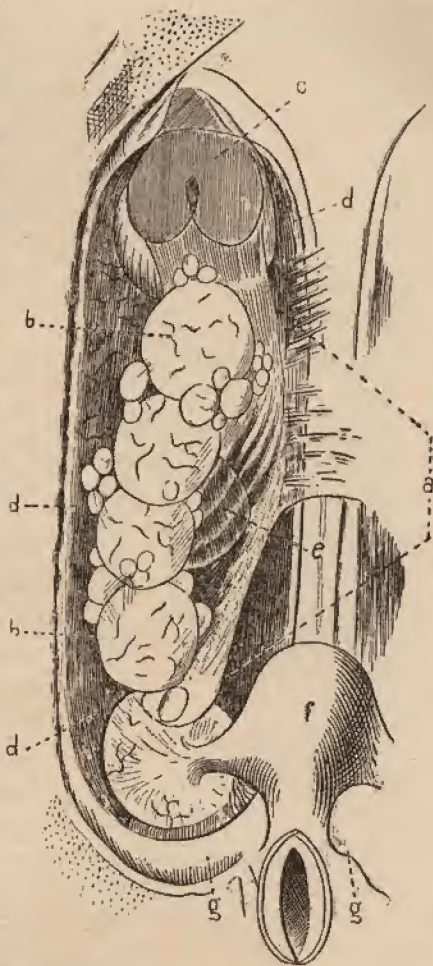


Fig. 37 — Órgãos genitales femens de «*Raya agassizi*», Müll. & Henle; a — ovario; b — ovos ainda não envolvidos pela albumina; c — glandula copuligera; d — casca do ovo — e — que se deixa ver por transparencia da casca, dentro do oviducto; este passa por baixo do ovario e vem terminar no lado da cloaca — f. (A figura representa, apenas, o lado direito dos órgãos, os quaes occupam toda a parte superior da cavidade abdominal — g).

A's vezes, este sacco preenche as funções de *placenta*; o seu revestimento externo envia digitações multiplas aos plicamentos das paredes do oviducto, assim transformado em uterus.

Começam, então, as diferenciações da bocca; ella se fórma pela invaginação do ectoderma, sobre uma região que corresponde á extremidade anterior do tubo digestivo, emquanto que as fendas branchiaes, antes já formadas, trazem branchias externas, ausentes nas

fórmias providas de villosidades placentarias. (1)

Nos casos de viviparidade ou de ovoviparidade, quando o embryão se acha apto a prover á sua existencia e tem os seus órgãos formados, o cordão umbilical se atrophia, deixando, apenas, um curto vestigio que se encontra sobre a região thoracica, entre as bases das nadadeiras peitoraes.

O ovo do *Lepidosiren*, conhecido pelos trabalhos de Kerr, attinge de seis a sete millimetros de diametro; é, ao contrario do do *Branchiostoma*, provido de uma porção de lécitho muito maior, misturada ao protoplasma propriamente dito, e, por isso, um ovo *panlécitho*.

Envolve-o um chorion transparente, de um millimetro de espessura, toda a gema é côr de salmão, como a dos ovos de certas rayas.

Esse lécitho, porém, acha-se um tanto rarefeito em torno do nucleo, o que determina uma segmentação grandemente desigual, isto é, as cellulas que se formam após a fecundação tem tamanho diverso, havendo umas pequenas (*micromeras*) em um dos hemispherios do ovo e outras, cheias de lécitho, e muito maiores (*macromeras*), no hemispherio opposto.

Assim, a *morula* é caracteristicamente do mesmo typo da dos *Ganoides* e *Batrachios*.

Entre as cellulas micromeras fórma-se o *blastocælo*, sendo por isso a *planula* conformada de um modo especial; com effeito, emquanto uma parte destas se reduz á uma parede delgada de cellulas, a outra reúne muitas camadas de cellulas, de que as que ficam limitando o *blastocælo* são micromeras e as externas á parte inferior destas, *macromeras*.

Com o proseguimento da segmentação dá-se a *epibolia* das micromeras sobre as macromeras, com a reducção do *blastocælo*; emquanto isto, uma estreita fenda se



FIG. 38 — Ovo de «*Raya castelnaui*», Mir. Rib., muito pouco reduzido

(1) Os estudos de Balfour, Marshal e van Wijhe conduziram á prova, de que a cavidade somatica, embryonaria, dos Selacianos, estendia-se á região cephalica, soffrendo uma segmentação mesodermica, independente que estabelece a continuidade de segmentação das duas partes.

abre na massa das macromeras, cada vez mais reduzidas por divisão successiva á abertura externa desta fenda ou *blastoporo*, que se reduz a uma depressão crescentiforme, dando entrada para a cavidade da *gastrula*. (1)

Nenhuma outra observação directa nos offerecem os estudos de Graham Kerr sobre o proseguimento da segmentação interna; do que já vimos, porém, deduzimos que a formação do endoderma e do mesoderma se originem do mesmo modo que nos é explicado para o caso da *amphigastrula* dos *Ganoides* e dos *Batrachios*, o que, de resto, já era de esperar.

Dos demais elementos offerecidos pelos estudos de Kerr verifica-se as diferenciações exteriores da goteira neural, cujo bordo posterior circumda o blastoporo, que permanece aberto ainda algum tempo depois de se fechar o ectoderma.

Por ahi, a formação do eixo neural parece analogia á dos *Batrachios*, como também deverá ser a formação da *notochorda*, ommittida, apenas, a phase de goteira neural.

Os estados subsequentes mostram, externamente, o desenvolvimento, das eminências cerebraes e opticas, branchiaes e pronéphricas e as dobras vestigiarias dos arcos mandibiliaes e hyoides.

Pouco depois, nota-se os rudimentos de uma ventosa abdominal crescentiforme correspondente á das larvas dos Anuros.

Quando esses rudimentos já se acham em estado de funcionar e que também a cauda do embrião está desenvolvida, dá-se a eclosão, e elle tendo o ventre dilatado e rudimentos de branchias externas, vai adherir, por meio da sua ventosa, aos forros do fundo do ninho.

O ovo dos peixes *Aspirophoros* é egualmente um ovo télolécitho, differe, comtudo, dos ovos dos tubarões e rayas, em muitos particulares.

Jámais attinge as volumosas proporções daquelles, e o seu chorion conserva a forma espheroidal.

Esse é formado pela membrana vitellina, que é muito espessa e perfurada por canaliculos finissimos, de direcção radial, relativamente ao centro do ovo e, portanto, normal á membrana; um canaliculo de maior diametro é sempre encontrado sobre a região da cicatricula. E' chamado *micropyle* e por elle penetra o elemento masculino.

A fecundação é geralmente exterior, procurando a fema logares convenientes para a postura, sobre a qual o macho derrama o seu liquido fecundante; não raro, após esse acto, são os ovos recolhidos, quer por um, quer por outro sexo.

Günther provou que a fema de *Platystacus aspredo* (L.), na epocha da reprodução, soffre uma hypertrophia dos tegumentos inferiores do abdomen, que adquirem uma consistencia esponjosa, por meio da qual o peixe prende os ovos, já postos, ao corpo, deitando-se, apenas, sobre elles. « Ella carrega-os sobre o ventre, como a *Pipa* carrega os seus ovos sobre o dorso .»

Alguns acarás (*Geophagus*) guardam os ovos na cavidade branchial, facto este também attribuido ao Pirarucú (*Arapaima*). O Cavallo-Marinho (*Hippocampus*) macho recebe os ovos em um sacco abdominal, onde elles se desenvolvem; outros, finalmente, constroem um ninho para desovar (*Callichthys*, *Antennarius*).

(1) Que « se assemelha estritamente á do *Petromyzon* » (Kerr.)

Não poucos, para a desova, realizam migrações para o mar alto, como as enguias, os congros e as moreias, enquanto outros, ao contrario, procuram os rios (robalos, tainhas, paratys. ⁽¹⁾)

Muitas vezes os ovos fluctuam isolados, enquanto, em outras, elles ficam congregados em grandes massas viscosas, mais ou menos coloridas (*Lophius*); em ambos os casos, elles constituem um dos elementos do que, em oceanographia, se chama *plankton*.

A segmentação e o desenvolvimento afastam-se pouco do que vimos nos tubarões e rayas, differindo na multiplicação celular do disco, na região posterior; ahí, ha um espessamento que produz a *protuberancia caudal*, na zona do enteropóro; não ha, entretanto, a elevação desse espessamento acima da massa lécithica, produzindo o enteron.

A vesícula vitellina permanece mais proxima da região ventral, mas raramente offerece o extenso cordão observado nos tubarões.

De resto, essa vesícula pôde ou não estar presente após eclosão do filhote que, geralmente, differe da fôrma adulta pelas proporções e pelo aspecto.

FORMAS LARVARES

Admittindo como estado de larva o periodo de desenvolvimento do peixe, desde que a bocca appareça, até que o animal adquira a fôrma do adulto, vemos que muitos peixes apresentam fôrmas larvares.

Alguns soffrem verdadeiros stâses de evolução, e como, aparentemente, apresentem o aspecto de organizações evoluídas, a maior parte foi descripta como tal, constituindo especies, generos e até familias especiaes.



FIG. 39 — Embryão de «*Cynoscion canis*» (Mitch.), proximo do termo, retirado do chorion e de sobre a vesícula vitellina, que elle envolvia.

Embora não entrem nesse numero os *Branchiostomideos*, consideramol-os como apresentando o estado larvar. Com effeito, ainda que não soffra stâse alguma o seu desenvolvimento, vemos que os *Branchiostomideos* se tornam assymetricos, após o apparecimento da bocca, que fica deslocada para a esquerda; egualmente as branchias soffrem uma torsão para esse lado, deixando á direita, apenas, oito, enquanto que, do lado opposto, apparecem quatorze; em todo o corpo, os myocommas (e mesmo as branchias) do lado esquerdo offerecem alternancia com os do lado direito, ficando estes posteriores áquelles.

Ultiormente, a primeira branchia esquerda apparece, com a glandula claviforme; depois, o mesmo succede ás cinco ultimas branchias esquerdas; a bocca colloca-se na posição mediana e o animal *symetri-*

(1) Segundo me informam pescadores dignos de fé, as tainhas e os paratys sobem os rios, antes das desovas, só voltando após a postura.

sado, tem a fôrma definitiva, variando apenas o numero das fendas branchiaes que vão apparecendo aos pares e augmentando de numero.

Os tubarões e rayas não offerecem fôrmas larvares; em alguns casos, porém, as rayas apresentam, ao nascer, a fôrma alongada dos esqualos, que desaparece pela expansão progressiva das peitoraes e achatamento do corpo.

Em seguida á um periodo embryonario, post-ovular de cerca de vinte tres dias, a larva do *Lepidosiren* tem a apparencia de um batrachio perennibranchio. O animal tem a cabeça moderadamente desenvolvida, traz quatro pares de branchias externas, quatro aberturas branchiaes; a abertura espiracular, presente em *Protopterus*, não apresenta indício algum externo; o ventre dilatado e mostrando, ainda, a coloração lécithica, tem uma ventosa mediana, anterior, que, depois, se vai localizar sobre o isthmo; a cauda apresenta a nadadeira vertical, embryonaria, desenvolvida, tendo em seu inicio, inferiormente, marcados os vestigios do membro posterior; todo o tegumento do corpo apresenta chromatophoros que se contraem, á noite, tornando os animaes transparentes e, portanto, menos visiveis. O membro ante-

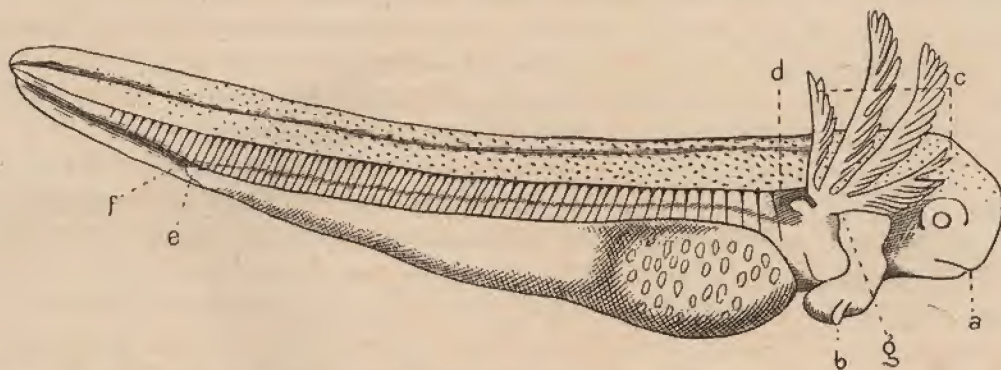


FIG. 40 — Larva de «*Lepidosiren paradoxa*», Fitz, 21 dias após a eclosão (Kerr.) a — bocca; b — ventosa abdominal; c — branchias externas; d — rudimentos dos membros anteriores; e — rudimentos dos membros posteriores; f — cloaca e g — operculo

rior se desenvolve ao mesmo tempo que o posterior e fica posterior á raiz da ultima branchia externa. Com o crescimento da larva, os olhos adquirem maior intensidade de pigmento, as branchias externas, gradativamente, se atrophiam, a nadadeira vertical e egualmente os membros pares se desenvolvem; a ventosa isthmica desaparece, e o animal se recobre de escamas, que ficam, comtudo, por baixo de um revestimento epidermico continuo; e assim reveste a fôrma adulta, tendo gasto, nesta metamorphose mais de tres mezes.

As larvas dos *Aspirophoros* variam muito, quer dizer, não apresentam um typo de desenvolvimento commum e emquanto umas nadam, após a eclosão, trazendo o abdomen amplamente dilatado pela massa lécithica, outros absorvem essa massa rapidamente e affectam fôrmas curiosissimas e dignas de estudo.

Uma das larvas mais interessantes é a conhecida, de ha muito, pelo nome de *Leptocephalus* e provado por Grassi ser a larva das enguias e moreias. (1) « Os *Leptocephalus*, propriamente ditos, são pequenos, estreitos, alongados, mais

(1) 1897.

ou menos taeniiformes, translucidos quando frescos, assumindo, porém, uma cor branca, quando preservados em alcool, assemelhando-se a uma solitaria, sendo inteiramente molles e flexiveis. O esqueleto é inteiramente cartilaginoso ou ligeiras ossificações são apenas visiveis, especialmente para a extremidade da columna vertebral. A ultima é substituida por uma chorda dorsal, que, em muitos individuos, é dividida em segmentos numerosos. Os arcos neurales, ás vezes, estão presentes em sua condição rudimentar. O extremo anterior da chorda passa á base cartilaginosa do craneo, não sendo a conexão estabelecida por juntas ou ligamentos. Os arcos hemaes são encontrados na porção caudal. Não ha costellas.

«O craneo, como a columna vertebral, é quasi inteiramente cartilaginoso. O basisphenoide, o frontal e os ossos maxillares são os primeiros que podem ser distinguidos; e as mandibulas teem, geralmente, ossificações.

«Os musculos não são, geralmente, ligados á chorda dorsal, que é circulada por uma substancia gelatinosa, espessa, separando as zonas musculares, lateraes, uma da outra. Estes musculos são ligados ao tegumento externo, formando, cada um, uma facha delgada, angular, com os angulos ante-vertidos. Comtudo, encontra-se, frequentemente, individuos com os musculos mais desenvolvidos, com certeza ás expensas da materia gelatinosa, que é reduzida em quantidade. São ligados á chorda; e todo o peixe tem uma apparencia mais cylindrica (*Helmichthys*). Os órgãos nervosos, circulatorios e respiratorios são bem desenvolvidos.

«Nos de corpo subcylindrico, o sangue é rubro; nos de corpo chato, os globulos sanguineos mostram, raramente, uma leve coloração. Ha quatro arcos branchiaes e, em alguns (*Tilurus*), encontrou-se pseudo-branchias.

«As branchias são mais ou menos estreitas, as narinas são duplas em cada lado e a posterior é contigua aos olhos.

«O estomago tem um amplo coeco e, em *Leptocephalus*, ha dous coecos lateraes. O intestino é recto, correndo junto ao perfil abdominal, com um pequeno appendice dirigido para diante e outro, maior, dirigido para traz. O anus é quasi sempre muito pequeno e em individuos conservados, pelo menos, não póde sempre ser descoberto. Sua posição é variavel, mesmo em exemplares inteiramente semelhantes, em outros pontos. Não ha vesicula natatoria. Não ha órgãos da reproducção.

«As nadadeiras verticaes, quando presentes, são confluentes com traços de raios mais ou menos conspicuos; ás vezes, ellas são uma simples prega da pelle, sém raio algum. Peitoraes, ás vezes presentes, ás vezes rudimentares, ás vezes inteiramente ausentes. Não ha ventraes.

«Muitos exemplares teem uma serie de máculas redondas, ao longo de cada lado do perfil abdominal, da linha lateral e, ás vezes, ao longo da dorsal. Ellas nos lembram os órgãos luminosos de muitos *Scopelideos*, *Stomiatideos* e outros peixes pelagicos, mas são inteiramente compostos de cellulas pigmentares. Estes peixes são encontrados fluctuando no mar, a grande distancia de terra. Seus movimentos são lentos e languidos.

«O maior exemplar de *Leptocephalus* observardo media dez pollegadas, porém exemplares de um tal comprimento são muito raros.» (Günther.)

Outros peixes (*Abula vulpes*) apresentam o estado de *Leptocephalus*, conforme observou o Prof. Gilbert (Eigenmann). Contudo, independente dos estudos de Raffaele e de Eigenmann, ainda muitos pontos obscuros, da evolução dessas interessantes fôrmas, restam á elucidar.

Não menos interessantes são as larvas dos linguados; effectivamente, esses animaes apresentam a fôrma normal, symetrica, que deveriam ter, perdendo-a com o desenvolvimento, havendo uma deslocação da posição primitiva de um dos olhos, para que os dois fiquem sobre um dos lados do craneo, com acompanhamento dos ossos da cabeça, e atrophia, ás vezes, de um dos membros peitoraes e ventraes.

Fôrmas verdadeiramente phantasticas, são as assumidas pelas larvas dos frades e conhecidas pelo nome de *Tholichthys*; basta se confrontar a figura junta com o estado adulto desses peixes, para se avaliar o gráo das modificações apresentadas.

Tambem o Agulhão (*Histiophorus*) merece ser, aqui, notado; e a sua larva, comparada com o adulto, mostra a curiosa transformação por que passam os ossos da bocca e do focinho, havendo perda de dentes e desenvolvimento destes ossos em um formidavel ariete, que mais tarde vão experimentar os inocuos cetaceos, victimas inevitaveis deste perigoso D. Quixote marinho.

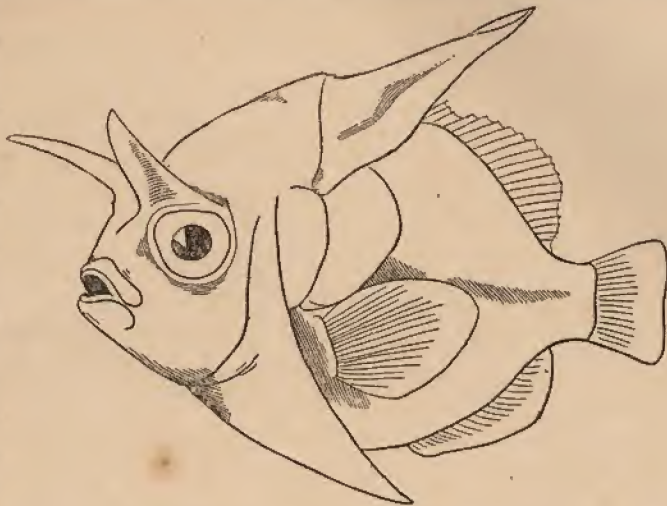


FIG. 41 — «Tholichthys» de um «Frade» (Günther)



FIG. 42 — Larva de «Histiophorus» (Agulhão bandeira) (Günther)

Segunda Parte

TAXONOMIA

SEGUNDA PARTE

Taxonomia

VALOR DA TAXONOMIA ZOOLOGICA

Afim de mostrar o modo por que distribuimos os peixes do Brasil, fazemos a seguinte exposição do modo pelo qual comprehendemos os peixes vivos da superficie da Terra, nos seus grandes grupos, considerados nas suas relações reciprocas de affinidade.

E assim procedemos, porque :

I — *Sine methodo cahos*.

II — Reconhecemos essas relações de affinidade.

Desde já declaramos que não somos nem por Buffon, o que o segundo motivo traduz, nem por Agassiz, a que não se oppõe o primeiro.

Comtudo, convirá observar-se que, aquelle autor, representando os que absolutamente não admittem a existencia de taes relações e, protestando não obedecer, portanto, sinão *às vezes da sorte*, era, com frequencia, forçado á uma systematica *sui generis* nas descrições, isto é, á obediencia da *systematica vulgar*, que representa, geralmente, as convenções — genero e especie :

Le Gobe-Mouche à Collier, le Gobe-Mouche Jaune, etc., equivalia por uma contradicção ao enunciado do seu principio.

Está visto que pouco importa dizer *Gobe Mouche* ou *Muscicapa* ; a lingua escolhida representa uma questão de methodo, para facilitar, convenção em que só entra o espirito ; entretanto, quando dizemos Papa-Moscas, nos referimos infallivelmente a um certo *typo* de ave, *typo* que existe na Natureza, que a nossa vista nos permite apreciar e que um olhar commum reconhece sem esforço.

E quando dizemos : Papa-Moscas Amarello, nos referimos, ao mesmo tempo, á um *typo* e á uma *variante* desse *typo* ; fazemos com isso uma descripção summaria, empregando duas palavras ; uso vulgar, adoptado sabiamente por Linneo e conhecido em systematica por *nomenclatura binaria*.

E' claro, entretanto, que a Terra não é sómente povoada de Papa-Moscas ; ao contrario, vemos á cada passo muitas outras fórmulas que vulgarmente conhecemos, ás quaes damos nomes, de accordo com as qualidades que mais nos despertem os sentidos ; e vamos dizendo : *Bem-Te-Vis, Irras, Tesouras, Chicorinhas*, etc., no que empregamos designações genericas vulgares, tal qual como Buffon o fez constantemente.

Ora, dentre as fôrmas nomeadas, nenhuma poderia ser chamada de *Papagaio* com o sentido proprio, uma vez que sabemos que os *Papagaios* são muito diferentes á simples vista, mas, ao contrario, podemos chamar qualquer uma dellas de *Papa-Moscas*.

Porém, ao passo que o simples bom senso não permittiria que se dissesse que o Bem-Te-Vi era um Papagaio, não nos repugna admittir que uma *Avestruz*, um *Papagaio*, um *Patc*, um *Urubú* ou um *Beija-Flor* sejam *aves*...

Nunca me hei de esquecer da expressão de espanto que se desenhou na physionomia de um notavel professor de Historia Natural, avêssô a fórmulas e nosso patricio, ao ouvir um sujeito chamar um pinguin (*Spheniscus magellanicus*) de peixe (1)...

Estamos certos que menor espanto não teria Buffon, se estivesse presente na occasião; tanto assim é, que o brilhante estylista da Natureza não descreveu nenhum peixe de permeio ás aves, nem mamifero de permeio aos peixes.

Ora, o que concluimos dahi, é que as fôrmas animaes se nos mostram *relacionadas de certo modo* que nós procuramos *exprimir*, por meio da palavra, nos valendo, não sómente da *inspecção vulgar*, mas, ainda, para maior segurança, do estudo de *todos os detalhes morphologicos*, de cada um desses seres.

E' nessa *expressão* que entra o contingente do espirito humano, e, visto como o seu esclarecimento não é o mesmo sobre os variados problemas que se prendem ao assumpto, dahi decorre a sua *relatividade*; não podemos, portanto, attribuir-lhe um valor dogmatico, como quer Agassiz.

Como muito bem diz Claus — «é evidente que não se póde admittir que o arranjo methodico, expressão das relações de parentesco dos organismos, que é deduzido das relações da organização, fundada na Natureza, seja uma pura invenção humana. E' menos inexacto, querer negar que a nossa actividade intellectual não tenha ahi alguma parte, porque a disposição de todo o systema é sempre subordinada á nossa maneira de encarar os factos naturaes e ao estado dos nossos conhecimentos scientificos. »

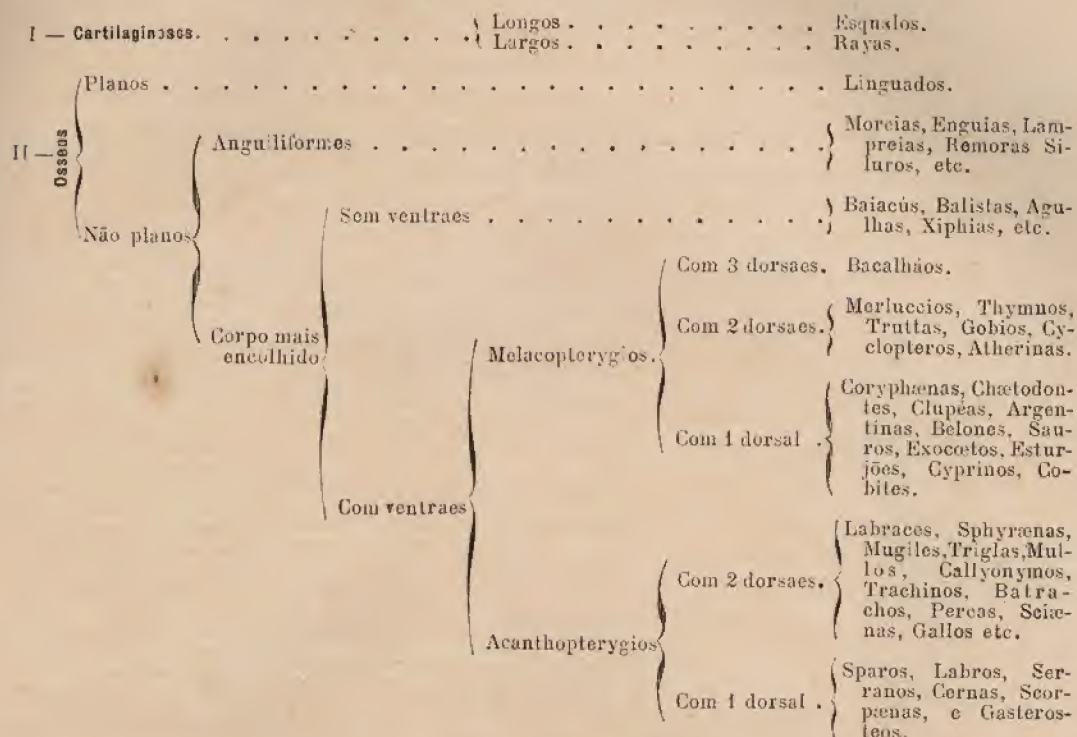
Entretanto, considerando que não ha sciencia sem o espirito humano (Hussay), podemos admittir que as classificações zoologicas visam exprimir o desenvolvimento das fôrmas animaes no tempo e no espaço e, portanto, não nos preoccupar com as definições de *methodos artificiaes e naturaes*.

METHODOS DE CLASSIFICAÇÃO

Com respeito á Ichthyologia, o mais antigo methodo taxonomico que mereça ser mencionado data de 1686, quando João Ray e Francisco Willughby, publicaram

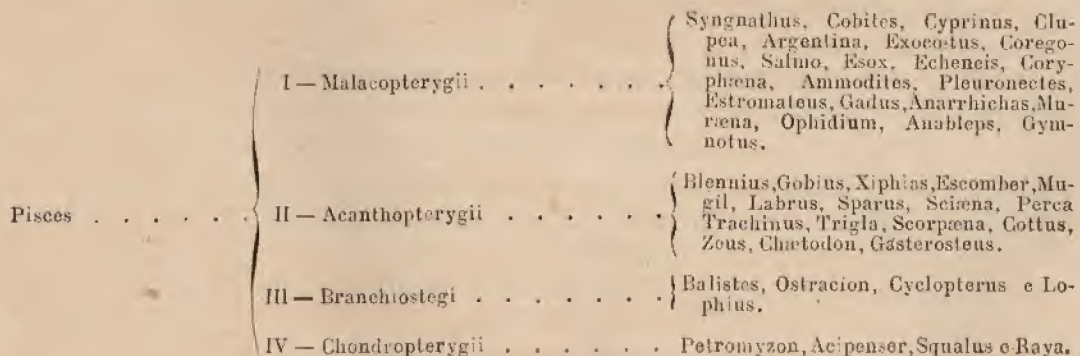
(1) Este facto passou-se á nossa vista, no Aquario do Rio de Janeiro; e o *homem do peixe* corrigiu o desconcerto do illustre professor, declarando « que tambem era formado em sciencias naturaes por uma das nossas escolas superiores » (!...)

a sua *Historia Piscium*; eis como os dous naturalistas inglezes comprehendiam os peixes :



Ahi vemos adoptada a estrutura do esqueleto para a primeira secção dichotomica, a fôrma externa do corpo para a segunda e terceira, a natureza das nadadeiras para a quarta e, finalmente, o numero destas para a ultima subdivisão.

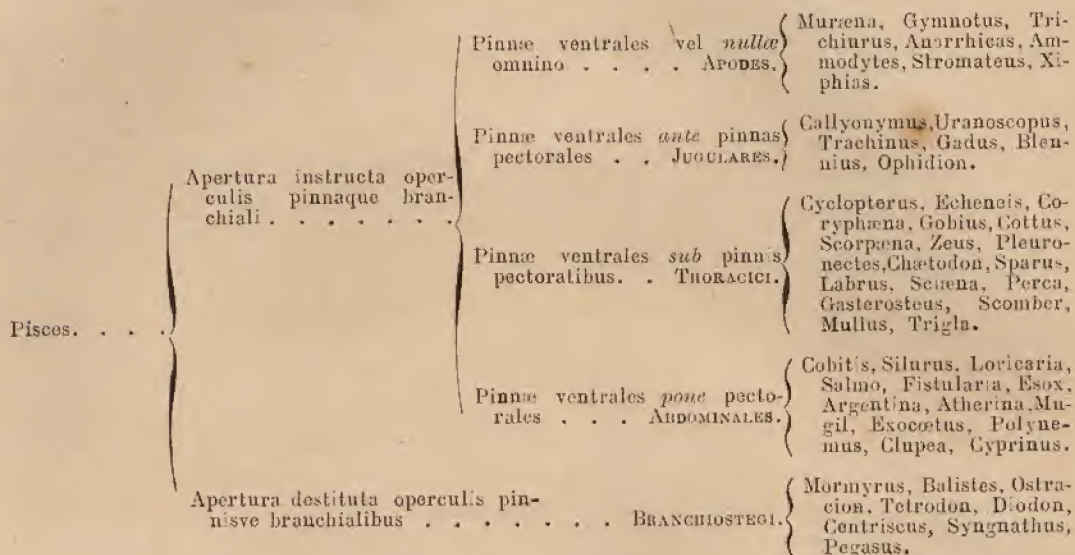
Essas bases, racionais, foram modificadas por Artedi, com vantagem, apenas, para a posição de alguns generos, isso mesmo pela influencia do systema de Ray e Willughby; no mais, o conjuncto de caracteres basilares foi abandonado em troco de dous unicos — a natureza das nadadeiras e a das aberturas branchiaes :



Ocorre aqui perguntar : Não são *malacopterygios* os *chondropterygios* ? E não são *acanthopterygios* os *branchiostegios* ?

A resposta já está dada por Blainville. O taxonomista esbarrava com esta dificuldade no ponto de partida, tinha desde logo noções erradas e só convencionalmente se dirigiria em tal systema. Não somos, por isso, do aviso de Cuvier ; para este eminente naturalista, Artedi « *surpassa infiniment son devancier* ».

Nem mesmo Linneo, o marco historico da zoologia que tanto aproveitou de Artedi, foi mais feliz, apesar de « *novam itaque tentare viam*. »



Convem não esquecermos que Linneo (1758) separou dos peixes os Cartilaginosos de Ray e Willughby, com os Esturjões e Lampreyas, isto é — os Chondropterygios de Artedi, para um outro grupo á parte, que elle chamou de *Amphibia nantes* e ao qual tambem addicionou os generos *Lophius* e *Chimæra*.

Na sua definição dos *Amphibia nantes*, « *Amphibiorum classem subire jubent Pulmones (pectinati ut Piscium) arbitrarii, Latere licet, NON VERO BRANCHII LIBERIS, SED ADNATIS respirantes* ».

Ao contrario, os peixes « *respirant BRANCHII LIBERIS* ».

Uma primeira divisão estabelecida sobre bases praticas apparece com Dumeril (1806); pelas explicações (differenciaes de caractéres) que acompanham e illustram as chaves, o methodo analytico se mostra ahi evidente e, a não ser o valor attribuido ao caracter da ossificação do esqueleto e á natureza do operculo, o seu systema pôde ser considerado racional; este criterium de operculo prejudicou a subdivisão dos peixes osseos, como a do esqueleto á dos cartilaginosos.

Incontestavelmente mais lucida, quanto á primeira secção, é a idéa de Pallas (1811), que reune sob o titulo de *Spiraculata* as rayas, as chimæras, os esqualos e as lampreyas e de *Branchiata* todos os outros peixes.

Entretanto, Blainville (1816), conservando o mesmo grupamento para os espi-
raculados de Pallas, que elle subdivide em *Heliopodes*, *Pelvipedes* e *Apodes*, dá-lhes
o nome de *Dermodontes* ou *Cartilaginosos* e o de *Gnathodontes* aos demais peixes
restantes.

Estes, elle subdivide em *Squamodermas* ou *Peixes escamosos* e *Heterodermas* ou
peixes « com a pelle de estructura variavel ».

Pisces	Gnathodon- tes s. Ossei	Squamoderma	Tetrapodes	Thoracici	Jugulares	Dipodes	Apodes	Heteroderma	Dermodontes s. cartilaginei	Abdominales	Metrosoma . . . Lucius, Clupea, Salmo Cyprinus.
										Silurosoma . . . Silurus.	Subencheliosoma . . . Cobites.
										Metrosoma . . . Labrus, Perca.	Leptosoma . . . Chietodon.
										Atractosoma . . . Scomber.	Cephalosoma . . . Cottus, Trigla.
										Subencheliosoma . . . Gobius, Callionymus.	Encheliosoma . . . Echenais, Cepola, Gymnetrus.
										Metrosoma . . . Gadus.	Cephalosoma . . . Batrachoides.
										Heterosoma . . . Pleuronectes.	Subencheliosoma . . . Ophidion.
										Atractosoma . . . Xiphius.	Leptosoma . . . Stromateus.
										Subteniosoma . . . Anmodytes.	Teniosoma . . . Trichiurus.
										Subencheliosoma . . . Gymnotus.	Encheliosoma . . . Anguilla.
										Encheliosoma . . . Muræna.	Synoptera . . . Cyclopterus.
										Brachioptera . . . Lophius.	Pelviptera . . . Ostracion, Diodon.
										Acanthoptera . . . Balistes.	Heteroptera . . . Syngnathus.
										Heliopodes . . . Acipenser.	Pelvipodes . . . Raja, Squalus.
										Apodes . . . Petromyzon.	

João Müller veio mostrar o valor da ordem dos Ganoides (1846) e elaborou o seu systema baseado na anatomia:

Pisces .	I — Dipnoi	Sirenoidei.
	Acanthopteri	{ Percoides, Cataphracti, Sparoidei, Scenoides, Labyrinthiformes, Mugiloides, Notacanthini, Scomberoides, Squamipinnis, Tainioidei, Gobioides, Blennioidei, Pediculati, Teuthyes, Fistulares.
	Anacanthini	{ Subbrachii Gadoidei, Pleuronectides.
		{ Apodes Ophidini.
	Pharyngognathi	{ Acanthopteri Labroidei cycloidei e Labr. ctenoidei, Chromides.
		{ Malacopteri Scomberesox.
	II — Teleostei	
	Physostomi	{ Abdominales Siluroidei, Cyprinoides, Characini, Cyprinodontes, Mormyri, Esoces, Galaxie, Salmones, Scopelini, Clupeidae, Heteropygii.
		{ Apodes s. angulares Murænoidei, Gymnotini, Symbranchii.
	Plectognathi	{ Balistini, Ostraciones, Gymnodontes.
	Lophobranchii	Lophobranchii.
	III — Ganoides	{ Holoste Lepidosteini, Polypterini.
		{ Chondrostei Acipenserini, Spatularie.
	IV — Elasmobranchii s. Selachii	{ Plagiostomi { Squalidae Scyllia, Nyctitantes, Lamnoides, Alopiidae, Costraciones, Rhinodontes, Notidani, Spinaces, Scymnoides, Squatinæ.
		{ Rajidae Squatinorajæ, Torpedines, Rajæ, Trygones, Myliobatides, Cephaloptere.
		Holocephali Chimære.
	V — Marsipobranchii	{ Hyperoartii Petromyzonini.
		{ Hyperotreti Myxinoidei.
	VI — Leptocardii	Amphioxini Amphioxini.

Em 1856, Dumeril reaparece, muito mais racional que da primeira vez ; na sua *Ichthyologie analytique* estabelece elle a clave que se vê em face :

Entretanto, melhor apprehendendo os caracteres antevistos por seus antecessores, Lutken, profundo conhecedor dos peixes, considerava-os de um modo muito mais conciso (1869) :

Pisces	Elentherobranchii s. Teleostei.	Physoclistes s. Acanthopteri.	Physoclistes ou Acanthropteros (incluindo Acanthopteros e Pharyngognathi de João Müller, grupos que não podem ser mantidos e, junto a estes, os Lophobranchios e os Plectognathos que devem ser reduzidos ao caracter de simples familias.
		Physostomi s. Malacopteri.	Physostomi ou Malacopteri, Typici, correspondentes aos Physostomi de J. Müller com addição das Amidae e dos Lepidolepides, Megaluri e Caturi do periodo Jurassico.
	Desmobranchii s. Chondrostei.		Ganoidei — Lepidosteidae ou Euganoides, Lepidopleurides ou Pycnodontes, Crossopteri ou Polypteri (Rhombiferi e Cycloidei).
			Lepidosirenidae s. Protopteri.
			Acipenseridae.
		Selachii	Acanthodei, Pleuracanthi, Chimære, Squali, Rajæ.
		Cyclostomi	Petromyzon, etc.
		Branchiostomi	Leptocardii.
		(Incertæ sedis)	
		Placodermi	(Cephalaspis, etc.)

Não ficara ahi a instabilidade da systematica dos peixes. O genial professor da Universidade de Iena, Ernesto Hæckel, dividira-os em tres grupos, sete sub-grupos e quinze familias, como se lê na sexta edição da sua *Historia da Creação* :

(Familias)				
Pisces	A — Selachii.	Plagiostomi	Squalacei	Acanthias, Carcharodon, etc.
			Rajacei	Rayas, Torpedos, etc.
		Holocephali	Chimæracoi	Chimæras, Callorhynchus, etc.
	B — Ganoidei.	Tabuliferi	Pamphracti	Cephalaspideos, Placodermas.
			Sturiones	Polyodontes, Esturjões, etc.
		Rhombiferi	Efuleri	Dipterideos.
			Fulcrati	Paleoniscos, Lepidosteos.
			Semiopteri	Polypteros.
	C — Teleostei.	Cycliferi	Coeloscolopi	Holoptychios, Coelacanthos.
			Pienoscolopi	Coccolépis, Amia.
		Physostomi	Thrissogenes	Arenques, Salmões, Carpas e Siluros.
			Enchelygenes	Enguias, Congros e Gymnotos.
		Physoclisti	Stichobranchii	Percas, Labros, Pleuronectes.
			Plectognathi	Lactophrys, Diodon.
			Lophobranchii	Syngnathus, Hippocampus.

Aberturas branquiais.	numerosas (POLYCLINES); sem operculos CHONDROSTICTHYES ou TREMATOPSEI; com a bocca	arranxada ou <i>Cyclostoma</i> ; abertura das branchias	por dentro ou occultas no interior	Endostomi.
2 (DICTILLES); operculos com o esqueleto.	fibro cartilaginosa CHONDROSTICTHYES ou CHONDROSTICI; com a bocca	larga ou <i>Phagostoma</i> ; abertura das branchias	por fora; raios e carina de 6 a 7	Extremati.
osseo, OSTICHTHYES ou ICHTHYOSTEES, com catopos	na ponta de um fôculo formado pelos ossos da face; branchias em forma de cacho	na ponta de um fôculo formado pelos ossos da face; branchias em forma de cacho	na ponta de um fôculo formado pelos ossos da face; branchias em forma de cacho	Lophobranchii.
Distintos sob	a garganta. <i>Propodes</i> ou <i>Anterops</i> , com o craneo ou a parte superior da cabeça	prognatha; nadadeiras pares	reunidas entre si, de base carada, como que pectinada	Polepteri.
o ventre	excessivamente reduzido na sua espessura, delgado, transversalmente estreito.	simples; dentes	separados, distintos e numerosos	Scleroderma.
a extremidade de um longo fôculo osseo e recoberto de pelle muito delgada.	o hypoptero, muito afastado e posterior junto a caudal.	sob um fôculo saliente ou mais ou menos saliente	solidados entre si sobre as maxillas	Hypostomates.
atrás dos pleuropodes, <i>Opisthopodes</i> ou <i>Poisterops</i> ; com a bocca	unico, sobre	nulas; operculos ausentes ou subcutaneos	incompletas, uma ou muitas ausentes	Opichthyes.
fucinho curto; epiptero	os catopos; ca-	muito distintas; nadadeiras	completas, separadas ou reunidas	Pteropteri.
sem escamas, mas recoberto ou envolvido por uma pelle livre muito espessa	sempre dupla, e com os primeiros raios dos pleuropos	nua; os catopos com os raios	longos; reunidos em ponta pela pelle	Gadoidea.
isolado, espinhoso e não subdividido comp os outros.	não isolado; dentes	pouco numerosos	curtos, espessos, carada e obtusos	Bleennioidea.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	frequentemente tão	lateral, corpo bastante regular	Leptosomidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	muito alongado, em forma de uma longa lamina muito chata	unilateral, corpo irregular.	Petalosomidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondo ou da mesma extensão em altura e largura; tendo assim a forma de um	cilindro e geralmente de um mesmo calibre	Gangylisomidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	espeso.	fuso, ou má s grossa no meio	Atractosomidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	singularidade de muitos órgãos, como	os pleuropos com muitos raios livres, separados.	Dactylo.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	excessivamente desenvolvida, ao menos pela	volume dos ossos	Hydrostoma.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	cabe-	em todas as suas regiões.	Cephalotes.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	denticulados, espinhosos	anexo; paladar.	Anthracinae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	simples, mas	duplo; paladar.	Pomacentridae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	sem denticulações nem espi-	nhos; com os dentes	Percoidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	reunidos ou solidados sobre os ossos da maxilla	cobertos de labios carnaudos.	Serranoides.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	na extremidade de um longo fôculo osseo e recoberto de pelle muito delgada.	o hypoptero, muito afastado e posterior junto a caudal.	Amphistomidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	atrás dos pleuropodes, <i>Opisthopodes</i> ou <i>Poisterops</i> ; com a bocca	unico, sobre	Opistopteri.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	fucinho curto; epiptero	os catopos; ca-	Lepidopoma.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	sem escamas, mas recoberto ou envolvido por uma pelle livre muito espessa	sempre dupla, e com os primeiros raios dos pleuropos	Silaroides.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	isolado, espinhoso e não subdividido comp os outros.	não isolado; dentes	Gyrinoides.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Pogonophoni.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Clupeidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Scutocephali.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Dipteromati.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Salmonidae.
redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	redondos, conicos, pontudos.	chatos, comprimidos	Characini.

tanto, illustrar a minha idéa, estabelecendo um schema da morphologia dos Ichthyopsideos.

Encarando os animaes, incluídos sob este titulo, como um todo, ou o desenvolvimento de cada um dos mais altos membros do grupo, observa-se que elles apresentam certos estados de differenciação, assignalados pelos frisantes caracteres do craneo, natureza dos órgãos respiratorios e desenvolvimento de uma prega opercular do tegumento.

Assim, o craneo, ora retém a sua segmentação primitiva (*Entomocrania*), ora desvaneceu-se esta, desenvolvendo-se um chondrocraneo (*Holocrania*). Ha duas narinas externas (*Amphirhina*) ou sómente uma (*Monorhina*).

Um *pneumatocælo* ou sacco aereo que se pôde tornar tanto uma vesicula natatoria como um pulmão, é desenvolvido (*Pneumatocæla*) ou não (*Apneumatocæla*); e uma prega do tegumento pôde cobrir as aberturas branchiaes (*Operculata*) ou não (*Inoperculata*).

Os Ichthyopsideos tambem exhibem uma serie de estados de differenciação dos membros, sendo, ora apodes, ora pedados; e quando pedados, tendo o esqueleto do membro construido sobre o typo do archipterygium ou sobre o do ichthyopterygium ou sobre o do chiropterygium.

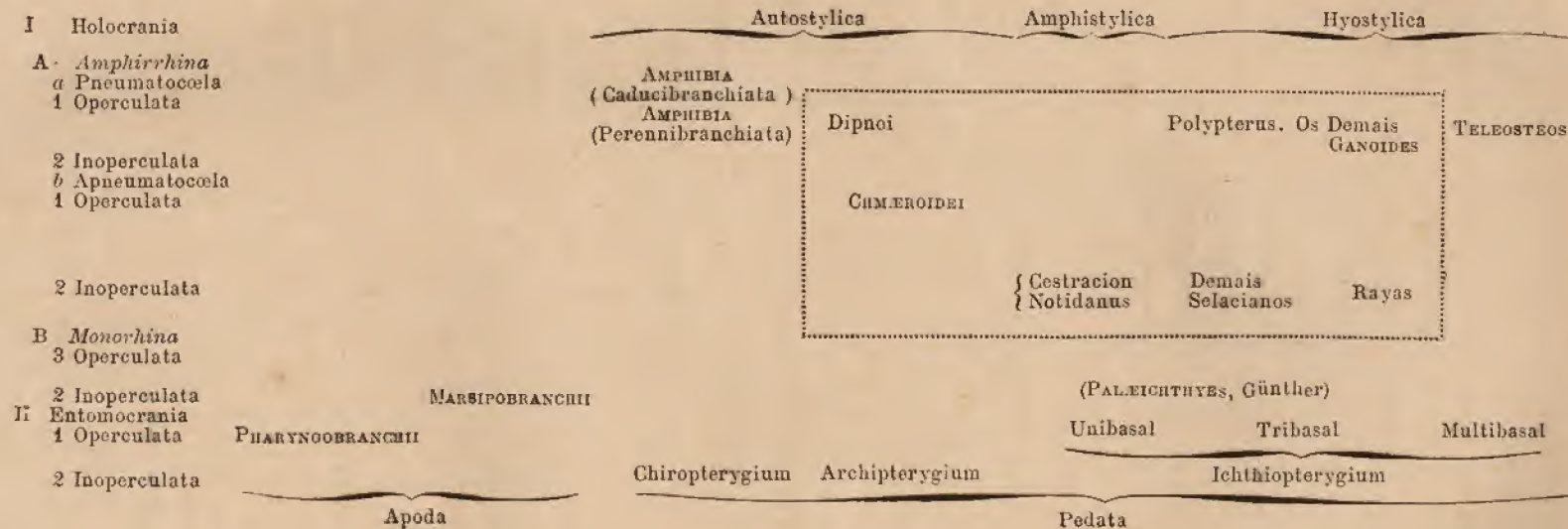
Além disso, quando o membro é um ichthyopterygium, pôde possuir um á dois elementos basaes, articulando-se com o arco peitoral (*unibasal*), tres (*tribasal*) ou muitos (*multibasal*), de accôrdo com a divergencia, cada vez maior, da nadadeira, do typo archipterygio.

O chondrocraneo pôde ser construido quer sobre o plano *amphistyltico*, quer sobre o *hyostyltico* ou sobre o *autostyltico*.

Então, si os estados de differenciação geral, forem indicados por pontos em uma linha vertical, de que se tirem linhas horisontaes e os estados de differenciação subordinada, do craneo e dos membros, forem indicados por pontos numa linha horisontal, sobre que se tracem linhas verticaes, teremos series verticaes de intersecções, indleando a differenciação geral e series horisontaes de intersecções indleando a differenciação especial.

Cada fôrma conhecida, occupará alguma intersecção dada; e as intersecções desoccupadas indicarão possibilidades de organização, não realisadas ou desconhecidas.

O seguinte quadro exhibe os grupos dos Ichthyopsideos, organizados de accôrdo com este schema. »



O systema de Gill soffreu algumas alterações ultteriores, feitas pelo proprio autor. Jordan e Evermann seguiram esse systema modificando-o, por sua vez ⁽¹⁾ :

I	Leptocardii	Amphiozi.	
II	Marsipobranchii	{ Hyperotreti. Hyperoarti.	
		Diplospondyli.	
		Asterospondyli	{ Proarthri. Galei.
	Selachii	Cyclospondyli	{ Cyclospondyli. Tectospondyli.
		Batoidei	{ Sarcura. Masticura.
	Holocephali	Chimæroidei. (Dipnoi, GROSSOPTERYGII.)	
		Selachostomi. Chondrostei. Rhomboganoidea. Cycloganoidea. Nemathognathi.	
III	Pisces.	Plectospondyli	{ Euthognathi. Scyphophory. Heterognathi. Gymnognathi.
		Symbranchia. Carencheli.	
		Apodes	{ Enchelycephali. Colocephali.
		Lyomeri. Isospondyli Anomi. Lipomi. Heteromi. Xenomi. Haplomi.	
	Teleostomi	Synentognathi. Hemibranchii. Lophobranchii	Syngnathi.
		Acanthopteri	{ Salmoperce. Xenarchi. Percozocis. Rhegnopteri. Holconoti. Chromides. Pharyngognathi. Squamipinnes.
		Plectognathi	{ Sclerodermi. Ostracodermi. Gymnodontes. Loricati. Craniomi. Discocephali. Haplodoci. Xenopterygii. Anacanthini. Teniosomi. Heterosomata.
		Pediculati.	

(1) 1900. Este systema foi o adoptado por nós, nas *Pescas do Annis*.

Finalmente, em 1902 Boulenger enceta uma classificação para os *Teleosteos* em quanto que Tate Regan chega ás seguintes conclusões, na sua tentativa de estabelecimento dos principaes grupos de *Teleostomi*, baseado na evidencia de dados morphologicos palpaveis (1904):

Pisces	{	<i>Chondropterygii</i> .	{	Chondrostei.
		Teleostomi		Grossopterygii. Dipneusti (Sirenoidei). Placodermi (Arthrodira, Antiarcha incl.). Teleostei (com addição de <i>Holostei</i>).

OS LEPTOCARDIOS E A TAXONOMIA

Uma importante questão assalta, de chofre, o ichthiologista que procura comprehendere a disposição dos peixes, segundo as suas affinidades naturaes :

O que são os Leptocardios?

Abordando a historia dos *Branchiostoma*, vemos que Pallas tomou por um mollusco o primeiro delles, denominando-o *Limax lanceolatus*, não sem lembrar uma certa semelhança deste «mollusco com as larvas (*Leptocephali*) das enguias» (1774). Foi, depois, incluído entre os peixes por Costa (1834) e ahi permaneceu até Hæckel.

Hæckel separou-o dos peixes por se tratar de um animal *Acraneo* — Vertebrado, sem craneo, nem cerebro, nem coração centralizado.

Por ahi, não faz elle parte dos peixes; mas, segundo o proprio Hæckel, «na sua estrutura interna *possue os caracteres os mais importantes* dos vertebrados, acima de tudo a chorda dorsal e a medulla espinhal. A chorda dorsal é uma haste cartilaginosa, pontuda nas duas extremidades; eixo central do esqueleto interno, ella é a base da columna vertebral. Immediatamente sobre a face posterior desta chorda dorsal repousa a medulla espinhal, que é tambem, na origem, um cordão rectilineo, pontudo nos dois extremos, mas ôco; é a peça principal, o eixo do systema nervoso em todos os vertebrados. Em todos, sem excepção, ahi comprehendido o homem, estes importantes órgãos têm primeiramente, no ovo, exactamente a fôrma simplissima que elles conservam no *Branchiostoma*. E' sómente mais tarde que a extremidade anterior da medulla se dilata para se tornar o cerebro, ao passo que da chorda provém o craneo que reveste este ultimo. Mas, no *Branchiostoma* o craneo e o cerebro abortam; podemos então, em bom direito, chamar *classe* dos acraneos a *classe* que representa o *Branchiostoma* e, inversamente, dar o nome de craniotas a todos os outros vertebrados.»

Hæckel está logico: Para elle *Branchiostoma* é um acraneo e pertence a uma divisão aparte *de todo* o resto dos vertebrados; sómente os dois caracteres nomeados por elle — *chorda dorsal* e *medulla espinhal* não são exclusivos dos vertebrados.

« Nas larvas livres e moveis das Ascídias apparecem os rudimentos incontestaveis da medulla espinhal e da chorda dorsal, exactamente como no *Branchiostoma*. Sómente, estes órgãos tão importantes do typo vertebrado não apresentam desenvolvimento: elles soffrem uma retrogradação. Essas larvas se fixam no fundo do mar e ahi se transformam em massa amorpha onde não se reconhece o animal sem algum trabalho» (Hæckel).

Si da parte das Ascídias ha uma retrogradação da chorda e da medulla com o desenvolvimento da idade, o mesmo se dá com os vertebrados, em relação a essa mesma chorda dorsal que permanece sómente em alguns, desapparecendo para dar lugar á columna rachidiana, nos outros.

Resta apenas, então, a *permanencia* ulterior da medulla rachidiana com a sua forma caracteristica ao typo dos vertebrados, como caracter indicativo da relação do *Branchiostoma*, com estes animaes.

Contudo, apezar disso, Hæckel não se considerou bastante auctorizado a constituir com elle um grupo aparte dos Vertebrados e, embora se tenha, ulteriormente, fallado em *protovertebrados*, a maioria dos autores não sancionou essa divisão.

Examinemos, agora, si elle constitue um grupo á parte, como o quer Hæckel, ou si póde ser incluído em algum dos outros grupos de vertebrados já conhecidos.

Vimos Gill dizer que estava de accôrdo com Cope, que sob o termo geral PEIXES são confundidas tres classes perfeitamente distinctas—*Pisces*, *Marsipobranchii* e *Leptocardii*; vejamos ainda que o mesmo autor «acha-se inclinado a concordar com Hæckel no reconhecimento de *mais amplos e mais obvios limites entre os peixes typicos* e as duas *classes inferiores*, do que entre quaesquer das outras classes contiguas de vertebrados.»

Vimos tambem que Günther, por seu lado, inclue os *Branchiostomideos* entre os peixes, embora dizendo «que (o *Branchiostoma*) é o infimo gráo da escala dos peixes e carece de tantos caracteres, não só desta classe, mas da dos vertebrados, que *Hæckel com boa razão o separou para outra classe á parte, a dos ACRANEA.*»

Ora, si Hæckel está em *boa razão*, por que não admittir a sua systematica, neste particular ao menos?

Por nossa parte não comprehendemos como se diga que «*sob o termo geral* «Peixes» são confundidas tres classes inteiramente diversas» e se continue a mantel-as sob esse mesmo termo geral.

Em primeiro lugar, notamos que pouco nos importa chamar as secções em que encontramos divididos os animaes, de classes ou cousa semelhante.

Em segundo lugar, uma vez admittida a hypothese de não pertencer á um grupo uma forma qualquer, não podemos conserval-as no mesmo grupo do qual a excluimos.

Por tal forma, applicando ao caso, seremos fatalmente lançados á classificação de Oken e teremos os *Peixes-Peixes*, os Peixes não Peixes, os Peixes Insectos, etc.

De duas uma : ou os caracteres dados por Hæckel bastam para separar *Branchiostoma* dos peixes, ou não são sufficientes e como tal não teem outro valor sinão o de estabelecer uma secção desse grupo.

Analysemol-os :

I — SEM CRANEO — Só no grupo dos peixes se encontra o craneo imperfeito, tendo fontanellas abertas, e, si admittimos o craneo rudimentar das *Lampreyas* como intermediario, a gradação é perfeita ;⁽¹⁾ e si, só no grupo dos peixes encontramos o craneo assim incompleto, a sua ausencia é antes um caracter de afinidade para com esse grupo. ⁽²⁾

II — SEM CEREBRO — Poderemos dizer assim ? E' sabido que os nervos da medulla rachidiana são collocados assymmetricamente, ao passo que dous pares de nervos (craneanos) anteriores são symetricos ; atraz desses dous pares symetricos ha um *bulbo olfactivo* que vae ter á fosseta olfactiva.

« O material cellular deste sacco preoral, se divide em tres secções, uma fosseta nasal, um orgão rotator proprio do *Branchiostoma* e a massa de aspecto glandular situada entre o pharynx e o systema nervoso. Si se observa que nos *Cyclostomos* a hypophyse está ligada á fosseta olfactiva, como Dorn o fez notar de ha muito, ser-se-ha impellido a attribuir, tambem, o valor de hypophyse á secção da branchia preoral primeiro ligada á fosseta olfactiva. Isto, de resto, não é absolutamente especial ao *Branchiostoma* e no Axolotl, na segmentação do cordão nervoso lateral em ganglios, vê-se que o ganglio olfactivo e o ganglio ciliario (hypophyse) procedem de uma unica massa anterior ao trigemeo, primeiro indivisa e que se segmenta ulteriormente (Hussay).

« A considerarmos esta fosseta como o equivalente do orgão do olfacto dos *Cyclostomos*, a porção anterior dilatada do *tubo medullar* não sómente corresponderá á *parte posterior do cerebro* e ao *cerebro posterior*, mas ainda *encerará os elementos do cerebro anterior* e, por conseguinte, do *cerebro intermediario* e do *mediano* (Claus).

Então, quando muito, poderíamos dizer: Cerebrorudimentar enunca: Sem cerebro.

III — Sem coração centralizado — Pondo de parte a questão das valvulas, resta-nos perguntar — mas a que typo se refere a circulação? A resposta só poderá ser :

A' dos peixes.

Si o facto da não existencia de coração centralizado basta para isolar os *Branchiostomideos* do grupo dos peixes, pela mesma razão os *Dipnoicos* não podem continuar nesse grupo, porque o seu coração é o dos *Batrachios*, e, ainda mais, o typo da circulação.

(1) Entre os vertebrados. O proprio Gill diz: Igualmente indiscutido é que os mais proxivamente relatados aos *Leptocardios* são os *Marsipobranchios* (*Lampreyas*, etc.) e a tendencia tem sido antes desprezar as differenças fundamentaes entre os dous e approximal-os demasiadamente, do que o contrario.

(2) Demais, depois que Van Wijhe provou a continuidade da segmentação mesodermica da cabeça e do tronco nos *Selacianos*, mostrando a existencia de um estado *acranco* no embrião daquelles *craniotas*, essa afinidade estabeleceu-se de maneira frisante.

A' estas considerações juntamos que

- I — a disposição do tecido e systema muscular,
- II — a permanencia e posição do aparelho branchial, ⁽¹⁾
- III — o facto de ser raiada a nadadeira de *Epionichthys cultellus*,
- IV — a fôrma do corpo lanceolado inferiormente comprimido e
- V — a fecundação,

só encontram similares no grupo dos peixes; portanto, pensamos que os Branchiostomideos constituem um dos escalões desse grupo e, considerando a sua organização, que elles constituem tambem o typo mais simples.

O NOSSO METHODO — RAZÕES QUE O DETERMINARAM

Estabelecidos estes pontos primordiales, declaramos que as nossas vistas a respeito do grupo dos peixes concordam com as de J. Ray & Willughby, Dumeril, Pallas, Blainville, Cuvier, Lutken e T. Regan, isto é, que se pôde reconhecer nelle dous grupos principaes que com Lutken chamamos:

DESMOBRANCHIOS E ELEUTHEROBRANCHIOS

Tomamos ao pé da letra essas designações, isto é, reconhecemos o character da posição das branchias ligadas ás paredes do corpo, collocadas por detraz da cabeça e fóra della, communicando-se para o exterior por multiplas aberturas, ás vezes conduzindo a um ou dous póros communs, sem aparelho opercular, para os primeiros.

As branchias livres em uma camara existente na parte infero-posterior da cabeça, a esta ligadas apenas por intermedio dos ossos branchiaes basilares, abrindo-se a camara branchial para o exterior por um unico par de aberturas, reforçadas por um aparelho opercular, para os segundos.

Não adoptamos os termos *Chondropterygios* e *Osseos* ou *Teleostomos*, porque não se referem ao character principal e poem em confronto partes heterogeneas.

Mais racional seria adoptar, com Ray e Willughby, os termos *Osseos* e *Cartiliginosos*; mas, ahi temos muitos Ganoides tambem cartilagenosos e, por esse processo, teriamos de dividir um grupo cuja autonomia é universalmente reconhecida.

(1) Temos nas fendas do seu sacco pharyngeal os primeiros rudimentos (conhecidos) de um aparelho branchial especializado (Gill).

Depois de estudar a segmentação de Branchiostoma comparada com a de Squalus, considerando o 1º par de aberturas visceraes do Branchiostoma como o exacto homologa das aberturas hyomanidibulares dos mais elevados vertebrados, Neal conclue «Consequentemente vê-se no fim do periodo larval um «estado critico» de consideravel duração, em que Branchiostoma possui oito aberturas visceraes que, si a homologia supra for correcta, são exactamente homologas ás oito aberturas morphologicas de Heptanchus (Selaciano) e Petromyzon (Cyclostomo). A evidencia da homologia exacta da bocca e das aberturas visceraes de Branchiostoma, no periodo critico, com o dos Craniotas, parece-me fortemente confirmatorio da verdade da exacta homologia dos segmentos em Branchiostoma e Squalus, tal como ficou dito» (Neal).

Os *Desmobranchios* consideramos subdivididos nos grupos dos Acraneos (Hæckel) e dos *Synchraneos* (nob.), isto é, tomamos por base a ausencia do craneo de um lado e do outro a sua presença sendo a falta de suturas a differencial característica.

Isto vale por dizer que o segundo grupo dos *Synchraneos* providos de mandíbulas (*Gnathophori*) fica apenas constituído pelos selacianos, isto é, tubarões e rayas, emquanto a divisão do primeiro (*Agnathophori*) ⁽¹⁾ dos desprovidos de mandíbulas, permanece tal qual como o estabeleu J. Müller.

O dos *Gnathophori* fica naturalmente dividido de accordo com a maioria dos autores; adoptamos a designação de Dumeril, substituindo o termo *Pleurotremati* por *Epitremati* e fizemos uma restrição que se refere ao isolamento das *Chimæras*.

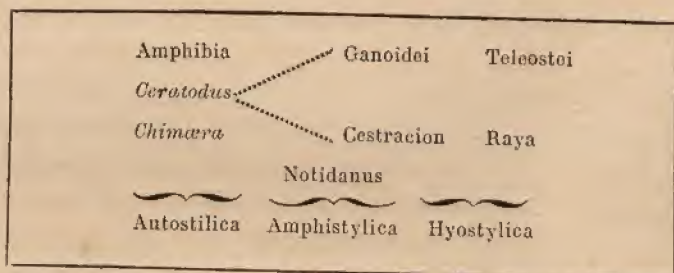
Logicamente, si acceitámos a natureza da branchia por base, não acompanhámos Lutken conservando estes peixes entre os *Desmobranchios*.

Entretanto, a nossa opinião não se funda apenas na logica do raciocínio, mas, também, na dos factos:

Gill acha que os Holocephalos são mais proximos dos *Ganoideos* em alguns respeitos e os conserva proximo aos *Plagiostomos* (tubarões e rayas), porque as suas feições geraes ainda não foram decididas (1871) e, em outros respeitos, elles se approximam destes ultimos.

Huxley diz (1876):

« Encarando sómente a estrutura do craneo, as relações de *Ceratodus* podem ser expressas assim:



Ray Lankester escreve (1879): « De todos os peixes vivos, os Holocephalos são os que, seguramente, mais se approximem dos Dipnoicos. A semelhança em alguns pequenos pontos é inteiramente frisante; além dos importantes pontos de identidade da estrutura do craneo e columna espinal temos: os notaveis dentes em forma de tesoura, fortemente semelhantes nas duas fórmãs; a posição da prega das narinas em *Chimæra* e das narinas antero-posteriores dos Dipnoicos; a curta massa oval dos intestinos em ambos os grupos, realmente tornada de grande extensão pelas sinuosidades contiguas e internas da valvula espiral; a semelhança

(1) Restrição dos *Agnatha* de Cope; dizemos, entretanto, *Agnathophori* para mais perfeita opposição ao termo *Gnathophori*, no que seguimos os conselhos do Dr. Hans Heilborn, Lente de grego do Gymnasio Nacional.

detalhada dos órgãos genito-urinarios em ambos os sexos respectivamente e, talvez mais frisantemente, a identidade em *Chimæra* e nos *Protopteri* das linhas de glandulas dispostas sobre a cabeça, semelhança cuja ligação foi pela primeira vez salientada por Hyrtl. »

Comparando o coração de *Chimæra monstrosa* com o dos Dipnoicos, elle acha que o primeiro é eminentementê ichthico e selaciano ; mas, considerando as differenças funcçionaes que possam ser trazidas pelos habitos do *Protopterus* e a presença de pulmões, com os da *Chimæra*, que só tem branchias, elle mostra ter encontrado « o cone perfeitamente recto, conduzindo á uma cavidade ventricular muito maior do que a dos Dipnoicos. De facto, ha poucos motivos de duvida para que a cavidade do ventriculo, entre valva auriculo-ventricular e a base do cone, tal qual se acha delineado em *Chimæra*, pela mudança do character das paredes, represente, geneticamente, os segmentos verticaes inferiores e os transversos do cone dos Dipnoicos. Estou inclinado á pensar que, sómente o segmento vertical, superior, do cone dos Dipnoicos, poderia ser comparado com o saliente « cone » do coração de *Chimæra*. E quando estas duas porções são comparadas no *Ceratodus* e em *Chimæra*, a semelhança é exacta.

Chimæra (ao menos o exemplar examinado por mim) tem duas series de valvas marsupiformes no cone, com quatro em cada fila, precisamente como no limbo superior do meu exemplar de *Ceratodus*.

A semelhança estende-se ás cristas longitudinaes que existem abaixo da serie superior ou maior de valvas, mas não em baixo da inferior e menor fila. Si, então, encaramos a parte da cavidade ventricular, á esquerda do meu desenho, como o que, nos Dipnoi, começa a se elevar para fóra do coração e desenvolver como uma addição ao cone existente, podemos encarar, nesta parte da cavidade, da extrema direita (esquerda do animal), para indicação das partes correspondentes á cortina valvular e á fibro-cartilagem basilar. Penso que é possível reconhecê-las, nos componentes da valva tricuspide pela qual a aurícula e o ventriculo, do coração de *Chimæra*, se communicam. Afim de comprehender a fôrma desta valva, deve-se, antes de tudo, considerá-la pelo lado auricular. Um foramen semelhante a um pequeno triangulo é ahi visto conduzindo da da aurícula ao ventriculo. Tres cristas são collocadas entre os tres angulos da abertura. Uma dessas tres cristas é mais proeminente e membranosa do que as duas outras. Ella pôde ser tomada como a representante da cortina valvular auriculo-ventricular dos Dipnoicos. Das duas peças restantes, uma é maior e mais firme do que a outra ; e quando seguida para dentro da cavidade ventricular, vê-se que fôrma, ahi, um lobo consideravel. Ella é, provavelmente, a representante da grande fibro-cartilagem basilar dos *Dipnoicos*, emquanto que a terceira, muito menor, pôde ser que desapareça, quando a maior se desenvolve sobre ella. »

O autor insiste em declarar que não liga importancia a essas identificações, que chama de hypotheticas, mas termina dizendo ser « de algum interesse, em conexão

com o desenvolvimento de um septo auricular em ambos os anímeees, relatar que, em *Chimæra* a aurícula é incompletamente dividida por uma prega septal em dous compartimentos, em um dos quaes se abre o sinus, enquanto | que o outro conduz á pequena passagem tricuspidæ auriculo-ventricular. »

Mivart, referindo-se ao pelvis de *Callorhynchus antarcticus*, diz que elle « é muito notavel e muitissimo (far more like) mais semelhante ao pelvis de um *Batrachio* do que o é qualquer outro pelvis de peixe de meu conhecimento ». E mais adiante répete : « Em *Chimæra* e *Callorhynchus*, comtudo, o pelvis, como nós vimos, assume a apparencia do dos vertebrados que respiram o ar (air-breathing vertebrates), comquanto não adquiram fixação á columna espinhal ».

Günther vae mais longe (1880): « Em apparencia externa e tendo em vista a estrutura dos seus órgãos de propagação, as *Chimæras* são esqualos. Os machos são providos de espermatophoros em connexão com as ventraes e os ovos são grandes, encaixados em uma capsula cornea e em pequeno numero; e não ha duvida que elles sejam fecundados dentro do oviducto, como nos tubarões... De outro lado as relações das *Chimæras* com os Ganoides e, mais especialmente, com o typo *Dipnoico*, torna-se manifesta no seu esqueleto notochordal e na continuidade da cartilagem craneana. O aculeo anterior á primeira dorsal é articulado á neurapophyse e não meramente implantado nas partes molles, immovel, como nos esqualos. Ha um operculo cartilaginoso e a abertura branchial externa é unica. A dentição é a de um *Dipnoico*, sendo cada « maxilla » armada de um par de grandes placas dentarias, com addição de um par de dentes cortantes, menores, na « maxilla » superior. Semelhantes formações dentarias não são raras nos sedimentos, começando do *Lias* e do fundo da serie *oolithica*; mas é impossivel decidir em que caso estes fosseis podem ser referidos ao typo *Holocephalo* ou ao *Dipnoico*.

Ainda a Paleontologia nos ensina que « os selacianos e ganoides hyostylicos, deveriam ser considerados como ramificações de um lado, os *Holocephalos* e os *Dipnoi* autostylicos como ramos independentes de outro ».

« Os *Holocephalos* formavam desde o periodo paleozoico um ramo lateral, independente dos *Selacianos*, o qual se conservou com seus caracteres, em parte embryonarios (polyspondylia, autostylismo), até a época actual. »

« A origem dos *Dipnoi* está envolvida nas trevas. Resulta da comparação de *Dipterus* com os *Cyclopterinos* que, precisamente os representantes paleozoicos dos *Dipnoi* (os *Ctenodepterini*), assemelham-se, sob muitas relações, á certos *Ganoides* (*Crossopterygii*); as relações dos *Sirenoidea* com os *Coelacanthinos* não são menos frisantes. Como, de resto, os *Dipnoi* participam, tambem, de importantes caracteres dos *Holocephalos*, vem-se a suppôr que os *Holocephalos*, os *Dipnoi* e os *Ganoides* sahiram de uma unica forma commum » (Zittel, 1893).

Podemos, depois disto, ponderar :

I — Que a forma do ovo dos *Chemæroides* differe da dos esqualos e rayas.

II — Que si os *espermatothoros* daquelles peixes os ligam aos tubarões e rayas, ainda não sabemos o valor physiologico das papillas vasculares do membro posterior do *Lepidosiren*.

III — Que a presença dessas papillas significa o sexo masculino, do mesmo modo que o *espermatothoro*.

IV — Que se o membro posterior dos *Holocephalos*, pela sua relação com os órgãos intromissores, lembra os *selacianos*, o membro anterior lembra os *sirenoides*.

V — Que os traços physionomicos das *Chimæras* e, especialmente, das *Harriotas* lembra mais os *esturionianos* que os *selacianos*.

VI — Que, si a presença de *espermatothoro* é o essencial para a inclusão das *Chimæras* entre os *selacianos*, (1) a adaptação da nadadeira anal ás funcções reproductoras deve isolar os *Anableps*, os *Girardinos* e as *Pœcílias*, etc., dos *Ciprinodontideos* desprovidos dessa modificação; e si tal não se faz, é porque a especialisação de um unico órgão não basta para isolar completamente as formas cujo conjuncto de caracteres demonstra affins.

E, desse modo, nos parece que justificámos a presença dos *Holocephalos* ou *Chismopneus* entre os *Ganoides*, ao lado dos *Dipnoicos*, no grupo dos *Eleutherobranchios*.

Tomamos para a primeira divisão desse grupo o nome de *Spirophori*, e para o segundo o de *Aspirophori* rejeitando os nomes *Ganoides* e *Teleostei* pelo mesmo motivo por que não adoptamos os termos *Osseos* e *Cartilaginosos* para as grandes divisões. Entre os *Eleutherobranchios* só os *Ganoides* teem valvula espiral; e mesmo que este caracter só possa ser constatado nas formas vivas, nem por isso deixa de ser acceitavel, em um grupo onde os demais caracteres não estão *todos*, sempre presentes.

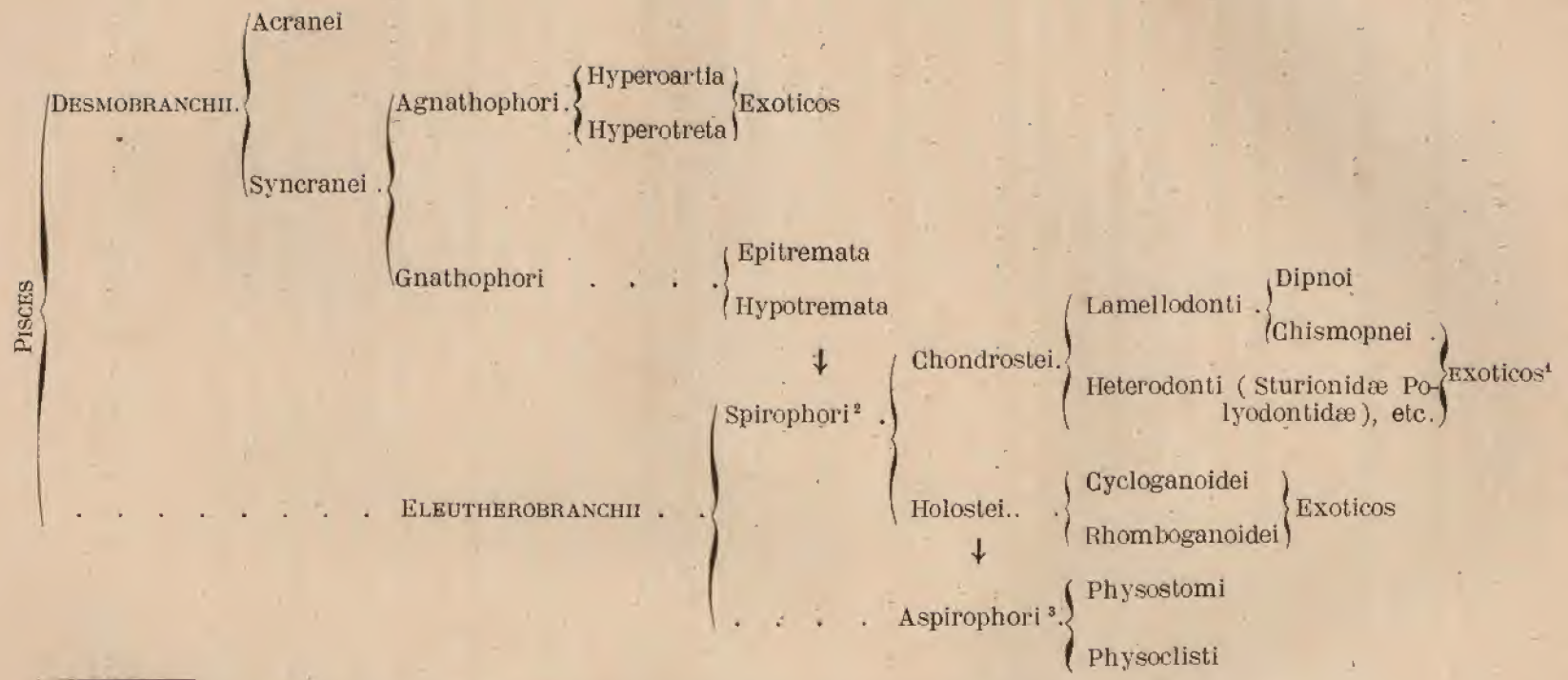
Em contrario, os *Teleosteos* não possuem essa valvula; mas, como o caracter do esqueleto não é differencial, porque entre os *Ganoides* ha peixes verdadeiramente osseos, é justificavel a adopção de um nome antagonico para esse grupo.

Separando em dous grupos os *Spirophori*, seguimos as designações dos autores de *Chondrostei* e *Holostei*; para o primeiro, admittimos duas divisões que denominamos *Lamellodonti*, incluindo os *Dipnoi* e os *Holocephala* ou *Chismopnea*, em opposição aos *Heterodonti*, incluindo os *Esturjões* e *Polyodontes*. Os *Holostei* acceitamos tal qual estão admittidos até agora.

Os *Aspirophori* admittimos divididos em dous grupos com Müller, Lutken e Hæckel; deixamos para mais tarde a analyse de suas subdivisões.

O quadro synoptico junto melhor resumirá o nosso modo de ver.

(1) « Os «*claspers*, órgãos intromittentes, são communs tanto aos *Plagiostomos* como aos *Chimæroides*; os tentaculos dos ultimos são-lhes peculiares. A posição do «*Clasper*» do *Chimæroide* é superior á margem da ventral, a dos *Plagiostomos* é inferior» (Garman).



¹ É possível que as *Chimæras* frequentem as nossas águas, contudo ainda não foram nellas constatadas.
² Ganoides + Chismopnei.
³ Teleostei.

Terceira Parte

ALGUMAS INDICAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS—INDICE

TERCEIRA PARTE

Algumas indicações bibliographicas

- AGASSIZ — Poissons fossiles (V vols.) Neuchat—1833-44.
» — Essais s. la class. des Poissons. Neuchat. 1844.
AGASSIZ & WHITHMAN — The development of osseous Fishes, Mem. Museum Comparative Zoology Cambr. — vol. XIV n. 1, pt. I—1885 e pt. II—1889.
ALBRECHT — Valeur morphol. artic. mandib. — 1883 — Bruxelles.
BAER — Entwicklungsgeschichte der Thiere (2 vols.)—1828.
BALFOUR — Monogr. development Elasmobr. Fishes — 1878 — Lond.
BATAILLON — Les premiers états du developement chez les Poissons et Amphibiens — Arch. de Zool. Exper. et Gen. — 1897.
BISCHOFF — *Lepidosiren paradoxa*, Leipzig-1840 (Autem: Ann. Sci. Naturelles, vol. XIV—1840 et Cambridge Journ. Anat. — Physiol. — XI pt. I — 1876.
BOAS — Lehrbuch d. Zoologie, Iena — 1906.
BOVERI — Nierenkanälchen d. *Amphioxus* — Zool. Jharb., — 1892.
BRIDGE — Morphol. Skull in Paraguayan *Lepidosiren*, etc., Trans. Zool. Soc. London, vol. XIV — pt. V. — 1898.
CLAUS — *Traité de Zoologie*, ed. Moquin-Tandon—1884.
CUVIER & VALENCIENNES — Histoire Naturelle des Poissons — vol. I, 1828 — Pariz.
DELAGE — L'Heredité et la Structure du Protoplasma — Paris — 1904.
DUMERIL — Ichthyol. Analytique—Paris—1856.
EIGENMANN — The Solution of the Eel question — Trans. Am. Micr. Soc. vol. XXIII — 1902.
EHLERS — *Lepidosiren paradoxa* & *L. articulata* — Annals & Mag. Nat. History, n. LXXIX — Julho — 1894.
JORDAN & EVERMANN — Fishes of N. and. Middle Amer. Bull 57. U. S. Nat. Mus. 1896-1900.
GARMANN — The *Chimæroids* (*Chismopnea*), etc. Bull. Mus. Comp. Zool. Cambr. Mass. vol. XLI—2—1904.

- GEGENBAUR — Untersuchungen z. Vergleichende Anatom. d. Wirbelthiere — 1872 (Leipzig).
- » — Ienaische Zeitschrift — vols. V Hft 4—1870; vol. VII Hft. 2 (1872).
- » — Morphol. Gliedemasse Wirbelthiere — Morphol. Jharb. vol. II — Heft. 3 — 1876.
- » — Grundriss d. vergl. Anatomie — 1874.
- GILL — Arrangement of the Families of Fishes, Washington, 1872 (Smithsonian Institution).
- GÖLDI — On the *Lepidosiren* of the Amazons—P. Z. Soc. Lond. XIV—pt. 7—1898.
- GRAHAM KERR — On *Lepidosiren paradoxa*, etc. Philos. Transation, vol. 192 — 1897.
- GÜNTHER — Description of *Ceratodus* — Philos. Transactions, II pt. — 1871.
- » — An Introduction to the Study of Fishes — Edimburgo — 1880.
- HEKEL — L'Histoire de la Creation ed. Leturneau e Ch. Mart. — 1877, Paris.
- HUSSAY — La Forme et la Vie — Paris — 1900.
- HEXLEY — On the representative of the Malleus and the Incus of the mammalia in the others vertebrates — Proc. Zool. Soc. London. — 1869.
- » — Anat. Vertebr. — 1871.
- » — On *Ceratodus forsteri*, with observations on the classification of Fishes — Proc. Zool. Soc. London — 1876.
- HYRTL — *Lepidosiren paradoxa*, Abhandl. Böhem Gesellschaft — Bd. III — 1845.
- HUMBOLDT — Obs. sur l'anguille électrique — (1806) — 1811.
- JOBERT — Sur la respirations aérienne de quelques Poissons du Brésil — Comptes Rendus de l'Acad. de Sciences de Paris — 309—1877 (I) e 86 — 1878 — I.
- JOHANNES MÜLLER — Uber *Branchiostoma lubricum*, Abhandl. Berl. Acad. — 1842.
- » — Uber Ganoiden und naturl. Syst. d. Fische—Abhandl. Berl. Acad. — 1846.
- KOWALEWSKI — Embryologische studien—St. Petersburg—1871.
- » — *Amphioxus lanceolatus*—1867 e Archif. f. Micr. Anat. XIII—1877.
- LINNÆUS — Systema Naturæ — Tomus I. Holmiæ — 1758 (ed. classica).
- LUTKEN — On the limits and classification of the Ganoids — Annals & Mag. Nat. History, vol. VII (4^a serie), n. XLI — 1871.
- MIVART — Fins of Elasmobranches — Trans. Zool. Soc. Lond., vol X — Mem. XII — 1879.
- NEAL — Segment. Nerv. System in *S. acanthias*—Bull. Mus. Comp. Zoology — Cambridge—Mass. XXXI—7—1898.
- OWEN — Archetype & Homologies Vertebr. Skeleton — 1848.
- » — Anat. Vertebr., III vols. — 1866—1868.
- PARKER — On the structure and development of the skull in the Salmon, Philos. Trans. Roy. Soc. London — vol. 163 — 1873.
- » — Structure and development of the shoulder girdle and Sternum in the Vertebrates — Ray Society — 1868.

- PARKER — On the Skull in Sharks & Skates — Trans. Zool. Soc. London — vol. X — V — 1879.
- PORTIER — Les poissons électriques — Bull. Mus. Océanogr. ne Monaco — 76 — 1906.
- RAFFAELE — Le nuova galleg. e larve dei Teleostei — Mittheilungen Zool. St. z. Neapel — VIII — 1888.
- RAY LANKESTER — On the *Lepidosiren* of Paraguay, etc. — Trans. Zool. Soc. Ld., vol. XIV — P. I — 1896.
- REGAN — The Phylogeny of the Teleostomi — Tr. Zool. Soc. London — 1904.
- ROULE — Embryologie Comparée — Paris — 1894.
- WIJHE (van) — Mesoderm segmente & Entwick. d. Nerven d. Selachierkopf. — Natuurk. Verh. Akad. Wiss. Amsterdam — 1883.
- » — Kopfreg. d. Kranloten beim *Amphioxus*, etc. Anat. Anz. Jharg. 4.
- ZITTEL — Paleontologie, vol. III — 1893 (Trad. Barrois).
-

INDICE

Primeira Parte			
	PAGS.		PACS.
Noções geraes de morphologia e physiologia :		Ouvido	84
Os peixes	35	Gosto	84
A forma.	35	Tacto	84
O corpo.	38	Linha lateral	85
Systema tegumentar externo.	43	Photophoros.	85
Apparelho digestivo	45	Apparelho reproductor.	85
Systema vascular	51	Desenvolvimento.	87
Circulação.	54	Formas larvares	91
Apparelho respiratorio.	54		
» excretor.	58	Segunda Parte	
Systema axial	59	Taxonomia :	
» muscular.	70	Valor da Taxonomia Zoologica	101
Orgãos electricos	71	Methodos de classificação.	102
Systema nervoso.	79	Os Leptocardios e a Taxonomia	114
Orgãos dos sentidos	81	O nosso methodo—Razões que o determinaram	117
Olfacto	81		
Vista	82	Terceira Parte	
		Algumas indicações bibliographicas. .	125

FAUNA BRAZILIENSE

PEIXES

POR

ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO

II

(DESMOBRANCHIOS)

SUMMARIO DO TOMO II

Resenha historica.

Desmobranchios.

Bibliographia e Indice.

RESENHA HISTORICA

RESENHA HISTORICA

A primeira noticia sobre os *Desmobranchios* brasileiros, data de 1648, anno em que foi publicada a *Historia Naturalis Brasiliæ*, de Guilherme Pisão e George Marcgrave de Liedstad, dividida em duas partes, a primeira redigida por Pisão e a segunda por Marcgrave; esta, subdividida em oito livros, dos quaes os tres primeiros tratam das plantas, o quinto das aves, o sexto dos quadrupedes e das serpentes, o setimo dos insectos e o oitavo «da região e seus habitantes».

O quarto trata dos peixes.

Nelle estão descriptos oito *Desmobranchios*, com os nomes vulgares, acompanhados de illustrações bastante fieis para a epocha :

1 Puraque pg. 151.

2 Araguagua pg. 159.

3 Cucuri pg. 164

4 Aiereba pg. 175.

5 Jabebiretê pg. 175.

6 Raja sp. altera (jabebara) pg. 175.

7 Narinari pg. 175.

8 Tiburonis sp. minor pg. 181.

Só ulteriormente foi a maior parte destas especies identificada, já quando a nomenclatura binaria estava em voga e que, obedecendo ao methodo se estudava a Natureza.

Marcgrave não limitou aos oito livros acima citados, o resultado de suas observações sobre o Brasil que elle conheceu de perto, na qualidade de medico á serviço de Mauricio de Nassau, durante o predomínio dos Holandezes, ao Norte; a bibliotheca do Museu de Berlin, possui uma collecção de estampas coloridas feitas sob os auspícios de Marcgrave, estampas que foram copiadas por Bloch, na classica «Ichthyologia.»

Ainda resultante da acção de Marcgrave, á quem se pôde chamar de precursor da Ichthyologia Brasileira; são o *Liber Principis*, *Theatrum rerum naturalium Brasiliæ*, 4 vols. 1661-64 e os dous volumes da «*Collectio rerum naturalium Brasiliæ*», manuscritos ciosamente guardados pelo referido Museu berlinense.

Como esses manuscritos, postos á margem pelas regras da Taxonomia actual, ficam muitas obras de autores pré-linneanos que copiaram Marcgrave e de outros que, como Artedi, descreveram e figuraram especies novas.

Linneo é o primeiro á determinar scientificamente os peixes de Marcgrave e, nos Desmobranchios (*Amphibia nantes*—partim) elle denominou *Squalus tiburo* á *Tiburonis sp. minor*—1758 (Ed. classica).

Em 1790 Euphrasen identifica o *Narinari* de Marcgrave (Vetensk. Akad. Nya Handlingar, XI) e, em 1792, Walbaum o Puraque (Artedi Piscium).

Outro trabalho inédito posto á margem, é o de Alexandre Rodrigues Ferreira (Desenhos de gentios, peixes etc.), onde se vê figurado um esqualo (1783-93). Schneider, em 1801, (Systema Ichthyologicum) dá nome á raya *Aiereba* que elle chama *Raja orbicularis* e á segunda especie de Jabebiretê que, baptisa de *Raja punctata*.

Em 1817, Cuvier classifica *Rhinoptera jussieui* (R. Anim.) de que Jussieu fallára em 1723 (Mem. Acad. Sci.).

Em 1822, Valenciennes, numa monographia publicada nas Mem. do Museu de Paris (vol. IX), assignala a presença do *Cação-Martello* — *Syhyrna zygæna* (L.) no Brasil.

Dous annos mais tarde, Quoy e Gaimard, assignalam, tambem nas mesmas aguas, uma forma bastante curiosa que, é hoje conhecida pelo nome de *Isistius brasiliensis*.

Em 1830, Müller publica na Viagem de Erman (pg. 25), a descripção exacta de Jabebiretê e, no anno seguinte, Olfers que viera ao Brasil, descreve o Trême-Trême—*Narcine brasiliensis*, mais tarde collocado por Henle no devido logar (1834)—tendo deixado no Museu de Berlin uma outra raya que Müller, neste ultimo anno, baptizou de *Ceratoptera olfersi* (Abhandl. Akad. Wissenschaft. z. Berl. 1834, pg. 311.)

De 1840 em diante, recebeu o estudo dos Desmobranchios brasileiros maior impulso, com duas descripções de Camillo Ranzani (*Galecerdo maculatus* e *Carcharias porosus*—(Nov. Comm. Acad. Bonon. IV-1840) e com as de Müller e Henle, abaixo citadas.

Dispondo das collecções dos Museus de Berlin e Zurich, além de outras que o nome e a posição destes ultimos autores facilitavam, puderam elles publicar, numa memoria celebre, os seus estudos sobre as formas que tiveram ao seu alcance. E' nessa memoria: Systematische Beschreibung der Plagiostomen—1841, que vamos encontrar alistados, na fauna brasileira, mais as seguintes especies:

1. *Prionace glauca*.
2. *Scoliodon-terræ-novæ*.
3. *Chiloscyllium indicum*.
4. *Rhinobatus horkelii*.
5. *Rhinobatus brevirostris*.
6. *Raja agassizi*.
7. *Raja brasiliensis*.

8. *Pteroplatea maclura*.
9. *Ellipesurus motoro*.
10. *Rhinoptera lalandii*.

Os dous primeiros, o sexto, o oitavo e o nono (cinco ao todo) foram enviados ao Museu de Paris por Delalande; o 4º 5 e o 9º por Natterer, ao Museu de Vienna.

Em 1842, Schomburgk descreve *Ellipesurus strongylopterus* e *E. spinicauda*. Em 1853 Sundeval descreve uma especie de *Branchiostoma*, de S. Thomaz e Rio de Janeiro (*B. caribæum*) (Ofversigt Vetensk. Akad. Forhandlingar, 1853), enquanto Castelnau, dous annos mais tarde, publicava a existencia de *Carcharias limbatus* e *Dasyatis say* na Bahia e descrevia *Ellipesurus orbignyi*.

Em 1870 Günther traz mais, para a fauna brasileira, *Pteroplatèa altavèla*, de que o Museu Britannico possui um exemplar que pertenceu á collecção do professor Kölliker, obtido em aguas do Brasil. Dez annos depois, rectificando uma de suas descripções, do celebre « Catalogo », descreve *Ellipesurus reticulatus*, do rio Paraná e de Santarém.

Em 1893, H. von Ihering, voltendo a sua attenção para o estudo dos peixes costeiros do Rio Grande do Sul, assignalou para o Brasil :

1. *Odontaspis americanus*.
2. *Cynias canis*.
3. *Myliobatis aquila*.

Em 1896 Jordan e Evermann ainda nos trazem :

1. *Myliobatis freminvillei*.
2. *Dasyatis hastata*.

Estudando os peixes do paiz demos, em collaboração com C. Schreiner, em 1903, como presentes na nossa fauna :

1. *Squalus blainvillei*.
2. *Squatina squatina*.
3. *Pristis perrotteti*.
4. » *pectinatus*.

(Archivos do Museu, vol. XII) e no mesmo anno, sós :

5. *Raja erinacea* e uma supposta variedade de *R. agassizi* que Regan denominou *R. cyclophora*.

No presente trabalho indicamos mais como brasileiros :

6. *Sphyrna tudes*.
7. *Catulus hæckeli*.
8. *Ginglymostoma cirratum*.
9. *Carcharias lamia*.
10. *Carcharodon carcharias*.
11. *Pristis pristis*.
12. *Manta ehrenbergi*.

Identificamos: o Jabebiretê, de Marcgrave, com *Dasyatis gymnura*; o Araguagua, com *Pristis pectinatus*; a est. 53 de Alexandre Rodrigues Ferreira, com *Carcharias lamia*; *Ellipesus motoro* com *E. dumerilli*; *Catulus retifer* var. *boa*, (nec Goode & Bean) Mir. Rib., com *Catulus haeckeli*, aqui descripto; *Manta birostris* Schreiner & Mir. Rib., com *M. chrenbergi*.

Sobre estas identificações, temos a ponderar, quanto a *Jabebiretê* que a simples descripção e a figura, dadas por Marcgrave, de um animal do sexo masculino, nos parecem bastantes para convencer aos mais exigentes, da identidade que acima indicamos. O mesmo succede quanto ao *Araguagua*; mas, uma vez que assignalo a presença de *Pristis pristis* em aguas do Brasil, aquelle tambem poderia ser este.

Entretanto, convém notar que, dentre muitas serras que o Museu Nacional possui em suas collecções, apenas encontramos uma de *Pristis pristis*, o que prova que este animal é muito mais raro do que os outros.

Além disso, Marcgrave diz claramente:

« Nam inter branchias ensis oritur, novem digitus longus sesquidem fere latus in extremo paulo augustior constans substantia ossea, habet in quolibet latere octo & viginti dentes ordine oppositos, »

Ora, *Pristis pristis* apenas tem 16 a 20 pares de dentes e *Pristis perrotleti* 18 a 20; á uma destas duas ultimas especies só pôde ser referida a serra de que elle falla na pag. 160, onde se lê: « Item quorum ensis similis longitudinis (duos et semis pedes longus) cum viginti dentibus utrinque. »

Quanto á estampa de Rodrigues Ferreira, somos levados á considerá-la como representando *Carcharias lamia*, porque, além de outros caracteres, ella mostra a segunda dorsal de origem anterior á anal.

De *Ellipesus dumerilli* ser igual a *E. motoro*, seguimos a opinião de Berg, baseados, por nosso turno, em tres exemplares do Museu.

Não nos parece que possam figurar em uma mesma familia, os generos *Galeocерdo* e *Carcharias*, quando a dentição daquelles se aproxima da forma da dos *Notidani*, o pedunculo caudal é deprimido de um modo *sui generis* e a nadadeira desse nome — uniforme para *Carcharias*, *Odontaspis* e mesmo *Scylliorhinus*, é tambem *sui generis* nas tres ou quatro especies do genero *Galeocерdo* — tomado como typo.

Si Günther diz que a presença de espiraculos não basta para differenciação de familia, me parece que esses outros carecteres geraes, referidos, são sufficientes para uma tal distincção.

Ainda a disposição da caudal e a do pedunculo, nos fazem separar, com Jordan, & Gilbert, — *Lamnidae* de *Odontaspidae*.

Não podemos admittir de fôrma alguma que, nos *Galeidæ*, figurem os esqualos de generos diversos, além daquelles que, com os caracteres proprios, possuam dentes pavimentosos; um caracter tão importante nos demais vertebrados superiores que basta para marcar *ordens*, não pôde ser posto á margem, tratando-se de peixes elevados como são os esqualos e as rayas.

Não podemos, egualmente, admittir, como Günther, os *Scylliorhinidæ*, cuja anal se oppõe á segunda dorsal e cujas aberturas branchiaes são normalmente separadas entre si, reunidos aos *Ginglymostomatidæ*, cuja anal, por assim dizer, substitue o lobo inferior da caudal e cujas duas ultimas aberturas branchiaes quasi se confundem em uma unica. Pela mesma razão, não consideramos os *Ginglymostomatidæ* isolados, como o fez Gill e sim como o faz Claus (*Scylliolamnidæ*), com a differença de que á elles reunimos os *Hemiscyllia* e *Chiloscyllia* de Müller e Henle.

Egualmente, ao nosso ver, constitue o bastante para isolal-a de qualquer outra, o facto de possuirem, os representantes da familia *Isistiidæ* as branchias dentro de uma fenda longitudinal lateral e os dentes inferiores muito maiores do que os superiores.

DESMOBRANCHIOS

DESMOBRANCHII. ¹

Peixes lanceolados, cylindricos, sub-fusiformes ou deprimidos e discoidaes, de tamanho variavel e tendo as branchias unidas ás paredes lateraes do corpo, por detraz e independentes do craneo. Dividem-se em

Desmobranchios . . .	Desprovidos de craneo e coração centralizado, com o sangue hyalino e processos branchiaes numerosos, em uma cavidade commum com a visceral e em comunicação com o exterior por um poro pré-anal	<i>Acranei</i>
	Providos de craneo sem suturas, de coração centralizado, com o sangue rubro e processos branchiaes, em numero moderado, communicando-se a cavidade branchial com o exterior, por aberturas (5 a 7 (8) situadas nos lados da parte anterior do tronco, por traz do craneo, sem processos operculares	<i>Syneranei</i>

ACRANEI. ²

Peixes marinhos, nematoides, comprimidos, lanceolados, de bocca inferior, longitudinalmente linear, ampla, apenas provida de tentaculos cirriformes e continuada pela cavidade abdominal, confluyente com a respiratoria; processos branchiaes numerosos; a agua que entra pela bocca sahe por um pôro anterior ao anus: esqueleto constituido unicamente por um cordão cylindrico, mediano, formado pela notochorda envolvida por um bainha conjunctiva que tambem reveste a medulla rachidiana; esta, linear, terminando anteriormente em um rudimento de olho: systema muscular constituido de fachas transversaes (myocommas) obliquamente dispostos e encontrando-se sobre a linha mediana; systema vascular desprovido de coração o qual é substituido por valvulas pulsateis, dispostas na base de arcos vasculares que se ligam á uma aorta superior; sangue hyalino; figado reduzido a um coecum. Oviparos. Uma unica familia

BRANCHIOSTOMIDÆ.

Cujos caracteres estão incluídos no capitulo acima. Encerra tres generos dos quaes encontram-se em aguas do Brasil o seguinte:

1) (Gr.) *Desmo* = ligamento; *branchia* = guelra.

2) (Gr. Lat.) *a* = sem; *cranium* = craneo.

Branchiostoma,¹ Costa.

Cen. Zool. Napol. 49 — 1834.

Nadadeira dorsal constituída por uma prega superior, curta que se une posteriormente com a inferior ou anal, as duas formam a caudal sem processo diferenciado; anal raiada; corpos reproductores presentes nos dous lados do tronco. Translucidos. O primeiro representante deste genero foi descripto como mollusco por Pallas (*Limax lanceolatus*) em 1774; entretanto, não escapou á esse auctor a frizante semelhança do animal «com os Leptocephalos de Gronow». Das sete especies conhecidas apenas possuímos

1 — Branchiostoma caribæum, Suid.

Liso, com 7 a 10 myocommas post-anaes. Formula geral $35 + 14 + 9$. Vive na areia onde se occulta. Habitat: Desde Beaufort, na Carolina, America do Norte até o Sacco da Armação e Villa Bella, no Brasil. Estuario do Prata.

SYNCRANEL³

Peixes marinhos ou fluviaes, cylindricos, sub-fuziformes, mais ou menos deprimidos ou discoidaes, achatadas, tendo um esqueleto cartilaginoso anteriormente diferenciado em capsula craneana imperfeita, inarticulada (sem suturas) em que se aloja o extremo anterior da medulla, diferenciada em encephalo mais ou menos desenvolvido; bocca armada de dentes, circular ou transversa, inferior ou anterior, não continuada pela cavidade abdominal que não é confluyente com a respiratoria; esta é perfeitamente postcephalica, communica-se com o exterior por cinco, seis ou sete aberturas por onde sahe a agua que entra pela bocca. Systema muscular diferenciado assim como o vascular onde se encontra um bulbo aortico bivalvular ou um cone arterial musculo polyvalvular, atraz do apparelho respiratorio. Vesicula natatoria ausente. Oviparos, ovoviviparos ou mesmo viviparos.

1) *Branchiostoma*, genero typico; *eidos* = semelhante.

2) (Gr.) *Branchia* = guelra; *stoma* = bocca.

3) (Gr. Lat.) *Syn* junto, unido; *cranium* = craneo; craneo sem suturas.

GNATHOPHORI. ¹

Desmobranchios providos de maxillas distinctas, articuladas ao craneo por um suspensorio; arcos vertebraes desenvolvidos; vertebrae distinctas; cintura escapular e pelviana presentes, sustentando nadadeiras peitoraes e ventraes mais ou menos amplas; geralmente uma á duas dorsaes e uma anal distinctas. Nervos opticos em um chiasma. Bulbo aortico com tres séries de valvas; pelle revestida de papillas osseas. Orgãos genitales ♂♂ diferenciados externamente em um espermatophoro, situado no lado interno de cada uma das nadadeiras ventraes. Tubo digestivo com uma valvula espiral.

Aberturas branchiaes acompanhando quasi toda a extensão das branchias, no plano ou acima do plano da base das peitoraes.

Epitremati

Aberturas branchiaes no extremo exterior das branchias, na face inferior da base das peitoraes

*Hypotremati***Epitremati.** ²

Esqualos ou tubarões.

Corpo subfusiforme, só em um caso achatado, de modo a trazer o perfil dorsal ao mesmo plano das peitoraes; uma á duas dorsaes (este é o caso mais geral); peitoraes amplas, geralmente triangulares; nadadeiras ventraes inferiores; anal, na maior parte das vezes, presente; caudal tendo o lobo superior geralmente maior do que o inferior; bocca transversa, inferior, armada de dentes triangulares, cortantes ou pavimentosos; narinas inferiores, obliquamente dispostas entre a bocca e o extremo anterior do focinho; olhos lateraes ou superiores com palpebras livres, as vezes com uma membrana nyctitante; cavidade oral se communicando com o exterior por dous espiraculos post ou sub-oculares, nem sempre presentes. Peixes de tamanho variavel, geralmente pelagicos, ás vezes habitantes de grandes profundidades; entre elles estão os maiores e mais vorazes e por isso mesmo os mais perigosos para o homem. A sua carne é grossseira e geralmente consumida pelas classes pobres. A industria tira, da cartilagem destes peixes, a gelatina.

Os que frequentam as aguas do Brasil, acham-se distribuidos pelas seguintes familias :

1) (Gr.) *Gnathos* = maxilla, mandibula ; *phoros* = portador.

2) (Gr.) *Epi* = em cima ; *trema* = abertura (das guelras).

- Epitremados brasileiros
- Sub-fusiformes, nadadeiras peitoraes tendo a base presa ao corpo, em toda a extensão. Lobo superior da caudal sempre maior do que o inferior
 - (*Asterospondyli*) Nadadeira anal presente
 - As cinco aberturas branchiaes egualmente afastados entre si
 - Membrana nictitante presente
 - Cabeça normal } Espiraculos presentes. 1. *Galeorhinidae*.
 - » ausentes . 2. *Carchariidae*.
 - » expandida para os lados 3. *Sphyrnidae*.
 - Membrana nictitante ausente
 - Todas as aberturas branchiaes adiante das peitoraes
 - Pedunculo caudal normal. 4. *Odontaspidae*.
 - Pedunculo caudal provido de uma carena triangular em cada lado. 5. *Lamnidae*.
 - Ultima ou duas ultimas aberturas branchiaes acima das peitoraes
 - Dentes pavimentosos. 6. *Galeidae*.
 - » liriiformes, erectos, agudos 7. *Scylliorhinidae*.
 - As duas ultimas aberturas branchiaes contiguas 8. *Ginglymostomatidae*.
 - (*Cyclospondyli*). Nadadeira anal ausente
 - Um aculeo em cada dorsal, aberturas branchiaes exteriores 9. *Squalidae*.
 - Dorsaes anacanthas, aberturas branchiaes em um sulco lateral. 10. *Isistiidae*.
 - (*Tectospondyli*). Deprimidos, nadadeiras peitoraes tendo a parte anterior da base livre. Lobo inferior da caudal maior do que o superior 11. *Squatinae*.

GALEORHINIDÆ.¹

Cabeça moderada, deprimida; bocca ampla, provida de dentes lamellares, denticulados nos dous bordos sendo o interno convexo, o externo concavo; narinas separadas, mais ou menos proximas do meio do comprimento do focinho; olhos lateraes, membrana nyctitante presente; espiraculos presentes, posteriores aos olhos; duas dorsaes, a primeira entre os peitoraes e a ventral a 2ª sobre a anal, pequena; ventraes pequenas; pedunculo mais ou menos deprimido, com ou sem entalhe na base da caudal. Ovoviviparos.

No Brasil são representados pelo genero:

Galeocерdo², Müll. & Henle.

Plagiostomen, pag. 59 — 1841.

Corpo flexivel; bocca ampla, semilunar, entalhe anterior profundo, dentes moderados, em fórma de garra, com a concavidade voltada para fóra, denticulados nos dous bordos, em numero moderado; narinas inferiores, lateraes, tendo uma valva curta, ligeiramente appendiculada; olhos grandes, lateraes; espiraculos pequenos, aberturas branchiaes moderadas, geralmente as duas ultimas sobre as nadadeiras peitoraes. Primeira dorsal posterior ás peitoraes e entre esta e as ventraes; segunda mais ou menos sobre a anal; estas duas nadadeiras e as ventraes, pequenas; caudal longa, com os lobos acuminados; uma depressão superior e outra inferior, sobre o pedunculo, na base da caudal.

Especie brasileira:

2 — **Galeocерdo maculatus**³ (Ranzani).

Tintureira.

Estampa II.

Esta descripção é feita sobre um exemplar medindo 1^m,69 da orla anterior do focinho á ponta da cauda. Cauda 2 e 5/6 no comprimento do corpo, um pouco maior do que o espaço entre as duas dorsaes. Comprimento do focinho igual á metade da distancia entre os ramos internos da mantibula e ao interspaço das narinas. Cabeça achatada, arredondada em semi-circulo anteriormente; bocca ampla, inferior e quasi perfeitamente semi-circular, á uma distancia da orla anterior do focinho igual á metade do seu diametro.

1) *Galeorhinus*, genero typico; *eidos* (Gr.) = semelhante.

2) *Galeus* = *Galeorhinus galeus* (L.); *cerdo* = rapôza.

3) *Maculatus* (lat.) = maculado.

Uma préga marginando o labio superior e igual á distancia que, deste, vae ao focinho. Olhos moderados.

Dentes curvos como as garras de um gato, serrilhados no bordo convexo (anterior), e denticulados no bordo concavo (posterior), extraordinariamente cortantes. Aberturas branchiaes relativamente pequenas. Nadadeiras medianas; 1ª dorsal posterior ao angulo interno das peitoraes; 2ª dorsal pequena, maior do que a anal e um tanto anterior á esta. Ventraes pequenas.

A linha lateral vae se tornando saliente á proporção que se aproxima do pedunculo caudal, de forma que este se torna achatado. Um entalhe superior e outro inferior, na origem da caudal, sobre o pedunculo. Cor de chumbo com a parte inferior alvacentá; peito, garganta e face inferior da cabeça, até o focinho, brancos. Superiormente, sobre os dous lados, uma serie de manchas denegridas, ellipticas, transversalmente dispostas, vae da nuca aos lados da caudal; essas manchas vão augmentando até o meio da distancia entre as duas dorsaes, decrescendo dahi até a caudal; outras manchas alongadas, igualmente dispostas pelos lados do tronco, inferiores as da primeira serie; visiveis quando o animal está fresco, todas ellas vão desapparecendo depois da morte, sendo apenas perceptíveis no exemplar montado que servio para esta descripção.

Ouvi dos «poveiros» que a Tintureira é um animal feroz; quando cahe nas suas rêdes, atira-se sobre os pescadores e, mesmo depois de içada á bordo, são precisos muitos homens para segural-a, enquanto um mata-a á páo. Mesmo segura pelo pescoço de encontro á borda do barco, ella não perde o ensejo de procurar morder.

Jordan e Evermann dizem della: «E' um enorme e ferocissimo tubarão conhecido pela sua côr variada, a mais formidavel das especies das Indias occidentaes.» Attinge 10 metros de comprimento. E' ovovivipara, tendo de cada vez até 60 filhos.

Habitat: Atlantico, desde America Central até o Brasil meridional.

CARCHARIIDÆ.¹

Robustos; cabeça moderada, bocca ampla, inferior, provida de dentes lamellares, triangulares ou unguiformes, mais ou menos serrilhados nos bordos; sulco labial pequeno, limitado ao angulo da bocca; olhos pequenos, lateraes; espiraculos

1) *Carcharias*, genero typico; *eidos* = semelhante.

Prionodon cucuri, Casteln. A falta de material impede que resolvamos a questão deste peixe. Castelnau identifica-o com *Carcharias limbatus*, Mull. & Henle; porém, é evidente que não se trata dessa especie. Maregrave diz delle: *Piscis duos et semis pedes longus, capite in hyperboleam desinente, et ore longe inferius stante: et unum tantum ordinem minimorum denticulorum dentium habet, quare nocere non potest. Oculi illi sunt majoris pisi magnitudine, nigri. Pinnae septem plane ut Tiburoni, duae nempe post quinque illas incisuras, triangulares; in medio infimo ventre duae parvae et in ultima medietate inferioris corporis item parva triangularis: in medio dorso magna triangularis erecta; et parvula ejusdem figurae ad caudam; quam habet instar Tiburonis, uti et similem illi per totum cutem ejusdemque coloris: nimirum totus inferius corpus album, dorsum et latera cinerea,*



S. Lahera phot.

Garcia grav.

Galeocercus maculatus (Ranz.)

Nome vulgar: TINTUREIRA

ausentes; aberturas branchiaes moderadas; duas dorsaes, a 1ª mais ou menos posterior ás peitoraes, a 2ª sobre a anal; ventraes moderadas; ovoviviparos, placentarios ou não. Grandes tubarões, alguns dos quaes anthropophagos. Generos constatados no Brasil:

Prega labial ausente, dentes mais ou menos densamente serrilhados.	Dentes superiores triangulares, serrilhados.	PRIONACE
	Dentes superiores ungui ou claviformes, mais ou menos serrilhados	CARCHARIAS
Prega labial profunda no angulo, dentes tendo o bordo interno obliquo para fora, inteiro; um entalhe externo seguido de denticulações.		SCOLIODON

Prionace,¹ Cantor.

Malayan Fishes, pg. 399 — 1850.

Esqualos de cabeça e corpo esguios, de bocca ampla, semi-lunar, armada de dentes deprimidos, serrilhados, os superiores triangulares e os inferiores claviformes; sem prega labial; narinas mediocres, inferiores, situadas perto do bordo lateral do focinho; primeira dorsal á meio corpo entre as peitoraes e ventraes e a segunda sobre a anal. Aplacentarios. Grandes e rapidos cações, encontrados em todos os mares temperados ou tropicaes. Foi constatado no Brasil por Valenciennes:

3 — Prionace glauca² (L.)

Focinhudo.

Corpo esguio, cylindro-conico, focinho deprimido, grande, igual á distancia que vae do labio anterior á 2ª abertura branchial; bocca ampla, semilunar, provida de dentes deprimidos, lamellares; os superiores de contorno triangular, serrilhados nos bordos, tendo uma carena mediana, baixa, unindo o vertice á base do triangulo, sendo 28 o seu numero; os inferiores um pouco menores, com o serrilhado muito menor nos bordos³, que são concavos e não rectos, igualmente em numero de 28; por prega labial, um unico sulco no angulo da bocca;

quibus argentum tansplendet: pinnae omnes cinerae exceptis parvulis in inferiori corpore, quae albæ; cauda cinerea. Hic quem describo, tres catulos perfectos in ventre habebat, unde liquet animal edere. Carnem habet siccam sine spinis, ejusdem fero bonitatis cum *Corcovado*. Saepius comedi.

O proprio Castelnau diz: Frais il est entierement d'un gris violet en dessus, blanc en dessous. La première dorsale est d'un bleu clair, bordée de noir; la deuxième est noire à l'extrémité; l'anale est grise également bordée de noir. Ce squalé atteint près d'un mètre de long. Il est connu au Brésil sous le nom de *Cáçonnete* qui signifie petit-requin. Il forme en grand partie la nourriture des esclaves et des pauvres. Il est commun, surtout d'octobre à février.

1) (Gr.) *Prion* = serra; *acis* — ponta.

2) (Lat.) *glaucus* = azul.

3) Nos jovens e nos individuos velhos esta serrilha dos dentes inferiores não apparece.

narinas mais proximas da bocca do que da ponta do focinho; olhos lateraes, mediocres; a ultima abertura branchial sobre a base das peitoraes; estas nadadeiras compridas, estreitas, falciformes, fazendo lembrar uma aza de *andorinhão*, de comprimento igual ao que vae da ponta do focinho á segunda abertura branchial; 1ª dorsal originando-se em meio da distancia que vae da ponta do focinho ao extremo da 2ª; ventraes pequenas, posteriores á 1ª dorsal; a anal sob a 2ª dorsal e do mesmo tamanho que esta; caudal longa, com uma depressão na base dos dous lobos, sobre o pedunculo e com o lobo inferior contido 2 e 1/2 vezes no superior. Cinereo azulado com a parte inferior branca.

Habitat: Mares temperados e tropicaes. Costas do Brasil.

Carcharias ¹, Rafinesque.

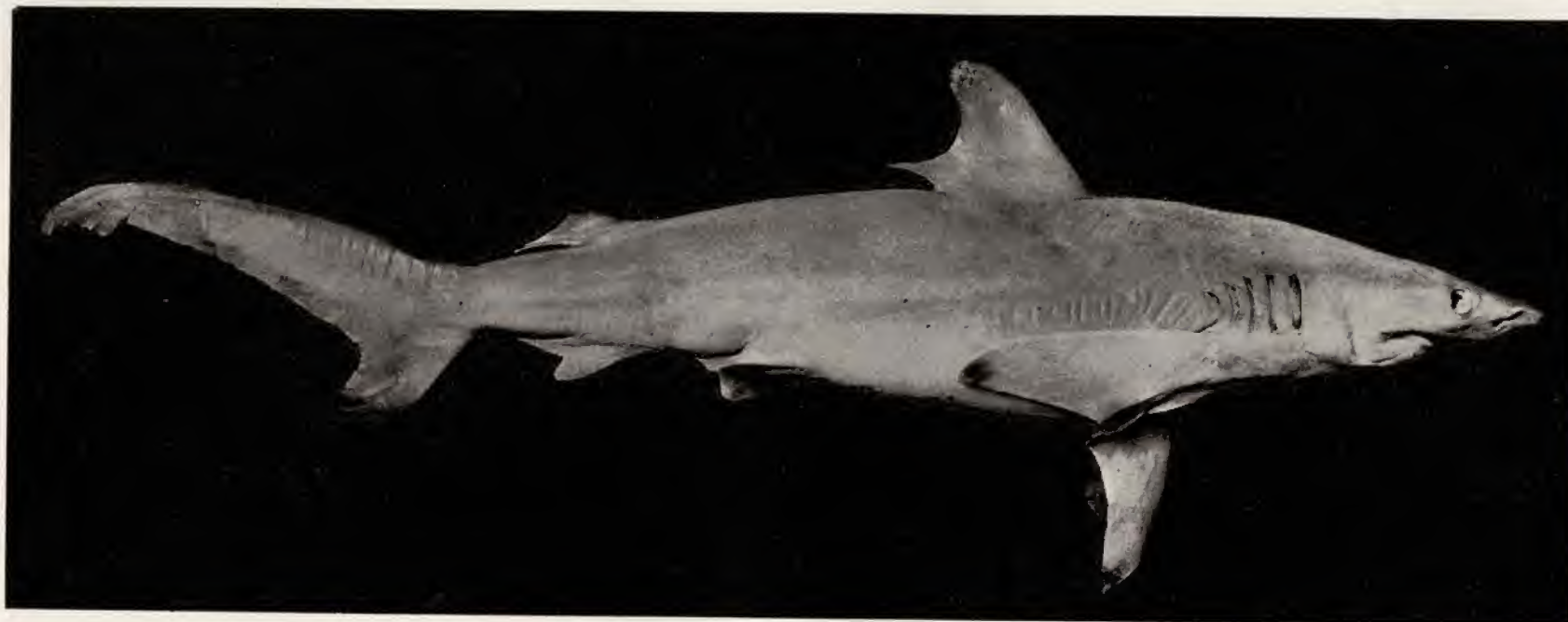
Caratteri ale. nuovi generi — 10 — 1810.

Robustos; cabeça grande, bocca semi-lunar, desprovida de sulco labial que é geralmente representado pela prega do angulo; dentes superiores mais ou menos triangulares, deprimidos, serrilhados tanto na maxilla superior como na inferior, completamente lisos nos jovens, inferior mais ou menos claviformes e serrilhados; olhos pequenos, lateraes, providos de membrana nyctitante; narinas inferiores, á meia distancia do focinho; espiraculos ausentes; aberturas branchiaes mediocres. Duas dorsaes, a 1ª grande, posterior ás peitoraes e falcadas como estas; ventraes moderadas, anteriores á dorsal; pedunculo com uma depressão semi-lunar superior e outra inferior na base da caudal. Linha lateral mais ou menos distincta, quasi sempre projectando-se sobre o lobo superior da caudal; lobo inferior d'esta é bem desenvolvido. Placentarios. Os esqualos deste genero são communs em aguas tropicaes e equatoriaes; muito vorazes, sendo, não poucos, anthropophagos.

Os seguintes foram constatados em aguas brasileiras:

	{	Dentes mandibulares e maxillares, claviformes, semelhantes; os mandibulares imperceptivelmente serrilhados nos bordos.	<i>C. limbatus</i>
2ª dorsal sobre a anal; focinho igual ou maior do que a maior largura da bocca		Dentes maxillares triangulares, um tanto concavos no lado externo; mandibulares claviformes, distinctamente serrilhados nos bordos	<i>C. porosus</i>
2ª dorsal um pouco anterior á anal, focinho menor do que a maior largura da bocca; dentes como em <i>C. porosus</i> , com a differença de que os superiores são mais largos e os inferiores menores e imperceptivelmente serrilhados.			<i>C. lamia</i>

1) (Gr.) *Carcharos* = rude, aspero.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Carcharias limbatus (Müll. & Henle.)

Nome vulgar: SERRA-GAROUPA

4 — *Carcharias limbatus*¹, Müll. & Henle.

Serra-Garoupa.

Estampa III (Fêto)

Forma robusta, focinho contido tres vezes na distancia que vae do seu apice a ultima abertura branchial; bocca em crescente, desprovida de qualquer entalhe labial; dentes moderados, superiores maiores em forma de Y, de base aberta finamente serrilhados nos bordos; os inferiores um tanto claviformes, menos comprimidos que os superiores sómente serrilhados nos lados do apice; formula $\frac{15 + 2 + 2 + 15}{14 + 1 + 1 + 14}$, os medianos são muito reduzidos; narinas mais proximas do olhos do que do extremo focinho. Aberturas branchiaes moderadas, a ultima sobre o inicio das peitoraes; estas falciformes, largas na base de comprimento pouco menor do que um terço da distancia que vae do focinho ao inicio das ventraes; 1ª dorsal grande, falcada, originando-se sobre o extremo posterior da parte livre da base das peitoraes; ventraes mediocres; 2ª dorsal sobre a anal e do mesmo tamanho que esta, caudal ampla, tendo o lobo superior ondulado na aresta dorsal, e o inferior egualando a 1/2 extensão do superior. Linha lateral distincta, sinuosa entre a 2ª dorsal a anal e a caudal. Cinereo-glaucos obscuro, com o a parte inferior alvadia ou totalmente branca; o branco da parte inferior do pedunculo projecta-se n'uma facha que se estreita, gradativamente, pelo cinzento do flancos até sob o meio da 1ª dorsal; extremidades das nadadeiras denegridas; nos jovens as peitoraes, as dorsaes e a caudal tem o apice negro (face inferior). Cresce bastante e é um dos Cabrions dos pescadores, aos quaes rouba, dos anzóis, os peixes já seguros. Possuimos um de 2^m,17, apanhado em rêde de linguados; onde se emmaranhara á cata desses peixes. Tinha um no estomago, ainda fresco e de cerca de 70 centimetros, partido em duas metades, tão bem, como se o fôra á faca. Habitat: Atlantico occidental.

5 — *Carcharias porosus*² (Ranzani).

Triaqueira; Cação do Salgado.

Não conhecemos, de vista, esta especie que é assim descripta por Günther :
« Focinho proeminente, sendo a distancia entre a sua extremidade e a bocca maior do que a largura desta ultima. Narinas á meia distancia entre a bocca e

1) (Lat.) *Limbatus* = marginado, limado.

2) *Porosus* (lat.) = cheio de póros.

a extremidade do focinho. Dentes $\frac{27-26}{26}$, distintamente serrilhados; os superiores obliquos, com uma reentrancia na base da margem externa; os inferiores mais estreitos, quasi erectos. Abertura branchiaes um pouco mais amplas do que a orbita. Peitoraes curtas, apenas estendendo-se até ao extremo da dorsal; o comprimento da sua margem inferior é igual á $\frac{2}{5}$ do da superior. Origem da 1ª dorsal á mui curta distancia da base das peitoraes, sua extremidade muito mais distante das ventraes. A 2ª dorsal muito pequena e curta, sendo a sua base muito mais curta do que a base da anal; ella é opposta á parte posterior da anal. Coloração uniforme.» Habitat: Atlantico occidental, Norte do Brazil até Guyanas. Göldi diz serem *Triaqueira* e *Cação-do-Salgado* os nomes vulgares deste peixe no Pará.

6 — *Carcharas lamia* ¹ (Rafinesque).

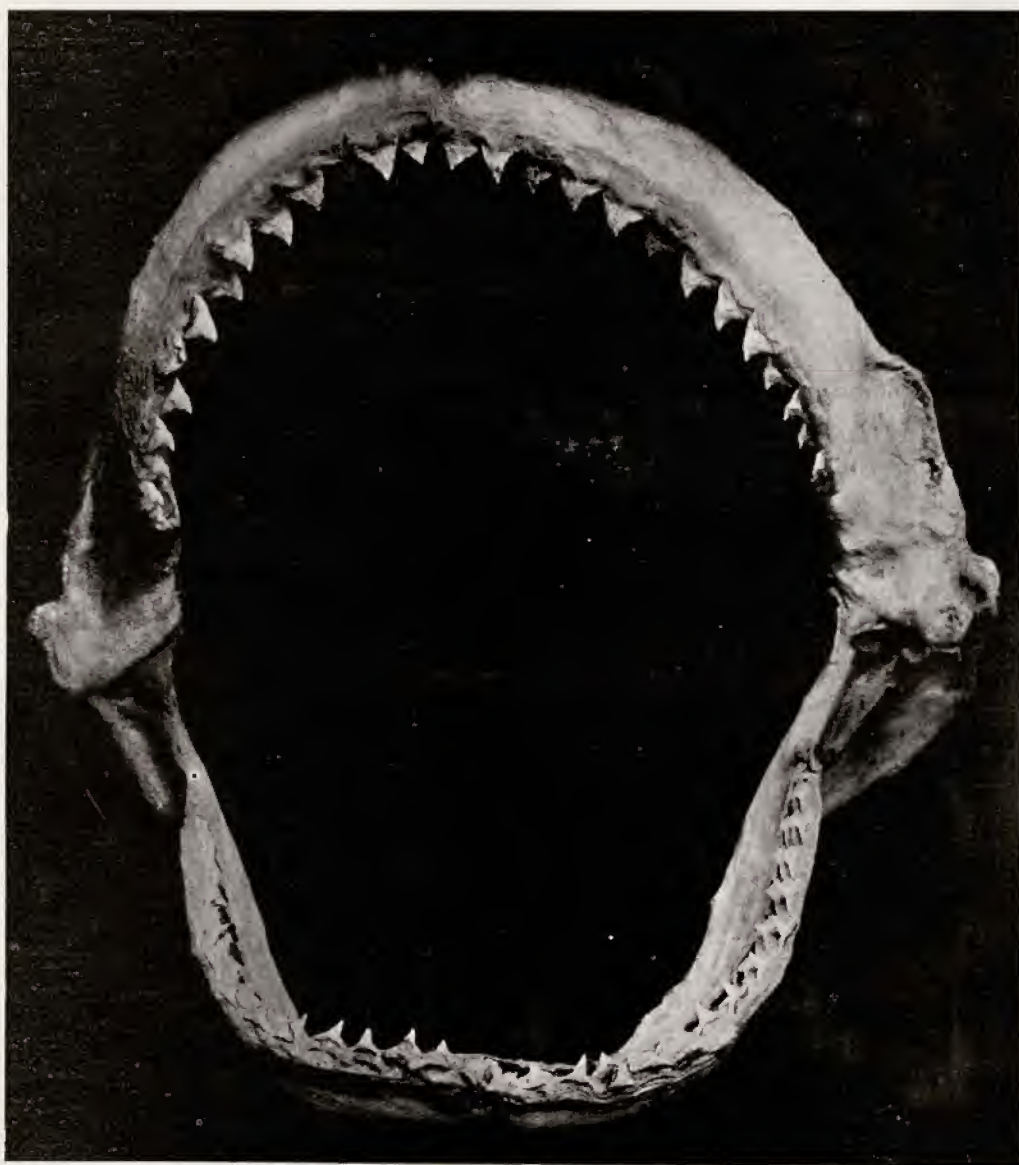
Marracho ?

Estampa IV.

Forma robusta, bocca ampla, com uma prega angular, provida de dentes moderados $\frac{27-31}{27-30}$, os superiores largos, triangulares, com o bordo externo moderadamente concavo, o interno convexo e ambos regularmente serrilhados; os inferiores um tanto Y ou claviformes, menores, quasi imperceptivelmente serrilhados do meio para a extremidade; comprimento do focinho (da bocca ao apice) egual a distancia internasal. Olhos pequenos, lateraes; aberturas branchiaes mediocres, a 4ª marca o inicio das peitoraes que são grandes, falcadas, redondas nos angulos.

1ª dorsal desenvolvida, falcada, egualmente redonda no angulo superior; ventraes moderadas, 2ª dorsal originando-se um pouco atraz do extremo das ventraes e tendo o meio sobre o inicio da anal. Caudal ampla, o lobo inferior é egual a $\frac{1}{2}$ do superior. Cinereo, mais claro ou branco inferiormente. Constatamos a presença deste cação em nossas aguas em 1904 e delle possuimos as maxillas figuradas na estampa IV e que nos foram offerecidas por um pescador. Os pescadores do Rio o confundem, certamente, com outras especies. Vimos chamarem a individuos não adultos de *Cação-de-Rio* e, o que nos offereceu as maxillas citadas, disséra-nos que se tratava das de um *Annequin*. Talvez esta ultima confusão provenha dos habitos de animal que lhe valeram, entre os francezes, o nome *Requin* (de *requiem*), pois que é tido em conta de muito bom anthropophago. 3 a 4 metros. Habitat: Atlantico e Mediterraneo. Costas septentrionaes do Brazil até Rio de Janeiro.

1) *Lamia* (gr.) = monstro marinho (esfaimado). Segundo o Dr. Hans Heilborn, lente de grego do Gymnasio Nacional, a etymologia é gula, guela e o nome significa um grande peixe do mar muito voraz; em vez de ossos tem cartilagens, é phosphorescente. O nome encontra-se em Aristoteles e Atheneo.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand grav.

Carcharias lamia, Raf.

Scoliodon ¹, Mull. & Henle,

Plagiostomen, pg. 27—1841

Aspecto geral e a maior parte dos caracteres como em *Carcharias*, do qual differe pela forma dos dentes que, não são serrilhados e teem a aresta interna obliquamente disposta para fóra e a externa com algumas denticulações basilares, após um entalho que as separa do corpo do dente; as pregas labiaes estão presentes, embora só no angulo da bocca. Esqualos de pequenas dimensões, representados no Brasil por

7 — Scoliodon terra-novæ ² (Richardson).

Frango; Cucuri?

Forma esvelta, um tanto comprimida; cabeça grande $1/4$ de comprimento total; bocca ampla, de abertura parabolica: dentes, $\frac{25}{24}$; uma pequena prega no canto da bocca, tanto no labio superior como no inferior, a do superior um pouco maior: focinho grande, deprimido, de contorno lateral parabolico, contendo, do labio superior á ponta 1 e $2/3$ vezes a distancia internasal; narinas mais proximas da bocca do que da ponta do focinho; olhos lateraes, grandes; aberturas branchiaes menores do que o diametro ocular; as duas ultimas sobre a base das peitoraes que são do comprimento do bordo anterior da 1ª dorsal; esta originando-se sobre a axilla das peitoraes; ventraes pequenas, mais proximas da 1ª dorsal do que da anal que é um tanto anterior á 2ª dorsal e um pouco maior do que ella. Caudal grande, lobo inferior 2 e $2/3$ no superior. Cinereo uniforme superiormente, alvadio ou branco inferiormente; apice da 1ª dorsal, bordo superior da 2ª e bordo posterior da caudal, negros; o resto de todas as nadadeiras cinereo.

Habitat: Atlantico Occidental; de Cap. Cod. na Am. do Norte, ao Rio Grande do Sul, no Brasil. É um pequeno e inoffensivo cação, de cerca de um metro de comprimento. Tem de cada vez mais ou menos 5 filhos, os quaes nascem com 37 centimentros de comprimento.

SPHYRNIDÆ

Forma esvelta, cabeça grandemente deprimida, offerecendo uma expansão lateral que lhe empresta um contorno mais ou menos reniforme, em cujos extremos lateraes ficam os olhos moderados, providos de membrana nyctitante, de posição la-

1) *Scolios* = obliquo: *odous* = dentes.

2) *Terræ-Novæ* = da Terra-Nova.

teral ou sub-inferior, narinas contiguas ou moderadamente afastadas das orbitas, anteriores a estas, ligeiramente inferiores ao bordo da expansão, precedidas por um sulco mais ou menos longo; bocca mediocre, provida de uma prega labial superior que permite livre movimento aos maxillares e de uma ligeira prega no angulo; dentes tendo o bordo interno obliquamente dirigidos para fora e o externo profundamente entalhado: aberturas branchiaes moderadas mais ou menos do diametro dos olhos, ficando a ultima sobre a base das peitoraes.

Duas dorsaes, a primeira grande, mais proximas das peitoraes do que das ventraes; a 2ª pequena, geralmente menor do que a anal; ventraes regulares, entre a primeira e 2ª dorsal; caudal grande, forte, com o lobo inferior desenvolvido e um sulco na base da região dorsal do superior. Ovipiviparos. Esqualos de proporções variaveis entre 1 e 1/2 a 5 metros, alimentando-se geralmente de crustaceos que elles engolem inteiros; habitantes de quasi todas as aguas tropicaes e sub-tropicaes. Esta familia é representada pelo unico genero:

Sphyrna ¹, Rafinesque.

Indice d'Ittiol. Sic., pg. 60 — 1810

de que são frequentes em aguas Brasileiras as tres especies seguintes:

Contorno cephalico.	{	semicircular narinas proximas dos olhos	<i>S. tiburo</i>
		T — forme, comprimento da orla	{ menor do que a largura desta . . . <i>S. tudes.</i>
		posterior da expansão lateral . .	{ maior do que a largura desta . . <i>S. zygaena.</i>

8 — **Sphyrna tiburo** ² (L.)

Pata.

• Forma um tanto comprimida; cabeça pequena, deprimida, com uma expansão, marginal que lhe empresta um contorno semi-discoide em cujo bordo, lateralmente dispostos, se acham os olhos, de tamanho moderado; as narinas ficam anteriores a estes, e delles afastados em cerca de um diametro; são infero-lateraes, tendo um pequeno lobo anterior e um sulco anterior curto precedido de uma linha de póros que se prolonga sobre o bordo até quasi em a linha mediana da expansão rostral; toda a parte inferior desta ricamente provida de póros que, tambem occupam uma ligeira depressão pre-oral moderada e transversamente disposta, um pouco arqueada e cujos extremos se dilatam em contorno semi-oval, cujo maior diametro coincide com a linha lateral da cabeça e do pescoço.

1) *Sphyrna* Gr. = martello.

2) *tiburon* (Espanhol) = tubarão.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Sphyrna tudes, Cuv.

Nome vulgar: CORNUDA

A bocca é mediocre, com $\frac{22}{22}$ dentes, de bordo interno obliquamente dirigido para fora e tendo um profundo entalho no externo; em geral estão em função 2 a 3 ordens; angulo, com um pequeno sulco bifurcado para traz e prega labial anterior, deixando livres os maxillares superiores.

Aberturas branchiaes eguaes ou pouco maiores do que o maior diametro da orbita; a ultima dellas fica sobre o inicio das peitoraes que são menores do que a dorsal; essas tem os cantos redondos, o bordo posterior concavo; a 1ª dorsal origina-se sobre a axilla das peitoraes, é falcada, com o bordo anterior fortemente convexo, depois do meio da nadadeira; a vertical baixada da extremidade posterior do lobo superior, cahe atraz da extremidade do inferior, da mesma nadadeira; este ultimo lobo termina sobre a vertical em que se originam as ventraes; anal mais longa, porém mais baixa do que a 2ª dorsal, originando-se antes e terminando após o lobo posterior desta.

Caudal grande; ha uma fossa baixa no inicio do lobo superior; o inferior curto. Cinereo superiormente, branco amarellado inferiormente. 1^m,5.

Hab. Atlantico e Pacifico (China).

9 — *Sphyrna tudes* ¹ (Val).

Chapéu-Armado.

Estampa V.

Esta especie reproduz a mesma forma da que se segue, com excepção, dos seguintes caracteres:

A dilatação cephalica é mais larga, descrevendo o bordo anterior da cabeça um arco que, como muito bem diz Valenciennes, tem o seu centro sobre o plano vertical da primeira abertura das guelras. O angulo formado pelo bordo anterior com o lateral é obtuso. Não é um animal grande e sob este particular muitissimo menor que *S. zygaena*, approximando-se das dimensões de *S. tiburo*.

Habitat: Atlantico; costas do Brasil. O Museu Nacional possui dous exemplares procedentes de Maria Farinha, Pernambuco.

10 — *Sphyrna zygaena* ² (L.)

Cornuda. Peixe-Martello.

Forma esvelta; expansão lateral da cabeça muito desenvolvida, de bordos mais ou menos parallelos; o anterior não continúa com o lateral, encontrando-se

1) *Tudes* (Lat.) = martello.

2) *Zygaena* (gr.) = de canga, de jugo.

com elle num angulo agudo, depois do entalhe nasal; as narinas, que occupam esse entalhe, no bordo anterior, são precedidas de um sulco que attinge a cerca de meia distancia desse bordo, entre a posição daquellas e a linha mediana rostral; esse sulco, é por sua vez precedido de uma serie de póros até a referida linha; distancia internasal egualando á que vae do bordo anterior do focinho á transversal da 3ª abertura das guelras, na linha mediana; na parte anterior do bordo lateral estão os olhos, grandes e dispostos um tanto obliquamente para baixo; a bocca, de abertura parabolica, tem um ligeiro entalho não bifurcado no angulo (da maxilla inferior) e uma prega labial que deixa livre os maxillares; dentes $\frac{22}{25}$ aberturas branchiaes, do comprimento ou menores do que o maior diametro ocular, penultima sobre o inicio das peitoraes que são do comprimento da extensão lateral da cabeça e muito menores do que a dorsal; esta origina-se sobre a axilla das peitoraes e tem o bordo anterior recto, até proximo da extremidade que é redonda e cuja vertical excede, de pouco, o extremo do lobo inferior; ventraes moderadas, á meia distancia entre o lobo inferior da dorsal e o meio da base da anal que é maior do que a 2ª dorsal e um tanto anterior á ella; caudal grande, o lobo inferior 2 1/2 no superior, uma fossa na base do lobo superior.

Cinereo obscuro superiormente, branco amarellado inferiormente.

E' um cação grande, que attinge a 5 metros de comprimento; alimenta-se geralmente de crustaceos e passa por muito *manso* entre os pescadores. Pare até 35 filhos. Possuimos um exemplar — de 2^m,20.

Habitat: Mares tropicaes e sub-tropicaes, costas do Brasil de Norte a Sul.

ODONTASPIDÆ ¹.

Esqualos robustos, de bocca ampla, provida de dentes um tanto triagonaes, um pouco curvos, desprovidos de denticulações nos bordos, tendo a base moderadamente dilatada com um ou dous denticulos lateraes; prega labial profunda, deixando livre movimento aos maxillares, a inferior quando muito extendendo-se até meia extensão dos mandibulares, profunda no angulo; narinas pequenas, inferiores, isoladas, entre a bocca a ponta do focinho; olhos pequenos, lateraes, sem membrana nyctitante; espiraculos muito pequenos, posteriores aos olhos, bastante afastados destes; aberturas branchiaes amplas, anteriores ás peitoraes que são moderadas; duas dorsaes, posteriores ao meio do comprimento do corpo (do focinho á base da cauda) Caudal grande (forma geral da dos *Carchariæ*); pedunculo desprovido de carena lateral. Habitam o Atlantico e o Pacifico (meridional). Esta familia é apenas constituída pelo genero

1) *Odontaspis*, genero typico, *eidos* = semelhante.

Odontaspis ¹.

Agass. Poiss. Foss. III, 87 — 1836.

De que são conhecidas tres especies; d'entre estas frequenta as aguas do Brasil.

11 — Odontaspis americanus (Shaw).**Mangonga.**

Tronco bastante robusto; bocca ampla provida de dentes fortes $\frac{15 + 15}{13 + 13}$, um tanto curvos, sendo menor o 4º do maxillar superior; sulco labial presente no angulo e na mandibula até metade da extensão dos mandibulares; a prega labial superior deixa livre os maxillares; narinas pequenas, mais proximas da bocca do que do extremo do focinho que é pontudo e curto; olhos lateraes, pequenos; espiraculos muito pequenos, posteriores aos olhos, proximos da vertical sobre o angulo da bocca; aberturas branchiaes amplas; a ultima anterior ao inicio das peitoraes. Nadadeiras grandes, a 1ª dorsal parcialmente sobre as ventraes, originando-se em um ponto que fica pouco atraz da distancia que vae da orbita ao inicio da caudal que é muito desenvolvida (mais ou menos igual a 1/2 da distancia que vae da orbita à sua base). 2ª dorsal e anal mais ou menos equivalentes, aquella parcialmente sobre esta e anterior em 1/2 de sua extensão. Pardo cinereo indistinctamente maculado de pardo mais escuro em toda parte superior, sendo as maculas redondas e do tamanho da orbita; parte inferior branca. O *Mangonga* passa por ser um cação *manso*. Desenvolve-se bastante sendo frequente nos mezes de Outubro a Novembro nas aguas do Rio de Janeiro. Observamos muitos exemplares na Praça do Mercado do Rio, onde elle é vendido ás classes pobres, com os demais cações e rayas das nossas aguas. Mediavam todos entre 2 metros e 2^m,5.

Habitat: Mediterraneo, Atlantico e Pacifico (Australia) costas do Brazil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

LAMNIDÆ.

Grandes esqualos de forma robusta; bocca ampla, provida de dentes mais ou menos triagonaes, estreitos e moderadamente curvos, de bordo inteiro on lamellares, triangulares, de bordo serrilhado; narinas inferiores, entre a bocca e a extremidade do focinho; olhos mediocres, lateraes; sem membrana nyctitante,

1) *Odontaspis* (Gr.); *odous* = dente; *aspis* = vibora.

espiraculos poriformes, rudimentares ou ausentes, (às vezes presentes em um dos lados); aberturas branchiaes amplas, anteriores ás peitoraes; duas dorsaes, 1ª entre os peitoraes e ventraes, a 2ª reduzida como a anal; ventraes moderadas; pedunculo caudal fino, provido de uma forte carena lateral, como a das *Cavallas*; caudal larga, com o lobo inferior desenvolvido, às vezes quasi igual ao superior, o que ainda faz lembrar a caudal d'aquelles peixes; uma depressão sobre a origem d'esta nadadeira. Quasi nada se conhece a respeito da sua reproducção. Crescem muito, sendo todos de grandes dimensões e enorme voracidade; frequentam os mares temperados e tropicaes.

Dentre os conhecidos, constatamos a existencia em nossas aguas do genero:

Carcharodon ¹, Smith.

Pr. Geol. Soc. Lond V pg. 86 — 1837.

Enormes tubarões de dentes deprimidos, regularmente triangulares, de bordos serrilhados; com as aberturas branchiaes amplas, 2ª dorsal e anal muito pequenas; lobo caudal inferior bastante menor do que o superior. Uma unica especie conhecida, a mais voraz devastadora do pélago. E' um genero que tende a desaparecer com esta especie, segundo os documentos geologicos que provam que elle éa mais numerosamente representado no periodo terciario e d'ahi decrescendo aos nossos dias. D'esses monstros extinctos, alguns deviam ser de proporções formidaveis, a julgar pelo tamanho de seus dentes que medem cerca de 0^m,1 de base por 0^m,13 de alto (o dobro das dimensões dos maiores dentes conhecidos da especie viva.

12 — *Carcharodon carcharias* (L.)

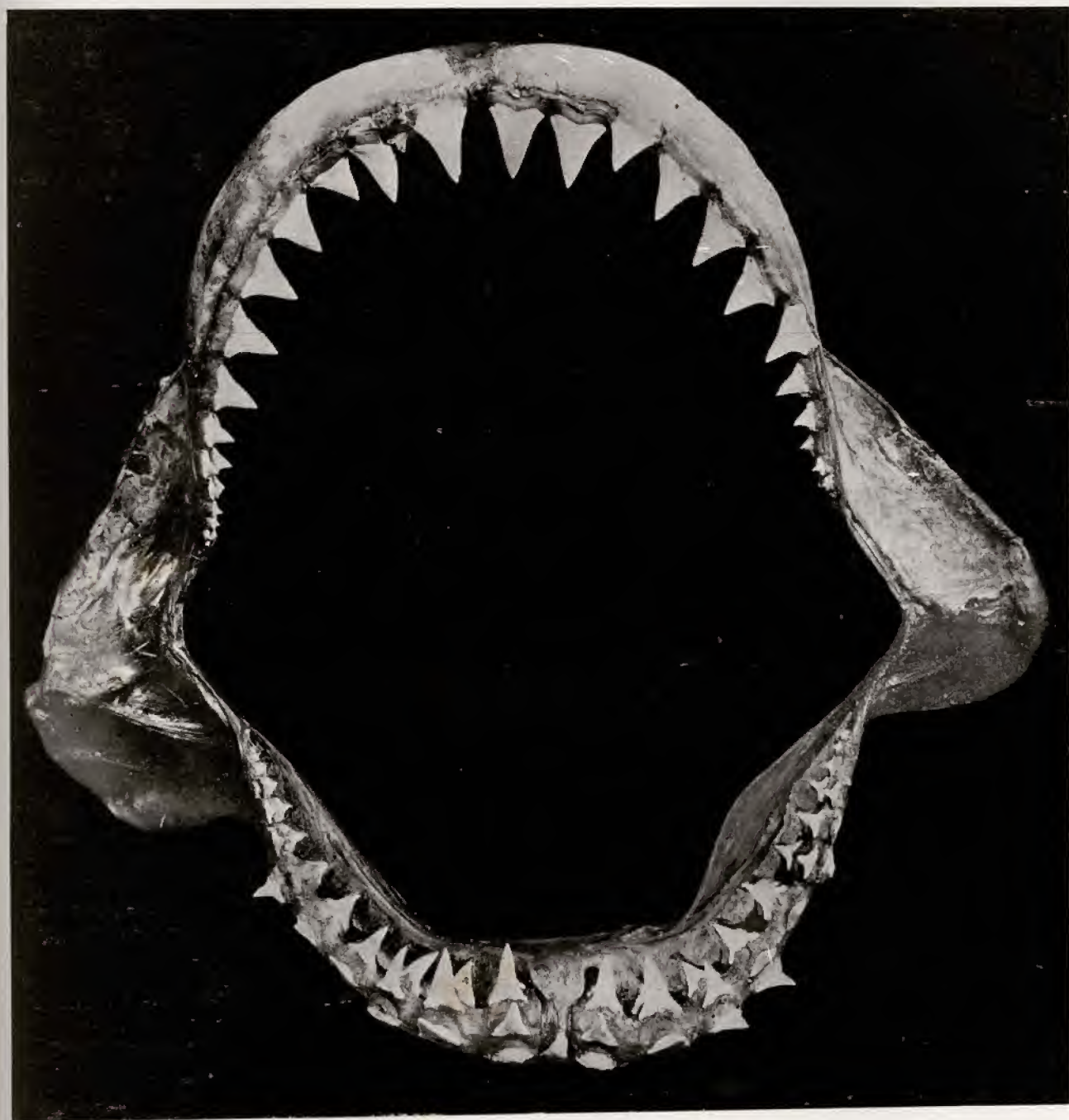
Annequin ².

Estampa VI (dentes).

Dentes $\frac{13}{12}$ em cada lado, 3º da maxilla superior menor do que o 2º e o 4º; 2ª dorsal anterior á anal. Cinereo plumbeo com a parte inferior clara, nadadeiras obscuras nas extremidades. Vi um destes terriveis tubarões na Praça do Mercado do Rio de Janeiro — media 6 metros e pouco de comprimento. D'esse individuo que não éa dos maiores, conservo as maxillas; que estão figurados na estampa VI. O Museu Britannico possui maxillas de individuos de 36 e 1/2 pés

1) (gr.) *Carcharos* = aspero; *odous*; dente.

2) Corrupção de «Requin» ? (Lat. Requiem.)



A. de Mir. Rib. phot.

Grand grav.

Carcharodon carcharias (L.)

Nome vulgar: ANNEQUIN

(12^m,045) e Günther diz que ha os de 40 pés (13^m,2) E' ainda a mesma autoridade que diz que o Annequin é o mais formidavel de todos os tubarões. Jordan & Evermann relatam o facto de um de 9^m,9, de comprido, morto em Soquel (California), em cujo estomago foi encontrado um filhote de leão marinho que pesava cerca de 100 libras.

Habitat: Atlantico e Pacifico— Mediterraneo. Aguas brasileiras.

GALEIDÆ ¹.

Um tanto triagonaes, cabeça moderada, deprimida, bocca angular, mediocre, provida de dentes pavimentosos, com uma ou duas pontas rhombas; angulos da bocca profundamente sulcados, narinas inferiores, livres, não muito proximas da bocca, olhos supero-lateraes moderados, espiraculos presentes, posteriores aos olhos; aberturas branchiaes pequenas, as duas ou tres ultimas sobre a base das peitoraes. Duas dorsaes, grandes; a 1^a, mais ou menos sobre a orla posterior das poitoraes, a 2^a anterior á anal; ventraes entre as duas dorsaes, caudal sem depressão na base, geralmente com o lobo inferior obtuso. Animaes pequenos. Placentarios ou não, produzindo dous ou mais filhos de cada vez. Restrinjo aqui a accepção da fam. *Galeidæ*, excluindo della os esqualos assim considerados pela maioria dos autores embora *deprovidos de espiraculos e dentes pavimentosos*.

Representados no Brazil pelo genero

Cynias, Gill.

Proc. U. S. Nat. Mus., vo. XXVI— 960 — 1903.

Que além dos caractéres acima, apresentam os dentes com uma unica ponta, muito rhomba e tem o embryão aplacentario.

13 — *Cynias canis* ³ (Mitch).

Sebastião.

Estampa VII. (Cabeça vista de baixo)

Forma esvelta; cabeça moderada, deprimida, bocca mediocre de abertura em angulo obtuso, provida de dentes pavimentosos, com uma unica ponta e essa mesma rhomba, indistincta; prega labial profunda no angulo da bocca; narinas amplas,

1) *Galeus*, Gen. typo; *oides* = semelhante.

2) *Cynias* = (gr.) Cão, cachorro.

3) *Canis* (Lat.) = cachorro.

mais proximas da orla labial do que da extremidade do focinho que é de contorno parabolico; olhos supero-lateraes, moderados; espiraculos proximos do angulo posterior dos olhos, quasi horisontalmente dispostos; aberturas branchiaes menores do que o diametro horisontal dos olhos, a 3ª marca o inicio das peltoraes; estas nadadeiras amplas, o bordo interno com o posterior formam um angulo recto; o bordo posterior quasi attinge a vertical baixada do ponto de junção do 1º ao 2º terço da base da dorsal (inclusive a parte livre.)

Dorsal falcada, grande, a sua base é muito pouco menor do que a distancia que vae do extremo do focinho á primeira abertura branchial; ventraes á meia distancia entre a primeira e a segunda dorsal; esta muito maior e anterior á anal, igualmente falcada; anal tambem falcada e originando-se sob o meio da base da 2ª dorsal; caudal grande, com o lobo inferior obtuso e o superior ligeiramente lunado. Cinereo claro superiormente, branco inferiormente, os jovens são, ás vezes, punctulados de branco. Em uma femea de um metro, colligida por nós e conservada nas colleções do Museu, encontramos apenas dous ovos ainda não segmentados; n'outra menor oito embryões já desenvolvidos.

Habitat: Costas européas e americanas do Atlantico; Mediterraneo.

SCYLLIORHINIDÆ ¹,

Esqualos de forma alongada, um tanto deprimidos anteriormente e comprimidos posteriormente, tendo a bocca inferior, semi-lunar, ampla, desprovida de labios, armada de dentes deprimidos, pequenos, tendo uma ponta maior mediana e uma a quatro menores em cada lado da base; narinas inferiores, amplas, separadas da cavidade oral, com uma valva anterior livre que, ás vezes, é unica para as duas narinas, sendo providas de um cirro mediano, mais ou menos desenvolvido; espiraculos pequenos e situados por traz de angulo posterior das orbitas; estas moderadas, supero-lateraes; olhos sem membrana nyctitante; duas dorsaes, geralmente a anterior maior do que a posterior, a primeira situada mais ou menos atraz das ventraes; a segunda commummente posterior á anal; caudal com um lobo basilar inferior; póros mucosos em grande numero, na cabeça mais frequentes sob o focinho. Escamas eguaes ou sub-eguaes, muito pequenas, tendo cristas longitudinaes desenvolvidas. Corpo vertebral 8—raido, com raios superficiaes penetrando no seu interior entre as bases dos arcos vetebraes.

Oviparos; os ovos são envolvidos por uma capsula cornea, quadrangular, deprimida, tendo em cada angulo longos filamentos enovelados, pelos quaes se prendem ás anfractuosidades dos rochedos, em cuja proximidade geralmente vivem os Scylliorhinos.

1) *Scylliorhinus*, gener o typico *eidos* = semelhante.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand grav.

Cynias canis (Mitch)

Nome vulgar: SEBASTIÃO

São peixes pequenos que se alimentam de crustaceos ou animaes mortos ; em geral habitantes de grandes profundidades.

A presença destes peixes em nossas aguas, foi contestada até 1903, anno em que constatamos a existencia de uma das suas especies ao largo da ilha Rasa.

*Catulus*¹, Smith.

Pr. Zool. Soc. Lond. pg. 85 — 1837.

A forma geral é a do gen. *Scylliorhinus*; alto da cabeça, focinho e face ventral deprimidos; bocca semilunar, com a maxilla superior dividida por uma sutura mediana e, tanto superior como a inferior providas de dentes pequenos mais ou menos liriiformes, mais ou menos eguaes; narinas inferiores, obliquas, providas de uma valva dermica anterior, mais ou menos lobada, um cirro mediano mais ou menos desenvolvido; atraz desta valvula e por ella recoberta, ha uma outra rudimentar; as valvas anteriores são isoladas entre si por um interspaço mediano.

Olhos moderados, supero-lateraes; palpebras livres, a superior sobrepujando a inferior, pupillas obliquamente fendidas. Espiraculos pequenos, muito proximos do angulo posterior dos olhos; aberturas branchiaes pequenas, em geral tres anteriores ás nadadeiras peitoraes que, são grandes e triangulares; ventraes moderadas, anteriores á primeira dorsal que é sempre maior do que a segunda; anal mais ou menos anterior á segunda dorsal; caudal moderada.

Escamas sub-eguaes ou somente algumas esparsas pelo corpo, um pouco maiores do que as demais, geralmente, foliiformes (obovadas acuminadas), mais ou menos providas de cristas longitudinaes. Pequenos esqualos, de movimentos morosos, vivendo nas proximidades de rochedos ou dos bancos de coraes e, geralmente, á não pequena profundidade.

Especie brasileira :

14 — *Catulos haeckelii*², nob.

Pinto ?

Estampa VIII, figs. 1 e 2

Corpo alongado, de contorno cephalico anterior parabolico, gradativamente acuminando-se para traz, quando visto de cima; de lado o contorno superior é mais curvo do que o inferior e os dous convergem para a cauda, donde se afastam, tornando-se

1) *Catulus* (Lat.) = gatinho, cãesinho.

2) *Haeckelii* = de Haeckel, Ernesto Haeckel, a primeira mentalidade da Philosophia hodierna, actualmente Professor da Universidade de Iena, na Allemanha.

o inferior sinuoso e anguloso; a parte anterior ao anus é menor do que a posterior. A cabeça, lacertina, é algo dilatada posteriormente, deprimida, sendo a depressão maior anterior; o seu comprimento é contido quasi 4 e 1/6 vezes na extensão que vae do mesmo extremo ao início do caudal; a sua largura é pouco maior do que o seu comprimento adiante dos espiraculos. A distancia dos angulos anteriores dos olhos entresi, a do angulo ocular anterior ao extremo do focinho, a que medela entre os angulos da bocca, a d'entre os angulos externos das narinas ou entre os angulos das narinas e os da bocca, mais ou menos eguaes; comprimento mediano da bocca pouco maior do que a metade da distancia entre o extremo exterior das narinas; dentes eguaes, tendo uma ponta mediana e duas em cada lado da base. Maxilla superior dividida anteriormente, um rudimento de prega no angulo da bocca; narinas não confluentes, separadas por interspaço menor do que o bordo posterior da valvula nasal; esta entalhada posteriormente, sem cirro e apenas provida de uma prega mediana; olhos grandes, medidos do angulo anterior ao posterior da palpebra superior, egualam ao comprimento que vae do extremo anterior do focinho ao labio superior, espiraculos pequenos, situados logo atraz do angulo posterior dos olhos, transversalmente. Peitoraes grandes, com a margem anterior curva, os cantos redondos, o bordo interno um tanto sinuoso e o posterior recto, attingindo o meio da distancia que vae da linha anterior de sua base ao anus; ventraes triangulares, terminando sob o meio da base da primeira dorsal, unidas por detraz da base dos spermatophoros, até perto do ultimo terço destes que, não attingem o extremo das nadadeiras; o seu angulo externo é obtuso e redondo, o posterior agudo. Primeira dorsal maior do que a segunda, distancia do extremo posterior de sua base ao anterior da segunda dorsal, mais ou menos igual ao dobro da referida base; ella tem origem sobre a vertical em que termina a base das ventraes, *mais proxima, porém, da ponta do focinho do que do extremo da cauda*; segunda dorsal com a base pouco menor do que a base da primeira. Comprimento da anal egualando á distancia que vae do seu início á ponta dos spermatophoros; esta nadadeira projecta-se até quasi sob o extremo posterior da base da segunda dorsal que, termina pouco afastada da origem do bordo inferior da caudal. Esta ultima é ampla e desvia-se pouco da direcção antero-posterior do corpo. Cinereo, tendo nove fachaes transversaes mais escuras, maculadas de preto, sobre o dorso; ficam: uma sobre a base da primeira e outra sobre a da segunda dorsal e tres sobre a cauda; algumas nodoas nos espaços claros entre as fachaes escuras; nadadeiras maculadas de preto (a anal indistinctamente); iris cinerea, obliquamente fendida; algumas escamas do corpo amarellas; parte inferior alva com algumas nodoas indistinctas. Nas «Pescas do Annie» — mencionei este curioso tubarão como *Catulus retifer* var. *boa* Goode & Bean; porém melhor estudo do animal me faz separal-o hoje como especie distincta, baseado na fórma das peitoraes, posição da primeira dorsal e direcção da caudal. Este esqualo assemelha-se tambem a *Catulus burgeri*, e mais ainda á

Fig. 1



Fig. 2

Alip. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Catulus haeckelii, Mir. Rib.

Nome vulgar: PINTO

Fig. 1—Vista lateral do peixe, reduzida; fig. 2—vista da parte infero-anterior do mesmo, quasi em tamanho natural.

Catulus analis, Olgib., do qual differe pela fôrma da anal. De *Catulus africanus* é facilmente separado pela fôrma dos dentes e de *Scyllium chilense*, pelos dentes e muitos outros caracteres.

Habitat : Atlantico; em aguas do Rio de Janeiro; o que servio á presente descripção e se acha guardado nas collecções do Museu, foi pescado a 80 metros de fundo, a 25 ou 30 milhas ao largo, E. S. E. da Ilha Rasa.

GINGLYMOSTOMATIDÆ ¹.

Esqualos de tamanho regular (3 a 3 e 1/2 metros), de corpo fusiforme, anteriormente deprimido, cabeça grande, obtusa; bocca pequena, provida de lobos labiaes espessos nos angulos, labio inferior desaparecendo proximo á symphyse; dentes triangulares ou mais ou menos lamellares, denticulados no bordo livre, em poucas ou muitas séries; narinas inferiores, com as valvas unidas entre si, adiante do labio superior, as quaes são providas de um cirro cylindrico, mais ou menos longo, completamente livre, olhos latero-superiores, pequenos, desprovidos de membrana nyctitante; espiraculos ainda menores do que os olhos e a elles inferiores ou mais ou menos posteriores, aberturas branchiaes moderadas a 5ª contigua á 4ª; duas nadadeiras dorsaes, posteriores, a primeira sobre ou posterior ás ventraes, a 2ª opposta ou anterior á anal que é mais ou menos encostada á caudal; esta nadadeira, tendo o lobo inferior muito reduzido ou nullo. Corpo vertebral, geralmente hexa-radiado. Oviparos; ovos revestidos de um tegumento corneo, um tanto quadrangulares munidos de cirros nos angulos. Pelagicos; habitantes das zonas quentes do Atlantico e do Pacifico, em torno dos bancos de coral.

Generos encontrados em aguas do Brasil.	{	Espiraculos poriformes, posteriores aos olhos; labio inferior interrompido na parte mediana, ventraes inferiores a primeira dorsal.	<i>Ginglymostoma</i>
		Espiraculos distinctos, inferiores aos olhos, labio inferior continuo, com uma ligeira expansão bilida na parte mediana, ventraes parcialmente anteriores á primeira dorsal.	<i>Chiloscyllium</i>

Ginglymostoma ², Müll. & Henle.

Arch. f. Naturg. I — 396 — 1837.

Os esqualos deste genero são caracterisados pela presença de muitas séries de dentes lamellares com uma ponta mediana, maior e uma á duas (ou tres) muito

1) *Ginglymostoma*, gen. typico; *eidos*, semelhante.

2) *Ginglymos* — dobradiça (articulação) *stoma* — bocca.

menores nos lados da base; a bocca é mediocre, o labio inferior discontinuo na parte mediana; as cavidades nasaes confluentes com a oral; olhos muito pequenos; espiraculos poriformes, posteriores aos olhos. Ventraes inteiramente sob a primeira dorsal; o colorido é mais ou menos finamente punctulado de negro (uniforme n'uma especie).

Especie constatada em aguas brasileiras:

15 — *Ginglymostoma cirratum*¹ (Gmlin).

Cação-Lixa.

Estampa IX.

Corpo fusiforme, deprimido anteriormente, focinho obtuso, redondo, bocca inferior, moderada; valva nasal provida de um cirro que attinge o labio inferior; olhos latero-superiores, muito pequenos; espiraculos posteriores aos olhos, ainda menores; ultima abertura branchial muito proxima da penultima, as anteriores maiores; peitoraes largas, arredondadas; dorsal grande, sobre as ventraes que são mediocres; anal arredondada posterior á 2ª dorsal que também é arredondada no angulo superior; caudal grande, contida no corpo 2 e 1/2 vezes. A pelle deste cação é extraordinariamente espessa; no individuo de nossa collecção, pescado em aguas do Rio de Janeiro, ella media seguramente 4 millimetros no dorso. As escamas são baixas, granulares, sendo na parte superior, umas de cor parda (as maiores) outras de cor preta e finalmente outras (mais raras) brancas.

Habitat : Das Grandes Antilhas ao Rio de Janeiro, onde fica, pela presente, declarada a sua apparição.

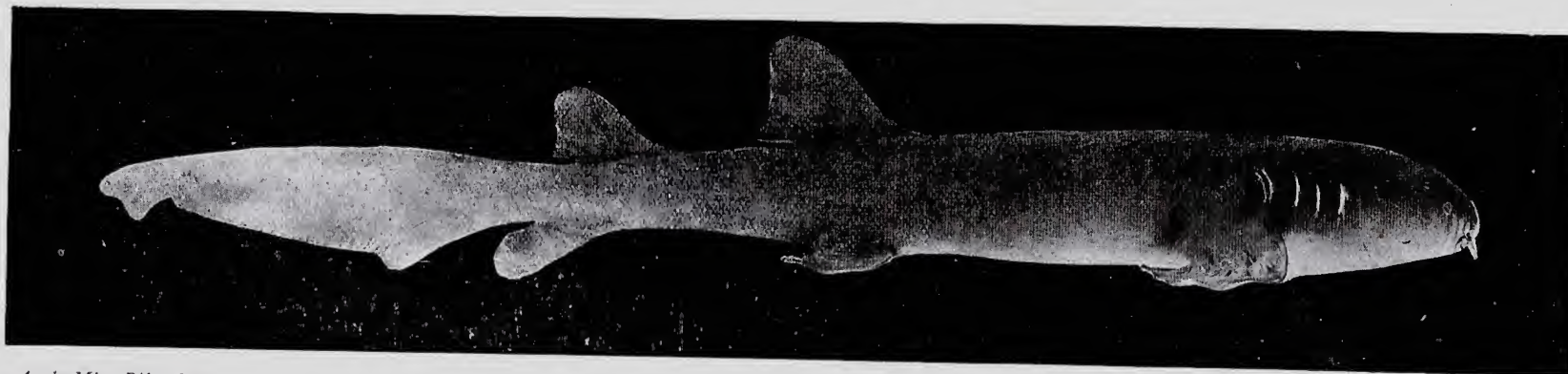
Chiloscyllium, Müll & Henle.

Plagiostomen, 17 — 1841.

Esqualos pequenos, de cabeça moderadamente deprimida, bocca mediocre, moderadamente arqueada, labio inferior inteiro bem desenvolvido, dentes pequenos, com ou dous denticulos lateraes; narinas confluentes com a cavidade oral, provida de um cirro valvular livre; espiraculos mediocres, situados em baixo da parte posterior á anal que, substitue o lobo inferior da caudal, cujo bordo inferior é convexo.

1) (Lat.) *Cirratum* = provido de cirros.

2) (Gr.) *Chilo* = labio; *Scyllion* = caçonete.



A. de Mir. Rib. phot.

Garcia gr.

Ginglymostoma cirratum (Gmlin.)

Nome vulgar: CAÇÃO-LIXA

16 — *Chiloscyllium indicum* ¹ (Gml).

D'esta especie que apenas conhecemos pelas descripções dos autores diz Günther :

« Prega labial inferior, perfeitamente continua. Bocca muito mais proxima dos olhos do que da extremidade do focinho que é proeminente e mais ou menos obtuso. Bordo posterior das duas dorsaes convexo, primeira dorsal inserida por traz da base das ventraes. A's vezes uma ou tres carenas lisas ou tuberculares ao longo do dorso. Coloração variavel.» (« Parda uniforme ou com largas fachas transversaes escuras, maculadas ou estriadas de negro, ás vezes tambem punctuladas de branco »).

Segundo Müller e Henle, o Museu de Berlin possui varios exemplares pequenos, de 5 pollegadas de comprimento, *procedentes do Brasil*.

Habitat : Do Atlantico Sul (Cabo de B. Esperança) aos Mares do Japão.

SAQUALIDÆ ².

Esqualos pequenos, de corpo mais ou menos triangular ; bocca moderada, pouco arqueada, com um sulco obliquo sobre os angulos, provida de dentes simples, deprimidos ou armados de pequenas pontas lateraes ; narinas pequenas, inferiores, isoladas, não confluentes com a bocca ; olhos lateraes, desprovidos de membrana nyctante ; espiraculos grandes, posteriores aos olhos ; aberturas branchiaes mediocres, anteriores ás peitoraes ; duas dorsaes, providas de um forte aculeo anterior ; ventraes moderadas ; anal ausente ; lobo caudal inferior pouco desenvolvido ou obsoleto. Dos diversos generos que constituem esta curiosa familia e que são todos oviparos, apenas um é conhecido nas nossas aguas, e este habitante de aguas pouco profundas :

Squalus, ³ L.

Syst. Nat. Ed. X. pg. 233 — 1758.

Além dos caracteres acima, differencia-se mais pela forma dos dentes deprimidos, cuja ponta é dirigida para fóra, de modo que, o bordo interno constitue um gume cortante ; os aculeos dorsaes são inclinados para traz, as ventraes ficam mais ou menos á meia distancia entre a 1ª e a 2ª dorsal ; o pedunculo é um tanto deprimido, tendo uma ligeira facha na base da caudal, cujos lobos são inteiros.

Constatamos a presença de um representante deste genero em nossas aguas, em 1901.

1) *indicum* = indiano, da India.

2) *Squalus*, genero typico; eidos = semelhante.

3) *Squalus* = cação, tubarão, esqualo.

17 — *Squalus blainvillei* ¹ (Risso).

Cação-Bagra.

Perfil superior mais arqueado do que o inferior ; bocca moderadamente arqueada, provida de dentes eguaes aos de *Squalus acanthias* e continuada para os lados até proximo do bordo infero lateral da cabeça pelo sulco labial ; este, de extensão igual, tanto antes como depois do angulo da bocca ; narinas mais proximas da ponta do focinho do que da orla anterior da bocca ; olhos grandes, tendo o maior diametro igual ao comprimento do lobo posterior (parte livre) da 2ª dorsal ; espiraculos pequenos, o seu maior diametro a $1/2$ do maior diametro ocular ; peitoraes moderadas, com o angulo externo redondo, o bordo posterior concavo, tornando agudo o angulo postero-interior. 1ª dorsal mediocre, moderadamente falcada, tendo o aculeo recoberto em metade de seu comprimento e igual a $2/3$ do comprimento da nadadeira ; origina-se conspicuamente adiante do angulo postero-interior das peitoraes ; ventraes moderadas ; no macho os espermatophoros curvam-se para dentro, junto ao apice, tendo dous aculeos moderadamente curvos, podendo tomar direcção divergente por uma torsão sobre o proprio eixo ; o exterior (maior) é fortemente canellado pelo lado interno. Na fema as ventraes terminam 1 e $1/2$ vezes o comprimento do aculeo da 2ª dorsal, antes da origem d'esta nadadeira. As nadadeiras originam-se um pouco atraz do apice da 1ª dorsal e terminam adiante da 2ª dorsal, á uma distancia que eguala ao comprimento do aculeo desta que, por sua vez, é muito falcada, e tem o aculeo de comprimento igual ao do seu bordo anterior.

Cinereo-vinaceo uniforme superiormente, branco amarellado inferiormente, aculeos das nadadeiras denegridos no lado dorsal.

Habitat : Atlantico. Costas do Rio de Janeiro. Sul da Europa, Mediterraneo ; Sul da Africa. Pacifico, ilhas de João Fernandes. O 2 primeiros exemplares desta especie que obtivemos de aguas do Rio de Janeiro, nos foram trazidos em 1901 ; obtivemos 2 outros em 1903, durante as pescas do Annie ; o maior delles mede 38 cm.

ISISTIIDÆ. ²

Esqualos de dimensões moderadas, com bocca mediocrementemente arqueada, provida de um sulco lateral, recto, profundo e com uma prega que circumda a maxilla superior ; labios livres ; dentes superiores menores do que os inferiores, inteiros ; narinas anteriores, confluentes por um sulco inferior entre si e os olhos ; estes

1) De Blainville—Naturalista Francez.

2) *Isistius*, gen. typico ; *eidos* = semelhante.

grandes, lateraes, sem membrana nictitante, um sulco posterior liga-os aos espiraculos que são grandes; aberturas branchiaes dentro de uma prega lateral, acima da base das peitoraes: 2 dorsaes, estas nadadeiras, como as restantes, pequenas ou mediocres; anal ausente, primeira dorsal mais ou menos sobre as ventraes.

Isistius, ¹ Gml.

Pr. Acad. Nat. Sci. Philad. 264 — 1864.

Escamas granulosas; peitoraes sub-lanceoladas, francamente lobadas no extremo posterior e verticalmente dispostas sobre os lados do corpo; pedunculo caudal delgado, seguindo a base da nadadeira a mesma direcção que o eixo do corpo. Especie unica:

18 — Isistius brasiliensis ² (Quoy & Gmrd).

Nadadeiras peitoraes, ventraes e dorsaes muito pequenas; ventraes triangulares, dorsaes falcadas, caudal moderada, com o bordo posterior furcado (pelos dous lobos). Dentes superiores lanceolados, inferiores—25—tendo os lados da base parallela e os da ponta em angulo agudo. Pardo uniforme superiormente, mais claro inferiormente; ás vezes, uma facha transversa, denegrida sob a garganta.

Habitat.: Ilha de França, S. Iago, Rio de Janeiro, Sul do Pacifico.

SQUATINIDÆ. ³

Esqualos de tamanho mediano, deprimidos, de cabeça um tanto distincta do tronco; bocca anterior, maxillares protracteis, providos de dentes um tanto conicos, inteiros, simplés; labios desenvolvidos, discontinuos; focinho de contorno anterior concavo; narinas anteriores, mediocres; espiraculos relativamente grandes, posteriores aos olhos; aberturas das guelras lateraes, em parte occultas pela base das peitoraes; duas nadadeiras dorsaes, collocadas posteriormente ás ventraes; peitoraes grandes, livres anteriormente; ventraes lateralmente dispostas; anal ausente; caudal com o lobo inferior mais desenvolvido que o superior. Viviparo. Unico genero:

Squatina, ⁴ Dumeril.

Ichthyol. Analyt. 102—1803.

Contendo uma unica especie cosmopolita.

1) Gr. *Isos* = igual; *istius* = rélas, isto é, nadadeiras.

2) (Lat.) *brasiliensis* = brasileiro.

3) *Squatina*, genero typico; *eidus* = semelhante.

4) *Squatina*, latinização de *Squato*, por sua vez derivado de *Squat* ou (ingl.) skate.

19 — *Squatina squatina* (L).

Cação-Anjo.

Estampa X.

Cujo crescimento maximo attinge a 1^m,7. Revestimento tegumentar granuloso. Sobre o focinho duas ordens de 3 tuberculos cada uma, dispostas uma viz-à-viz da outra, como um parenthesis (); tres outros tuberculos obliquamente dispostos sobre os olhos, anteriormente; dous outros atraz do angulo posterior da orbita. A's vezes uma serie de aculeos sobre a região rachidiana, até a 1^a dorsal. Contorno cephalico oval; peitoraes grandes, rhomboidaes, attingindo as ventraes que são triangulares, com o bordo anterior um tanto convexo. Pardo olivaceo com pequenas maculas estelladas, alvadias, na parte superior; branco na inferior. O Cação-Anjo é bastante commum em nossas aguas. No mercado do Rio de Janeiro é vendido ás classes pobres com os demaie cações que frequentam as nossas costas.

Hypotremati. ¹

Rayas.

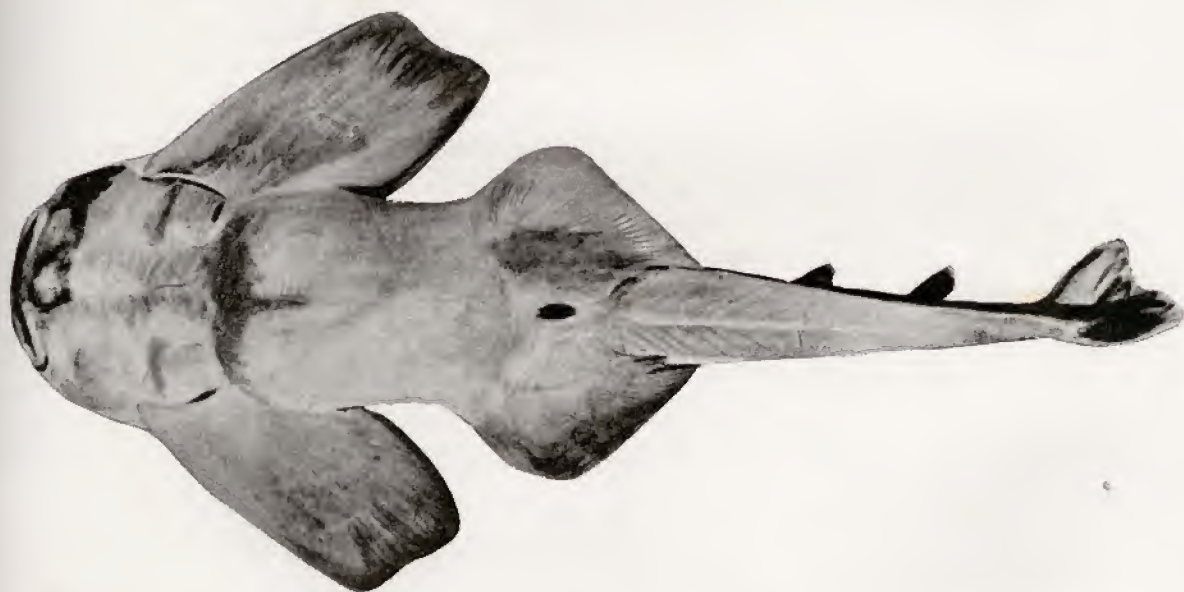
Corpo deprimido, no mesmo plano das nadadeiras peitoraes (só n'um caso o perfil dorsal está em plano superior) uma ou duas dorsaes, ás vezes ausentes; peitoraes muito desenvolvidas, geralmente constituem a maior parte do corpo, projectando-se sobre os lados da cabeça, ás vezes até o extremo anterior do rostro; concorrem assim para tornar o corpo dividido em duas partes—uma anterior, geralmente romboide ou discoidal e outra posterior, mais ou menos sub-conica, tendo as nadadeiras ventraes, as dorsaes e a caudal; a anal não existe. Bocca inferior transversa, com dentes sub-conicos, triangulares ou pavimentosos (na maior parte dos casos); narinas inferiores, entre a bocca e extremidade anterior do rostro; olhos latero-superiores ou superiores (caso geral), sem palpebra livre, geralmente com uma expansão semilunar, externa, superior, sobre a cornea; cavidade oral se comunicando com a exterior por dous espiraculos post-oculares, sempre presentes.

Peixes de fundo, habitando aguas de profundidade mediana (raramente as grandes profundidades); alguns são fluviateis.

De tamanho variavel. As que frequentam as nossas aguas distribuem-se pelas seguintes familias²:

1) *Hypo* = em baixo : *trema* = abertura.

2) *Raja guttata*, Bl. & Schn. 361-4801 (Jabehara, Theatr. tom. I pg. 27—*Jabebireté* (sp. alt.) Marcgr. Hist. Nat. Bras. pg. 175). Semelhante á *Jabebireté* «... excepto quod color totius corporis superius umbræ, punctulatus per totum, maculis nigris, seminis sinapi magnitudine; cauda osuleis caret.»



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Squatina squatina (L.)

Nome vulgar: PEIXE-ANJO

Hypotremados bra- sileiros	Cauda espessa, pro- vida de nadadeira, com uma prega dermica lateral; nunca armada de dardos serrilha- dos, geralmente duas dorsaes	Processos rostraes muito longos, emergindo da cabeça em um prolongamento ensiforme armado de fortes dentes corneos, nos bordos	12. <i>Pristidæ</i> .
		Processos rostraes mode- rados, não emergindo em processo ensiforme, formando um prolonga- mento vomeriforme, la- deado por tecido mem- branoso ou pelo prolon- gamento anterior das peitoraes.	Disco mais ou menos rhom- boide, mais ou menos aculeado na zona mediana.
			Peitoraes ligando-se ao foci- nho por uma membrana anterior; ventraes franca- mente separadas das peitoraes. Dentes pavimen- tosos
			Peitoraes ligando-se ao extre- mo anterior do focinho directamente; ventraes con- tiguas ou inferiores ao an- gulo posterior das peito- raes
		Disco sub-circular, inteiramente liso, um par de órgãos ele- ctricos entre a cabeça e a base das peitoraes	13. <i>Rhinobatidæ</i> .
			14. <i>Rajidæ</i> .
			15. <i>Narcobatidæ</i> .
		Cabeça não destacada do cor- po, circumdada pelas pei- toraes.	Narinas não confluentes, in- clinadas de diante e de fora para traz e para dentro. Cauda muito curta
			16. <i>Pteroplateidæ</i> .
			Narinas confluentes, inclina- das de diante e de dentro para traz e para fora, cau- da muito comprida, fili- forme
			17. <i>Dasyatidæ</i> .
		Cabeça destacada do corpo, não circumdada pelas pei- toraes.	Não tendo appendice movel nos lados da cabeça e sim um rostro carnuado, inferior.
			18. <i>Myliobatidæ</i> .
			Tendo em cada lado da ca- beça um appendice movel (nadadeira cephalica).
			19. <i>Mobulidæ</i> .
	Cauda sem nadadeira, mais ou menos delgada, geralmente provida, na base, de um a cinco dardos, serrilhados nos bordos em sentido retrorso.		

PRISTIDÆ.¹

Corpo deprimido, cabeça larga, tendo os processos rostraes muito desenvolvidos em 3 á 5 tubos ocos, subcylindricos, acuminados para a extremidade, envolvidos externamente por tecidos conjunctivo e tegumentar que dão, ao órgão assim constituido, uma forma lamellar, bastante alongada; nos bordos d'essa lamina, ha uma serie de aculeos corneos, profundamente implantados, deprimidos, em numero mais ou menos variavel (16 a 34 pares) que lhe emprestam vagamente o aspecto de uma serra; bocca inferior, quasi recta, transversalmente disposta; dentes pavimentosos, pequenos, narinas amplas, obliquamente situadas na parte inferior da base do rostro; espiraculos grandes, posteriores aos olhos; aberturas branchiaes inferiores na base das peitoraes que são grandes, triangulares; duas dorsaes subeguaes, falcadas, a 1ª mais ou menos sobre as ventraes, estas moderadas; uma prega cutanea nos lados do pendunculo, se projectando sobre o lobo caudal inferior. Sobre a funcção do rostro d'estes curiosos peixes, diz Günther:

«A serra que é a sua arma de ataque, torna-os muito perigosos para quasi todos os outros grandes habitantes do oceano... usão-n'a para arrancar pedaços de carne do corpo de um animal ou para lhe abrir o abdomen. Os fragmentos destacados ou as partes molles postas de fóra são, então, agarradas e devoradas.»

Admittimos que a serra seja empregada antes como arma de defesa do que de ataque; tambem nos parece que ella seja empregada, com mais vantagem para arrancar mariscos dos bancos do fundo do mar, do que pedaços de carne do corpo de qualquer d'outro animal, o que não estaria em accordo com a dentição caracteristica de todos os peixes do unico genero que constitue esta familia. Nada se conhece sobre sua reproducção.

Pristis,² Latham.

Trans. Linn. Soc. II — 276 — 1794.

Os peixes d'este genero, cujos caracteres foram acima enunciadados com os da familia, desenvolvem-se consideravelmente, podendo attingir a cerca de 7^m,5 a julgar pelo tamanho das serras existentes nas colleções de diversos museus. Especies constatadas em aguas brazileiras, vulgarmente conhecidas pelo nome de Peixe-Serra:

Primeira dorsal inteiramente adiante das ventraes; caudal provida de um lobo inferior, aculeos rostraes 18 a 20 pares	<i>P. perrotteti</i>
Primeira dorsal opposta ás ventraes, caudal desprovida de lobo inferior.	aculeos rostraes 16 a 20 pares <i>P. pristis</i>
	aculeos rostraes 24 a 32 <i>P. pectinatus</i>

1) *Pristis*, genero typico; *cidos* = semelhante.

2) (Gr.) *Pristis* = serra.

Archivos do Museu Nacional, vol. XIV

Est. XI



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Pristis perrotteti Müll. & Henle.

Nome vulgar: PEIXE-SERRA

20 — *Pristis perrotteti*¹, Müll & Henle.

Peixe-Serra.

Estampa XI.

Uma das especies maiores. Peitoraes grandes tendo os bordos em angulo recto; a 2ª dorsal não muito menor do que a primeira; o espaço entre os aculeos igual a cerca do triplo da base de cada um delles. Olivaceo superiormente, branco inferiormente, extremo do lobo inferior da caudal branco. Um bello exemplar pertencente ao Museu Nacional mede 2^m,7 dos quaes 0^m,65 pertencem ao rostro; o Museu possui rostros de 1^m,15 que fazem suppor terem sido de individuos de 4 metros e meio.

Habitat: Mares tropicaes—O exemplar completo do Museu foi apanhado na Bahia de Botafogo.

21 — *Pristis pristis* (L.)

Os aculeos rostraes d'esta especie tem um bordo anterior cortante. Günther diz que não ha possibilidade de se distinguir os rostros de *Pristis pristis* dos de *Pristis perrotteti*; entretanto, como o proprio Günther e outros autores, assignalam para o primeiro 16 a 20 pares de aculeos rostraes, 18 a 20 para o segundo, attribuímos áquella especie um rostro que o Museu Nacional possui em suas colleções e outro de nossa propriedade os quaes tem 17 pares de aculeos.

Habitat: Mares tropicaes—Atlantico. Costas do Brazil.

22 — *Pristis pectinatus*,² Latham.

Os aculeos rostraes anteriores, são mais proximos entre si do que os pesteriores e os espaços existentes entre elles vão augmentando gradativamente, de diante para traz; entre os primeiros o espaço é igual ao dobro da base de cada dente e entre os ultimos o espaço é igual ao dobro do espaço que medeia entre os anteriores. O Museu possui um exemplar de cerca de 85 centimetros e uma serra de 84 centimetros.

Habitat: Mares tropicaes—Atlantico—Costas do Brazil.

RHINOBATIDÆ³.

Tronco e cauda bem desenvolvidos; parte anterior triangular, nadadeiras peitoraes grandes, porém, não se projectando até o focinho; bocca mais ou menos

1) De *Perrottet*, Naturalista Francez.

2) (Lat.) *pectinatus* — pectinado, armado de pente.

3) *Rhinobatus*, genero typico; *eidos* = semelhante.

recta, provida de dentes pavimentosos e de um labio inferior; narinas anteriores á bocca, mais ou menos contiguas; processos rostraes mais ou menos desenvolvidos, não se transformando em rostro serri-forme; espiraculos amplos, immediatamente posteriores aos olhos, providos de tuberculos no bordo posterior; duas dorsaes, mais ou menos eguaes, uma prega cutanea ao longo da parte caudal do tronco. Caudal desenvolvida. Ovoviviparos. Habitantes de aguas intertropicaes. Está constatado no Brasil o genero:

Rhinobatus, ¹ Bl. & Schn.

Syst. Ichthyol. 357 — 1801.

Processos rostraes desenvolvidos, em connexão com as peitoraes por uma expansão membranosa. Bocca provida de dentes pavimentosos, pequenos, com uma prega transversa, indistincta e de um labio inferior moderado. Narinas mais ou menos contiguas, obliquas. Dorsaes posteriores ás ventraes, caudal sem o lobo inferior.

Especies brasileiras .	{	Focinho longo, angulo rostral egualando á cerca de 60 grãos.	{	Focinho e parte inferior do corpo branco	<i>R. percellens.</i>
			{	Focinho e geralmente, a parte inferior do corpo uniformemente coloridos	<i>R. horkelii.</i>
		Focinho curto, angulo rostral egualando á cerca de 90 grãos.			<i>R. brevirostris.</i>

23 — **Rhinobatus percellens** ² (Walb).

Viôla.

Focinho proeminente, tendo os bordos afastados n'um angulo de cerca de 65°. Processos rostraes contiguos, de modo á deixarem um estreito interspaço entre si; espiraculos tendo dous tuberculos na orla posterior, o externo maior; bocca muito pouco arqueada, com 48 ordens (contadas junto ao labio superior) de dentes; labio inferior com o bordo livre moderadamente concavo. Uma serie de espinhos curtos, circumda os olhos pelo lado interno. Uma serie de aculeos baixos da nuca á 1ª dorsal, ás vezes uma pequena serie, atraz de cada espiraculo, parallela á central, alguns outros sobre a região escapular. Olivaceo com fachas obscuras transversaes, na parte superior do corpo; rostro (com excepção das zonas occupadas pelos processos rostraes que são da cor do corpo) branco; extremo das nadadeiras

1) *Rhinc* = cação; *batys* = raya.

2) *percellens* (Lat.) = batedor, que dá pancadas.

alvadio, parte inferior branca. Os jovens tem a parte superior punctulada de azul. Cresce até pouco mais de metro.

Habitat: Atlantico occidental, desde as grandes Antilhas até o Rio da Prata.

24 — *Rhinobatus horkelii* ¹, Müll. & Henle.

Muito semelhante á especie precedente, da qual apenas differe pela forma do labio inferior, cujo contorno posterior é convexo e pelo colorido inteiramente vinaceo-denegrido uniforme, tanto na parte superior como na inferior do corpo.

Habitat: Costas do Brasil, Bahia.

25 — *Rhinobatus brevirostris* ², Müll. & Henle.

Corpo mais elevado, curto, revestido de escamas mais volumosas do que nas especies precedentes. Focinho curto, angulo formado pela divergencia dos bordos rostraes, de cerca de 90 graos; bocca ligeiramente sinuosa, narinas approximando-se na linha mediana. Olhos mediocres, com poucos tuberculos em redor; uma serie de aculeos baixos sobre a linha rachidiana, dous entre as dorsaes, cinco outros em duas series, sobre cada espadua.

Pardô superiormente com manchas transversaes obscuras; carneo inferiormente.

Habitat: Brasil—Rio de Janeiro e Bahia.

RAJIDÆ ³.

Rayas propriamente ditas.

Processos rostraes mais ou menos desenvolvidos, nadadeiras peitoraes amplas, reunindo-se anteriormente ao vertice do rostro, o que dá, geralmente, á parte anterior do corpo, um contorno rhomboidal; bocca moderada, provida de dentes conicos, mais ou menos acuminados, ás vezes de apparencia pavimentosa; narinas isoladas, proximas da bocca, aberturas branchiaes em semicirculo sobre o thorax e base das peitoraes; espiraculos grandes; olhos salientes; duas dorsaes sobre o pedunculo caudal que é delgado e provido de uma prega dermica; ventraes entalhadas; caudal rudimentar ou ausente. Spermatophoros grandes. Oviparos. Os sexos podem differir, geralmente nos dentes e na forma e numero dos aculeos.

D'entre tres que constituem esta familia, existe no Brazil o genero:

1) De Horkel (Prof.) que enviou em exemplar d'este peixe da Bahia, ao Museu de Berlin.

2) *brevirostris* (Lat.) de focinho curto.

3) *Raja*, genero typico; *eidos* = semelhante.

Raja¹, Linneo

Syst. Nature, Ed. X — pg. 231 — 1758

Cujas peitoraes não se unem entre si, adiante focinho; as valvulas nasaes são separadas no meio e as nadadeiras ventraes são divididas por um profundo entalhe em duas porções, uma de direcção lateral e outra posterior. As rayas d'este genero sórraramente ou na juventude são lizas; mais communs em aguas temperadas e frias, são representadas no Brasil pelas especies abaixo:

Espermatophoros subcylindricos, obliquamente truncados, divergentes; uma zona triangular de aculeos no meio do dorso; pedunculo com 6 (no adulto, no jovem com 7) ordens longitudinaes de aculeos. Femeas maiores do que os machos, no maximo 0^m,6. *Raja erinacea*.

Espermatopharos fusiformes, uma serie dorso caudal de aculeos; uma placa escapular e, no maximo 5 ordens longitudinaes no pedunculo. Femeas eguaes aos machos em tamanho.	36 a 48 series longitudinaes de dentes	Serie dorso caudal de aculeos attingindo o meio do dorso.	Parda amarellada ás vezes com uma nodga escura, indistincta, sobre as nadadeiras peitoraes	<i>Raja agassizi</i> .
			Parda punctulada de preto sobre todo o corpo.	<i>Raja castelnaui</i> .
		Serie dorso caudal de aculeos não se projectando acima da base das ventraes.	Parda chocolate com dous circulos concentricos sobre cada peitoral	<i>Raja cyclophora</i> .
			60 series longitudinaes de dentes	<i>Raja brasiliensis</i> .

23 — Raja erinacea,² Mitchill.

Estampa XII (Δ) e XIII (♀)

Parte anterior um tanto cordiforme; bordos do focinho formando um angulo de cerca de 110 grãos, curvando-se depois em arco sinuoso até o canto da peitoral que é redonda; os espinhos distribuem-se da seguinte maneira: Tres sobre o angulo interno dos espiraculos, uma série supra-ocular, uma zona triangular no meio do dorso, uma facha ampla na parte antero-lateral, e outra no canto posterior das peitoraes, sete ordens longitudinaes no pedunculo, projectando-se cinco até a zona triangular do meio do dorso, uma zona sobre o lóbo posterior das ventraes; nos individuos maiores a série mediana do pedunculo é incompleta e todos os aculeos são mais

1) *Raja* (lat.) Raya.2) *Erinaceus* = ouriço-caixeiro, mamífero insectívoro da Europa — Allusão aos espinhos do dorso da raya.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Raja erinacea (Mitch) (macho)



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Raja erinacea (Mitch.) (femea)



A. de Mir. Rib. phot

Brand gr.

Raja agassizi, Müll & Henle

Nome vulgar: RAYA-SANTA

ou menos comprimidos e possuem a base radiada; toda a face superior do corpo, entre as zonas de espinhos, é mais ou menos densamente coberta de pequenas placas irregulares que a tornam aspera, á excepção do angulo interno-posterior das peitoraes que é perfeitamente liso; proximo ao angulo externo das peitoraes, ha de duas á muitas séries de aculeos erecteis, reclinados para dentro, e para traz; em alguns individuos machos tambem os spermatophoros são providos de uma série de aculeos nos bordos do meato. A bocca é curva, os dentes rhombos nas ♀ ♀ e agudos nos ♂ ♂, são em numero de 42 a 44, em sete individuos que servem á esta descripção. Uma prega cutanea ao longo da parte posterior do pedunculo. Pardacento superiormente, burrifado e punctulada de negro, com a parte inferior branca; em alguns exemplares (os mais jovens) essas punctulações formam circulos mais ou menos indefinidos. Comprimento do maior macho visto por nós, 0^m,24; da maior femea 0^m,22.

Habitat: do Maine ao Rio de Janeiro no Atlantico Occidental.

27 — *Raja agassizi*, ¹ Müll. & Henle.

Raya-Santa.

Estampa XIV.

Angulo anterior de cerca de 100 grãos, olhos menores do que o espaço inter-orbital, espiraculos muito pouco menores do que os olhos; dous aculeos pre-e dous post-orbitaes, ás vezes os escapulares presentes; série dorso caudal originando-se em meio do dorso com os aculeos pequenos e contiguos; bocca com o velum quadri-lobado e papillosa, tendo ordens longitudinaes de dentes; duas dorsaes sobre a parte posterior da cauda e uma prega dermica lateral. Caudal ausente. Parda superiormente com os lados do rostro brancos; ás vezes uma nodoa sombreada sobre cada peitoral, parte inferior branca com os póros mucosos negros.

Habitat: Atlantico, em costas do Brasil.

28 — *Raja castelnaui*, ² nob.

Raya-Chita.

Estampa XV.

Esta raya quando perfeitamente desenvolvida, mede mais de metro (excluida a cauda) e todos os individuos de taes proporções conservam uma unica forma. O animal adulto, tem o angulo rostral de cerca de 100 grãos, o canto externo das

1) *Agassizi* = de Alexandre Agassiz, naturalista norte americano (Suisso de nascimento) que muito se occupou com os peixes do Brasil.

2) Francisco de Castelnau, naturalista francez, que estudou os peixes do Brasil.

peitoraes moderadamente arredondado; as ventraes tendo o lobo anterior quasi inteiramente occulto sob a orla posterior das peitoraes. O perfil anterior é ligeiramente sinuoso. A bocca é muito curva ou quasi recta; os dentes gastam-se cedo. O véo post-dental é quadri-lobado e a mucosa é mais ou menos provida de villosidades. Duas dorsaes sobre a parte posterior do pedunculo, caudal rudimentar, porém presente. Toda a parte superior é aspera, com uma série ocular, outra dorso caudal de aculeos e além destes tambem os espinhos escapulares e os lateraes da cauda bem desenvolvidos. A ponta e os bordos do focinho, inferiormente, asperos. Parte superior parda arenosa, pintada de preto com algumas manchas claras; parte inferior branca suja com os póros mucosos negros. São estes os individuos conhecidos vulgarmente pelo nome de *Raja-Chita*. O Museu Nacional possui dous jovens pescados pelas rêdes do Annie; são porém glabros, tendo apenas os espinhos dorso caudaes e os oculares.

Habitat: Aguas do Brasil, no Atlantico.

29 — *Raja cyclophora*, ¹ Regan.

Estampa XVI.

Angulo anterior de cerca de 110 grãos; olhos eguaes, em comprimento do maior diametro, á distancia interorbital; espiraculos muito menores do que os olhos; aculeos dorso-caudaes originando-se sobre o pedunculo entre as ventraes; bocca quadrilobada, com ordens longitudinaes de dentes, duas dorsaes sobre a parte terminal do pedunculo, caudal rudimentar, presente. Parda chocolate superiormente, com dous circulos negros e alternados com dous circulos brancos, concentricos sobre cada peitoral; parte inferior amarellada ou branca suja com os póros mucosos negros.

Habitat: Atlantico, em aguas do Rio de Janeiro.

30 — *Raja brasiliensis*, ² Müll. & Henle.

« Focinho muito obtuso como em *Raja radula*, *atra* e *undulata*, sua ponta é muito pouco proeminente e o extremo rostral constitue um angulo inteiramente obtuso. O canto externo das nadadeiras peitoraes é redondo. A distancia entre a ponta do focinho e o meio da linha das narinas é um pouco menor que a distancia entre as cavidades nasaes. Dentes, na femea, sem ponta proeminente. Palpebras salientes. Dorso aspero, com excepção da parte posterior externa das peitoraes e da pelle circumvisinha do meio do rostro. A parte anterior das peitoraes mais aspera.

1) (Gr.) *Cycle* = circulo, *phoros* = portador (de).

2) *Brasiliensis* = do Brasil.

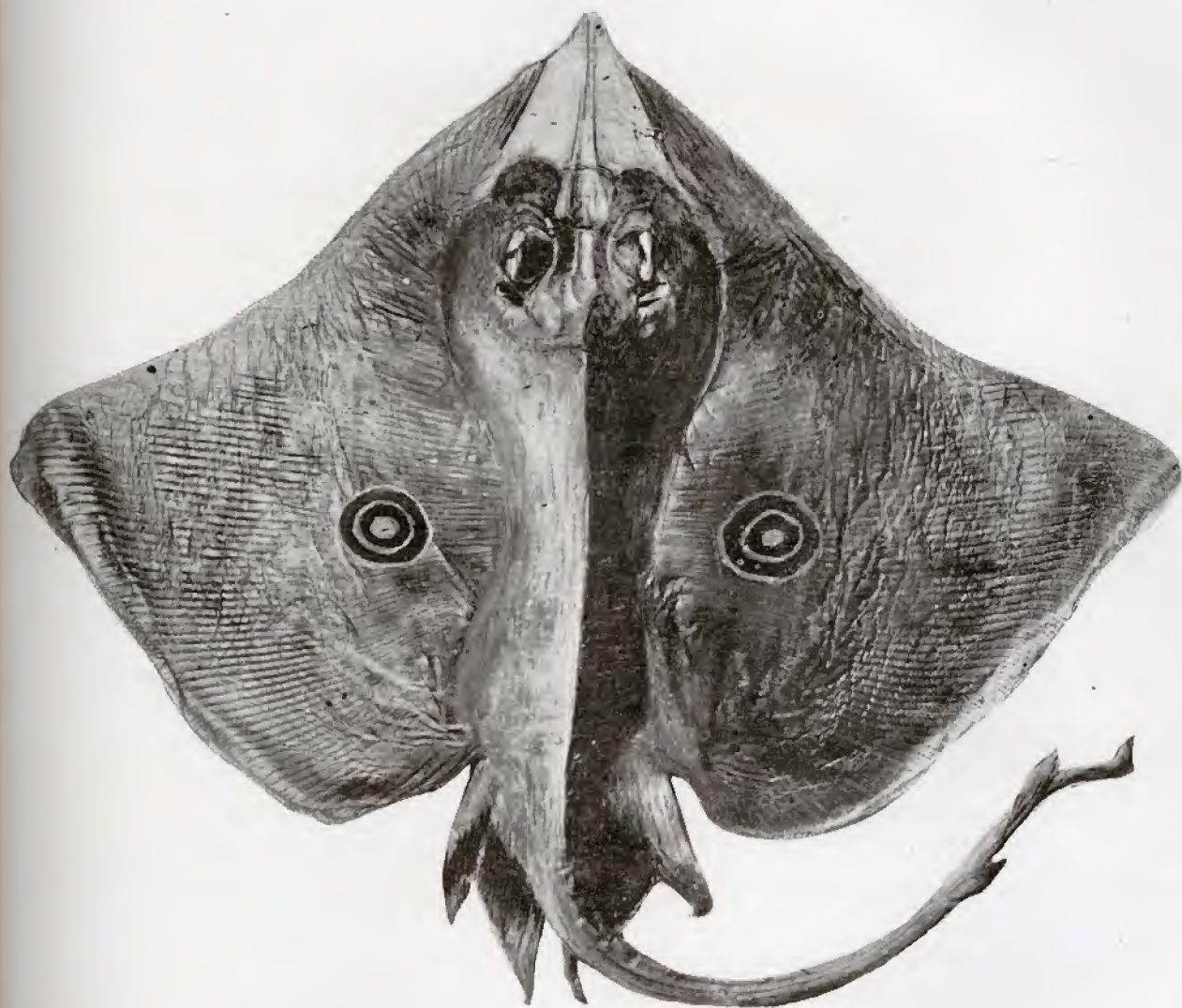


A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Raja castelnaui, Mir. Rib.

Nome vulgar: RAYA-CHITA



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Raja cyclophora, Regan

Ha dous espinhos anteriores e outro posterior aos olhos. Uma fila de espinhos mais fortes sobre a linha dorsal mediana e pedunculo caudal; nos lados da cauda uma fila, ainda um tanto para fóra desta uma outra fila de aculeos, todos dirigidos para traz. Sobre a face ventral, o focinho e o inicio das peitoraes são asperos; ha uma zona aspera atraz de cada abertura branchial, da primeira á quarta; encontra-se alguma aspereza no lado inferior da cauda. Parda no lado superior, irregularmente punctuada de branco; lado inferior claro.»

Müller e Henle, autores dos quaes foram transcriptas as linhas acima, consideram *Raja brasiliensis* uma variedade de *Raja undulata*, separando-a unicamente por considerarem que uma é do Brasil enquanto que a outra é do Mediterraneo e partes vizinhas do Atlantico.

Raja undulata é lisa e tem, no pedunculo, apenas uma *ordem lateral de oculos*.
Habitat: Atlantico, em aguas do Brasil.

NARCOBATIDÆ.

Parte anterior do corpo discoidal, parte posterior moderadamente desenvolvida, triangular, curta; pelle inteiramente lisa; geralmente duas dorsaes, pedunculo provido de uma prega dermica; caudal presente. Bocca pequena, provida de dentes pavimentosos ou com uma ponta mediana, espiraculos pequenos, geralmente circulares, ás vezes munidos de papillas, nos bordos. Um aparelho electrico entre cabeça e a base das peitoraes, composto de prismas hexagonaes, verticalmente dispostos.

Jordan & Ervmann citando Fritsch, dizem que os *Narcobatideos* passam por tres phases distinctas — uma *esqualiforme*, outra *rayiforme* e finalmente, terminam o seu desenvolvimento com a ultima ou phase *torpediforme*.

As nossas aguas teem representada esta familia pelo genero :

Narcine, Henle.

Ueber Narcine, 31 — 1834.

Disco mais ou menos regular, mais curto do que a parte posterior do corpo; bocca pequena, provida de dentes pavimentosos ou obtusamente aculeados e de um labio circular; espiraculos moderados, geralmente providos de uma orla externa mais ou menos appendiculada, immediatamente situados atraz dos olhos; duas dorsaes, a segunda maior do que a primeira; caudal forte, truncada ou redonda posteriormente; ventraes com os bordos mais ou menos parallelos entre si. Especie brasileira :

1) *Narcobatus*, genero typico; *eidos* = semelhante.

2) *Narcine*, (gr. *narce*) entorpecedor.

31 — *Narcine brasiliensis* ¹ (Olfers).

Trême-Trême.

Estampa XVI.

Disco mais ou menos circular; bocca á meio da distancia que vae da orla rostral á linha transversal da quarta guelra. Espiraculos providos de uma orla externa mais ou menos appendiculada; olivacea denegrida ou com fachaas uniformes transversaes, mais escuras, irregularmente dispostas ou maculas, sobre o corpo, muito visiveis nos jovens; parte inferior branca. 50 centimetros. E' um peixe moroso que permanece immovel durante horas inteiras sobre o fundo, escolhendo geralmente logares de profundidade moderada.

Habitat: Atlantico occidental. De Pansacola, na America do Norte, até o Rio de Janeiro.

PTEROPLATEIIDÆ ².

Peitoraes muito desenvolvidas, triangulares, circumdando todo o corpo que, por isso, apresenta um contorno rhomboide de maior diagonal transversa. Da dorsal existe apenas um vestigio quasi imperceptivel ou rudimento distincto, sobre a base da caudal, adiante da implantação de um ou dous dardos, fortes, finamente serrihhados nos bordos, em sentido inverso ao da sua ponta; ventraes mais ou menos redondas, inteiras, mais ou menos recobertas pelo angulo posterior das peitoraes; caudal muito curta, cylindro-conica tendo rudimentos de uma prega superior e de outra inferior. Bocca ampla; dentes triangulares, chatos, reclinados para traz sobre o maior plano, occupando uma facha ligeiramente curva na maxilla superior, muito mais estreita e muito mais curta do que a da mandibula; narinas proximas da bocca, não confluentes, provida de uma valva anterior e de um lobo interno como no Gen. *Raja*; folios nasaes obliquamente dispostos de cima e de fóra para baixo e para dentro; valvas nasaes não formando sulcos sobre os lados da bocca; olhos mediocres, salientes; espiraculos amplos, transversos, posteriores e contiguos aos olhos, ás vezes providos de um appendice dermico. Pelle lisa ou ás vezes ligeiramente aspera.

Animaes marinhos; ichthyophagos. Ovoviviparos, tendo cerca de seis filhos de cada vez, os quaes já nascem providos do dardo caudal. Mares tropicaes e equatorjaes.

1) *Brasiliensis* — do Brasil.

2) *Pteroplatea*, genero typico; *eidos* = semelhante.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Narcine brasiliensis (Ölf.)

Nome vulgar: TRÊME-TRÊME

Pteroplatéa ¹, Müll. & Henle.

Plagiostomen — 168 — 1841.

Nadadeiras peitoraes enormemente desenvolvidas, constituindo, as duas que abrangem todo o corpo pelos lados, o contorno de um losango transverso, cujos lados anteriores formam um angulo muito menos obtuso do que os posteriores. Bocca ampla, com um placa dentaria superior mais estreita do que a inferior, sendo os dentes pequenos triangulares, chatos e fortemente reclinados sobre o maior plano, com a ponta virada para traz; narinas situadas proximas ao angulo da bocca, anteriormente inclinadas de fóra para dentro e de diante para traz, não confluentes; olhos mediocres, salientes, anteriores aos espiraculos que são amplos. Ventraes occultas sob as peitoraes, caudal curta, ás vezes, provida de uma prega na linha mediana superior e inferior e munida de um dardo finamente serrilhado nos bordos, em sentido contrario ao da sua ponta.

Crescem muito attingindo a mais de um metro, de ponta a ponta da nadadeira; vivem de peixes e são ovoviviparos.

Especies brasileiras	{	Espiraculos com um tentaculo no angulo posterior.	<i>P. altavéla</i>
		Espiraculos sem tentaculo no angulo posterior.	<i>P. mactura</i>

32 — Pteroplatéa altavéla ² (L.)

Borboleta.

Largura muito pouco maior do que o dobro do comprimento do corpo. Angulo formado pelos bordos anteriores das peitoraes, egualando a 130 grãos e, muito menor do que o formado pelos posteriores; abertura oral pouco maior do que a distancia entre os bordos externos das narinas e pouco maior do que aquella que as separa do extremo do focinho. Dentes da maxilla superior, em cerca de 60 ordens longitudinaes, pequenos, triangulares, chatos, reclinados para traz sobre o maior plano; valvas nasaes tocando o extremo lateral da placa dentaria superior; aberturas brachiaes tendo o bordo livre semicircular; olhos pequenos, eguaes á metade do maior diametro do bordo dos espiraculos; estes transversa e obliquamente dispostos, tendo uma papilla dermica no angulo interno posterior. Ventraes arredondadas, inferiores ao bordo posterior das peitoraes, deixando de fóra apenas o extremo interno

1) *Peteron* — asa, nadeira, *platys* — largo.

2) *Altavéla*, nome vulgar do peixe, no Mediterraneo.

posterior. Caudal curta, contida 2 e 1/2 vezes no comprimento do corpo; nota-se uma prega longitudinal muito baixa e curta, pouco adiante da base do dardo, e uma crista longitudinal quasi imperceptivel sobre as partes superior e inferior do extremo terminal. Parda olivacea, finamente vermiculada de escuro na parte superior, alvadia amarellada na inferior; caudal annelada de pardo.

Habitat: Mediterraneo; Atlantico, costas do Brasil.

33 — *Pteroplatea maclura* ¹ (Le Sueur)

Borboleta; Raya-Manteiga.

Muito parecida com a precedente da qual se distingue á primeira vista pela falta de papilla dermica dos espiraculos. O angulo anterior é menor de 130 grãos. A maior largura das nadadeiras apenas attinge ao dobro do comprimento do corpo, e o comprimento da cauda é igual a 1/3 do do corpo; os bordos anteriores das peitoraes são ligeiramente concavos. Pardo olivaceo, vermiculado e pintado de sépia, algumas nodoas claras circulares, especialmente na orla anterior das nadadeiras peitoraes; cauda transversalmente fasciada, ás vezes uniforme (inds. muito velhos). H. von Ihering medio um exemplar, no Rio Grande do Sul, de 1^m,20 de ponta a ponta de nadadeira.

Habitat: Atlantico occidental, de Long-Island até Rio Grande do Sul.

DASYATIDÆ ².

Parte anterior do corpo quasi completamente circulada pelas peitoraes, mais ou menos desenvolvidas; parte posterior constituida pela cauda, cylindro-conica, ás vezes moderada, ás vezes muito grande, desprovida de nadadeiras dorsaes e precedida pelas ventraes que tambem ficam mais ou menos recobertas pelo angulo posterior das peitoraes e que são inteiras; um a tres dardos fortes, serrilhados nos dous bordos; sobre a cauda. Bocca pequena, dentes granulares, pavimentosos, formando um rebordo undulado na maxilla superior e uma placa trapesoidal, na mandibula, geralmente muito mais comprida e mais estreita do que a superior; narinas sub-confluentes tendo uma valva quadrangular, ligando a face externa anterior da maxilla por uma prega mediana; folios nasaes obliquamente dispostos de cima e de dentro para fóra e para baixo, (vide a estampa XXIII, fig. 2) a valva e o bordo externo formando uma fenda que se dirige obliquamente mais ou

1) *William Maclure*.

2) *Dasyatis*, genero typico; *eidos* = semelhante.

menos sobre o angulo da bocca; espiraculos amplos, posteriores aos olhos, geralmente providos de um rebordo superior distincto. Pelle geralmente lisa nos jovens, mais ou menos aspera ou aculeada no adulto. Ovoviviparos. Marinhos e fluviatéis.

Habitantes das regiões equatoriaes e tropicaes. Um genero exclusivamente dos rios da America do Sul.

Generos encontrados no Brasil	Corpo discoidal; cauda pouco maior do que o disco, grossa, munida de espinhos em quasi toda a extensão. Pelvianos tendo um processo ensiforme, anterior; — fluviatéis.	<i>Ellipesus</i>
	Corpo quadrangular, cauda muito mais longa do que o comprimento daquelle. Pelvianos sem processo ensiforme anterior Marinhos	<i>Dasyatis</i>

*Ellipesus*¹, Schomb.

Fishes British Guiana, II — 184— 1842.

Corpo discoidal, tronco passando gradativamente para o plano das peitoraes; ventraes mais ou menos trapezoides, mais ou menos occultas sob o extremo posterior das peitoraes; caudal no joven, maior do que o disco, provida de uma prega cutanea sobre a linha mediana, tanto no lado superior como no inferior, na metade terminal que, se oblitera com a idade deixando, no adulto, um côto provido de uma crista superior, logo após o dardo; este, forte, geralmente simples, porém, ás vezes seguido de outro; toda a parte superior revestida de pequenos tuberculos osseos, raiados, de tamanho mais ou menos igual; uma série de aculeos sobre a linha mediana, ás vezes irregularmente disposta, ás vezes sómente basilar, ás vezes seguida de outras lateraes, parallelas, antes do dardo. Bocca pequena, provida de dentes granulares, pavimentosos, que occupam o bordo da maxilla superior mais ou menos a maior parte da mandibula, onde elles formam uma placa trapezoide; narinas amplas, tendo uma valva quadrangular, presa ao labio superior por um septum mediano; acham-se collocadas obliquamente de dentro e de diante para fóra e para traz, formando duas fendas que se projectam mais ou menos sobre o canto da bocca. Espiraculos amplos, posteriores aos olhos no adulto, estendem-se, estreitando-se, até a parte anterior destes órgãos nos jovens, em os quaes se nota, tambem, linhas mucosas sobre a cabeça, corpo e flancos, entre este e a base das peitoraes. Pelvianos providos de um processo ensiforme anterior. Rayas de rio podendo frequentar a agua salôbra; geralmente de cor amarel-

1) *Ellipes* = imperfeito; *oura* = cauda.

lada ou pardacenta, maculadas ou ocelladas de preto. Pouco se conhece de seus costumes e nada de sua reprodução e desenvolvimento.

Espec. brasileiras.	Maior diametro ocular menor do que $\frac{1}{3}$ do espaço interorbital . . .		<i>E. strongylopterus.</i>
	Cauda provida de aculeos osseos sómente na base. . . .		<i>E. spinicauda.</i>
	Maior diametro ocular maior do que $\frac{1}{3}$ do diametro interorbital.	Partes superior recoberta de tuberculos pouco diferentes em tamanho. Coloração ocellada ou reticulada.	<div> <div>4 papillas oraes . . .</div> <div>6 papillas oraes . . .</div> </div> <i>E. reticulatus.</i> <i>E. hystrix.</i>
		Cauda provida de aculeos osseos em quasi toda a extensão.	<div> <div>papillas em numero par.</div> <div>papillas em numero impar; 5 papillas oraes.</div> </div> <i>E. motoro.</i>
		Parte superior recoberta de tuberculos distinctamente diferentes em tamanho, coloração mais ou menos uniforme.	<i>E. orbignyi.</i>

34 — *Ellipesurus strongylopterus*¹ (Schomb.)

34 — Raya-Pintada (Rio Branco).

« Disco oval; a distancia entre os olhos que são muito pequenos, está para a distancia entre estes e a orla anterior do disco como 1 para 3 e $\frac{1}{2}$; diametro ocular $\frac{1}{4}$ da largura interorbital; os dentes occupam o terço mediano da bocca e estão dispostos em 12 filas longitudinaes. As ventraes ficam totalmente em baixo da orla posterior das peitoraes; são rectas na orla posterior. A cauda completa, egual a $\frac{1}{3}$ do disco (n'um desenho de Schomburgk é figurada muito mais curta). Atraz do aculeo ella é extraordinariamente delgada e filiforme. A parte superior do dorso é aspera, bem como a cauda, adiante do dardo. Sobre a origem desta, ha dous espinhos maiores com a base mais larga. Na parte superior vê-se indicios de maculas que se cruzam, posteriormente, com os raios das nadadeiras.» (Müll. & Tr.)

Habitat: Rios—Branco, Tacatú e Rupunani.

35 — *Ellipesurus spinicauda*² (Schomb.)

Disco subcircular; cauda curta, sem nadadeiras, provida, na base, de fortes espinhos osseos. Amarella de ocre, reticulada de mais escuro.

Habitat: Rio Branco, junto ao forte de S. Joaquim. Garman, julga que *E. spinicauda* seja um individuo deformado de uma das variedades de *E. dumerillii*. (*E. motoro*).

1, (Gr.) *strongylos* = ; *pteron* = asa, nadadeira.

2, (Lat.) *spina* = espinha; *cauda* = cauda.

36 — *Ellipesurus reticulatus* ¹ (Günther).

E' assim descripto por Günther :

« Olhos de dimensões moderadas, egualando á metade da largura do espaço cartilaginoso interorbital. Espiraculos, apenas o dobro da largura da orbita. Cauda consideravelmente mais comprida do que o disco, com uma prega muito baixa, superiormente e uma ainda mais baixa, inferiormente, na metade terminal. Linha mediana da cauda com uma serie de espinhos, de tamanho moderado, arrançados irregularmente. Quatro appendices no fundo da bocca, por detraz dos dentes; parte superior parda com uma reticulação de linhas negras, sendo as malhas hexagonaes e largas; parte inferior branca uniforme.»

Habitat : *Santarem*, Surinam, Rio da Prata.

37 — *Ellipesurus hystrix* ² (Müll. & Henle).

Contorno perfeitamente oval; bocca mediocre, armada de dentes pavimentosos, pequenos, dispostos em placa transversalmente allongada na maxilla superior, trapezoidal na mandibula e de seis papillas no fundo da bocca, por detraz dos dentes mandibulares; narinas amplas, continuadas por um sulco posterior sobre os lados da bocca; olhos moderados; com o maior diametro igual a $\frac{2}{3}$ do espaço interorbital; espiraculos amplos, eguaes a triplo do maior diametro dos olhos. Ventraes completamente inferiores á parte posterior das peitoraes; dardo no inicio do ultimo terço da cauda, que é comprimida em uma crista por detraz do dardo. Toda a parte superior do corpo provida de asperazas mais ou menos uniformes; cauda com uma série de aculeos na linha mediana e duas outras pequenas lateraes. Denegrida superiormente com ocellos alongados e sinuosos, irregulares, de cor esbranquiçada na orla e obscuros no centro; parte inferior branca pardacenta.

Habitat : Roawa, Rio Paraná, Apuré, Orenoco e Rio Branco.

38 — *Ellipesurus motoro* ³ (Müll. & Henle).

Borô — Raya-Grande — Raya-Maçã.

Estampa XVIII.

Disco mais ou menos oval, bocca pequena, provida de 24 ordens longitudinaes de dentes pavimentosos e tendo 5 papillas por detraz dos dentes mandibulares,

1) (Lat.) *reticulatus* = reticulado.

2) *Hystrix* (Lat.) = *Porco-Espinho*.

3) *Motoro* = nome vulgar desta raya em Cuyabá.

tres no meio e uma em cada lado; olhos eguaes a $1/3$ do espaço interorbital, cauda, até a ponta do dardo, menor do que o comprimento do disco. Parte superior inteiramente provida de tuberculos radiados pequenos, tendo ás vezes outros ligeiramente maiores; linha mediana superior da cauda, provida de uma serie de espinhos fortes, ás vezes seguidos de outras lateraes. A côr varia, sendo o fundo na parte superior geralmente pardacento e havendo sobre elle, uma porção maior ou menor de circulos negros com o centro amarello, irregularmente dispersos; nos individuos adultos, esse fundo sómente persiste nas manchas das ventraes, emquanto que o disco adquire mais outras zebruras irregulares e que os çirculos existentes perdem muito desua regularidade. Em 3 individuos pertencentes ao Museu Nacional e classificados no Museu de Paris (dous sob o nome de *Toeniura dumerilii*) observamos, no que foi chamado de *T. motoro* os tuberculos da pelle de tamanho differente, havendo, no emtanto, sobre o fundo pardo escuro, sómente as maculas amarellas com o annel negro, em volta; é um individuo macho. Das que trazem o nome de *dumerilii*, descorados pelo alcool, um apresenta um côlorido pardo uniforme em quanto que outro, um joven cujo disco mede 9 centímetros, é completamente liso, e apresenta vestigios de manchas mais escuras, só perceptíveis em certas incidencias, sobre fundo cinereo.

Neste a cauda está completa, é mais comprida do que o corpo e têm uma préga baixa superior e outra inferior na metade terminal; o aculeo acha-se collocado sobre o inicio do 3º quinto caudal, vendo-se perfeitamente, sobre a parte superior do corpo as linhas de poros muscosos.

No funda da bocca, por de traz da mandibula, vê-se as cinco papillas bem desenvolvidas, mais desenvolvidas relativamente que no adulto e o espiraculo estende-se para diante por debaixo dos olhos, formando um estreito sulco na parte anterior d'estes.

A nosso ver *Ellipesurus dumerilii* é a forma adulta, completamente desenvolvida de *E. motoro*, especie mais commum das existentes conhecidas e, por isso mesmo, a mais variavel. Neste sentido pensamos que C. Berg tem razão reunindo as duas n'uma, o que Günther já suspeitava e não resolvêra por falta de material.

Habitat: Rios Cuyabá, Araguaya, Tocantins, Crixás, Branco e Tacatu. Os exemplares do Museu são do Alto Amazonas, Caldeirão.

39 — *Ellipesurus orbignyi* ¹ (Casteln.)

Forma oval, mais comprida do que larga, olhos collocados em posição divergente; espiraculos curtos; ventraes a trapezoides, não recobertos pelo bordo posterior

1) De Alcide D'Orbigny, naturalista francez que viajou na America do Sul.

Fig. 1



Fig. 2



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Ellipesus motoro (Müll & Henle.)

Fig. 1 — Feto em tamanho natural.
" 2 — Adulto reduzido; narinas e boca; á esquerda vê-se levantada a valva nasal, para mostrar a posição dos folios.

Pardo escuro superiormente, com sombreados irregulares sobre os flancos e parte posterior das peitoraes. Parte inferior branca.

Habitat: Rios Tocantins e Orenoco.

Caratt. Alc. Nuovi Gen. 16—1810.

Bocca pequena, provida de dentes pavimentosos e de uma serie de papillas posteriores á mandibula, pelo lado de dentro; é sinuosa e desprovida de labios. Narinas sub-confluentes, tendo uma valva quadrangular commum e, apenas separadas por um septo inferior mediano que prende essa valva em quasi toda a altura.

Adquirem tamanho consideravel. Marinhas.

Especies brasileiras.	{	Contorno da parte anterior do corpo, vermeriforme. Espiraculos deprovidos de proeminencias no bordo posterior.	{	Cauda maior do que o dobro do comprimento do corpo, bocca com 3 papillas.	<i>D. gymnura.</i>
		Cauda menor do que o dobro do comprimento do corpo		Bocca com tres papillas.	<i>D. hastata.</i>
				Bocca com cinco papillas.	<i>D. say.</i>
		Contorno da parte anterior do corpo oval. Espiraculos providos de proeminencia papillae-forme no bordo posterior			<i>D. orbicularis.</i>

1) (Gr.) *Dasys* = aspero ; *batis* = raya.

40—*Dasyatis gymnura* ¹ (Müll.)

Raya-Licha ; Jabebiretê.

Teremos uma boa idéa da forma d'esta raya se nos lembrarmos de um papagaio de papel. Angulo formado pelos bordos anteriores das peitoraes egualando a 115; focinho pontudo, saliente e os bordos das peitoraes que formam a expansão rostral, rectos; egualmente rectos os bordos posteriores externo e interno; cantos redondos; ventraes triangulares com os bordos tambem rectos e os cantos redondos. Bocca sinuosa, havendo tres proeminencias da maxilla superior e uma reentrancia na symphysis da inferior. Aberturas nasaes ao lado da valva, em forma de fenda, longitudinalmente dispostas; aberturas branchiaes estreitas; olhos salientes, situados adiante do bordo superior dos espiraculos que são grandes; uma préga cutanea sob o lado inferior da cauda originando-se em baixo da base do dardo; uma ruga longitudinal no lado superior, ás vezes imperceptivel. A maior largura da parte anterior do corpo é um pouco maior do que o comprimento d'esta; cauda aproximadamente tres vezes maior do que o comprimento do corpo. Os jovens são inteiramente lisos; os adultos têm uma serie de aculeos sobre a linha mediana do corpo, até o dardo caudal; alguns sobre as espaduas e a parte superior do corpo aspera. Cinerea-obscura superiormente, branca amarellada inferiormente. A Raya-Licha é muito commum em aguas do Rio de Janeiro. E' uma raya grande.

Habitat: Das Indias Occidentaes ao Rio de Janeiro.

Na nossa opinião é esta raya a *Jabebiretê* de Marcgrave, á qual, por forma alguma se applicam as palavras do paragrapho immediato áquelle em que o naturalista hollandez se refere á nossa Raya-Licha e que, motivaram a descripção e denominação de Schneider, da pag. 361; vide pag. 32 d'este tomo.

41 — *Dasyatis hastata* ² (De Kay.)

Raya-Prego.

Egualmente em fórma de papagaio de papel, tendo o diametro transverso maior do que o longitudinal, bordos posteriores externos e internos ligeiramente convexos, cantos redondos. Bocca pequena, sinuosa, tendo tres saliencias na maxilla superior e uma reentrancia na symphysis da mandibula; tres papillas no fundo da mandibula. Ventraes triangulares, com os cantos redondos e o bordo posterior convexo.

1) (Gr.) *gymnos* = nu : *oura* = cauda.

2) (Lat.) *hastatus* = armado de lança.



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Dasyatis say (Le SUEUR.)

quasi completamente recobertas pelo angulo posterior das peitoraes. Cauda pouco menor do que o dobro do comprimento do corpo, com uma prega longitudinal baixa no lado dorsal e outra muito desenvolvida no ventral, começando mais ou menos sob o aculeo. Jovens lisos; adultos com uma série dorso-caudal de aculeos baixos e alguns aculeos longitudinalmente dispostos sobre a região escapular. Olivacea ou azulada, mais ou menos escura, com a parte inferior branca.

Habitat: Atlantico occidental, desde Florida, na America do Norte, até o Brasil.

42 — *Dasyatis say* ¹ (Le Sueur.)

Estampa XIX.

Fórma semelhante á das especies precedentes; angulo rostral egualando a 120°, não tem o focinho proeminente. Bocca pequena, provida dentes acuminados nos machos e pavimentos nas fêmeas e tendo além das tres papillas do fundo da mandibula, mais duas situadas, cada uma, internamente no angulo da bocca. As ventraes são arredondadas e a caudal que é igual ou maior do que 1 e 1/2 vezes o comprimento do corpo, tem uma prega cutanea superior, logo atraz do aculeo e outra inferior mais desenvolvida. Um tuberculo no meio do dorso, ausente nos jovens. Pardacenta mais ou menos olivacea na parte superior, branca na inferior.

Habitat: Atlantico occidental, desde Nova-York até Bahia.

43 — *Dasyatis orbicularis* ² (Bl. & Schn.)

Aiereba.

Conheço esta raya apenas pelas citações dos autores e referencias dos pescadores. Segundo Müller & Henle, o contorno da parte anterior é oval, regularmente alongado no sentido antero-posterior. O espaço entre a bocca e a orla anterior do disco é igual a 1/2 da distancia que vae da bocca á orla posterior das ventraes e 1 e 1/2 vezes o comprimento que vae da bocca á cintura escapular. A distancia entre as narinas é igual a 1/3 da que vae das narinas á orla anterior do disco. Olhos muito pequenos; sua distancia da orla anterior do disco é igual á 2 1/2 vezes a distancia que os separa entre si; dentes pouco numerosos, chatos. Papillas oraes não perceptíveis. Na orla posterior dos espiraculos ha um appendice papilliforme extraordinariamente maior, proeminente. A cauda é pouco mais comprida do que o corpo, por detraz do dardo cylindrica, deprimida superiormente e muito fina e pontuda na extremidade, quando completa. O aculeo acha-se situado atraz do pri-

1) *Thomas Say*.

2) *Orbicularis* (Lat.) — orbicular, redonda.

meiro quinto da cauda. No lado superior d'esta, atraz do dardo, ha uma préga cutanea muito baixa, medindo em altura um quinto da altura da cauda; o dorso é recoberto de pequenas tuberosidades, á excepção da orla do disco; não ha nenhum espinho maior. Parda escura superiormente, branca inferiormente, mais escura na orla.

Habitat: Atlantico occidental, em *aguas brasileiras*.

MYLIOBATIDÆ ¹.

Contornó geral irregular e transversalmente rhomboide; uma pequena dorsal na base da cauda que é longa, filiforme e tem, logo atraz da dorsal, um a cinco dardos retrorsamente serrilhados nos dous bordos. Ventraes moderadas, arredondadas, não occultas sob o angulo posterior das peitoraes; cabeça distincta do resto do corpo, bocca transversa, inferior; dentes pavimentosos, prismaticos ou hexagonaes, formando uma placa unida e robusta nas duas maxillas, os medianos geralmente alongados no sentido transverso; narinas confluentes com a cavidade oral, tendo uma valva mais ou menos trapezoide no bordo posterior e com uma papilla mais ou menos pectinada, lateral, que se dobra para dentro e repousa adiante dos folios nasaes; é ligado á maxilla superior por uma prega mediana; focinho saliente, destacado da cabeça, tendo raios internos analogos aos das nadadeiras (nadadeiras cephalicas); olhos lateraes, pupilla verticalmente fendida; espiraculos grandes, posteriores ás orbitas. Pelle lisa. Ovoviviparos, habitantes dos mares tropicaes e equatoriaes.

Generos encontrados no Brasil	{	Focinho mais ou menos triangular, inteiro, dentes em	{	mais de uma série, valva nasal recta posteriormente	<i>Myliobatis</i>
			{	uma unica série, valva nasal entalhada posteriormente	<i>Aëtobatus</i>
		Focinho entalhado na linha mediana, anteriormente.			<i>Rhinoptera</i>

Myliobatis ², Cuvier.

Régne Animal, II — 137 — 1817.

Nadadeiras peitoraes grandes, falcadas, com os angulos agudos, cabeça saliente, elevada, focinho um tanto triangular, deprimido, separado da cabeça por um sinus preocular; bocca inferior, transversa, recta; dentes em muitas séries, uma central

1) *Myliobatis*, genero typico; *eidos* = semelhante.

2) *Mylias* — moínho; *batys* — arraia; feliz allusão á dentadura.

e as outras lateraes, os da série central longos, prismáticos; os das lateraes polygonaes, curtos; narinas amplas, confluentes com a cavidade oral, tendo uma valva quadrangular anterior, mais ou menos concava no bordo posterior o qual é franjado; olhos lateraes, salientes; espiraculos longitudinaes ou ligeiramente obliquos sobre o eixo longitudinal do corpo, com uma protuberancia anterior no bordo externo. Ventraes grandes, não recobertas pelas peitoraes; uma dorsal posterior ás ventraes, caudal longa, filiforme, com um ou mais dardos, serrilhados retrorsamente nos bordos. Pelle lisa.

Palpebra superior provida de um tuberculo . . . } conico distincto. *M. freminvillei*.
 . . . } obsoleto . . . *M. aquila*.

44 — *Myliabatis freminvillei* ¹, Le Sueur.

Raya-Sapo.

Dentes da série mediana tendo o comprimento igual a 4 ou 6 vezes a largura; tres filas de dentes pequenos; o comprimento do corpo é menor do que a maior largura, medida de ponta á ponta das peitoraes; o tuberculo ocular francamente distincto, conico; parda olivacea, uniforme, superiormente; tuberculo ocular e parte inferior do corpo totalmente brancos.

Habitat: Atlantico occidental, de Cap Cod. ao Rio de Janeiro.

45 — *Myliobatis aquila*. ² (L.)

Muito semelhante á especie precedente; a cabeça, porém, é menor, com a depressão central mais accentuada, o focinho mais obtuso e o tuberculo ocular apenas perceptivel. Foi constatada em nossas aguas por von Ihering que vio a sua determinação confirmada por Günther e Boulanger ³.

Habitat: Mediterraneo, Atlantico, costas sul do Brasil.

Aëtobatus, ⁴ Blainville

Journ. de Phys., 83 — 261 — 1816.

Cabeça distincta do corpo, semi-circular, com uma depressão mediana; bocca inferior, com uma placa de dentes prismáticos, rectos, pavimentosos, parallela-

1) De Freminville, Naturalista Francez.

2) Lat. aguia, nome vulgar pelo qual é este peixe conhecido no Mediterraneo.

3) Revista Mus. Paulista, II, pags. 25, 26 e 35 — 1897.

4) (Gr.) *Actos* — aguia; *batys* — raya.

mente dispostos em sentido transverso, truncada no maxillar superior; no inferior os prismas dobram-se ás vezes n'um angulo obtuso, de vertice virado para a frente; a placa por elles formada, projecta-se de muito sobre a frente da superior e, é visível externamente, adiante do labio inferior; narinas amplas, francamente confluentes com a cavidade oral, providas de uma valva bifurcada no bordo posterior, o qual é, além disso, franjado; focinho proeminente, triangular, deprimido, visivelmente distincto do craneo, por uma depressão preocular. Olhos lateraes, moderados, de pupilla verticalmente fendida, espiraculos amplos, obliquos, posteriores aos olhos. Uma dorsal, posterior á base das ventraes que são inteiras e redondas, caudal filiforme, extremamente longa, armada de um ou cinco dardos fortes, situados logo atraz da dorsal, pelle lisa.

Animaes grandes, habitantes dos mares tropicaes e equatoriaes.

46 — *Aëtobatus narinari* ¹ (Euphrasen).

Raya-Pintada (Rio de Janeiro).

Peitoraes falcadas; comprimento igual ou pouco maior do que a metade da maior largura; cauda 3 a 4 vezes mais comprida do que o corpo; ventraes alongadas, não recobertas pelo canto posterior das peitoraes, o qual é redondo. Olivacea denegrida superiormente, maculada de branco azulado; as maculas são redondas, mais ou menos equidistantes entre si e de dimensões aproximadamente eguaes ás dos olhos. Parte inferior branca pura.

Habitat: Mares tropicaes e equatoriaes. Costas do Brasil.

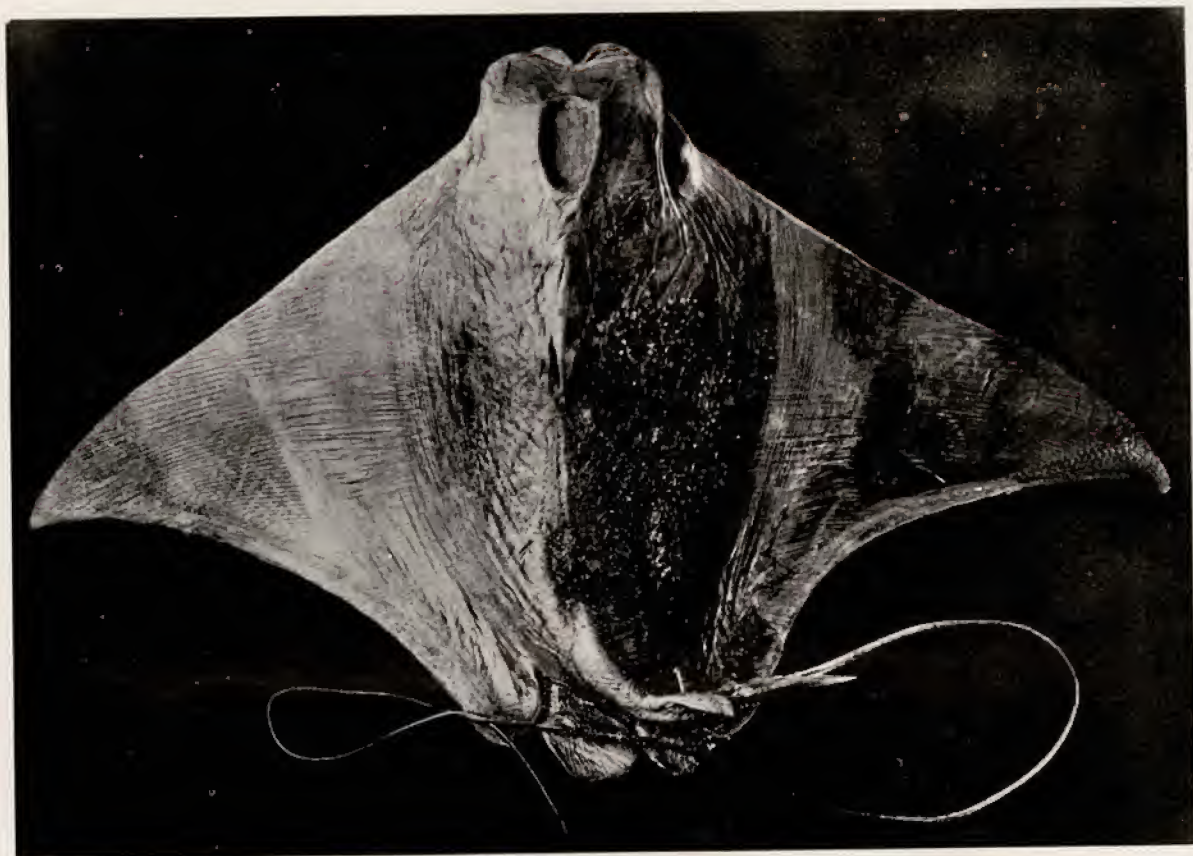
Rhinoptera, ² Kuhl.

In Cuvier Règne. Animal 2^a ed. 1828.

Nadadeiras falcadas emprestando ao contorno geral uma fôrma rhomboide, transversamente disposta. Bocca inferior, transversa, recta, com os labios papilares e duas placas de dentes pavimentosos, terminando anteriormente mais ou menos no mesmo plano; narinas confluentes com a bocca, com uma valva trapezoidal, posterior, commum, tendo um septo mediano que a liga ao labio superior; ella é provida de papillas curtas na pagina interna e franjada no bordo posterior, o qual é recto; posteriormente ás narinas nota-se um sulco que circumda o canto da bocca. Focinho excedendo, ás vezes, um pouco a orla anterior da cabeça, ligado á parte mediana superior da região frontal, por uma prega que o divide em dous

1) *Narinari*, nome indigena desta raya, no Brasil.

2) (Gr.) *Rhin* = nariz; *pteron* = aza (nadadeira).



A. de Mir. Rib. phot.

Brand gr.

Rhinoptera jussieui (Cuv.)

Nome vulgar: TICONHA

lobos anteriores; fronte concava, olhos lateraes, aquella e estes separados do focinho por um sinus infero-anterior; espiraculos grandes, lateraes, posteriores aos olhos. Uma dorsal, pequena, na base da caudal que é longa e filiforme, tendo um aculeo por detraz da dorsal; ventraes muito pouco recobertas pelo angulo posterior das peitoraes. Rayas de tamanho moderado, habitantes dos mares tropicaes. Especies brasileiras:

Dentes em sete á nove series, na maxilla superior; cauda maior do que o dobro do comprimento do corpo.	<i>R. jussieui.</i>
Dentes em cinco a sete séries na maxilla superior; cauda menor do que o dobro do comprimento do corpo	<i>R. lalandii.</i>

47 — *Rhinoptera jussieui* ¹ (Cuv.)

Ticonha.

Estampa XX.

Bordo posterior das peitoraes moderadamente concavo; angulos agudos; ventraes arredondadas; dorsal entre as ventraes, um pouco atraz da base destas. Os dentes da serie mediana são de comprimento igual á $1/6$ da largura; os da serie mediana inferior são mais estreitos do que os da superior; a cauda é igual a 2 e $2/3$ do comprimento do corpo. Olivacea uniforme, com uma zona pallida, obliqua, sobre as espaduas, superiormente; branca inferiormente.

Habitat: Atlantico, em aguas brasileiras.

48 — *Rhinoptera lalandii* ² (Val.)

Esta especie é muito parecida com a antecedente e bem pôde ser d'ella uma simples variedade; comtudo, aqui damos os caractéres differencias, por falta de material para comparação pois que, só a conhecemos pelos autores. Dentes diferentes nas duas maxillas; os medianos da superior teem comprimento igual á $1/6$ da largura, enquanto que os da inferior o teem igual a $1/4$; a maxilla inferior tem sempre 7 series e a caudal é quasi igual ao dobro do comprimento do corpo.

Habitat: Atlantico, em aguas do Brasil.

MOBULIDÆ ³.

Forma irregularmente rhomboide, nadadeiras peitoraes falcadas, ventraes inteiras, não excedendo o angulo posterior das peitoraes; uma dorsal, seguida de

1) De Jussieu, eminente botanico francez.

2) De Lalande, preparador de zoologia que visitou o Brasil, colleccionando para Cuvier e Valenciennes.

3) *Mobula*, genero typico; *eidos* = semelhante.

um dardo serrilhado nos bordos, geralmente ausente; caudal filiforme, moderada; bocca anterior ou inferior com os dentes pavimentosos muito pequenos, nas duas maxillas ou sómente na inferior; narinas isoladas; frõnte transversalmente truncada, tendo nos extremos um prolongamento movel (porção destacada da nadadeira peitoral) como se fossem dous palpos (nadadeiras cephalicas); olhos pequenos, lateraes; espiraculos mediocres, posteriores aos olhos; pelle moderadamente aspera. Rayas ovoviviparas e enormes. Risso menciona que uma especie do Mediterraneo anda aos pares e que, de uma vez, tendo sido capturada a femea de um par, o macho circumdou o bote durante tres dias, sendo depois encontrado morto á tona d'agua. Günther cita o facto asseverado por Soninni que disse ter visto uma mais comprida e mais larga do que a embarcação em que ia. O Museu Britannico possui um fêto de uma (*Manta birostris*) que mede 1,65 de largura e pesando vinte libras; e cuja mãe media 4^m,94 de ponta a ponta da nadadeira peitoral. Dous generos representados no Brasil.

Bocca inferior, dentes nas maxillas *Mobula*
 Bocca anterior, dentes na mandibula sómente *Manta*.

Mobula¹, Rafinesque.

Indice d'Ittiolog. Siciliana, 61—1810.

Bocca ampla, inferior; dentes pavimentosos, muito pequenos, numerosos, em ambas as maxillas; narinas separadas; focinho transversalmente truncado; olhos lateraes, nos lados do focinho; uma nadadeira contorcida, dirigida para diante; espiraculos superiores, posteriores aos olhos. Dorsal entre as pontas posteriores das peitoraes; estas amplas, falcadas; caudal cylindrica, filiforme, muito longa. Um aculeo posterior á dorsal, frequentemente ausente. Rayas enormes, habitantes dos mares temperados e tropicaes; pouco conhecidas. Especie brasileira:

49 — *Mobula olfersi*² (Müll.)

Provavelmente confundida pelos pescadores com a especie do genero que se segue, é assim descripta por Müller & Henle:

« Forma de *Cephaloptera giorna* (vide M. Coy, Ann. & Mag. Nat. Hist. XIX pg. 176 est. 2^a—1847) Valenc., in Webb. & Berthol., Canar. pg. 87, est. 22 e Cuv. Règne Anim.) porém menor. A distancia entre a bocca e a cabeça está para a largura d'aquella como 3 : 13; o comprimento das nadadeiras cephalicas, para a

1) De *Mobular*, nome de *Mobula giorna* no Mediterraneo.

2) *Olfersi* — De von *Olfers*.

distancia entre as mesmas, como 8:11. O bordo anterior do disco, pouco convexo; o posterior, fortemente concavo; os angulos pontudos. O comprimento das peitoraes, da base do craneo á ponta dessas nadadeiras, igual a $1/2$ da maior largura do disco. Os dentes attingem apenas á metade de cada lado das maxillas; são pentagonaes (subtriangulares, diz Günther) com a ponta virada para traz, um pouco mais largos do que longos; as pontas são, algumas vezes, obtusas e nos dentes mandibulares, têm geralmente um entalho, de modo que o angulo posterior é bipartido. Nos dentes da maxilla superior, esta forma apenas apparece espalhada, cá e lá. Numero dos dentes n'uma serie 80. (Günther diz que os da maxilla superior são em numero de 40 em series obliquas e que ha pequenos tuberculos no meio do dorso.) Parda esverdeada superiormente, branca inferiormente.»

Habitat: Atlantico, costas do Brasil.

Manta, Baneroff.

Zool. Journ., IV, 444 — 1828 á 1829.

Peitoraes falcadas, corpo bastante robusto e espesso, bocca ampla, anterior, com um appendice em cada angulo (nadadeira cephalica) movel, curvando-se para dentro mandibula um tanto prognatha e provida de dentes pavimentosos, muito pequenos que só se estendem n'uma facha transversa mais ou menos em toda a extensão da mandibula; fronte recta ou ligeiramente convexa; narinas isoladas; olhos lateraes; espiraculos posteriores e superiores aos olhos, mediocres; uma dorsal pequena, entre as ventraes que, de pouco excedem o angulo posterior das peitoraes; caudal filiforme, longa, com um dardo basilar, frequentemente ausente.

50 — *Manta ehrenbergii*¹ (Müll. & Henle).

Jamanta.

A placa dentaria não occupa toda a extensão da orla anterior da mandibula e deixa livre o quarto exterior de cada um dos lados desta; os dentes são pequenos, inclinados para traz, quadrangulares no extremo livre e em numero de 200 em uma fila transversal e 9 de em outra longitudinal. Comprimento das peitoraes medidas da linha mediana do corpo ao angulo externo, maior do que o comprimento d'aquelle, medido da base da dorsal á orla da fronte; as ventraes não excedem, com o extremo posterior, o vertice do angulo posterior das peitoraes; a

1) *Manta* — nome vulgar da Jamanta, na America Central.

2) De Ehrenberg, que foi o primeiro a referir-se a este peixe, nos *Symbolae Physicae* (ined.)

caudal é um tanto deprimida e tem uma grande callosidade por detraz da dorsal ; pelle aspera mais ou menos granulosa principalmente na parte mediana superior. Olivacea superiormente, branca inferiormente. D'esta rara raya, da qual se conhece um exemplar no Museu Zoologico e um esqueleto no Museu Anatomico de Berlin, ambos procedentes do Mar Vermelho, possui o Museu Nacional um bello exemplar procedente de Copacabana, medindo 4 e 40 de ponta a ponta de nadadeira por 1^m,70 da fronte á parte anterior da base da dorsal ; d'este ponto ao extremo a cauda, que está evidentemente truncada, mede 1^m,10.

Habitat : Mar Vermelho, Atlantico-Costas do Brasil !

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS E INDICE

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- Branchiostoma caribæum*, Sundevall, « Ofversigt Vetenskaps Akad. Förhandlingar 12 — 1853. = *B. lanceolatum* Günther (parte Catalogue of Fishes of the British Museum — vol. VIII, 513-514, 1870; *B. caribæum* Jord & Gilbert, Synopsis of the Fishes of North America, Bull. U. S. Nat. Museum, n. 16 — 3 — 1882; Günther Voyage H. M. S. Alert — 32 — 1884; Andrews, An undescribed acraniate, Stud. Biol. Lab. John Hopkins Univ. V, 240 — 1893; Jordan & Evermann, The Fishes of North and Middle America, Bull. 47. U. S. Nat. Museum, Part I — 3 — 1896; Kirkaldy, A revision of the genera and species of the Branchiostomidæ — Quart. Journ. of Micr. Sic. vol. 37 — 1896; H. v. Ihering, (sec. Eigenmann) — Revista do Museu Paulista — vol. II — 154-1897; Fritz Müller — Revista do Museu Paulista, vol. III — 33 — 1898; Jord. & Evermann op. cit. parte IV (figura) est. I fig. 1 — 1900; Everm. & Marsch Bull. U. S. Fish Comm. for 1900 — 54 — fig. (1) — 1902; C. Schreiner & Mir. Ribeiro — A Collecção de Peixes do Museu Nacional — Archivos do Museu, vol. XII — 1903.
- Galeocерdo maculatus* (Ranz.) = *Galeus maculatus*, Ranzani, Nov. Comm. Acad. Bonon, IV — 68 — est. 8 — 1840; *Galeocерdo maculatus*, Poey, Synopsis, 455 — 1868; *Galeocерdo tigrinus* Günther, (Parte) Cat. VIII — 378 — 1870; Jord. & Everm. Bull. 47. U. S. Nat. Mus. part. I — 32 — 1896.
- Prionace glauca* (L.) = *Squalus glaucus*, Linnæus, Syst. Nat. Ed. X, 235 — 1758; *Squalus cœruleus*, Blainville, Faune Française — 91 — 1828; *Squalus hirundionaceus*, Valenciennes in Müller & Henle, Plagiostomen, 37 — 1838; *Carcharias glaucus*, Bocage & Capello, Peixes Plagiostomos pg. 17 — 1866; *Carcharias glaucus*, Günther Cat. VIII — 364 — 1870; Capello, Jorn. Acad. Sci. Lisb. II — 142 — 1870; Günther An Introduction to the study of Fishes — 317 — fig. 112 — 1880; Capello, Cat. Peixes de Portugal, 46 — 1880; *Carcharhinus glaucus* Jord. & Gilb. Synopsis F. North Am. 22 — 1883; *Prionace glauca* Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. pt. I — 33 — 1896

e pt. IV ests. IV e V fgs. 16 e 17 — 1900. Jord. & Fowler, Pr. U. S. Nat. Mus. XXVI — 613 — 1903.

Carcharias limbatus Müll. & Henle = *Carcharias* (*Prionodon*) *limbatus*, Müll & Henle, Plagiostomen — 49 — est. 19, fig. 9 — 1838; *Carcharias microps*, Lowe, Pr. Zool. Soc. London — 38 — 1840; *Isogomphodon maculipinnis*, Poey, Repertorio — 1 — 191 — 1867; *Carcharias mülleri*, Steindachner, Sitzungsber. Akad. Wien — 356 — 1867; *Carcharias limbatus*, Günther, Cat. VIII — 373 — 1870; *Platypodon?* Poey, Fauna, Puerto Riqueña — 348 — 1881; *Isogomphodon limbatus* Jord. & Gilbert, Synopsis — 23 — 1883; *Platypodon maculipinnis*, Stahl, Fauna de P. Rico — 81 e 167 — 1883; *Carcharhinus limbatus* Jord. & Everm. Bull. 47. U. S. Nat. Mus. I pt. 35 e 40 — 1896; Everm. & Marsh, U. S. Fish Comm. for 1900 — 61 e 62 — 1902; *Carcharias limbatus*, C. Schreiner & Mir. Ribeiro — Archivos do Museu, vol. XII, 79 (nec «Focinhudo»). — 1903.

Carcharias porosus (Ranz.) = *Carcharias* (*Prionodon*) *porosus* Ranzani, Nov. Comm. Acad. Sci. Bon. IV — 70 — est. 9 — 1840; *Carcharias* (*Prionodon*) *henlei*, Val. in Müll. & Henle, Plagiostomen — 46 — est. 19 — fig. 6 1841; *Carcharias* (*Prionodon*) *henlei* Müll. & Trosch in Schomburgk Reise in British Guiana — 641 — 1848; *Carcharias porosus*, Günther, Cat. VIII — 365 — 1870; *Carcharhinus henlei*, Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. 1ª pte. — 35 e 37 — 1896. *Carcharias porosus* Goeldi, Peixes do valle do Amazonas, 456 e 488 (Boletim do Museu Paraense vol. II) 1898.

Carcharias lamia (Raf.) = Estampa 53 — Alexandre Rodrigues Ferreira — Desenhos de Peixes etc. 1783-93; *Carcharias lamia*, Rafinesque, Indice d'Ittiol. Siciliana 44 — 1810; *Carcharias commersoni*, Blainville, Bull. Soc. Philom. 121 — 1816; *Squalus carcharias*, Cuvier, Règne Anim. — 1817; *Carcharias lamia*, Risso, Hist. Nat. Eur. Merid. III — 119 — 1826; *Carcharias* (*Prionodon*) *lamia*, Müll. & Henle, Plagiostomen, 37 — est. 12 — 1841; Bocage & Capello, Plagiost. 18, 1866 *Eulamia longimana*, Poey, Syn. 48 — 1868; *Carcharias lamia*, Günther, Cat. VIII — 372 — 1870; Capello, Jord. Ac. Sci. Lisb. II — 142. 1870 — *Eulamia longimana*. Poey, Enum., 188 — 1875; *Carcharias lamia*, Capello Cat. P. Portugal, 47 — 1880; *Carcharias lamia* Jord. Pr. U. S. Nat. Mus. 104 — 1884; *Carcharhinus lamia*, Jord. & Everm. Bull. 47 U. S. Nat. Mus. pt. 1 — 35 e 38 — 1896; Evermann & Marsh. Bull. U. S. Fish Comm. for 1900 — 61, 1902.

Scoliodon terræ-novæ (Richardson) = *Squalus punctatus*, Mitch. Trans. Lit. & Philos. Soc. N. York 1 — 438 — 1815; (Precec°); *Squalus* (*Carcharias*) *terræ-novæ*, Richardson, Fauna Boreali Americana, III — 289

— 1836; *Carcharias lalandi*, Müll. & Henle, Plagiostomen, 30—1841; *Scoliodon lalandii*, Castelnau, Animaux nouveaux ou rares de l'Amerique du Sud — 100 — 1855; *Carcharias terræ-novæ*, Günther, Cat. VIII — 360 — 1870; Jord. & Gilbert, Synopsis 24 — 1883; *Scoliodon terræ novæ*, Jord. & Evermann, Bull. 47 U. S. Nat. Mus. 42 e 43 — 1896; H. v. Ihering — Rev. Mus. Paulista II, 34 — 1897; C. Schreiner e Mir. Ribeiro, Arch. Mus. Nac. XII — 79 — 1903.

Sphyrna tiburo (L.) = *Tiburonis* sp. minor, Marcgrav, Hist. Nat. Bras. 181 — 1648; Willughby, Hist. Pisc. 85, est. B — 9 — 3 — 1686; *Cestracion* 2, Klein, Missus III — Hist. Nat. Pisc. 13 — est. 2 — figs. 3 e 4 — 1740 a 1749; *Squalus tiburo*, Linnæus, Syst. Nat. ed. X 234 — 1758; *Zygæna tiburo*, Valenciennes, Mem. Mus. de Paris IX, 226 — est. 12 fig. 2 — 1822; *Sphyrna tiburo*, Müll & Henle, Plagiostomen, 53 — 1841; *Zygæna tiburo*, Casteln. Anim. Nouv. etc. — 99 — 1855; *Cestracion tiburo*, Dumeril, Elasmobr. 385 — 1865; *Zygæna tiburo*, Günther, cat. VIII — 382 — 1870; *Reniceps tiburo*, Jord. & Gilb, Synopsis 25 — 1883; *Sphyrna tiburo*, Jord. & Everm, Bull. 47 U. S. Nat. Mus. I pt. 44 — 1896 e IV pt. est. V fig. 19 — 1900; Evermann & Marsh, Bull. U. S. Fish Comm. for 1900 — 63 — 1902; Schreiner & Mir. Ribeiro, Arch. Mus. vol. XII — 79 — 1903; *Zygæna tiburo*, A. Furtado — These Inaugural. F. Med. 92 — 1903.

Sphyrna tudes (Cuv.) = *Zygæna tudes*, Cuv. Règne Animal — 1817; Valenciennes, Mem. Mus. IX, 225 — est. 12 fig. 1 — 1822; *Sphyrna tudes*, Müll. & Henle, Plagiost. 53 — 1841; Müll. & Troschel in Schomburgk, Reise in Brit. Guiana III, 642 — 1848; *Cestracion tudes*, Dumeril, Elasmobr. 384 — 1865; *Zygæna tudes*, Günther, Cat. VIII, 382 — 1870; *Sphyrna tudes*, Jordan & Gilbert, Bull. U. S. Fish Comm. 1 — 105 — 1882; Jordan, Report. U. S. Fish. Comm. 9 — 1885; Berg An. Mus. Nac. B. Ayres tomo IV — (ser. II. tomo I) 8 — 1895; Jord & Everm. Bull. 47. N. S. Nat. Mus. I pt. 44 — 1896.

Sphyrna zyggæna (L.) = *Libella* — Bellon, De Aquatil. — 61 — 1553; Salviani, Aquat. Anim. Hist. 128, est. 10 — 1554; *Zygæna* Rondel. — 389 — 1554; Gesner, de Aquat. 1050 — 1558; *Libella*, Aldrov., De Piscibus — 403 — 1636; Jonston, De Piscibus et Cetis est. 7 — fig. 8 — 1653; *Zygæna* Hist. Ant. II — 207 — 1667; *Libella* Willughby, est. B 1 — 1686; *Cestracion* 1, Klein, Pisc. Missus. III — 13 — 1740; *Squalus*, Gronow, Mus. Ichthyol., I — 63 e 139 — 1754; Zoophyl., 145 — 1763; *Squalus zyggæna*, Linnæus, Syst. Nat. X, 234 — 1758; Forskal, Descript. Anim. Avium, Piscium, etc. VIII — 1775; *Zygæna*, Duhamel, Pêches, II Sect. IX, est. 21 — figs. 3 e 8 — 1777; *Squalus zyggæna*, Bloch, Ichthyol. est. 117 — 1786; *Cornuda*, Parra, Dif.

Piez. Hist. Nat. est. 32 — 1787; *Zygæna malleus*, Shaw, Nat. Misc. est. 267 — 1789; *Squalus zygæna*, Lacép. — I — 257 — 1789; *Squalus*, Artedi, Gen. 44 — n. 7 — 1792; o mesmo, Synon. 96 — n. 7 — 1793; *Squalus zygæna*, Bl. & Schn. System. Ichthyol. 131 — 1801; *Koma Sorra*, Russel — 1803; *Squalus malleus*, Risso, Ichthyol. Nice, 34 — 1810; *Squalus zygæna*, Mitch, Trans. Litt. & Philos. Soc. N. York, I — 284 — 1815; *Zygæna malleus*, Valenciennes, Mem. Mus. IX, 223, est. 11 fig. 1 — 1822; Risso, Europ. Merid. III — 125 — 1827; *Zygæna Lewini*, Lord, in Grift, Anim. Kingd. X, 640, est. 60 — 1834; *Zygæna malleus*, Jenyns, Man. Brit. Vert. Anim. 507 — 1835; Cantor, Quarterly Med. Journ. Calcuttá — fig. 1 — 1837; *Zygæna subarcuata*, Storer Pr. Boston, Soc. Nat. Hist. 70 — 1840; *Sphyrna zygæna*, Müll & Henle, Plagiostomen, 51 — 1841; *Zygæna malleus*, Dekay, N. York Fauna, Fishes, 362 est. 62 fig. 204 — 1842; *Zygæna subarcuata*, Cantor, Malayan Fishes, 401 — 1850; *Zygæna malleus*, Schlegel, Faune Japonica, Poiss. 306 — est. 138 — 1850; *Zygæna Lewini*, Casteln, Anim. Nouv. ou Rares de l'Am. du Sud 99 — 1855; *Zygæna malleus*, Yarrel, British Fishes II, 486 — 1859; *Zygæna malleus*, Couch, F. Brit. Isl. I, 70, est. 16 — 1862; *Z. malleus* e *Z. Lewini*, Dumeril, Elasmobr. 382 e 383 — 1865; *Sphyrna zygæna*, Bocage & Capello, Plagiost. 17 — 1866; *Zygæna malleus*, Storer, Fishes Massachusetts, 238 — 1867; Günther, Cat. VIII 381 — 1870; Capello, Journ. Acad. Sci. Port. 1870; *Cestracyon zygæna*, Day, Fishes Ind. 270 — 1875; *Zygæna malleus*, Capello, Peixes de Portugal 46 — 1880; Mc. Coy, Prod. Zool. Vict. Dec. VI est. 56 — 1881; *Cestracyon zygæna*, Poey, Fauna Puerto Riqueña, 348 — 1881; *Sphyrna zygæna*, Jord & Gilb, Synopsis, 26 — 1883; *Cestracyon zygæna*, Stahl, Fauna de Puerto Rico, 81 e 167 — 1883; *Sphyrna zygæna*, Ihering, Rev. Mus. Paulista II, 34 — 1887; Jord. & Everm. Bull. 47, U. S. Nat. Mus. pt. I 44 e 45 — 1896; *Sphyrna zygæna*, Berg, Comunicaciones itilógicas — Com. del Mus. Nac. B. Aires — Tomo I, n. 1 pag. 9 — 1898. *Zygæna lewini*, Waite « Thetis » Scient. Results, Austr. Mus. Mem. IV 34 — 1899; *Sphyrna zygæna*, Everm. & Marsh, Bull. U. S. Fish Comm. for 1900, 63 — 1902; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus. XII, 79 — 1903; Jordan & Fowler, Pr. U. S. Nat. Mus. XXXVI, 618 — 1903.

Odontaspis americanus (Shaw) = *Squalus americanus* Shaw — Gen. Zool. Fishes V — 1804; *Carcharias taurus*, Raf. Caratt. Nuov. Gen. 10 — est. XIV — fig. 1 — 1810; *Odontaspis taurus*, Müll & Henle, Plagiostomen — 73 — est. 30 — 1841; Dumeril, Elasmobr., 417 — 1865; *Odontaspis americanus*, Günth. Cat. VIII — 392 — parte — 1870; Mc Coy, Prod. Zool.

- Vict. Dec. VII est. LXIV — fig. 1 — 1822; *Carcharias americanus*, Berg, An. Mus. B. Ayres tomo IV—8—1885; *Odontaspis americanus*, Ihering, Revista Mus. Paulista II — 35 — 1897; *Carcharias taurus*, Waite, «Thetis» Scient. Results — Austral. Mus. Mem. IV — 36 — 1899.
- Carcharodon carcharias* (L.) = *Lamia*, Rondel., Hist. Pisc. 305 c. fig. 1554; *Squalus carcharias*, Linnæus, Syst. Nat. Ed. X — 235 — 1758; *Carcharias verus*, Agassiz, Poissons Fossiles, III — 91 — est. F — fig. 3 — 1836; *Carcharodon capensis*, Smith, Pr. Geol. Soc. Lond. V — 86 — 1837; *Carcharodon smithi*, Bonap. Selach. Tab. Anal. 9 — 1839; *Carcharodon rondeletii*, Müll. & Henle, Plagiostomen, 70 — 1841; *Carcharodon capensis*, Smith, Ill. Zool. S. Africa — est. 4 — 1842; *Carcharias atwoodi*, Storer, Pr. Boston. Soc. Nat. Hist. — 71 — 1848; Gill, Pr. Acad. Nat. Sci. Philad 260 — 1864; *C. lamia*, Bocage & Capello, Plagiost, 13 — 1866; *Carcharodon rondeletii*; Gunther, Catal. VIII — 392 — 1870; Capello Jorn. Ac. Sc. Lisb. — II — 140 — 1870; *Carcharodon rondeletii*, Capello, Cat. 45 — 1880; *Carcharodon carcharias*, Jord. & Gilb., Syn., 875 — 1883; Stevenson, Pr. Vassar Brother Sci. Soc. Pankeepsil et Amer. Nat. 1884 (sec. Jord. & Everm.) Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. 1 pte — 50 — 1896; Jord. & Fowler, Pr. U. S. Nat. Mus. XXVI — 624 — 1903;
- Cynias canis* (Mitch) = *Le Squalo emissole*, Lacép. I, 242 — 1798; *S. mustelus*, Bl. & Schn. 128 — 1801; Risso, Ichthyol. Nice — 33 — 1810; *S. canis* Mitchill, Trans. Lit. Philos. Soc. N. York, I — 486 — 1815; *Mustelus asterias* Clocquet, Dict. 407 — 1820; *Mustelus stellaris*, Risso, Eur. Merid., III — 126 — 1826; *Galeorhinus hinnulus*, Blainv. Faune Franç. 83 — est. 20 — fig. 2 — 1828; *Mustelus plebejus*, Bonap. Fauna Italica, Pesci — VIII — 43, est. 132 — 1834; *Galeorhinus hinnulus*, Thompson, Ann. Nat. History 272 — 1839; — *Mustelus vulgaris*, Müll. Henle, Abhandl. Akad. Wiss. Berl. 187 — 1840; Müll. & Henle, Plagiostomen 64 (parte) e 190 est. 27 — fig. 1 — 1841; Dumeril, Elamobr 400 — est 3 figs. 1 — 3 — 1865; *Mustelus vulgaris*, Bocage e Capello, Plagiost. 16 — 1866; *Mustelus canis*, Storer, Fish. Massachusetts — 227 1867; *Mustelus vulgaris*; Günther cat. VIII — 386 — 1870; Capello, Jorn. Acad. Sci. Lisb. II — 141 — 1870; Capello, Cat. Peixes, Port. — 46 — 1880; *Mustelus canis*, Jord. & Gilb. Syn. — 49 — 1883; *Galeus canis* Berg, Enum. An. Mus. B. Ayres — IV — 7 — 1895; Lahille, Rev. Mus. La Plata — VI — 276 — 1896; *Mustelus canis*, Jord. & Everm. Bull. 47. pt. I — 28 e 29 — 1896; *Galeus canis*, Ihering, Rev. Mus. Paulista II — 34 — 1897; *Mustelus canis*, C. Schreiner & Mir. Ribeiro — Archivos do Mus. Nac. XI I — 78 — 1903; Mir. Ribeiro, Pescas do «Annie» Lavoura, ns. 4 a 7 — Abril a Julho — 1903;

- Catulus haeckelii* Mir. Ribeiro = *Catulus retifer* var. *bôa*, Mir. Ribeiro — Pescas do «Annie.» — Lavoura, ns. 4 e 7 — Abril a Julho — 1903 ;
- Ginglymostoma cirratum* (Gmlin) = *Squalus cirratus*, Gmlin, Syst. Nat., I — 1492, 1788 ; Bonnaterre, Tabl. Encyclop., Ichthyol., 7 — 1788 ; *S. punctatus* Bl. & Schn. Syst. 134 — *S. punctulatus*, os mesmos, 549 — 1801 ; *S. argus* Bancroft, Zool. Journ. V — 82 — 1832 — 4 ; *Ginglymostoma cirratum*, Müll & Henle, Plagiost. 23 — 1841 ; *G. fulvum*, Poey, Mem. II, 342 — 1861 ; *G. caboverdianum*, Capello, Journ. Sci. Phys. Lisb. 167 — 1867 ; *G. cirratum*, Günther cat. VIII — 408 — 1870 ; *G. fulvum*, Poey, Fauna Puerto Riquena — 349 — 1881 ; Stahl, Fauna de P. Rico — 81 — 167 — 1883 ; *G. cirratum*, Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. 1ª pte, 26 — 1896 e pte. IV, est. IV — fig. 13 — 1900 ; Everm. & Marsh, Bull. U. S. Fish Comm. for 1900 — 60 — fig. 2 — 1902.
- Chiloscyllium indicum* (Gmlin) = *Squalus* 133 — Gronow — Mus. Ichthyol. I, 61 — 1754 ; *Zoophyllaceum*, n. 150 — 1781 ; *Squalus indicus*, Gmlin, Syst. Nat. I-1503 — 1788 ; *Squalus gronovianus* e *S. dentatus*. Lacép. Hist. Nat. Poiss. I 281 — est. 11 — fig. 1 — 1798 ; *Squalus tuberculatus*, Bl. & Schn. 137 — 1801 ; Bokee e Ra-Sorrah, Russel, Descr. Two hundred Fishes 10 — est. 16 — 1803 ; *Scyllium plagiosum*, Bennet Life of Raffles, 649 — 1830 ; *Scyllium ornatum*, Gray, Ill. Ind. Zool. 1832 ; *Chiloscyllium plagiosum*, *C. griseum*, *C. tuberculatum*, Müll. & Henle, Plagiostomen — 17 e 19 — est. 4 — 1841 ; *Chiloscyllium plagiosum*, Cantor, Mal. Fishes, 392 — 1850 ; *Scyllium plagiosum*, *Sc. tuberculatum*, *Sc. hasselti*, *Sc. phymatodes*, Bleek. Verhandl. Bat. Gen. XXIV — Plagiost. 17 — 19 — 20 e 21 — 1852 ; *Squalus caudatus*, Gronow, Ed. Gray, 8 — 1854 ; *Synchismus tuberculatus*, Gill, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York — 408 — 1861 ; *Chiloscyllium plagiosum*, *C. tuberculatum*, *C. margaritifera* e *C. phymatodes*, Dumeril, Elasm. 328, 329 e 331 — 1865 ; *C. tuberculatum*, Kner, Novara Reise, 412 — 413 — 1865 ; *C. indicum*, Günther, Cat. VIII — 411 — 1870 ; Jord. & Fowler, Pr. U. S. Nat. Mus. vol. XXVI — 604 c. fig. 1903.
- Squalus blainvillei* (Risso) = *Acanthias blainvillei*, Risso, Eur. Merid. III 133 — est. 3, fig. 6 — 1826 ; Agassiz, Poiss. Fossiles, III — 62 — Atlas III est. B — 1836 ; Bonap. F. Italica — 1839 ; Müll. & Henle, Plagiost. 84 — 1841 ; Dumeril, Elasmobr. 438 — 1865 ; Bocage e Capello, Peixes Plagiostomos, 21 — 1866 ; Günther, Cat. VIII — 419 — 1870 ; Capello, Journ. Acad. Sci. Lisb. II — 143 — 1870 ; Capello, Cat. 47 — 1880 ; *Squalus blainvillei*, C. Schreiner e Mir. Ribeiro — Archivos do Museu Nacional do Rio de Jan. XII — 79 — 1903 ; Mir. Ribeiro, Pescas do «Annie», Lavoura ns. 4 — 7 — Abril e Julho 1901 — 1903.

- Isistius brasiliensis* (Quoy & Gaimard) = *Scymnus brasiliensis*, Quoy & Gaimard — Voyage de l'Uranie—Zool. 198—1824; Müll. & Henle; Plagiostomen 92—1841; *Isistius brasiliensis*, Gill, Pr. Acad. Nat. Sci.—Philad. — 264=1864; *Scymnus brasiliensis*; Dumeril, Elasmobr. — 463—1865; *Isistius brasiliensis*, Günther — Cat. VIII — 492 1870.
- Squatina squatina* (L.) = Squatine, Belon — De Aquat. 78 — 1553; Rondelet, 367 — 1554; Salviani, 152 fig. 53 — 1554; Gesner, 899 — 1558; Aldrov. 472 — 1636; Jhonst. 23 est. II fig. 7 — 1653; Willughby, 79 — est. D 3 — 1685; *Rhina*, Klein, Missus III — 14 — sp. 1, est. 2 figs. 5 6 — 1740; Angel-Fish, Borlase, Cornwall — 265 est. 26 — fig. 5 — 1758; *Squalus squatina*, Linnæus, Svst. Nat. ed. X — 233, — 1758; Brunnich, Ichthyol. Mass. 5 — 1768; *Rhina*, Pennant, Brit. Zool. III — 74 — est. 12 — 1776; *Squalus*, Gronow, Zoophil, 151 — 1781; *Squalus squatina* Bloch, Ichthyol., I, 25 — est. 116 — 1786; Squatine, Duhamel, Pêches IX est. 14 figs. 1-4 — 1786; *Angelo*, Cornide, Pesc. de la costa de Galicia — 129 — 1788; *Squalus* 6 — Artedi, Gen et. Syn. 95 e 67 — 1792 — 3; Angel-Shark, Shaw, Nat. Misc. XXI, est. 906 — 1789; *Squale ange*, Lacép 1, 293 — est. 12 fig. 1 — 1798; *Squalus squatina*, Bl. & Schn. Syst. 137 — 1801; *Squatina angelus*, Dumer. Ichthyol. Anal. 102 — 1806; *Squatina vulgaris*, Risso, Ichthyol. Nice, 45 — 1810; *Squatina dumerilii*, Le Sueur, Journ. Acad. N. Sci. Philad. — 225, est. 10 — 1818; *Squalus squatina* Donovan, British Fishes, I, est. 17 — 1820; Fuston, Brit. Faun. 114 — 1820; *Squatina lævis*, Couch, Linn. Tr. XIV — 90 — 1825; *Squatina angelus*, Risso, Europ. Mer. III — 139 — 1827; *Squatina angelus*, Blainville, Faune Franç. 53 — est. 13 figs. 1 e 2 — 1828; *Squatina vulgaris*, Flem. British Anim. 169 — 1828; *S. lævis*, *S. aculata* e *S. angelus*, Cuv., Règne Anim. II 131 — 1829, *Squatine lævis* e *S. oculata* Jenyns, Manual, 507 e 508 — 1835; *Squatina angelus*, Yarrel, British Fishes, 3 ed. II — 536 — 1836; Parnell, Werner Mem. VII — 421 — 1838; *S. angelus*, Bonap. Fauna Italica, Pesci, 28 — 1840; *Squatina vulgaris* e *S. fimbriata*, Müll & Henle, Plagiostomen, 99 e 101 — est. 35 — 1841; *Squatina dumerilii*, De Kay N. York Fauna, Fishes, 363 — 1842; Lady, Pr. Acad. Nat. Sci. Philad., 247 — 1847; *S. vulgaris*, Schleg., Fauna Japonica, Pisc — 305 — 136 — 1850; *S. angelus*, Gronow. Syst. Ed. Gray, 14 — 1854; *S. japonica*, Bleek, Act. Soc. Ind. Neerl. III — IV, 40 — 1858; *Rhina californica*, Ayres, Pr. Calif. Acad. Nat. Sci. Philad. — 29 — fig. 7 — 1859 (1860); *Monk-Fish*, Couch, Fishes British Isl. I, 37 — 17 — 1862; *Rhina squatina* *R. aculata*, *R. dumerilii*, Dumer, Elasmobr., 464 — 7, 1865; *S. vulgaris*, Bocage e Capello, Plagiost, 36 — 1866; *Rhina squatina*, Günther, Cat. VIII — 430 — 1870; Capello — Journ. Acad. Sci Lisboa — II —

- 148—1870 *S. vulgaris*, Capello Cat. 50 — 1880; *Squatina angelus* Jord & Gilb. Syn. 35 — 1883; Jord. Rept. U. S. Fish Comm. for 1885, 798 — 1887; *Rhina squatina*, Annali del Mus. Civ. d'Hist. Nat. de Genova—pg. 608 — 1892; *Squatina squatina*, Berg, Enum. Anal. Mus. B. Ayres IV — 9 — 1895; Jord. & Everm., Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. 1^a pt. 58 — 1896; *Squatina squatina*, C. Schreiner e Mir. Rib°. Archivos do Mus. XII — 1903; Mir. Ribeiro, Pescas do «Annie» Lavoura, Abril a Julho, 161 — 1903; *Rhina squatina*, Az. Furtado, Thèse, 93 — 1903. *S. japonica* Jord. & Fowler, — Pr. U. S. Nat. Mus. XXVI — 641 — 1903.
- Pristis perrotteti*, Müll. & Henle = *Galeus* sp. Klein, Missus III — 12, est. 3 figs. 1 e 2 — 1740; *Pristis perrotteti*, Müller & Henle, Plagiostomen, 108, 1841; *Pristis microdon* e *P. zysron*, Bleek, Nat. Tyds. Ned. Ind. III — 441 — 1853; *Pristis perrotteti*, Günther, Cat. VIII — 436 — 1870; Jord. & Everm. Bull. 47 U. S. Nat. Mus. pt. I — 60 — 1896; Everm. & Marsh, Bull. 47 U. S. Fish. Com. for 1900 — 63 — 1902; C. Schreiner & Mir. Rib°, Archivos do Mus. Nac. vol. XII. 80 — 1903.
- Pristis pristis* (L.) = *Serra marina*, Bellon, 66 — 1553; *Pristis*, Rondel, 487 — 1554; *Pristis, seu serra Piscis*, Clusius, 136; Willughby, Ichthyol 61 — 1686; *Squalus pristis*, Linneus Syst. Nat., Ed. X, 235 — 1758; Vivelles, Duhmael, Pêches II, est. 25 figs. 3 e 5 — 1777; Artedi, Gen. 66 — 1792; Syn. 93 — 1793; *Pristis antiquorum*, Latham, Trans. Linn. Soc. II, 277, est. 26 fig. 1 — 1794; *Pristis serra*, *P. granulosa*, *P. canaliculata*, Bl. & Schn. Syst. 351, est. 70 — 1801; *P. antiquorum*, Blainv. Faune Française, — 50 — 1828; Bocage e Capello, Plagiost. 35 — 1866; Gunther, Cat. VIII — 438 — 1870; Capello, Journ. Sci. Lisb. II, 148, 1870 Cat. Peixes Port. 50 — 1880.
- Pristis pectinatus* = Latham — *Pritis pectinatus*, Latham, Trans. Linn. Soc. Lond. II, 278, est. 26, fig. 2 — 1794; *Squale scie*, Lacép. I, 286, est. 8 — 1798; *Pristis pectinatus*, Bl. & Schn. 351 est. 70 fig. 1 — 1801; Risso, Ichthyol. Nice, 22 — 1810; *Pristis mississippiensis* Raf. Ichthyol. Ohi, 80 — 1820; *Pristis pectinatus*, Risso, Europ. Merid. III — 141 — 1826; Owen, Odontography, est. 8 — 1840; Müll. & Henle, Plagiostomen, 109 — 1841; Blyth. Journ. As. Soc. Beng. XXIX — 36 — 1860; *P. pectinatus*, *P. megalodon*, *P. acutirostris*, *P. occa*, *P. leptodon*, *P. brevirostris*, Dum. Elasmobr. 475 e 480 — 1865; *P. pectinatus*, Günther, Cat. VIII 437 — 1870; Poey, Fauna Puerto Riquêna — 349 — 1881; Stahl, F. de P. Rico, 81 e 167 — 1881; Jord & Gilbert, Syn. 875 — 1883; Jord & Everm. Bull. 47¹ — U. S. Nat. Mus. I parte, 60 — 1896 e IV parte, — est. VIII — fig. 27 — 1900; Everm. & Marsh, Bull. U. S. Fish Comm., for. 1900 — 63 e 64 — fig. 3 — 1902; C. Schreiner e Mir. Ribeiro — Archivos dos Mus. Nac. XII — 80 — 1903.

- Rhinobatus percellens* (Walb.) = *Puraquê*, Marcgrave, Hist. Nat. Bras. 151 — 1648 ; Jonston, 201 — est. 36 fig. 9 — 1653 ; Willughby, 80, est. D 5 — fig. 2 — 1685 ; *Raja percellens*, Walb. Arted ; Pisc. 525 — 1792 ; *Rhinobatus electricus* Bl. & Schn. Syst. 356 — 1801 ; *Rhinobatus undulatus*, *R. glaucostictus*, Olfers — Torpedo — 22 — 1831 ; *Rhinobatus marcgravi*, Henle, Narcine, 34 — 1834 ; *Rhinobatus undulatus*, Müll. & Henle, Plagiostomen, 121 — est. 40 — 1841 ; Casteln., Anim. Nouv. ou Rares de l'Am. du Sud 100. — 1855 ; Dumeril, Elasmobr. 498 — 1865 ; Kner, Novara Reise — Fische — 417 — 1869 ; *R. undulatus*, Günther, Cat. VIII — 444 — 1870 ; *Rhinobatus undulatus*, Garman, Pr. U. S. Nat. Mus. III — 516 — 18 — 1880 ; Berg, Anales Mus. B. Aires, IV — 16 — 1895 ; *Rhinobatus percellens*, Jord. & Everm. Bull. 47. U. S. Nat. Mus. I parte 34 — 1896 ; *Rhinobatus undulatus*, Ihering, Revista Mus. Paulista, vol. II — 35 — 1897 ; *Rhinobatus percellens*, Schreiner & Mir. Ribeiro — Archivos do Museu, vol. XII, 80 — 1903. *R. undulatus* A. Furtado, Thèse, 93, c. f., 1903.
- Rhinobatus horkelli*, Müll. & Henle = *Rhinobatus horkelii* Müll. & Henle, Plagiostomen, pag. 122 — est. 41 — 1841 ; Casteln. Anim. Nouv. etc. pag. 100 — 1855 ; Dumeril, Elasmobr., pag. 499 — 1865 ; Günther, Cat. VIII, pag. 444 — 1870.
- Rhinobatus brevirostris*, Müll. & Henle = *Rhinobatus* (Sirrhina) *Brevirostris*, Müll. & Henle, Plagiostomen pg. 114 est. 36, 1841 ; *Platyrrhina sinensis* Gray, Chondropt pag. 98 — 1851 ; Castelnau, Anim. Nouv. etc., pag. 100 — 1855 ; *Rhinobatus brevirostris*, Dumeril, Elasmobr. pag. 489 — 1865 ; Günther, Cat. VIII pag. 447 — 1870 ; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus. vol. XII pag. 80 — 1903 ; Mir. Ribeiro, Lavoura, nos 4 a 7 — Abril a Julho de 1903.
- Raja erinacea* Mitch. = *Raja erinacea* Mitch., Am. Journ. Sc. de Arts. XI, pg. 290 est. 6 — 1825. Dekay, New York Fauna. Fishes, pg. 372 est. 78 fig. 246, 1842 ; Storer, Mem. Amer. Acad. II, pg. 511 ; *Raja eglanteria*, Günther, Cat. VIII, pg. 462, parte — 1870 ; *Raja erinacea*, Jord. & Gilb. Syn. pg. 41 — 1883 ; Jord. & Everm. Bull. 47 U. S. Nat. Mus. I pte — pgs. 67 e 68 — 1896 e IV pt. est. IX fig. 29 — 1900 ; Mir. Ribeiro, Lavoura ns. 4 a 7 pg. 163 — Abril a Julho de 1903.
- Raja agassizi* (Müll. & Henle) = *Uroptera agassizi*, Müll. & Henle, Plagiostomen, 155-49 — 1841 ; Dumeril, Elasmobr. 573 — 1865 ; Günther, Cat. VIII 465 parte — 1870 ; Berg, An. Mus. B. Aires, IV — 13 — 1895 ; C. Schreiner & Mir. Ribeiro — Archivos do Mus., vol. XII — 1903 ; A. Furtado — These — 94 — c. fig. — 1903.
- Raja castelnaui*, Mir. Ribeiro = *Raja agassizi*, Castelnau, Anim. Nouv. ou Rares de l'Am. du Sud., 100, est. 49 — fig. 2 — 1855 ; *Raja agassizi*, var. *pecta*,

- Mir. Ribeiro, Pescas do « Annie » — Lavoura, ns. 4 a 7 — Abril a Julho de 1903 — 162 — 1903.
- Raja cyclophora*, Regan = *Raja agassisi* var. *méta*, Mir. Ribeiro, Lavoura ns. 4 a 7 — Abril a Julho — 163 — 1903; *Raja cyclophora*, Regan, Pr. Zool. Soc. Lond. vol. II — 60 — Outubro — 1903.
- Raja brasiliensis* Müll. & Henle = *Raja brasiliensis*, Müll. & Henle, Plagiostomen, pg. 195 — 1841; Günther, Cat. VIII, pg. 455 — 1870.
- Naircine brasiliensis* (Olfers) = *Torpedo brasiliensis* von Olfers, Torpedo, pg. 19 est. 2 fig. 4 — 1831; *Narcine brasiliensis*, Henle, Ueber Narcine pg. 31 est. 1 figs. 1 e 2 — 1834; *Torpedo bancroftii*, Griffith, Anim. Kingd. vol. X est. 34 — pg. 649 — 1834; *Narcine brasiliensis*, Müll & Henle, Pla-Plagiostomen pg. 129 — 1841; e *Torpedo nigra* Dumeril, Rev. Zool. pg. 272 — 1852; *Torpedo pictus*, Gron. Cat. Fish. pg. 13 1854 *Narcine brasiliensis* N. *nigra* Dumeril Elasmobr. pg. 514 — 1865. *Narcine brasiliensis*, Kner, Nov. Reise, Fische, pg. 418, 1865; Günther, Cat. VII pg. 453 — parte — 1870; *Narcine brasiliensis corallina*, Garman, Bull. Mus. Commp. Zool. Cambr. XI pg. 234 1881; Jord. & Gilbert, Synopsis pg. 877 — 1883; *Narcine umbrosa* Jordan, Pr. U. S. Nat. Mus. pg. 105 — 1884; *Narcine brasiliensis*, Jord. & Everm. Pr. U. S. Nat. Mus. pg. 472 — 1886; Eigenmann e Eigenmann Pr. Nat. Mus. N. S. vol. XIV pg. 24 — 1891; Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. parte 1ª, pg. 78 — 1896 e IV pt. est. XIII figs. 35 e 35 a — 1900; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus. Nac. Vol. XII pg. 81 — 1903; Azur. Furtado, These, pg. 93 — 1903.
- Pteroplatea altavela* (L.) = *Pastinaca marina*, Columna, De aquat. p. 4, t. 2 — 1616; Willughby, Ichthyol pg. 65 est. c. 1 fig. 3 — 1685. *Raja altavela*, L. *Pastinaca marina altera pteryplateja* s. *Altavela*, Syst. Nat. Ed. X pg. 232, 1758; Gml. Syst. Nat. I, pg. 1509, 1788; *Trygon altavela*, Bonap. Fauna Italica, Pesc. pg. XIII est., 1833; *P. canariensis*, Val. in Web. & Berthol, Il. Can. Poiss., pg. 100 est. 23 fig. 1, 1836; *Pteroplatea altavela*, Müll. & Henle, pg. 168, 1841; — *P. altavela*, *P. canariensis* e *P. valencienes*, Dum. Elasmobr. pg. 611 e 612 — 1865. *P. altavela* Günth, Cat. pg. 486, 1870; Capello, Cat. Peixes Port. — 53 — 1880.
- Pteroplatea maclura* (Le Sueur) = *Raja maclura*, Le Sueur, Journ. Acad. Nat. Sc. Philad. I, pg. 41 — 1817; *Pteroplatea maclura*, Müll. & Henle, Plagiost. 169 — 1841; *Pastinaca maclura*, Dekay, N. York Faun., Fishes pg. 375, est. 65 fig. 213 — 1842; Dumeril, Elasmobr. pg. 614 — 1865; Günther, Cat. VIII pg. 487 — 1870; Jord. & Gilb. Syn. pg. 46 — 1883; Jord. & Everm. Bull. 47 — U. S. Nat. Mus. 1ª parte, pg. 87 — 1896; Ihering, Rev. Mus. Paulista II, pg. 36 — 1897.

- Ellipesus strongyloptera* (Schomb.) = *Trygon strongylopterus* Schomb. Fish. Brit. Guiana, II pg. 183 — est. 22 — 1842; Müll. & Tr. in Schomb. Reise B. Guiana, III, pg. 642 — 1848; Günther, Cat. VIII, pg. 642 — 1870; *Paratrygon strongyloptera*, Eigenm., Eigenmann e Proc., U. S. Nat. Mus., vol., XIV pg. 24 — 1892.
- Ellipesus spinicauda* Schomb. = *Ellipesus spinicauda* Schomburgk, Fish British Guiana, vol. II pg. 184, est. 23 — 1842; Günther, Cat. VIII — 1870; Eigenmann e Eigenmann, Pr. U. S. Nat. Mus. vol. XIV, pg. 25 — 1892.
- Ellipesus reticulatus* (Günth) = *Trygon hystrix*, Günth. Cat. VIII pg. 482 (nec synonyma) — 1870; *Trygon reticulatus*, Günther, Annals & Magazin of Nat. Hist. pg. 8 — 1880; *Potamotrygon reticulatus*, Eigenmann e Eigenmann, Proc. U. S. Nat. Mus. vol. XIV, pg. 25 — 1892.
- Ellipesus hystrix* (Müll. & Henle) = *Trygon hystrix*, Müll. & Henle, Plagiostomen, pg. 167 — 1841; Schomburgk, Fishes Br. Guiana. II, pg. 180, est. 20 — 1842; D'Orbigny, Voyage en Am. Merid. Poiss. pg. 11, atlas, est. 15 — 1847; Dumeril, Elasmobr. pg. 608 — 1865; Günther, Annals & Magaz. of Nat. Hist., pg. 7 — 1880; Eigenmann Eigenmann, Pr. U. S. Nat. Mus., vol. XIV, pg. 25 — 1892; *Trygon hystrix*, Goeldi, Boll. Mus., Paraense, vol. II, pgs. 455 e 488 — 1897.
- Ellipesus motoro* = (Müll. & Henle), *Tæniura motoro*, Müll. & Henle, 197 — 1841; *Trygon garrapa*, Schomb., Fishes British Guian. II — 180 est. 20 — 1842; Müll. & Trosch. in Schomb. Reise in Guiana, III pg. 642 — 1848; *Tæniura dumerilii*, *T. mülleri*, *T. henlei* Casteln. Anim. Nouv. ou Rares, 101 e 102 est. 48 figs. 1 á 3 — 1855; *T. dumerilii*, *T. mülleri*, *T. henlei*, *T. garrapa*, Dum. Elasmobr. 608 e 624 a 621 — 1865; *T. motoro*, *T. mülleri*, Günther, Cat. VIII — 848 — 1870; *Potamotrygon motoro*, Garman, Pr. Boston, Soc. Nat. Hist. XIX, 210 e 211 — 1877; *Potamotrygon motoro*, *P. dumerilii* Eigenm. e Eigenm, Pr. U. S. Nat. Mus. XIV, 25 — 1892; *Tæniura motoro*, Perugia Annali Mus. Civ. d'Hist. Nat. di Genova, Ser. II, vol. X, 609 — 1892; Berg. An. Mus. B. Ayres, IV, 16 — 1895.
- Ellipesus orbignyi* (Cast.) = *Trygon* (*Tæniura*) *orbignyi* Casteln, Anim. Nouv. ou Rares Am. Sud. pg. 102 — est. 49 — fig. 1 — 1855; *Tæniura orbignyi* Dumeril, Elasm. pg. 624 — 1865; Günther, Cat. VIII pg. 444 — 1870; *Potamotrygon orbignyi* Eigenmann e Eigenn, Pr. U. S. Nat. Mus. vol. XIV pg. 25 — 1892.
- Dasyatis gymnura* (Müll.) = Jabebireté, Marcgr. Hist. Nat. Bras. 175, 1648; *Raie tuberculée* Lacép. Hist. Nat. Poiss., II vol., pg. 106 — fig. 1 (preoccupado) 1800; *Raja tuberculata*, Shaw, Gen Zool. V pg. 290 — 1804; est. IV fig. 1. *Trygon gymnura*, e *T. osteosticta*, Müll., Erman's Reise, pg. 25 est. 13 e 14 — 1830; *Trygon sabina* Müll. & Henle (parte) Plagiostomen,

- pg. 163 — 1841; *Trygon tuberculata*, Günther, Cat. VIII pg. 480 — 1870; Jord. & Gilb. Syn. pg. 66 — 1883; Jord. Everm. Bull. 47. U. S. Nat. Mus. I parte, pgs. 83 e 84 — 1896; *Trygon tuberculata*, Goeldi, Boll. Mus. Paraense, vol. II, pgs. 455 e 488 — 1898.
- Dasjatis hastata* (De Kay.) — *Trygon hastata*, De Kay, N. York Fauna, Fishes, pg. 373, est. 65 — fig. 214 — 1842; Storer. Syn. Fishes N. Am. pg. 261 — 1846; *Trygon hastata*, Dumeril, Elasmobr. pg. 592 — 1865; *Dasybatis hastata*, Jord. & Gilbert, Syn. pg. 70 — 1883; Jord. & Everm. Bull. 47 U. S. Nat. Mus. pt. I, pgs. 83 e 84 — 1896; Evermann & Marsh, Bull. U. S. Fish Comm. for 1900 pg. 65 — 1902.
- Dasjatis say* (Le Sueur) *Raja say*, Le Sueur, Journ. Ac. Nat. Sci. Philad. I, pg. 42 — 1817; *Myliobatis sayi*, De Kay, N. York Fauna, Fishes, pg. 376 — 1842; *Trygon sayi*, Casteln. Anim. Nouv. etc. pg. 103 — 1855; Dumeril, Elasmobr. pg. 603 — 1865; *Trygon pastinaca* (parte) Gunther Cat. VIII, pg. 478 — 1870; *Dasybatis sayi*, e Jord. Gilb., Syn., pg. 69 — 1883; *Dasyatis say*, Jord. & Everm. Bull. U. S. Nat. Mus. (parte) pgs. 83 e 86 — 1896; *Dasybatis pastinaca*, C. Schreiner e Mir. Ribeiro — Archivos do Mus. Nacional. vol. XII pg. 81 — 1903.
- Dasjatis orbicularis* (Bl. & Schn.) — *Aiëreba* Marcgravi, Hist. Nat. Bras. IV, Pisces, pag. 175, 1648; Jonston, De Piscibus Est. 38, fig. 6, 1653; Willughby, pag. 68, est. C, fig. 2, 1686; *Raja orbiculares*, Bl. & Schn., pag. 361, 1801; *Trygon aiereba*, Müll & Henle, Plagiostomen pags. 160 e 196, 1841; *Trygon hystrix*, Casteln. Anim. Nouv, etc., pag. 103, 1855; *Paratrygon aiereba*, Dum. Elasmobr., pag. 594, 1865; *Trygon orbicularis*, Günth, Cat. VIII, pag. 482, 1870.
- Myliobatis freminvillei*, Le Sueur — *Myliobatis freminvillei*, Le Sueur, Journ. Acad. Sci. Philad., IV, pag. 111, 1824; *Myliobatis bispinosus*, Storer, Proc. Bost. Soc. Nat. Hist., I, pag. 53, 1841; Dumeril, Elasmobr., pag. 637, 1865; *Myliobatis acuta*, Ayres, Pr. Bost., Soc. Nat. Hist., I, pag. 65, 1841; *M. freminvillei*, Jord. & Gilb. Syn., pag. 51, 1883; Jord. & Everm. Bull, 47. U. S. Nat. Mus. I pt., pag. 89, 1896.
- Myliobatis aquila* (L.) — *Aquila marina*, Bellon., De Aquat., pags. 96 e 97, 1553; *Aquila Salviani*, pag. 146, 1554; Jonst. De Pisc. est. 9, fig. 9, 1653; Willughby, Ichthyogr., pag. 64, est. C 2, 1685; *Pastinaca secunda*, Rondel, pag. 338, 1554. *Aquilone*, Columna, Aquat., etc., pag. 3, t. 2, 1616; *Raja n. 5*, Arledi, gen., pag. 72, 1792; o mesmo, Syn. pag. 100, 1793; *Raja aquila*, Linnaeus, Syst. Nat. Ed. X, pag. 232, 1758; Brünn, Ichthyol, Mass., pag. 3, 1768; Bl. Ichthyol, pag. 81, 1786; Bl. & Schn., pag. 360, 1801; Risso;

Ichthyol, Nice, pag. 9, 1810; Duhamel, Pesches III, pag. 283, (IX sect.) est. 10, 1777; Pennant., British Zool. III, pag. 88, 1776; Jenyns, Manual, pag. 519, 1835; *Myliobatis aquila*, Cuv. Règne Anim., 1817; Risso, Europ. Merid. III, pag. 162, 1826; Yarrel, British-Fishes, II ed. pag. 591, 1839; Müll & Henle, Plagiostomen, pag. 176, 1841; Couch, Fishes Brit. Islands I, pag. 135, est. 32; 1862 Dumeril, Elasmobr. pag. 643, 1865; *Pastinaca aquila* Gronow, ed. Gray, pag. 12, 1854; *Myliobatis aquila*, Günther, Cat. VIII, pag. 489, 1870; Günther, Annals & Mag. of. Nat. Hist. V serie, pag. 8, 1880; o mesmo Challenger, Shore Fishes, pag. 63, 1880; C. Berg. Anales d. Mus. B. Ayres, tomo IV, pag. 17, 1895; H. von Ihering, Revista do Mus. Paulista II, pag. 35, 1897; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus., vol. XII, pag. 82, 1903.

Aëtobatus narinari (Euphr.) = *Narinari*, Marcgravi, Hist. Nat. Bras. Lib. IV pag. 175 — 1648; Willughby, Ichthiogr., pag. 66, est. C 1 fig. 5, 1685; *Raja narinari*, Euphr. Vet. Akad. Nya Handl., XI, pag. 217 — 1790; Bl. & Schn. pg. 361 — 1801; *Raja flagellum* Bl. & Schn. est. 73 — pag. 361 — 1801; *Raja guttata*, Shaw, Gen. Zool. II pag. 285 est. 142 — 1804; *Raja quinque-aculeata*, Quoy & Gaimard, Voy. Uran. pag. 200 est. 43 fig. 3 — 1824; *Myliobatis narinari*, Cuv. Règne Animal, 1829; Bennet, Life of Raffles pag. 694 — 1830; *Myliobatis celtenkee*, Rupp. Neue Wirbelth. Fische. pg. 70 — est. 19 — fig. 3, 1835; *Aëtobatus narinari*, *Aëtobatus flagellum*, Müll & Henle, Plag. pag. 180; Plagiostomen, pg. 179, 1841 — Agassiz, Poiss. Foss. III, est. D 1843; Bleek. Verhandl. Bat. Gen. XXIV, Plagiost. — pag. 87 1852; Day, Fishes Malab. pag. 280; Blyth, Journ. *Goniobatis flagellum*, Ag. Proc. Bost. Soc. Nat. Hist. VI, pg. 385 1859; As. Soc. Beng. pg. 37 — 1860; Dumeril Elasm. pag. 642; 1865; *Goniobatis macroptera*, Mc. Clell. Calcut. Journ. Nat. Hist. I pg. 60 est. 2 fig. 1 — 1841; *Stoasodon narinari*, Cantor, Mal. Fishes. pg. 434 — 1850; *Aëtobatis latirostris*, Günth, Trans. Zool. Soc. London, pag. 491 — 1868; *Aëtobatis narinari*, Gunther, Cat. VIII pg. 492 — pte. — 1870; Poey, Fauna Puerto. Riqueña, pg. 349 — 1881; Stahl, Fauna de Puerto Rico pgs. 81 e 167 — 1883; Jord. & Gilb., Syn. pg. 879 — 1883; Jord. & Everm. Bul. 47 — U. S. Nat. Mus. pt. 1^a pg. 88 — 1896; e IV pte. ests. XV e XVI — 1900; Everm. & March., Bull. U. S. Fish. Com. for. 1900, pg. 67 — figs. 4 e 5 — 1902; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus., vol. XII — pag. 81 — 1903.

Rhinoptera jussieui (Cuv.) = Jussieu, Mem. Acad. Sci., pg. 75 — est. 4 fig. 2 — 1723; *Myliobatis jussieui*, Cuv., Règne Anim, 1817; *Rhinoptera brasiliensis* Müll, Abhandl. Akad. Wissenschaft Berl. pg. 237 — est.

9, fig. 12—1836; Müll. & Henle, pg. 182 — 1841; *Zigobatis jussieni*, Agass. Poiss. Foss. III pgs. 79 e 328, est. D. fig. 8. 1843 Owen, Odonogr. est. 25 — fig. 2, 1840—45; *Rhinoptera brasiliensis*, Dumeril Elasmobr. pg. 646 — 1865; *Rhinoptera jussieui*, Günth. Cat. VIII pg. 493 — 1870; C. Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Mus. XII pg. 82 — 1903; A. Furtado, Thèse, pg. 93, c. fig.—1903.

Rhinoptera lalandii (Val). = *Rhinoptera lalandi*, Val in. Müll & Henle, Plagiostomen pg. 182 — 1841; Dumeril, Elasmobr. pg. 645 — 1865; Günther, Cat. VIII pg. 494 — 1870.

Mobula olfersi (Müll) = *Cephaloptera olfersii*, Müll. Abhandl Akad. Wissenschaft Berl. pg. 311 — 1834; Müll. & Henle, Plag. pg. 185 — 1841; Dumeril, Elasmobr. pg. 657 — 1865; Günther, Cat. VIII pg. 497 — 1870.

Manta ehrenbergi, (Müll. & Henle) = *Ceratoptera ehrenbergi*, Müll. & Henle, Plagiostomen, pag. 187 — 1841; Günther, Cat., VIII pg. 498 — 1870 *Manta birostris*, Schreiner & Mir. Ribeiro, Archivos do Museu, vol. XII pg. 82 — 1903.

INDICE

A

Aceranei	145
aculeata (Rhina)	205
aculeata (Squatina)	205
acuta (Myliobatis)	210
acutirostris (Pristis)	206
Aëtobatus, 190.	191
agassizi (Raja) 138, 176, 177, 207.	208
agassizi (Uroptera)	207
Aiereba, 137, 138, 189.	210
aiereba (Paratrygon)	210
aiereba (Trygon)	210
altavéla (Pteroplatea) 181	203
altavéla (Raja)	208
altavéla (Trygon)	208
americanus (Carcharias)	203
americanus (Odontaspis) 139, 159, 202.	203
americanus (Squalus)	202
Angel-Fish	205
Angelo	205
Angel-Shark	205
angelus (Squalus)	205
angelus (Squatina)	206
Annequin, 154.	160
antiquorum (Pristis)	203
Aquila	210
aquila (Myliobatis) 160, 191.	211
aquila (Pastinaca)	211
aquila (Raja)	210
Aquilone.	210
Araguagua, 137	140
argus (Squalus)	204
asterias (Mustelus)	203
atwoodi (Carcharias)	203

B

bancrofti (Torpedo)	208
birostris (Manta) 140.	212
bispinosus (Myliobatis)	210
blainvillei (Acanthias)	204
blainvillei (Squalus) 139, 168	204
boa (Catulus retifer, var.) 140.	204
Borboleta, 181.	182
Bokce.	204
Borô	185
Branchiostoma.	146
Branchiostomidae	145
brasiliensis (Sistius) 138, 169.	205
brasiliensis (Narcine) 133, 180.	208
brasiliensis (Raja) 138, 176, 178.	208
brasiliensis (Rhinoptera) 211.	212
brasiliensis (Seymnus)	205
brasiliensis (Torpedo)	208
brevirostris (Pristis)	203
brevirostris (Rhinochatus) 138, 174, 175	207
brevirostris (Sphyrna)	207

C

cabo-verdianum (Ginglymostoma)	204
Cação-Anjo	170
Cação-do-Rio	154
Cação-do-Salgado.	153
Cação-Lixa	163
Cação-Martello.	133
californica (Rhina)	205
canaliculatus (Pristis)	203
canariensis (Pteroplatea)	208
canis (Cynias) 139, 161	203
canis (Galeus)	203

canis (Musetelus)	203
capensis (Carcharodon)	203
Carcharias, 140, 151.	203
carcharias (Carcharodon) 139, 160.	203
carcharias (Squalus) 200.	203
Carchariidae 148	150
Carcharodon	160
caribaeum (Branchiostoma) 146	199
castelnaui (Raja) 176, 177	207
Catulus	163
caudatus (Squalus)	204
celtenkee (Myliobatis)	211
Cestracion	201
Chapéo-Armado	157
Chiloscyllia	141
Chiloscyllium, 165.	166
cirratus (Ginglymostoma) 139, 166.	204
cirratus (Squalus).	204
commersoni (Carcharias).	200
Cornuda	157
corallina (Narcine)	208
Cucuri	137
cucuri (Prionodon) 150	155
cyclophora (Raja) 176, 178.	208
Cynias	161

D

Dasyatidae, 171.	182
Dasyatis, 183	187
dentatus (Squalus).	204
Desmobranchii, 144	145
dumerillii (Ellipesus)	140
dumerillii (Potamotrygon) :	20 ⁹
dumerillii (Rhina).	205
dumerillii (Squatina).	205
dumerillii (Tæniura).	209

E

eglanteria (Raja)	207
ehrenbergi (Ceratoptera)	212
ehrenbergi (Manta) 139, 195.	212
electricus (Rhinobatus)	207
Ellipesus.	183
emissole (Squale).	203
Epitremati	147
erinacea (Raja) 139, 176.	207
Esqualos.	147

F

fimbriata (Squatina)	205
flagellum (Aëtobatus).	211
flagellum (Goniobatus)	211
flagellum (Raja)	211
Focinhudo	151
freminvillei (Myliobatis) 139, 191	210
Frango	155
fulvum (Ginglymostoma)	204

G

Galeidae, 141, 148.	161
Galeocerdo, 140	149
Galeorhinidae, 148.	149
Galeus	206
garrapa (Tæniura).	209
garrapa (Trygon).	209
Ginglymostoma	165
Ginglymostomatidae, 141, 148	165
glauca (Prionace) 138, 151.	199
glaucoctietus (Rhinobatus)	207
glauca (Carcharhinus)	199
glauca (Carcharias)	199
glauca (Squalus).	199
Gnathophori	147
granulosa (Pristis)	206
griseum (Chiloscyllium).	204
gronovianus (Squalus)	204
guttata (Raja).	211
gymnura (Dasyatis) 149, 187, 188.	209
gymnura (Trygon).	209

H

haeckelii (Catulus) 139, 140, 163.	204
hasselti (Scyllium).	204
hastata (Dasyatis) 139, 187, 188	210
hastata (Dasybatis)	210
hastata (Trygon)	210
Hemisicyllia,	141
henlei (Carcharhinus).	200
henlei (Carcharias)	200
henlei (Prionodon).	200
henlei (Tæniura)	209
hinnulus (Galeorhinus)	203
hirundinaceus (Squalus).	199
historica (Resenha)	131

horkelii (Rhinoatus) 138, 174, 175 . . .	207
Hypotremati, 147.	170
hystrix (Ellipesurus) 184, 185.	209
hystrix (Trygon) 209.	210

I

indicum (Chiloseyllium) 133, 167.	204
indicus (Squalus).	204
Isistiidae, 141, 148.	168
Isistius	169

J

Jabebara	137
Jabebiretê, 137, 140	188
Jamanta.	195
japonica (Squatina) 205	203
jussieui (Myliobatis)	211
jussieui (Rhinoptera) 138, 193, 211.	212
jussieui (Zygobatis)	212

K

Koma-Sorra.	202
---------------------	-----

L

laevis (Squatina)	205
lalandi (Carcharias)	201
lalandii (Scoliodon)	201
lalandii (Rhinoptera) 139, 193.	212
Lamia	203
lamia (Carcharhinus).	200
lamia (Carcharias) 139, 140, 152, 154.	200
lamia (Prionodon).	200
Lamnidae, 140, 148	159
lanceolatum (Branchiostoma)	199
latirostris (Aetobatus)	211
leptodon (Pristis).	206
lewini (Zygæna)	202
Libella	201
limbatus (Carcharias) 152, 153.	200
limbatus (Prionodon).	200
limbatus (Isogomphodon)	200
longimana (Eulamia).	200

M

maclura (Pastinaca)	208
maclura (Pteroplatéa) 139, 182	208
maclura (Raja).	208
macroptera (Goniobatis)	211

maculatus (Galeocerdo) 138, 149	199
maculatus (Galeus).	199
maculipinnis (Isogomphodon)	200
maculipinnis (Platypodon)	200
malleus (Zygæna).	202
malleus (Squalus).	202
Mangonga	159
Manta, 194.	195
marcgravi (Rhinoatus).	207
margaritifer (Chiloseyllium)	204
marina (Aquila)	210
marina (Pastinaca)	208
marina (Sorra)	206
Marracho	154
megalon (Pristis)	206
meta (Raja).	207
micron (Pristis).	206
microps (Carcharias).	200
mississippensis (Pristis)	206
Mobula	194
Mobulidae, 171.	193
Monk-Fish	205
motoro (Ellipesurus) 139, 140, 184, 185	209
motoro (Potamotrygon).	209
motoro (Taniura).	209
mulleri (Carcharias).	200
mustelus (Squalus)	203
Myliobatidae, 171.	190
Myliobatis	190

N

Narcine	179
Narcobatidae, 171.	179
Narinari, 137, 138.	211
nirinari (Aetobatus) 192.	211
narinari (Myliobatis).	211
narinari (Raja).	211
narinari (Stoassodon).	210
nigra (Narcine)	208
nigra (Torpedo)	208

O

occa (Pristis)	206
oculata (Squatina).	205
Odontaspidae, 140, 148	158
Odontaspis, 140	159
olfersi (Ceratoptera).	138

olfersi (Cephaloptera)	212
olfersi (Mobula) 194.	212
orbicularis (Dasyatis) 138, 187, 189	210
orbicularis (Raja).	210
orbicularis (Trygon).	210
orbignyi (Ellipesus) 139, 184, 185	209
orbignyi (Potamotrygon).	209
orbignyi (Tæniura)	209
orbignyi (Trygon).	209
ornatum (Scyllium)	204
osteosticta (Trygon)	209

P

Pata	156
pastinaca (Dasybatis).	210
pastinaca (Trygon)	210
pectinatus (Pristis) 139, 140, 172, 173.	203
Peixe-Martello.	157
percellens (Raja)	207
percellens (Rhinobatus) 174.	207
perrotteti (Pristis) 139, 172, 173	206
phymatodes (Scyllium)	204
picta (Raja).	217
pictus (Torpedo)	207
Pinto.	163
plagiosum (Chiloscyllium)	204
plagiosum (Scyllium).	204
plebejus (Mustelus)	203
porosus (Carcharias) 138, 152, 153.	200
porosus (Prionodon)	200
Pristidæ, 171	172
Pristis, 172.	206
pristis (Pristis) 139, 172, 173	203
Prionace.	151
Pteroplatea.	181
Pteroplateidæ, 171	180
punctata (Raja)	139
punctatus (Squalus) 200.	204
Purague, 137	207

Q

quinque-aculeata (Raja).	211
----------------------------------	-----

R

Raja	176
Rajidæ, 171.	175
Ra-Sorrah	205
Rayas, 170	175

Raya-Chita	177
Raya-Licha.	183
Raya-Maçã	185
Raya-Manteiga	182
Raya-Pintada, 184	192
Raya-Prego.	188
Raya-Santa.	177
Raya-Sapo	191
Referencias bibliographicas, 197	199
Requin.	154 160
reticulatus (Ellipesus) 139, 184, 185	209
reticulatus (Potamotrygon).	209
reticulatus (Trygon).	209
retifer (Catulus)	204
Rhina	205
Rhinobatidæ, 171.	173
Rhinobatus.	174
Rhinoptera, 190	192
rondeletii (Carcharodon).	203

S

sabina (Trygon)	209
say (Dasyatis) 139, 187, 189.	210
say (Dasybatis).	210
say (Myliobatis)	210
say (Raja)	210
say (Trygon)	210
scie (Squale)	203
Scoliodon, 151.	155
Scylliolamnidæ, 141	148
Scylliorhinidæ, 141, 148.	162
Scylliorhinus	140
Sebastião	160
secunda (Pastinaca)	210
Serra-Garoupa.	153
serra (Pristis).	206
sinensis (Platyrrhina).	207
smithi (Carcharodon)	203
Sphyrna.	156
Sphyrnidæ, 148	155
spinicauda (Ellipesus) 139, 184.	209
Squale-Ange	205
Squalus, 167	205
Squalidæ, 148	167
Squatina.	160
Squatidæ, 148	169
squatina (Rhina)	205

squatina (Squalus).	205
squatina (Squatina) 139, 170	205
Squatine.	205
stellaris (Mustelus)	203
strongyloptera (Paratrygon)	209
strongylopterus (Ellipesus) 139, 184	209
subarcuata (Zygæna).	202
Summario	134
Syneranei, 145.	146

T

taurus (Carcharias) 202.	204
taurus (Odontaspis)	202
terræ-novæ (Carcharias).	200
terræ-novæ (Scoliodon) 138.	200
tiburo (Cestracion)	201
tiburo (Reniceps)	201
tiburo (sphyrna) 156.	201
tiburo (Squalus) 138.	201
tiburo (Zygæna)	201
Ticouha.	193
tigrinus (Galeocerdo).	199
Tintureira	149
Trême-Trême	180
Triaqueira	153
tuberculata (Raja)	210

tuberculata (Trygon).	210
tuberculatum (Chioscyllium)	204
tuberculatum (Scyllium)	204
tuberculatus (Squalus)	204
tuberculatus (Synchismus)	204
tuberculée (Raie).	209
tudes (Cestracion).	201
tudes (Sphyrna) 139, 157.	201
tudes (Zygæna).	201

U

umbrosa (Narcine)	208
undulatus (Rhinobatus)	207

V

vallenciennesi (Pteroplatea)	208
verus (Carcharias)	203
vulgaris (Mustelus)	203
vulgaris (Squatina) 205	206

Z

Zygæna	201
zygæna (Cestracion)	202
zygæna (Sphyrna) 133, 153, 157, 201 .	202
zygæna (Squalus).	202
zysron (Pristis)	206

O Porquinho da Índia e a Theoria Genealogica

POR

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

O Porquinho da India e a Theoria Genealogica

Muito se tem dito com referencia ao Porquinho da India, considerado como impossibilitado de cruzamento com os seus antepassados; muitas experiencias teem se succedido, sem que, conforme o que sabemos, nenhuma dellas tenha obtido resultado contrario a esse principio estabelecido.

Comtudo, no volume II do Boletim do Museu Paraense, lê-se o seguinte:

« Tenho uma rectificação a fazer em relação áquillo que eu escrevi no meu livrinho « Os mammiferos do Brasil », na pag. 94 ácerca do cruzamento entre o preá (*Cavia aperea*) e o porquinho da India (*Cavia cobaya*).

Tirando uma conclusão de uns primeiros ensaios meus, mallogrados, que pareciam corroborar a negação categorica de Rengger, cheguei a duvidar da possibilidade de semelhante cruzamento.

Em 1893 e 1894, porém, tendo eu apanhado numa ratoeira de grandes dimensões, em pastos humidos á beira do Rio Alpina (Therezopolis, Rio de Janeiro) diversos preás vivos de ambos os sexos, fiquei bastante surprehendido com a relativa facilidade de criação desses roedores no captiveiro.

Obtivemos diversas gerações e pudemos plenamente nos convencer de que a preá não pare só uma vez por anno, mas diversas vezes (gestação 60 e alguns dias), e que embora o numero de dous filhos seja a norma, ha oscillações de um para tres.

Infelizmente não pude arranjar casaes de porquinhos da India, como tanto desejava, no intuito de repetir ensaios sobre o cruzamento, o qual já principiou a parecer-me cousa menos problematica.

Houve quem tomasse a dianteira nestes ensaios. Com uns casaes de preás provenientes de Rosario (Republica Argentina) fizeram-se entre os annos de 1891 a 1893 experiencias methodicas no Jardim Zoologico de Berlim, com pleno successo e resultados identicos aos meus.

O Sr. Professor A. Nehring, da mesma cidade, cruzou outrosim um preá ♂ com um porquinho da India ♀, (primeiramente com a raça commum tricolora. Depois Nehring estendeu os seus ensaios sobre a raça «Angora» de pello comprido, e outra de pello arrepiado. A raça «Angora» é, ao que parece, de origem peruviana, datando a primeira importação em Paris do anno de 1872, mais ou menos) e por outro lado tambem um preá ♀ com um porquinho da India ♂, obtendo bastardos de 1/2 sangue e sendo estes ferteis, conseguiu todas as demais gradações de 3/4 de sangue, etc.

A gestação foi achada também de 9 semanas, isto é, de 62 até 67 dias. « Verificou-se uma tenacidade grande da cor da preá », através destas gradações successivas, facto que não deixa de ser interessante. Houve, todavia, descendentes pretos.

O professor Nehring opina que a forma ancestral do porquinho da Índia não é a nossa preá brasileira (*Cavia aperea*) mas a *Cavia cutleri*, oriunda do Perú. Zoologischer Garten, Frankfurt af M. (Allemanha). Tomo XXXV, pags. 1, 6, 39, 43, 74 e 78 », — Dr. E. A. Goeldi. Boletim do Museu Paraense, n. 1, vol. II. 1897.

No Museu Nacional também foram feitas experiencias por iniciativa do Sr. Eduardo Teixeira de Siqueira, da secção de Zoologia; a nosso ver o resultado foi — um unico producto do cruzamento de um ♂ de Porquinho da Índia (*Cavia porcellus*, L.) com uma femea de Prêá (*Cavia aperea* Erxl.).

O filhote, que apresentava a coloração paterna com muito poucos pellos de Prêá, foi morto por uma gambá que, penetrando no viveiro destruiu a prova desse facto.

O mesmo não succedeu com outros productos que ainda hoje existem no Museu e que apresentam um typo intermediario, com o facies do Porquinho e a pellagem da Prêá.

O Sr. Bento Francisco da Motta, conhecedor dos resultados do Sr. Siqueira, cruzou do mesmo modo o Porco da Índia macho com a Prêá femea, offerecendo ao Museu diversos exemplares, em 20 de Dezembro de 1903.

O macho empregado era da variedade chamada *arrepçada* e os productos obtidos — todos igualmente *arrepçados*.

O facies era do Porquinho; o colorido era o castanho fechado da Prêá, porém muito mais lustroso, entremeiado de manchas de côr amarella queimada. Os animaes que foram dados ao Museu, não eram da primeira geração, sendo fecundos entre si, como as crias obtidas nessa instituição.

De um natural muito docil, emittindo o lamento aflautado do Porquinho, quando alguém se approximava, á hora de lhes ser distribuida a ração, mantiveram a faculdade reproductora, apesar dos ulteriores cruzamentos consanguineos, até o momento actual.

Um traço curioso do character desses animaes é a repulsa que votam aos seus ascendentes maternos; elles os atacam rudemente, em lutas encarniçadas; ao contrario, recebem perfeitamente os Porcos da Índia puros.

Os descendentes dos productos offertados ao Museu, divergiram em dous typos, um conservando o facies do Porco da Índia, apresentando-se ora arrepiado (como se vé na estampa XXI destes Archivos), colorido de preto e branco ou castanho e amarello-queimado; o outro typo (representado na estampa XXII), póde ser considerado intermediario entre a Prêá e o Porquinho, com mais quéda para este, reproduzindo o typo intermediario obtido no Museu, tendo o pello liso e cor castanha escura, lustrosa, na parte superior, amarellada no ventre.

Este typo parece predominar sobre o outro, sendo mais frequente a sua reprodução. Entretanto, não se pôde estabelecer tal facto como expressão fiel da verdade, porque os individuos *arrepiados* teem sido victimas de accidentes que os diminuiram de numero.

Entre estes dous typos apparecem, esporadicamente, individuos que reproduzem o Porco da India *liso*; estes individuos são geralmente pretos, ás vezes maculados de branco, e quando filhotes morrem mais facilmente. Acresce notar que, os primeiros representantes do 2º typo, apresentavam máculas (restrictas) de côr amarella-queimada.

Os filhotes são, na regra, em numero de dous e nunca de tres, como se dá em *C. porcellus*; mas os nascimentos succedem-se em epochas um pouco mais afastadas que o desta especie. Os individuos são mais robustos que os das especies matrizes puras.

Um exame detido do craneo mostra decidida quéda para a fôrma do Porquinho da India, sendo perfeitamente semelhantes as apophyses ascendentes dos intermaxillares, sem a dilatação lanceolada supero-posterior que se observa nas preás; o foramen supra orbitario destas tambem não existe no porquinho e, sobre tudo, os parietaes apresentam o contorno anterior cordiforme (*) dos deste ultimo, com a unica differença de receber no contorno posterior uma projecção do occipital, com apparencia de osso wormiano que, não é encontrada em nenhuma das fontes originarias puras.

Ao contrario, os pterygoides apparecem como em *Cavia aperca*; e nenhuma outra differença notavel impõe-se á consideração, para que mereça ser citada.

Encarando os factos comprovados, que poderemos concluir, com respeito ás especies de *Cavia porcellus* e *C. aperca*? Serão differentes ou apenas a primeira uma variedade da segunda?

Segundo Kolreuter, todo o cruzamento de especies produz resultados estereis e por isso, quando haja *cruzamento fecundo* elle considera os progenitores como variedades de uma especie; Darwin mesmo diz que não se pôde ler os trabalhos de Gartner e Kolreuter *sem se adquirir a convicção profunda* de que os cruzamentos entre especies são *até certo ponto* sujeitos á esterilidade.

Por outro lado, o padre Herbert affirma que *alguns hybridos* são tão fecundos como as especies que os produziram. Darwin attribue os resultados obtidos por Herbert á sua *extrema habilidade* e, ao facto d'elle ter tido sempre em conta as condições climatericas.

Seja como fôr, Darwin diz ainda: « Si se pode confiar em as nossas classificações systematicas, isto é, si os *generos zoologicos* são tão distinctos uns dos outros como os botanicos, podemos concluir dos factos constatados que nos animaes

(*) Nas Preás elles apresentam o contorno anterior recto que torna transversamente recta a sutura fronto-parietal.

os individuos mais afastados uns dos outros, na escala natural, podem se cruzar mais facilmente do que entre os vegetaes; mas os *hybridos que provem desses cruzamentos* são, eu o creio, mais estereis.»

E mais adiante: «Ainda que eu não conheça nenhum caso bem authentico de animaes *hybridos perfeitamente fecundos*, tenho razões para crer que os *hybridos* do *Cervulus vaginalis* e *C. reevesi*, assim como os do *Phasianus colchicus* e *P. torquatus* são perfeitamente fecundos.

Quatrefages constata que se pôde observar em Pariz a fecundidade *inter se*, durante oito gerações, de *hybridos* provenientes de duas borboletas (*Bombyx cynthia* e *B. arrindia*).

Affirma-se recentemente que duas especies tão distinctas, como a lebre e o coelho, quando se consegue conjugal-as, dão productos que são muitos fecundos, quando cruzados com uma das especies paternas. Os *hybridos* entre o ganso commum e o chinez (*A. cygnoides*) duas especies tão differentes, que são collocadas em generos distinctos, reproduziram-se neste paiz com uma ou outra das fontes puras e, em um unico caso, *inter se*.

Este resultado foi obtido pelo Sr. Eiton, que creou dous *hybridos* provenientes dos mesmos pais, mas de posturas differentes, etc., duas aves não lhe deram menos de oito *hybridos* em uma unica ninhada, *hybridos* que eram os netos dos gansos puros. Estes gansos, de raças cruzadas, devem ser muito fecundos na India, pois que dous juizes irrefutaveis em tal materia, Blyth e Hutton, me ensinam que rebanhos inteiros desses gansos *hybridos*, são creados em diversas partes deste paiz; ora, como elles são creados para consumo, onde não se encontra nenhum de seus predecessores puros, é de crer que a sua fecundidade seja perfeita.

Nossas diversas raças de animaes domesticos são inteiramente fecundas e, entretanto, em bastantes casos ellas descendem de duas ou muitas especies selvagens.

Devemos concluir deste facto, ou que as especies progenitoras primitivas produziram primeiro *hybridos* perfeitamente fecundos, ou que estes ultimos se tornaram assim sob a influencia da domesticação. Esta ultima alternativa, enunciada pela primeira vez por Pallas, parece a mais provavel e não pôde mesmo ser posta em duvida.» (Origem das especies.)

Podemos ainda consultar Hæckel e ter em resposta que *Lepus Darwinii*, *hybrido* da lebre e do coelho, desde 1850, é reproduzido para consumo e que no Chile, os *hybridos* do carneiro e da cabra são egualmente reproduzidos para fins industriaes.

Experimentadores diversos poderiam ser chamados a prestar aqui os resultados de suas observações, traria isto, entretanto, um unico proveito—a sua divulgação. Ora, como elles se acham publicados em revistas scientificas de grande popularidade, é claro que esse mesmo proveito desaparece, para só ficar o inconveniente de tornar mais extensa esta nota; por isso, apenas citamos as observações nossas, ainda

não divulgadas : Um caso de fecundidade entre o cavallo e a mula (reproduzindo o producto os caracteres maternos) e outros de esterilidade entre *Spinus ictericus* (Licht) e *Linaria canaria* (L.) *Gallus domesticus* e *Meleagris gallo-pavo* L.

Por ahí, portanto, não podemos chegar á determinação da unidade ou diversidade especifica de *Cavia porcellus* e *C. aperea*.

A conclusão logica destes factos já foi tirada por Hæeckel :

« No que concerne á idéa de especie, esses factos são absolutamente sem valor. O hybridismo, como qualquer outro phenomeno, não nos põe em estado de distinguir nitidamente as raças cultivadas das especies selvagens. Este resultado é então extremamente favoravel á theoria da selecção. »

Isto pelo lado da fecundidade dos hybrids ; pelo que corresponde aos seus caracteres differenciaes, só a conservação ullterior do typo intermediario (predominante) bastaria para resolver o problema ? E' evidente que não, visto como as variedades podem manter constancia de caracteres os mais diversos, sendo, entretanto, originarias de uma especie conhecida, sem levar em conta o que se poderia dizer com referencia aos seus ascestraes remotos.

E sobre este ponto temos ainda a opinião importante de Waterhouse, a qual por sua vez responde ás affirmações de Nehring, com respeito á descendencia de *Cavia porcellus* de *Cavia cutleri* :

« Suppoz-se que a Preá fosse a raça selvagem de que a Cobaya ou Porquinho da India domestico se origina ; porém, observando muitas differenças na estrutura do craneo e dentes dos dous animaes, o Dr. Rengger chegou á conclusão opposta e considera que as suas vistas são mais apoiadas pelos factos, que a Preá, por escolha, frequenta logares humidos e pôde supportar o frio com impunidade, emquanto que a Cobaya, ou Porquinho da India domestico, evita tanto o frio como a humidade ; que o animal selvagem só pare uma vez por anno e que então produz 1 a 2 filhotes, emquanto que a Cobaya tem muitos filhos de cada parto e pare duas a tres vezes por anno ; que elle não conseguiu conjugar Preás domesticas com o Porquinho e, finalmente, que não observára mudanças de coloração do animal, mesmo depois do captiveiro por muitas gerações.

Entre outros pontos de distincção, o Dr. Rengger diz que na *Cavia aperea*, a porção facial do craneo é mais pontuda para frente do que em *C. cobaya* e que os ossos nasaes, no primeiro animal, differem dos deste ultimo, sendo pontudos posteriormente.

Em dous dentre tres craneos de *Cavia aperea*, á minha vista, a porção terminal do focinho é distinctamente mais estreita do que a mesma parte em quatro craneos de *C. cobaya*, porém num terceiro craneo de *C. aperea* esta differença não existe ; aqui comtudo, como nos outros craneos de *C. aperea*, a porção nasal do focinho pa-

rece ser mais alongada e mais attenuada do que em *C. cobaya*; esta eleva-se da chanfradura da crista, acima da abertura ant'orbital, sendo mais gradual do que nos craneos de *C. cobaya*.

A parte posterior dos ossos nasaes termina numa ponta, no craneo de *C. aperea* e é mais ou menos truncada nos da *cobaya*.

Outra differença que póde ser citada é que ha maior extensão do petro-tympanico, visivel acima do *meatus auditorius*, na Preá, do que na *Cobaya*.

Por outro lado, em *C. boliviensis* eu encontro pontos bem assignalados de distincção no craneo e nos dentes, separando este animal das outras caviás; porém, quanto os craneos dos diversos especimens desta especie se assemelhem entre si em possuir esta peculiaridade, elles igualmente differem, e as partes que ahi variam são precisamente aquellas em que foi observada a dessimilhança de estrutura, na comparação dos craneos de *C. aperea* e *C. cobaya*, com a excepção de que eu não percebi differença alguma no petro-tympanico, analoga á que foi indicada nos craneos por ultimo referidos; é verdade que eu apenas vi dous craneos da cavia boliviana em que estes ossos estavam presentes, por serem os craneos imperfeitos.

Na fórma, os ossos nasaes apresentam o mesmo genero de differença que os que distinguem *Cavia aperea* de *C. cobaya*, sendo, ás vezes, truncados ou quasi truncados e ás vezes prolongados pela porção mediana; para trás, mesmo em maior gráo do que na Preá; e a crista anterior á abertura supra orbital differe perfeitamente tanto, e da mesma maneira, quanto foi mostrado nos craneos do Porquinho domestico e selvagem.

Ainda, si os craneos de *C. aperea* e *C. cobaya* forem estudados com referencia ás partes que são pouco sujeitas á variação, em individuos da mesma especie do genero *Cavia*, os seus pontos de semelhança tornam-se muito frisantes. Elles se assemelham mais estreitamente na fórma da arcada zygomatica, por não ter processo angular distincto na orla superior, e no palato ligeiramente concavo; o palatino pequeno, com os ramos lateraes ou pterygoides externamente mais estreitos, especialmente oppostos ao ultimo dente molar; estes ramos não se projectam até o plano do palato na direcção horisontal, como em muitas outras especies da *Cavia*, porém declinam para o canal post-palatal.

A abertura ant'orbital é inteiramente encerrada, anteriormente, por uma porção do osso maxillar superior. Então, em connexão com estes pontos de referencia na estrutura do craneo, addiremos que os proprios animaes se assemelham em tamanho e proporção e que um terceiro, *C. cutleri*, tem o craneo apresentando todas as semelhanças geraes e é intermediaria entre os craneos de *C. cobaya* e *C. aperea*, em certos pontos em que foram observadas differenças; tendo os largos e truncados ossos nasaes do primeiro e as menos abruptamente proeminentes raizes anteriores do zygoma, do ultimo; e por fim, eu mostrarei que a estrutura dos dentes molares, que, como eu já disse, apresentam peculiaridades encadeando conjunctamente estes tres animaes,

póde ser essencialmente a mesma nestes tres animaes, e ainda combinada com algumas differenças bem assignaladas na estrutura do craneo e em outras partes.

Tomando em consideração todos estes pontos, tenho firme convicção de que *Cavia aperea*, *C. cobaya* (*C. porcellus* L.) e *C. cutleri* não apresentam peculiaridade de estrutura que pareçam justificar o nosso modo de vel-as como especies distinctas.»

(Waterhouse-Mammalia, vol. II, 1848, 188 usque ad 190.)

Não ha, portanto, mais razão para attribuir a descendencia de *C. porcellus* de *Cavia cutleri* do que de *Cavia aperea*.

De modo que uma unica conclusão segura se póde, por emquanto, tirar do facto aqui trazido a publico — é que elle, confirmando muitos dos resultados de Nehring, vem destruir a noção corrente de que o Porquinho da India não se cruza com o seu antepassado brasileiro, como disse Hæckel (Hist. Creaç. 130), citando esse exemplo como prova de que «ha organismos que não podem mais se cruzar, seja com os seus antepassados incontestaveis, seja com uma posteridade fecunda».

E não pareça que seja um paradoxo affirmar que este facto, contrariando um dos argumentos de Hæckel, seja favoravel aos seus principios — absolutamente não, pois nenhum motivo explicavel, a não ser a *ausencia de circumstancias favoraveis*, poderia ser trazido para a affirmativa de que as duas fôrmas não se conjugassem.

No caso não havia a *impossibilidade mechanica* e, portanto, o exemplo offerecido como base, poderia ter-se transformado em arma de effeito nas mãos dos anti-genealogistas, si elles discutissem com mais conhecimento de causa do que dogmatismo.

Rio de Janeiro, Dezembro de 1906.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.



A. DE MIR. RIBE. phot.

CAVIA PORCELLUS (L) X CAVIA APEREA, ERXL.

GARCIA grav.



A. DE MIR. RIBO. phot.

CAVIA PORCELLUS (L.) \times CAVIA APEREÁ, Erxl.

GARCIA grav.

ALGUNS DIPTEROS INTERESSANTES

FOR

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

Alguns Dipteros Interessantes

A caça dos Dipteros parasitas dos morcegos, forneceu-nos alguns exemplares dignos de nota, do anno de 1901 para cá. Dentre esses, tres são inteiramente novos e folgamos em poder, assim, não sómente augmentar a collecção do Museu, por nós iniciada com *Basilia ferruginea* e *Braula caeca*, como, contribuir para melhor conhecimento d'esses insectos, altamente interessantes.

A proposito de *Basilia ferruginea*, um maior numero de exemplares cahiu-nos em mãos e, pudemos verificar alguns caractéres que nos haviam escapado no exemplar typo, quanto ao macho; e quanto á fema, agora obtida, a grande divergencia de forma, o que nos obriga a addir uma breve descripção á do macho, já feita no XII volume destes «Archivos».

Os caractéres communs aos dous sexos, são ainda augmentados dos seguintes : Plumulas das antenas muito desenvolvidas e ramificadas, como se vê na fig. 1 da 2ª estampa deste trabalho; palpos labiaes curtos, inseridos sobre os lados da base da calha labial e providos de uma cerda bastante longa (fig. citada).

CARACTÉRES DO MACHO — (Além dos já conhecidos) Orgãos copuladores providos de cerdas fortes e longas que se distribuem, por series longitudinaes, até proximo do apice dos tubos.

CARACTÉRES DA FEMEA — Abdomen globoso ou ovoide; os dous tuberculos genitales anteriores, são providos de cerca de seis cerdas marginaes, formando dous fachos, em symetria com os fachos supportados pelos tuberculos posteriores. Uma segmentação accentuada deixa ver os anneis abdominaes, grandemente revestidos de cerdas; os dous anneis basilaes ficam disfarçados pela placa inferior do ctenidium abdominal, tambem existente na fema e, supportando o mesmo numero de espiculos corneos que no macho.

As tibias offerecem, limitando as bases das quatro ordens transversaes de cerdas, quatro estrias claras, produzidas pela ausencia de pigmento, as quaes não attingem o bordo anterior das tibias.

Embora não houvesse entalhe da chitina, essas estrias nos fizeram lembrar o genero indo-ethiopico *Cyclopodia* e, por isso, buscar os exemplares masculinos, para

mais detido exame ; nesse exame verificámos que ellas não existiam em todos os exemplares ¹ e, portanto, constituiam um character variavel. A forma das tibias é muito mais proxima da que se encontra no sub-genero *Listropodia* (gen. *Nycteribia*), o que ainda mais me firmou na minha primeira opinião, sobre a validade do genero *Basilia*.

Fica assim, pois, completo o nosso conhecimento sobre a especie existente, com a obtenção de quatro exemplares machos e tres femeas ; e dessa vez, elles vieram com o respectivo portador : *Atalapha frantzii*, o bello morcego pardo dourado que o nosso bom e pranteado amigo, o Dr. Manoel Basilio Furtado, denominara *Vespertilio aurantius* ².

Pude observal-os em vida, ainda sobre o morcego. Não se mostravam tranquilllos após a morte deste, chegando um ou outro a deixal-o, para voltar logo em seguida, como que incommodados pela nudez da lamina de vidro em que se achavam.

Não têm lugar de preferencia sobre o corpo do animal vivo ; não os encontrei nas *axillas* e sim no meio do corpo, atraz da cabeça, ou em outro lugar, indistinctamente ; parecem comtudo, não gostar de permanecer em logares descobertos, como as orelhas e as azas, movendo-se com bastante agilidade por entre os bastos pellos do morcego ; ali, a sua deslocação é de preferencia lateral, como soem caminhar as *Ornithomyias* e *Olfersias*, por entre as pennas das aves ; com a cabeça reclinada para traz e o abdomen para cima, guardam uma posição parallela aos pellos dos seus portadores.

Collocados em uma camara secca, sob a objectiva do microscopio, mostravam-se agitadissimos, procurando forçar a laminula cobre-objecto, o que, ás vezes, conseguiam ; então, corriam agilmente sobre o porta-objecto ou sobre a platina, em todas as direcções, dando pequenos saltos, para vencer as soluções de continuidade, com que nós lhes embargavamos o passo.

Sob a objectiva, percebiamos, claramente, as contracções violentas da parte terminal, piriforme, do seu tubo digestivo, repleto de sangue rubro do morcego.

Um dos exemplares de *Atalapha* em que os encontrei, nos foi trazido pelo Sr. Maturino Ferreira Soares, empregado do Museu ; dous outros foram capturados por nós ; todos procedem da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro.

Um novo genero, apparece em quatro exemplares de uma nova especie de Nycteribiidea, igualmente encontrada com *Basilia ferruginea*.

(1) In clusive o typo.

(2) Archivo Publico Mineiro, anno VII, fasc. III e IV, 634 — 1902.

Pseudelytromyia

Differe do genero *Basilia* pela presença de tres ordens transversaes de cerdas, nas tibias, em vez de quatro; os ocellos não são pigmentados e o primeiro anel abdominal emite *duas expansões medianas, superiores*, providas de cerdas e que, fazem lembrar os elytros dos *Coleopteros*. E' certo que, pela sua posição e natureza, essas expansões só poderiam ser chamadas de *falsos elytros* donde o nome generico de *mosca com falsos elytros*. E como se trate de um insecto, pertencente á um grupo, para cujo esclarecimento o Dr. Paulo Gustavo Eduardo Speiser¹ tantó tem contribuido, denominamos a nova especie:

*Pseudelytromyia speiseri***Estampa XXIII e est. XXIV figs. 2, 3 e 4**

Cabeça da forma geral, mais longa do que alta, obliquamente truncada na frente, tendo os dous olhos lateraes, ellipticos, obliquamente dispostos, á dois diametros o superior e a tres o inferior, do bordo anterior da cabeça; duas cerdas curtas acima do ocello superior e tres maiores adiante (a mediana é a mais longa) dos dous, em cada lado do bordo superior e, oito sequentes, por sobre a parte anterior e depois inferior do mesmo bordo cephalico; destas cerdas, a penultima é a mais saliente. As antenas teem a ponta do articulo terminal, que é de forma de unha de gato, revestida de escamas maiores do que a base globosa, donde sahe, anteriormente, a plumula; observa-se que este articulo, limita uma camara communicando-se com o exterior, por meio de uma abertura circular, antero-inferior; parece que é tambem funcção da plumula que, recostando-se, deve obturar esse foramen, introduzir, por vibração, o ar no interior da camara. O articulo basilar da antenna nada offerece de particular.

O labro é anteriormente styliforme, sendo esta parte moderada e tendo, na base, dous pequenos palpos labiaes, reduzidos á duas espherulas, supportando uma cerda curta; posteriormente, elle se dilata, formando uma ampla calha movel que, se articula entre os dous bordos cephalicos inferiores, sendo protegido pelas cerdas desses bordos, as quaes têm direcção antero-inferior.

Os palpos oraes, não são robustos como em *Basilia*; e teem duas series de cerdas no articulo terminal, dentre as quaes, a maior, é a primeira que, occupa o vertice desse articulo.

O thorax é quasi regularmente heptaedrico, sendo o lado impar o posterior. Superiormente, além do encaixe mediano, em que o insecto reclina a cabeça, ha

(1) De Königberg, na Prussia.

um entalhe para a *coxa* do primeiro par de patas. Por sobre a crista lateral desse entalhe, nota-se, logo atraz do membro anterior, o estigma thoracico superior e, no fim dessa crista, um outro entalhe posterior, onde se dissimula o haltere capitado. Por detraz dos estigmas, surgem nove cerdas erectas, dispostas em fila sinuosa que busca, no extremo opposto, a parte posterior da articulação do ultimo par de patas. O bordo externo nos dous primeiros lados, é finamente denticulado e dá sequencia á uma denticulação maior, nos outros lados immediatos do heptaedro, os quaes, teem duas depressões, de que a primeira corresponde, justamente, ao encaixe do elegante *ctenidium* thoracico. Os dous outros lados, são um tanto sinuosos inferiormente e, offerecem um amplo encaixe, superiormente, para articulação dos dous pares de patas posteriores.

O bordo posterior offerece um entalhe semilunar, posterior, para articulação do primeiro annel abdominal. Inferiormente, observa-se os dous sulcos nitidos, formando o característico V thoracico desses insectos, aqui revestido de uma fila de cerdas, ao longo do bordo anterior e retrovertidas.

O primeiro par de patas, tem as garras e os pulvillos normaes; o articulo terminal do tarso, provido das tres características cerdas divergentes e outras menores; os tres articulos seguintes eguaes, muito menores, porém, do que o ultimo e munidos tambem de cerdas superiores mediocres; o primeiro articulo maior do que os quatro ultimos mesmo incluindo as garras, é pobre de cerdas, delgado e curvo, de concavidade inferior; as tibias são muito parecidas com as do genero *Nycteribia*, subgenero *Listropodia*; anteriormente teem quatro grandes cerdas, de que a maior é a que fica proxima á articulação tibio-femural, e posteriormente, *tres ordens de cerdas grandes, antevertidas*, como as demais, sobre tres saliencias transversaes, limitando tres estrias claras, da mesma direcção; anteriormente á estas, uma série de cerdas pequenas e sobre os lados, outras cerdas menores do que as das tres séries, primeiramente citadas e, maiores do que as da ultima.

Femures sub-ovoides, grandemente alongados, quasi representando o contorno de uma glande de carvalho, por causa da divisão transversal basilar; duas cerdas externas anteriores pouco notaveis e outras menores, esparsas, recobrem-n'os pobremente; trochanteres pequeninos, pouco villosos; coxas comprimidas e tendo uma crista posterior; supportam quatro series transversas de cerdas fortes, sobre a face lateral anterior, a ultima serie fica sobre o bordo da articulação coxo-trochanteriana.

Os dous outros pares de patas, differem apenas do primeiro, pelas dimensões que são um pouco maiores, e pelas coxas, de que a do 2º par é menor e pouco villosa e, a do 3º, a mais forte e a mais villosa. Os trochanteres do 3º par teem uma ordem longitudinal de cerdas, no bordo antero-superior.

Abdomen do macho tendo o ctendium com 54 espiculos: o 4º annel com duas ordens de espiculos mais curtos, na sua parte mediana inferior e, o ultimo



PSEUDELYTROMYIA SPEISERI, ♂
x 32

segmento, com quatro ordens longitudinaes de cerdas, nos bordos do entalhe onde se reclinam os orgãos copuladores. Estes, são moderados e tem tres series de cerdas sobre o seu lado externo. Todos os anneis são providos de uma ordem marginal de cerdas, alternadamente longas e curtas. As escamas basilares (do primeiro anel), superiores, tem, além das cerdas marginaes, que não são alternadamente longas e curtas, mas de extensão gradativa da 1ª externa á ultima interna, outras cerdas menores sobre toda a parte superior. O ultimo anel é, superiormente, provido de muitas cerdas, na parte terminal.

Abdomen da fema : superiormente, duas escamas basilares, triangulares, recobertas de cerdas grandes e, tendo uma serie de seis cerdas muito grandes, sobre o vertice (livre) do triangulo; por debaixo destas, uma grande escama entalhada no meio do bordo posterior, supportando, ali, nove cerdas em cada lado do entalhe, entremeiadas de outras menores; ultimo anel, com as protuberancias genitales providas de cerdas fortes. Inferiormente, um clenidium com 53 a 55 espiculos; segmentos abdominaes nitidamente delimitados e, providos de uma orla marginal de cerdas de igual tamanho; um facho de cerdas convergentes no meio dos quatro primeiros segmentos, seguintes ao grande segmento abdominal. Todo o abdomen, tanto superior como inferiormente, revestido de cerdas curtas, esparsamente dispostas. Comprimento, 28 decimillimetros, da extremidade das antenas ao bordo posterior do ultimo anel abdominal. O abdomen da fema, excede o do macho, em cerca de 25 centimillimetros, quando dilatado.

2 ♂ e 2 ♀ sobre *Atalapha frantsii*, Peters. Quinta da Boa Vista—Museu Nacional.

Holophthalmomyia siqueiræ

Isto quanto ás *Nycteribias*; mas não foram estas, sómente, as procuradas e uma outra mosca, muito interessante, foi tambem apanhada sobre *Atalapha frantsii*; não nos parece pertencer a nenhuma das familias de *Pupiparas* existentes, formando um typo á parte, muito característico.

Por um lamentavel incidente na preparação, damnificámos, quasi inteiramente, o unico exemplar obtido; o que nos deixou em mãos, apenas, a cabeça e o tronco com as pernas quebradas e incompletas.

Comtudo, havíamos, antes, procedido a um ligeiro exame que, nos permittiu ver as azas desse diptero; estas, além da nervura marginal que as contorna pelo bordo anterior, só possuíam uma outra, longitudinal, mediana, recta, indo da base ao meio da orla externa do membro, encontrar-se com a nervura primeiro citada; eram providas de cerdas finas e curtas, esparsamente distribuidas sobre toda a sua membrana, inteiramente incolor.

Se tivermos a fortuna de encontrar outro especimen, tornaremos ao assumpto, dando deste insecto descripção mais detalhada; por emquanto, nos limitamos a descrever o que podemos provar, com os restos que preparámos.

Cabeça : Junto ao corpo e vista de perfil, parecia uma miniatura de castanha de cajú, com o entalhe virado para diante e a extremidade mais fina para cima. Na preparação, verifica-se que *esta castanha* é excavada posteriormente, que toda a sua massa é constituída de chitina, fortemente pigmentada, sobre a qual se distribuem, equidistantemente, muitos ocellos; em resumo, toda a cabeça é um olho composto. Para as antenas e órgãos buccaes, existem dous limitados espaços. As antenas, ficam na depressão mediana anterior; são curtas, biarticuladas, tendo o articulo terminal globoso e o basilar cyathiforme e os dous, de dimensões mais ou menos equivalentes. Os palpos oraes são tetra-articulados e occupam a parte inferior dessa extraordinaria cabeça; o articulo terminal é provido de duas cerdas curtas e rectas. A articulação *cervical*, corresponde ao lado opposto da articulação das antenas.

O thorax é globoso como o dos *Culicidios*; as pernas longas e glabras. O abdomen, heptarticulado, tem no articulo terminal dous órgãos intromissores triarticulados.

Comprimento da cabeça, 25 centimillímetros.

Comprimento do thorax e abdomen, inclusive órgãos genitales, 1 millimetro.

Denominamos este curioso insecto *Holophthalmia siqueiræ* (Est. XXIV figs. 5 e 6) dedicando a especie ao nosso amigo Eduardo Teixeira de Siqueira, em homenagem aos seus inestimaveis serviços, á secção de zoologia do Museu Nacional.

Quanto ás *Streblideas*, encontrámos o pequeno *Trichobius parasiticus*, Gerv., sobre *Lonchoglossa caudifera*, Geoffr., a 26 de Setembro de 1901 e 10 de Maio de 1906. Os portadores desta especie são, segundo Speiser, *Desmodus rufus*, Wied e *Glossophaga soricina* (Pallas).

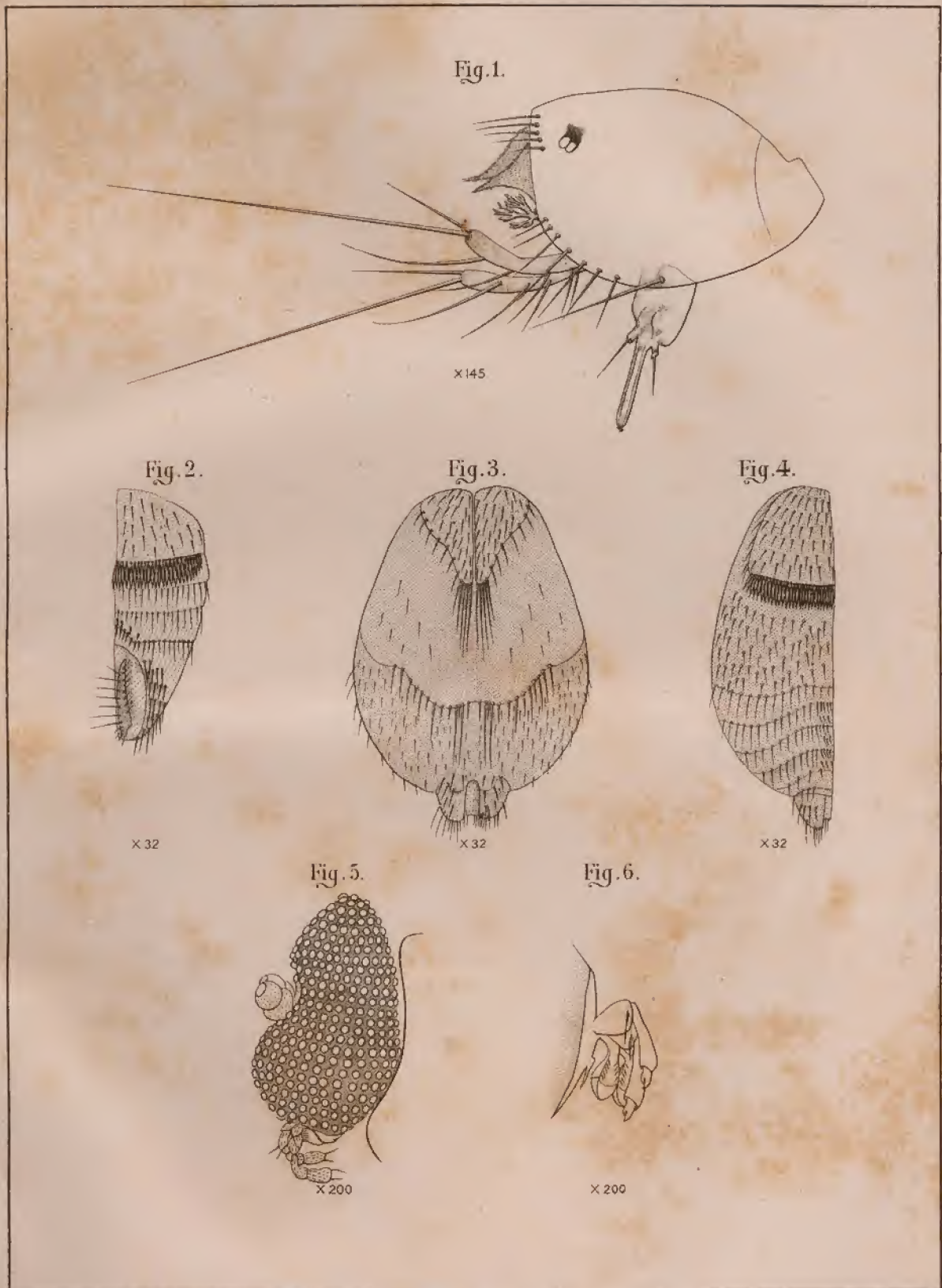
Outra especie que obtivemos, foi a que serve de typo á familia : *Strebla vespertilionis*, Fabr. Speiser dá como seus portadores *Vampyrops lineatus* Geoffr. e *Lonchoglossa ecaudata*, Wied; Os nossos exemplares são todos de *Vampyrus auritus*, Wied. (22 — II — 02) e *Lonchoglossa caudifera*, Geoffr., (10 — IV — 06).

Completa a serie a seguinte especie nova :

Trichobius longicrus

Estampa XXV

Cabeça irregularmente pyramidal; considerando a parte superior a base da pyramide, vê-se que os seus extremos lateraes são occupados por um olho composto, grande; o seu lado anterior é sinuoso, com um entalhe mediano e outro, mais amplo, em cada lado do primeiro; neste entalhe mediano se articula uma



AMPIO DE MIRANDA RIBEIRO
del. ad nat. c. cam. lucida.

IMPR. NACIONAL

Fig. 1. *BASILIA FERRUGINEA* ♀; cabeça.

Fig. 2. *PSEUDELYTROMYIA SPEISERI* ♂; ametade esquerda do abdomen, visto de baixo.

Fig. 3, abdomen da ♀ do mesmo insecto, visto de cima e (Fig. 4) lado direito do mesmo, visto de baixo.

Fig. 5. *HOLOPHTHALMIA SIQUEIRÆ* ♂, cabeça vista de lado e (Fig. 6) órgãos genitais externos.

crista mediana do labrum superior que, anteriormente, é de contorno angular; uma tumescencia mediana dá origem á crista articular; nos entalhes lateraes ficam as antenas, biarticuladas, externas e visiveis sómente no macho.

Aos lados do labrum superior articulam-se os palpos mandibulares, grandes, biarticulados, tendo o primeiro articulo em forma de colher e o segundo um tanto espatulado, ambos providos de cerdas fortes; principalmente sobre o extremo anterior do bordo interno do segundo articulo do palpo, ha uma cerda muito desenvolvida e depois, em altura que fica proxima do vertice do angulo labial, outra menor; entre estas duas cerdas ha outras sub-eguaes, muito menores.

Sob os palpos mandibulares fica o labrum inferior, losangiforme, revestido de cerdas curtas e tendo duas cerdas ligeiramente mais fortes, no angulo anterior. Sobre a fronte, entre os olhos, ha um feixe de cerdas grossas e longas e, por traz de cada um dos olhos, em uma tumescencia que concorre para a formação do entalhe que occupa o vertice da cabeça, duas ordens de cerdas; dentre estas sobre-sahe uma muito longa.

O animal tem os palpos ligeiramente inclinados para cima e, por isso, a cerda anterior de cada um delles e as cerdas maiores da tumescencia postcephalica, performam quatro cerdas mais salientes que, se destacam das demais, como se o insecto tivesse quatro chifres, dous anteriores e dous posteriores.

O vertice da pyramide articula-se sobre o thorax, e, comquanto a sua base possa ser encaixada na figura de um quadrilatero, a sua truncatura em meia distancia da base ao vertice, é triangular, por uma mudança da forma da pyramide que, em ambos os casos, não tem outras arestas senão as que formam os lados da base.

Superiormente o thorax é um tanto ovoide, de extremidade mais fina anterior, recoberto de cerdas finas e curtas; o prothorax, com uma ligeira projecção mediana superior e duas outras latero-anteriores, formando um bordo que desce até o lado inferior e guarnecido de cerdas rijas, grandes, dirigidas para diante, é dividido ao meio, longitudinalmente, por uma estria fraca que percorre toda a sua superficie superior. O mesothorax tem uma depressão quadrangular, mediana, cheia de cerdas um pouco maiores e, nos lados, uma expansão triangular, finalmente granulosa (alulas?). O metathorax tem o escutellum triangular, supportando quatro fortes cerdas, rectas de direcção antero-posterior.

Inferiormente o thorax é deprimido e apresenta o contorno pyriforme, de vertice anterior, tendo as suturas longitudinal mediana e lateraes posteriores, desenhando a figura de um tridente (†) retrovertido.

1º par de patas robusto, curto, villosos, de direcção anterior, tendo a coxa e o trochanter pequenos, de articulação e posição semelhantes ás do *Strebla vesper-tilionis*; femur robusto, curvo, com a concavidade do arco virada para dentro e

para baixo, tendo a metade terminal separada da basilar por uma crista sinuosa, obliqua, armada de cinco fortes aculeos antevertidos e o bordo posterior igualmente armado de outras seis cerdas; sobre a articulação tibiana, tem ainda tres cerdas extrorsas, mais fracas. Tibias grossas, ligeiramente comprimidas.

2º par de patas tendo o femur robusto e a tibia muito fina, ligeiramente curva; só ha cerdas fortes no femur, junto á articulação tibiana e perto da base algumas pouco notaveis.

O 3º par de patas tem a coxa grande, forte, armada de cerdas robustas; o trochanter pequeno, com poucas cerdas fortes, o femur muito longo, subcylindrico, moderadamente comprimido, tendo quatro cerdas fortes, mais ou menos equidistantes, no lado externo.

Tarsos quinque-articulados, o ultimo articulo o maior e mais forte, tendo uma serie de cerdas sobre o bordo posterior, recobrando as garras robustas e aduncas, cuja base carnosa e forte parece substituir os pulvillos.

Azas com seis nervuras longitudinaes, tendo a marginal anterior ligada á 3ª longitudinal; esta ligada á 4ª em meio da extensão da 4ª, esta ao extremo da 5ª e, por fim, a 5ª á 6ª, tambem proximo ao extremo desta, por pequenas nervuras transversaes, como succede com *Trichobius parasiticus* e *Strebla vesperilionis*.

Algumas cerdas fortes guarnecem o inicio da nervura marginal anterior; tres outras distribuem-se equidistantemente sobre a segunda longitudinal, até perto da bifurcação em 2ª e 3ª; quatro outras sobre o inicio da 5ª. Todas as nervuras providas de cerdas menores, mais ou menos equidistantes, até os respectivos extremos.

Halteres pequenos, capitados.

Abdomen do macho sub-conico, com um anel basilar chitinoso, orlado de cerdas fortes, seguido de uma parte membranosa e terminando com dous aneis membranosos, tendo o ultimo um estylete intromissor, sahindo de uma bainha basilar, cercada por 5 a 6 cerdas chitinosas; inferiormente, ha uma facha de cerdas anteriores aos aneis terminaes.

O abdomen da fema é mais desenvolvido, piriforme, tendo o anel basilar armado de duas ordens de cerdas chitinosas e um feixe de cerdas sobre as duas emi-nencias genitae. Todo o corpo, inclusive as azas, densamente viloso.

O insecto é pardo ferrugineo, com as azas côr de mel.

Comprimento do ♂ :

Corpo 2 m/m.

Tibias e femures 4 m/m.

O insecto, preparado e esticado, tem por comprimento total 5 millimetros.



TRICHOBIUS LONGICRUS ♀

x 32

Encontramos *Trichobius longicrus* sobre *Artibius jamaicensis*, Leach, em 19 de Março de 1902, na Quinta da Boa Vista. Este estava representado por grande numero de exemplares pendurados em um bôlo sob os ramos de uma Leguminosa, de onde os derrubamos de um só tiro; entre elles, havia uma femea com 2 filhotes bem desenvolvidos,

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1903.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.